UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Fragmentos de Aristófanes: estudo e tradução

Versão corrigida

Karen Amaral Sacconi

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S119f Sacconi, Karen
 Fragmentos de Aristófanes: estudo e tradução
 (versão corrigida) / Karen Sacconi ; orientadora
 Adriane Duarte. - São Paulo, 2018.
 260 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Letras Clássicas.

1. Aristófanes. 2. comédia. 3. fragmentos. 4.
Geritades. 5. Convivas. I. Duarte, Adriane, orient.
II. Título.

Ao Martim e à Catarina.

Resumo

Esta tese apresenta uma tradução dos fragmentos de Aristófanes e três estudos relativos a eles. O capítulo I, mais geral, é dedicado às fontes. Trata do contexto em que esses fragmentos surgiram, no período helenístico, e da sua transmissão, sobretudo através de escoliastas e lexicógrafos. O segundo e terceiro capítulos tratam de duas comédias em particular, *Geritades* (*Geritadēs*) e *Convivas* (*Daitalēs*). Nesses dois capítulos, a análise dos fragmentos está conjugada a um paralelo com comédias preservadas: no caso de *Geritades*, que tem por tema a crítica literária, *Rãs*; e *Nuvens*, no caso de *Convivas*, cujo assunto é o embate entre a nova e a velha educação.

A segunda parte da tese contém uma tradução acadêmica dos 589 fragmentos de Aristófanes, a partir do original grego para o português. Esse *corpus* corresponde a todos os fragmentos do comediógrafo, com exceção daqueles que não são atribuídos a uma comédia específica, as chamadas *incertae fabulae*.

Abstract

This thesis presents a translation of Aristophanes' fragments and three studies about them. The initial chapter, of a more general nature, deals with the sources where the fragments are to be found, the context in which they were created and their transmission, mainly through scholiasts and lexicographers. The other two chapters focus on two specific comedies: *Geritades* (*Geritadēs*) and *Banqueters* (*Daitalēs*), and parallels are drawn with extant comedies. *Geritades* is the object of comparative analysis with *Frogs*, since both plays are concerned with literary criticism. As to *Banqueters*, the thesis looks into points of contact with *Clouds*: the contrast between the "old education" and the "new education" is a central theme in both comedies.

The second part of the thesis consists of an academic translation of the five hundred eighty-nine fragments, from the Greek original into Portuguese. This *corpus* corresponds to the totality of the comedian's fragments, with the exception of those fragments that are not attributed to any specific comedy, the so called *incertae fabulae*.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte, por mais uma vez ter me orientado com a sensatez e a tranquilidade de sempre. Por suas leituras minuciosas dos meus textos e da tradução dos fragmentos, por suas ótimas sugestões, e pelas conversas sempre produtivas.

Aos professores José Marcos de Macedo e Daniel Lopes, pela leitura cuidadosa do trabalho e pelas valiosas sugestões dadas no exame de qualificação.

Aos professores Milton Torres, Maria Celeste Consolin Dezotti e, novamente, Daniel Lopes, por aceitarem participar da banca de arguição.

À amiga e colega Silvia Anderson, pela enorme ajuda com a revisão deste trabalho.

Ao amigo e professor Alexandre Pinheiro Hasegawa e à amiga e colega Tarsila Doná pela grande ajuda com a tradução dos textos em latim.

A todos os membros do grupo de pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo” (CNPq), pelas discussões sempre enriquecedoras.

À Bárbara da Costa e Silva pelo compartilhamento de material de pesquisa.

À Renata Cazarini, por arejar os estudos clássicos e me trazer novo fôlego.

Aos amigos “do grego” Mariana Mello, Raquel Lisboa e Ícaro Gatti, pela amizade.

A minha família, meus pais, Mário Airton Sacconi e Mércia Amaral Sacconi, e minha irmã, Daniela Amaral Sacconi, pelo apoio, pela imensa ajuda nessa fase em que a maternidade é tão exigente.

Ao querido Celso.

Àqueles que trouxeram uma nova luz a minha vida, e sem os quais eu não saberia mais continuar, Martim e Catarina.

Agradeço, enfim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2014/15786-2, e à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado e apoio financeiro para a realização desta pesquisa. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – As fontes dos fragmentos de Aristófanes.....	3
Capítulo II – o banquete poético em <i>Geritades</i>	23
Capítulo III – <i>Convivas</i> : a educação do sensato e do pervertido.....	38
Nota à tradução	61
Títulos e datas das comédias	63
Tradução dos Fragmentos	
<i>Eolosícon I/II</i>	65
<i>Anfiarau</i>	69
<i>Anagiro</i>	75
<i>Babilônios</i>	82
<i>Lavradores</i>	90
<i>Velhice</i>	97
<i>Geritades</i>	103
<i>Dédalo</i>	112
<i>Convivas</i>	116
<i>Danaides</i>	131
<i>Dioniso Náufrago</i>	136
<i>Dramas I/II</i>	136
<i>Dramas ou Centauro</i>	136
<i>Dramas ou Niobo</i>	139
<i>Dramas</i>	141
<i>Paz II</i>	143

<i>Heróis</i>	144
<i>Tesmoforiantes</i>	149
<i>Cócalo</i>	160
<i>Lêmnias</i>	164
<i>Nuvens I</i>	169
<i>Ilhas</i>	171
<i>Enviados aos Odomantes</i>	175
<i>Navios Mercantes</i>	175
<i>Cegonhas</i>	183
<i>Pluto I</i>	186
<i>Poesia</i>	188
<i>Poliído</i>	189
<i>Proagon</i>	192
<i>Acampadas</i>	194
<i>Fritadores</i>	198
<i>Tel(e)messianos</i>	207
<i>Trífales</i>	211
<i>Fenícias</i>	215
<i>Estações</i>	216
Conclusão	221
Bibliografia	222
Anexo I – Testemunhos e outros fragmentos	233
Anexo II – Fragn. 332	235
Imagens	243
Anexo III – Lista de autores e obras	244

Introdução

Esta tese divide-se em duas partes. A primeira contém três capítulos que tratam dos fragmentos de Aristófanes. O capítulo I, mais geral, é dedicado às fontes dos fragmentos, e o segundo e terceiro capítulos tratam de duas comédias em particular, *Geritades* (*Geritadēs*) e *Convivas* (*Daitalēs*), respectivamente. A segunda parte contém a tradução dos 589 fragmentos de Aristófanes, o que corresponde a todos os fragmentos do comediógrafo, com exceção daqueles que não são atribuídos a uma comédia específica, as chamadas *incertae fabulae*. Os fragmentos do nosso *corpus* distribuem-se entre 33 comédias, cujos títulos são, seguindo a ordem alfabética do grego: *Eolosícon I/II*, *Anfiarau*, *Anagiro*, *Babilônios*, *Lavradores*, *Velhice*, *Geritades*, *Dédalo*, *Convivas*, *Danaides*, *Dioniso*, *Náufrago*, *Dramas ou Centauro*, *Dramas ou Niobo*, *Paz II*, *Heróis*, *Tesmoforiantes*, *Cócalo*, *Lêmnias*, *Nuvens I*, *Ilhas*, *Enviados aos Odomantes*, *Navios Mercantes*, *Cegonhas*, *Pluto I*, *Poesia*, *Poliido*, *Proagon*, *Acampadas*, *Fritadores*, *Tel(e)messianos*, *Trífales*, *Fenícias*, *Estações*.

O primeiro capítulo, dedicado às fontes, trata do contexto em que os fragmentos surgiram e da sua transmissão. A grande maioria dos fragmentos cômicos chegou-nos por via indireta, isto é, sobreviveram graças a citações, e o objetivo com que se deram essas citações é determinante em relação ao conteúdo do que foi preservado. Por isso, entender a relação das fontes com os fragmentos é pré-requisito para qualquer estudo que se debruce sobre as comédias perdidas.

O segundo e terceiro capítulos demonstram o tipo de estudo que se pode fazer acerca dessas peças cômicas, enquanto tais. A análise de obras em estado fragmentário, em geral, constitui um desafio em si. No caso das comédias de Aristófanes, o material disponível consiste em excertos curtos, de um a três versos em sua grande maioria, dominados por uma temática que possivelmente não é representativa em relação ao todo da obra.

Diante disso, e a fim de reunir mais informações sobre essas peças, levo em conta alguns testemunhos antigos, além dos próprios fragmentos das comédias em questão. Considero ainda, com objetivo de comparação, fragmentos cômicos de outros poetas, bem como as comédias preservadas que partilham do mesmo tema daquelas fragmentárias, observando as variações e as semelhanças, como expressão que são dos lugares-comuns do gênero.

Na impossibilidade de fazer esse levantamento em relação a todas as 33 comédias fragmentárias, no âmbito de uma tese de doutorado, optou-se por fazer um recorte do *corpus* que viabilizaria um estudo aprofundado acerca de duas dessas comédias.

O capítulo II intitula-se “O banquete poético em *Geritades*” e desenvolve algumas hipóteses sobre essa peça cômica em particular. *Geritades* é uma das comédias que mais conservou, em seus fragmentos, informações sobre enredo e tema, e tem atraído a atenção de estudiosos, com os quais dialogo, especialmente por tratar de questões de poética. A comédia apresenta elementos em comum com *Rãs*, como a catábase e a crítica à nova poesia, e também uma diferença importante: ao invés do deus Dioniso, são poetas os que descem ao Hades, no intuito de revigorar sua poesia. Nosso estudo recolhe e comenta os fragmentos de *Geritades* que sugerem um “banquete poético” revigorante, metáfora na qual se baseia, segundo penso, o seu enredo.

O capítulo III, “*Convivas*: a educação do sensato e do pervertido”, faz um paralelo entre essa comédia e *Nuvens*, já que ambas tratam do embate entre a velha e a nova educação. A alusão, no título do capítulo, a duas de suas personagens, o “sensato” e o “pervertido”, encontra-se não nos fragmentos dessa comédia, mas na parábase de *Nuvens*, o que reforça a ligação entre ambas as peças cômicas. *Convivas* é a comédia fragmentária de Aristófanes que apresenta o maior número de excertos, além de testemunhos com informações relevantes, que permitiram não só estabelecer um paralelo entre as duas personagens mencionadas e os Raciocínios Justo e Injusto de *Nuvens*, mas também aventar uma hipótese sobre a fonte dessa visão dicotômica da educação.

Quanto à tradução, a edição base escolhida foi *Poetae Comici Graeci* vol.III (2), de Kassel-Austin (1984). Trata-se de uma edição unanimemente aceita como referência para qualquer estudo sobre fragmentos cômicos. Ela contém o enunciado das fontes dos excertos além de amplo aparato crítico em latim. A edição da Loeb, *Aristophanes V – Fragments*, editada e traduzida por Jeffery Henderson (2007) também foi utilizada para cotejamento.

A tese contém, por fim, três anexos que trazem informações complementares e agrupam dados que se encontravam dispersos. O primeiro anexo, intitulado “Testemunhos e outros fragmentos”, reúne a tradução dos excertos, citados no segundo e terceiro capítulos, que não se encontram na seção de tradução, por não configurarem parte do nosso *corpus* – os frags. 1 a 589 de Aristófanes. Inclui testemunhos, fragmentos que pertencem às *incertae fabulae*, excertos atribuídos a outros poetas e um fragmento de Libânio, professor de retórica do séc. IV d.C.

O segundo anexo, “Pequeno léxico de objetos femininos: fragm. 332”, apresenta considerações de cunho lexicológico sobre esse fragmento que é objeto do mais longo comentário das fontes, em todo o nosso *corpus*.

O terceiro anexo consiste numa lista de autores e obras citados na tese. Nela está contido um grande número de títulos poucos conhecidos, e muitas vezes obscuros, de poetas cômicos, gramáticos e anônimos. Apresentamos tanto o título original, em grego, quanto no vernáculo, bem como a sua localização nos fragmentos de Aristófanes ou nos capítulos da tese.

Capítulo I

As fontes dos fragmentos de Aristófanes

Da vasta produção cômica do período clássico, restaram apenas 11 comédias completas, todas de Aristófanes. De Êupolis e Cratino, dois importantes poetas cômicos do período, há apenas fragmentos, aproximadamente 500 de cada um. Quanto ao *corpus aristophanicum*, além das 11 peças transmitidas pela tradição manuscrita¹, temos mais de 900 fragmentos, dos quais cerca de 600 são classificados como *incertae fabulae*, ou seja, fragmentos cuja comédia à qual pertencem ignoramos.

O monumental *corpus* constituído de fragmentos cômicos abrange não só a comédia antiga, mas a chamada comédia média e nova², cujas obras, com exceção das de Menandro, estão em estado fragmentário, transmitidos majoritariamente pela tradição indireta³, isto é, por meio de citações.

Os alexandrinos

A história dos fragmentos de Aristófanes – assim como de seus contemporâneos supracitados – começa no período helenístico. Já nessa época, a leitura das suas comédias não era fácil, atreladas que estavam ao lugar e ao momento histórico da sua *performance*, a Atenas do século V e começo do IV⁴. Uma conhecida passagem de Plutarco aponta a necessidade de exegese

1 Isto é, através de um conjunto de manuscritos que preservaram os textos de cada uma das peças.

2 A divisão da comédia em *antiga*, *média* e *nova* é ainda discutida entre os estudiosos. Ela surgiu na antiguidade, provavelmente com Aristófanes de Bizâncio – assim concordam Olson e Nesselrath (2007:23) – e foi utilizada por Ateneu e Pólux. Olson (2007:24-5) faz uma breve investigação demonstrando a indefinição das fronteiras dessa classificação entre os antigos, e acredita que a divisão gere distorções na apreciação do gênero cômico. Nesselrath (2010:424,n.2), no entanto, argumenta a favor da tripartição da comédia, em desacordo, segundo ele mesmo, de outros estudiosos que acreditam ser apenas uma invenção artificial de eruditos do período helenístico. A discussão não é relevante para o propósito deste capítulo nem pretendo aqui tomar partido de certo ponto de vista, apenas me refiro, no texto, a uma divisão que, se não unanimemente aceita, largamente usada, e útil para o propósito deste capítulo.

3 De Antífanos e Eubulo, considerados os principais poetas da comédia média, foram preservadas algumas centenas de fragmentos: o primeiro, pouco mais de 300, o segundo, 150. Quanto à comédia nova, além de Menandro, destacam-se Difilo, de quem temos 135 fragmentos, e Filêmon, com 198.

4 Além das dificuldades com passagens obscuras relacionadas ao contexto sócio-histórico, Sommerstein (2010:405) menciona também as dificuldades técnicas de leitura dos textos, como a ausência de espaço ou outro indicativo de divisão de palavras, ou ainda a falta de identificação das personagens – o que no caso da comédia era mais problemático que no da tragédia, devido ao grande número de personagens, não oriundas do mito, e a versos que se dividem, vez ou outra, entre falas de diferentes interlocutores.

para a leitura da comédia antiga poucos séculos após sua encenação nos palcos atenienses (*Questões Conviviais* 7.8.3, 711f-712a):

Das comédias, a antiga, por ser composta por partes distintas⁵, é inadequada aos homens que celebram o banquete, pois em suas parábases, a seriedade e a liberdade de expressão é absoluta e veemente; por outro lado, a inclinação para a zombaria e a palhaçada é excessivamente fatigante, escancarada, desregrada e cheia de nomes obscenos. Além disso, assim como nos banquetes dos chefes há um escanção ao lado de cada convidado, do mesmo modo, a cada um seria necessário um gramático para explicar quem é Lespodia em Êupolis, e Cinésias em Platão, e Lâmpôn em Cratino, e cada um dos citados nas comédias, de modo que o banquete tornar-se-ia uma escolinha ou o que se passará será zombaria sem sentido e obscura⁶.

Na sequência, Plutarco diz ainda que a comédia nova, ao contrário da antiga, é naturalmente agradável, de humor fácil e locução familiar, dispensando, portanto, comentários explicativos. A comparação vai ao encontro do entendimento de comentadores modernos acerca da recepção da comédia antiga na própria antiguidade: sua apreciação enquanto poesia em pouco tempo foi comprometida devido à dificuldade de leitura inerente às obras⁷, diferentemente da comédia nova.

A extensa produção exegética dos alexandrinos em torno dos textos de Aristófanes foi importante para que se mantivesse o interesse em preservar e transmitir algumas de suas peças através da tradição manuscrita. Com a mudança do formato do livro, no séc. IV, do volume para o códice, a produção literária clássica passou por um filtro. No caso de Aristófanes, somente as peças que já continham comentários explicativos, ou que formaram um corpo de comentários à época, foram transpostas para o novo formato⁸. A exegese foi importante também para a preservação dos fragmentos cômicos ou, talvez conviesse dizer, para o processo de criação⁹ desses fragmentos.

É possível que grande parte da obra de Aristófanes tenha chegado às mãos dos alexandrinos¹⁰, e trechos dessas comédias, incorporados a comentários exegéticos, obras ensaísticas,

5Frazier e Sirinelli (1996: 223) comentam o termo *anōmalía* (ἀνωμαλία) usado por Plutarco nessa passagem: a explicação do termo está contida na passagem que se segue, a qual se refere a partes da comédia tidas como dissonantes entre si, a saber, a parábase e o *agón*.

6Tradução minha.

7Para Nesselrath (2010:428-9), a comédia antiga não era apreciada como “obra de arte imaginativa” (*work of imaginative art*) nos séculos posteriores à sua vigência. Boudreax (1919:3-7) comenta o desprestígio da comédia antiga nesse mesmo período, de modo que suas obras raramente foram reencenadas.

8Sommerstein (2010:411).

9Dionisotti (1997: 1-2), em seu artigo sobre os fragmentos nos estudos clássicos, “On Fragments in Classical Scholarship”, faz uma classificação dos fragmentos oriundos de textos clássicos, partindo da ideia de que, em sua maioria, eles são *criados*. A criação desses fragmentos dá-se através da seleção de um trecho da obra para fins diversos, dentre os quais destacamos a composição de antologias, compilações, e as explicações que acompanham os *lemmata* de obras lexicográficas. Esse último é o caso de muitos dos fragmentos de Aristófanes.

10Apesar de as obras cômicas nunca terem tido cópias oficiais guardadas no arquivo da cidade – ao contrário das obras trágicas, cujos manuscritos foram emprestados à biblioteca de Alexandria e suas cópias incorporadas à coleção – é

antologias e léxicos, tornar-se-iam muitas das citações que temos hoje. Em um estudo relativamente recente sobre fragmentos cômicos¹¹, Douglas Olson fez um levantamento das mais importantes obras sobre comédia produzidas pelos alexandrinos, entre elas figuram glossários, como o *Peri Kōmōidias* (*Da Comédia*) de Lícfron; comentários, como o comentário a *Pluto*, de Eufrônio; tratados, como o *Peri Archaias Kōmōidias* (*Da Comédia Antiga*) de Eratóstenes; e os *kōmōidoumenoi*, listas de indivíduos mencionados nas comédias, como o de Amônio.

A comédia antiga tornou-se para os alexandrinos fonte de informação de caráter sobretudo linguístico e histórico. Os *kōmōidoumenoi*, por exemplo, podem ser considerados uma subespécie historiográfica que, fundada por Amônio (séc. II a.C.), teve seguidores como Heródico¹², Dídimo e Símaco¹³. No livro *Le texte d'Aristophane et ses commentateurs* (1919), Pierre Boudreaux faz um levantamento e mapeamento detalhado da transmissão dos fragmentos de Aristófanes através dos alexandrinos. Segundo Boudreaux (1919:76) é possível recuperar alguns excertos da obra de Amônio que foram preservados indiretamente nos escólios de *Vespas*. Dois deles constituem fragmentos das nossas comédias perdidas:

Fragm. 158. **Escólio de Vespas 1312** Estênelo era um trágico (*var.*: Estênelo era um ator trágico) que, por causa da pobreza, devolveu seu equipamento trágico por ser malsucedido em sua arte. Em *Geritades*: “(A.) E como poderei eu comer os versos de Estênelo¹⁴?/ (B.) Mergulhando-os no vinagre ou no sal seco”

Fragm. 424 **Escólio (VT) de Vespas 592 b** o retor Êuatlo é um sicofanta, mencionado em *Acarnenses* (703) e em *Navios Mercantes*: “temos um certo advogado, flecheiro e patife, como Êuatlo”

Há outros fragmentos das comédias perdidas de Aristófanes que possuem natureza semelhante, como os fragms. 1, 26, 84, 117, 118, 198 e 448, os quais, mesmo tendo chegado até nós por meio de fontes posteriores – como Ateneu ou Fócio – são oriundos dos *kōmōidoumenoi*.

Quanto aos comentários de cunho lexicológico, grande parte do que nos chegou tem origem em Dídimo (séc. I a.C. – I d.C.), o mais profícuo comentador entre os alexandrinos. Dídimo

possível que muitos textos cômicos tenham vindo da biblioteca de Teofrasto (Olson, 2007:26-7). Sommerstein (2010:406), acredita que a biblioteca de Alexandria contivesse quase tudo de Aristófanes, a exceção é *Paz II* – sabe-se, através do testemunho de Eratóstenes de Alexandria (hypothesis A2, *Paz*), que a peça era dada como perdida. Boudreaux (1919:9-10), no entanto, pensa diferente. Defende que apenas um pequeno número de peças da comédia antiga – diante da totalidade de obras produzidas – tenha chegado aos alexandrinos.

¹¹ *Broken Laughter. Select Fragments of Greek Comedy* (2007:27-28).

¹² Boudreaux (1919:26).

¹³ Esses dois últimos, não tiveram uma obra dedicada aos *kōmōidoumenoi*, ao menos trataram da questão em comentários que se podem restituir. cf. Boudreaux (1919:76, n.1).

¹⁴ O poeta é criticado também por Aristóteles (*Poética*, XX 1458a), que vê em sua elocução a qualidade de ser clara, mas o defeito de ser baixa, pelo uso de vocábulos correntes. Cf. pp. 28-9.

praticamente condensou em sua obra todo o trabalho sobre comédia já produzido pelos eruditos de Alexandria¹⁵. E, tendo se apropriado do material de seus antecessores – como as edições críticas de Aristófanes feitas por Aristófanes de Bizâncio, os estudos de Aristarco sobre as *glottai* contidas nos textos cômicos e os *kōmōidoumenoi* de Amônio – ele os superou na quantidade e extensão das obras. Comentou todas as comédias de Aristófanes que possuíam edição alexandrina. Além das 11 conservadas, comentou também as comédias perdidas *Navios Mercantes* e *Danaides*. Suas *Lexeis Kōmikai* (*Léxico de Expressões Cômicas*)¹⁶ foi transmitida, através de Pânfilo¹⁷ (séc. I d.C.), a lexicógrafos posteriores, como Harpocrácion (séc. II d.C.), Oríon (séc. V. d. C.), e sobretudo Hesíquio (séc. V d.C.)¹⁸. Pode-se recuperar, em comentários posteriores, alguns resquícios dessa e de outras obras suas no âmbito da lexicografia, como o *Peri Parephthoryias Lexeōs* (*Das Palavras Usadas com Sentido Corrompido*)¹⁹. Eis dois exemplos em que as fontes dos nossos fragmentos remetem a Dídimos:

Fragm. 69 **Harpocrácion** 281.11 as pequenas vigas, que ficam acima do depósito de lanças, eram chamadas *strōtēres*, como diz Dídimos. Esse nome também está em *Babilônios* de Aristófanes: “quantas vigas (στρωτήρας) tem esta sala de banquetes”

Fragm. 431 **Hesíquio** μ 1705 pratos *mosynoikioi* (μοσυνοίκιοι)²⁰ para tortas: Dídimos (p.34 Schm.) ouviu falar que eram os do Ponto. Pois os *Mossynoikoi* (Μοσυνοίκοι) vivem no Ponto. <Assim> chama os pratos de madeira (cf. μ 1706).²¹.

Dídimos é uma fonte importante para os escoliastas, muitos deles anônimos. Além de promover discussões eruditas em torno de questões lexicográficas, interessava-lhe extrair dos textos antigas informações históricas, bem como compilar antigos provérbios e esclarecer-lhes o sentido. Seus estudos sobre a, por vezes, obscura gnomologia antiga está na origem de escólios de comédias preservadas. Este, de *Aves*²², tornou-se também fonte de um fragmento de *Anagiro*, uma das comédias perdidas:

15Cf. Olson (2007:28).

16Os comentadores mais antigos, como Boudreaux (1919), chamam-na *Lexis Kōmikē*, no singular. Para *Lexeis Kōmikai*, cf. Olson (2007:28).

17Pânfilo foi autor de um léxico perdido dedicado a termos obscuros. Um epítome de sua obra, produzido por Diogeniano, foi usado por Hesíquio.

18Boudreaux (1919:94).

19Cf. fragm. 191.

20Relativo ao povo que habitava a costa sul do mar Êuxino (atual mar Negro), conhecido por suas casas de madeira, os *mossynes* (μόσσυνες). Cf. LSJ.

21Fragmento atribuído a *Navios Mercantes*, uma das comédias comentadas por Dídimos. O excerto de Aristófanes, citado por Fócio, é: “uchas (σκαφίδας), gamelas para massas (μάκτρας), pratos *mossynoikioi* para torta”

22Boudreaux (1919:44).

Fragm. 57 **Escólio de Aves 1292** (um, comerciante coxo, era chamado perdiz) Perdiz era o nome de um comerciante, e ele era coxo. Ele <= Aristófanes> o menciona em *Anagiro*: “com certeza, ontem ele era uma perdiz coxa”, mas muitos o mencionam, e por causa dele dizem haver o provérbio “perna de perdiz”, que Aristófanes <de Bizâncio> menciona entre os provérbios não metrificados²³ (fragm. 12 241 N)

Embora a obra de Aristófanes fosse valiosa fonte de material para os estudos de Dídimo, seu valor poético lhe escapava: as zombarias de Aristófanes encontraram no gramático um censor severo²⁴.

Dos alexandrinos, Símaco (séc. I – II d.C.) foi o último a utilizar com independência o material produzido por Dídimo em seu próprio comentário a Aristófanes. Já no séc. III, sua exegese, mais clara, precisa e sem a excessiva erudição de Dídimo, suplantou o trabalho de seu antecessor. Sabe-se que ao menos umas das comédias perdidas de Aristófanes foi objeto de seu comentário, *Navios Mercantes*²⁵. E excertos oriundos de sua obra exegética subsistem nos escólios que nos chegaram, alguns dos quais preservaram citações das nossas comédias perdidas, como este escólio de *Cavaleiros*:

Fragm.103 **Escólio de Cavaleiros 963a** (se fores convencido por ele, é preciso que te tornes um odre) Símaco diz que parece ser um oráculo, pois em *Lavradores* está assim: “O que parece a ti ser necessário à cidade acima de tudo? (B.) mim, ser um odre²⁶. Não tens escutado?”

Harpocrácion é um dos poucos alexandrinos que se manteve até hoje como fonte direta de citações da comédia antiga, tendo preservado em seu *Peri tōn Lexeōn tōn Deka Rētorōn* (*Léxico dos Dez Oradores*), 26 fragmentos de Aristófanes²⁷. Assim como Símaco, Harpocrácion baseou-se na obra exegética de Dídimo²⁸, nesse caso, para elucidar expressões usadas pelos oradores:

23Aristófanes de Bizâncio, um dos eruditos da biblioteca de Alexandria, tinha um livro de provérbios que não sobreviveu. Cf. Boudreaux (1919: 41, n.1). Via de regra, os provérbios eram metrificados.

24Boudreaux (1919:127).

25Boudreaux (1919: 145).

26Alusão a dois conhecidos oráculos que comparavam a cidade de Atenas a um odre que nunca afunda, mesmo chacoalhado pelas ondas. Cf. Plutarco *Teseu* 24.5; Aristófanes *Nuvens* 442.

27Como um mesmo fragmento pode ter diversas fontes, cabe esclarecer que considero, para fins de contagem, somente a fonte primária, isto é, a fonte mais antiga de cada fragmento.

28Cf. fragm. 69, no qual o gramático nomeia sua fonte, Dídimo.

Fragm. 82. **Harpocrácion 121.3** *epibatēs* (ἐπιβάτης, soldado da marinha): Demóstenes o menciona em seu discurso sobre as despesas da trirreme (or. 50.10 as tripulações e os soldados da marinha). Assim chamavam, dentre os soldados de campanha das trirremes, os que não remavam, mas somente eram destinados a lutar. Aristófanes diz em *Babilônios*: “um soldado da marinha (οὐπιβάτης) deu um bom mergulho para trazer para fora o cabo da popa”

Fragm. **Harpocrácion 272.9** *Sērangion* (Σηράγγιον) Lísias, em *Contra Andrócion* (fragm. 17 S.), assim chamou uma certa região do Pireu. Menciona-o também Aristófanes, em *Lavradores*

Assim, foram os alexandrinos que forneceram o material para a maior parte das citações que temos atualmente²⁹, já que a obra de Aristófanes, à exceção das comédias que constituem o cânone das 11, perdeu-se já ao final da época alexandrina. Essas citações, que constituem os nossos fragmentos cômicos, perduraram quase que exclusivamente em exemplares da tradição lexicográfica ou obras ligadas a ela³⁰.

Os lexicógrafos

Como dizíamos, obras como as *Lexeis Kōmikai* de Dídimo³¹ foram usadas por lexicógrafos posteriores, os quais, embora também não tivessem particular interesse pela comédia enquanto apreciadores do gênero, tornaram-se fonte de fragmentos cômicos. Hesíquio, é um desses casos. Tendo acesso a Dídimo por meio de Pânfilo, ele preservou 22 fragmentos de Aristófanes em sua obra, conhecida na lexicografia por tratar de termos e expressões raros e obscuros do grego:

Fragm. 202 **Hesíquio δ 48** *dedálea*: Aristófanes <diz a respeito da> estátua construída por Dédalo que estava amarrada por causa do <risco de> escapar³²

Fragm. 283 **Hesíquio κ 4521** “bolsa de Cilo”. Querem saber por que Aristófanes diz, em *Dramas ou Centauro*, que o prostíbulo é a “bolsa de Cilo” (citação do fragmento). Havia um lugarejo sombrio em Atenas e uma fonte. E ao invés de dizer *peran* (πέραν, além), disse *pēran* (πήραν, bolsa)

29Olson (2007:29).

30Segundo levantamento feito por Nesselraht (2010:424-6,429-30), também Êupolis e Cratino têm a maior parte de seus fragmentos preservados graças aos lexicógrafos e autores ligados à tradição lexicográfica, como Ateneu.

31Sobre a atividade de Dídimo, que consistia fundamentalmente em condensar todo o trabalho sobre comédia já produzido, bem como fazer comentários às peças, cf. Olson (2007:28).

32Fragmento pertencente à comédia *Dédalo*.

A comédia antiga, mais que a média e a nova, tornou-se aos poucos um modelo linguístico a ser resgatado. Um dos interesses dos eruditos do período helenístico era a discussão sobre a autenticidade de certas palavras áticas – discussão que, nessa época, ainda tinha caráter descritivo³³. Pouco tempo depois, no séc. II d.C., a produção helenística acerca do grego ático foi aproveitada por rétores e lexicógrafos aticistas, que tornaram seu uso prescritivo para os indivíduos cultivados da elite imperial grega³⁴.

O aticismo, emulação da língua e estilo falados na Atenas clássica, estava estreitamente ligado ao ensino e prática da oratória, para a qual os principais modelos eram Platão, Xenófanes, Isócrates e Demóstenes. O resgate do grego ático dava-se na ortografia, morfologia e sintaxe. No entanto, o maior contraste entre esse ático recriado e a língua coloquial do dia a dia acontecia no nível lexical³⁵. A busca por termos arcaizantes e a criação de neologismos faziam parte da prática oratória da época, mas sobretudo se evitava usar palavras não atestadas por autores clássicos. Por isso, os léxicos aticistas, antes usados nas escolas apenas para a leitura dos textos antigos, tornaram-se fundamentais nos estudos de retórica.

No final do século II, a maioria dos léxicos já tinha um posicionamento prescritivo em relação à variante ática, entre eles *Eklogē* (*Écloga ou Seleção de Palavras Áticas*), de Frínico Árábio (séc. II d. C.); *Attikai Lexeis* (*Palavras Áticas*), de Moeris (séc. II d. C.); e *Philētairos* (*Filetero*), do Pseudo-Herodiano³⁶. Cada um deles preservou de dois a três fragmentos de Aristófanes, que eram citados pelos lexicógrafos basicamente para sancionar este ou aquele uso linguístico.

Esses léxicos não buscavam apenas estabelecer o vocabulário, mas enveredavam pela morfologia, fonologia e, por vezes, pela sintaxe. Eles também variavam em organização: alguns são ordenados alfabeticamente, outros ao acaso, outros ainda por tópicos. E embora todos se prestassem à descrição do ático, os lexicógrafos não eram de todo concordes na execução dessa tarefa, inclusive quanto à escolha das autoridades linguísticas. O cânone de Frínico, por exemplo, é mais abrangente que o de outros aticistas, e ainda mais amplo é o do léxico conhecido como *Antattikistēs* (*Antiaticista*)³⁷, de autoria anônima, e cujo nome se deve à inclusão de modelos não-áticos, entre

33Kim (2010:472-4) argumenta contra a ideia de que Dioniso de Halicarnasso, considerado o fundador do aticismo, buscasse a volta do grego ático seguindo a mesma orientação prescritiva dos aticistas. De acordo com Kim, o alexandrino apenas exaltava o estilo ático em repúdio ao estilo asiático e salpicava seu texto com aticismos de forma assistemática. Ele teria sido, quando muito, o representante de um movimento de valorização da língua antiga em termos bem mais amenos que os empregados no século II.

34Kim (2010:472).

35Kim (2010:469-70).

36Esse léxico em particular não chegou até nós, o que se tem hoje é uma obra posterior, baseada no original do séc. II.

37Segundo Kim (2010:480-1), os estudiosos dividem os discursos aticizantes em dois tipos, chamados *político* e *simples*. O primeiro, apropriado a declamações e à oratória pública, é mais rígido, enquanto o segundo, usado para diálogos, cartas, biografias, narrativas fictícias e textos satíricos, é mais informal, admitindo ionismos e termos pós-clássicos. O *Antiaticista* era usado para discursos do tipo simples.

eles Hipônax, Heródoto e poetas da comédia nova³⁸. Aristófanes naturalmente faz parte do cânone eleito pelo lexicógrafo do *Antiaticista* (séc. II d. C.), e tem 16 de seus fragmentos preservados por ele.

As citações das comédias perdidas provenientes desses léxicos estão inseridas nas explicações que acompanham os *lemmata*, ou ainda se configuram, elas mesmas, o próprio *lemma*. E os comentários não se limitam, como foi dito, ao léxico somente. No fragmento abaixo, por exemplo, Frínico dá um parecer de caráter ortoépico sobre o termo em questão, prescrevendo não só a forma ática, mas atestando também a forma a ser rejeitada.

Fragm. 204. **Frínico Écloga 400** *kakkabos* (κάκκαβος, pote de três pernas): pronuncia tu com eta (η), *kakkabē* (κακκάβη), pois a forma com o ômicron (ο) é grosseira. E Aristófanes, em *Dédalo*, usa o eta

Moeris faz o mesmo, contrapondo ao ático o que chama de “grego” ou “koiné”:

Fragm. 96 **Moeris 199.10** os áticos dizem *thōmon* (θωμόν, monte; pilha) como Aristófanes em *Babilônios*, os gregos dizem *thēmōn* (θημών)

O *Antiaticista* segue a mesma linha, ainda que mais conciso em seus comentários. A maior parte das suas citações de Aristófanes é de apenas uma palavra:

Fragm. 34 ***Antiaticista* 81.24** Aristófanes diz, em *Anfiarau*, *amiges* (ἀμιγές, água pura)

Fragm. 93 ***Antiaticista* 80.14** *halykos* (ἄλυκος, salobro): ao invés de *halmyros* (ἄλμυρός, salgado) Aristófanes diz em *Babilônios*

A certa altura do processo de difusão do purismo linguístico, a gramática começa a ganhar importância para os estudos de retórica, de modo que alguns tratados, cujos autores eram os próprios lexicógrafos, foram incorporados ao grupo dos léxicos aticistas³⁹. Algumas dessas obras também trazem citações de Aristófanes, como é o caso da *Katholikē Prosoidia* (*Prosódia Geral*), *Peri Hēmariēmenon Lexeōn* (*Das Locuções Incorretas*) e *Peri Monērous Lexeōs* (*Vocabulário*

38Kim (2010:479).

39Kim (2010:476).

Singular) de Herodiano (séc. II d. C.) , que juntas contêm cinco fragmentos do comediógrafo; e os escritos sobre *ortografia*⁴⁰, de Oro de Alexandria (séc. V), considerado um lexicógrafo hiperaticista, fonte de dois fragmentos. Um exemplo:

Fragm.19 **Herodiano** *Das Locuções Incorretas*, ed. Cohn RhM 43 (1888) 411 os que dizem “primeiramente (πρώτως) foram” e “primeiramente viram” erram, pois é preciso dizer “primeiro (πρῶτον) foram” e “primeiro viram”, já que não se diz nem “segundamente” (δευτέρως) nem “terceiramente” (τρίτως), mas “primeiro”, “segundo” (δεύτερον) e “terceiro” (τρίτον), como Aristófanes, em *Anfiarau*: “pois levaram/leve⁴¹ primeiro (πρῶτον) o homem à caça”

Os fragmentos também figuram, em menor número, entre autores aticistas, como Élio Aristides (séc. I d.C.), considerado um dos mais puristas do período, e o romancista Aquiles Tácio (séc. II d.C.), tendo cada um preservado um fragmento de Aristófanes. Ambos recorrem à citação do comediógrafo com finalidade semelhante àquela dos lexicógrafos, a de ilustrar o comentário gramatical:

Fragm. 227 **Aquiles** *Introdução a Arato* 28 deve-se notar que esses *poloi* (πόλοι, polos) se dizem no masculino. Mas Aristófanes, em *Convivas*, falando sobre o heliotrópico, considera a palavra *polos* feminina: “isso é uma *polo*, pela qual (ἥ), em Colono, / observam estas elevações aqui e aqueles declives ali”

Um caso especial é o de Galeno que, como médico, não se enquadra no grupo de peritos que buscava uma linguagem impecável, mas, como erudito, não fazia uso do registro coloquial e se via também sob a influência da doutrina aticista. Galeno tinha interesse na discussão acerca do purismo linguístico, criticando os hiperaticistas e ridicularizando quem usasse, por exemplo, termos obsoletos para plantas e animais. Chegou a ter seus próprios léxicos, dos quais nenhum sobreviveu.

Há, no total, cinco citações das comédias perdidas de Aristófanes em suas obras *Peri tōn iatrikōn onomatōn* (*Terminologia Médica*), *Hippocratous aphorismoi* (*Aforismos Hipocráticos*), *Tōn Hippokratous Glossōn Exēgēsis* (*Comentário a Hipócrates*) e *De alimentorum facultatibus*⁴² (*Das Propriedades dos Alimentos*). O teor de seus comentários é semelhante ao dos lexicógrafos:

40Apenas um fragmento desta obra sobreviveu, preservado pelo códice *Messinensis Graecus 118*, chamado também *Lexicon Messanense*.

41A forma verbal *exēgagon* (ἐξηγάγον) pode ter como sujeito tanto a 1ª p. sing. quando a 3ª p. pl.

42Embora Galeno tenha escrito em grego, convencionou-se usar o título latino para muitas de suas obras, já que há casos em que o mesmo tratado possui títulos diferentes nos manuscritos na língua original.

Fragm. 428 **Galeno** *Das Propriedades dos Alimentos* 1.27.1 encontramos, em *Navios Mercantes* de Aristófanes, a última sílaba da palavra *arakoi* (ἄρακοι, favas) escrita com kappa (κ). Ali, disse ele: “favas (ἄράκους), trigo, cevada, farinha de aveia, espelta, joio, farinha de trigo”

Pólux

É ainda entre as obras ligadas ao movimento aticista que encontramos a maior fonte de fragmentos de Aristófanes. O *Onomasticon* (Glossário), de Pólux (séc. II d.C.), é responsável por 148 dos quase 600 fragmentos que temos hoje. O léxico, que sobreviveu somente de forma epitomada, divide-se em dez livros e é organizado por tópicos, cuja ordenação é aparentemente fortuita⁴³. No que concerne à abrangência temática, o léxico de Pólux é o mais abrangente dentre os de seus contemporâneos e antecessores.

As explicações que acompanham as citações giram sobretudo ao redor de questões lexicais, de modo que os fragmentos de Aristófanes propriamente ditos – assim como de outros autores áticos – estão na maioria das vezes a cargo de legitimar – ou deslegitimar, *vide* fragm.127 abaixo – o vocabulário que a obra pretende estabelecer.

No *Onomasticon*, as nossas citações cômicas concentram-se significativamente no livro dez, dedicado a equipamentos e utensílios domésticos em sua maioria⁴⁴: há 85 excertos nessa seção, dos quais pouco mais da metade trata da mobília e dos utensílios de cozinha, como recipientes para alimentos e bebidas, tipos de copos e ferramentas culinárias:

Fragm. 68 **Pólux 10.85** que as taças, assim, tornaram-se de prata, Aristófanes revela suficientemente quando diz: “(A.) São necessárias duzentas dracmas. / (B.) Então, de onde elas viriam? (A.) Traz aquela taça”

Fragm. 127 **Pólux 10.69** quanto à mesa, sobre a qual ficam os copos, é possível dizer tanto *tetrapous* (τετράπους, de quatro pés) quanto *monopous* (μονόπους, de um pé) e, se alguém quiser vangloriar-se do uso mais extraordinário, *trapezophoros* (τραπεζοφόρος). Mas não de acordo com o uso que Aristófanes faz da mesma palavra, em *Lavradores*. Portanto, quando aí <em Aristófanes> se diz *trapezophoros* (carregador de mesa), há um mau uso da palavra, dita para designar aquele que carrega a mesa sobre a qual ficavam as coroas de mirto para os arcontes

43Pólux, em seu prefácio, alega que irá apresentar a matéria conforme lhe ocorrer à mente, lugar comum dos prefácios das obras do gênero da miscelânea. König (2016: 300) defende que, por trás da aparente aleatoriedade dos tópicos que agrupam as palavras na obra, há um sistema que organiza as relações entre as diversas áreas da vida humana, de modo análogo à organização de obras enciclopédicas.

44Há também, neste livro, seções que tratam de equipamentos militares (cf. frags. 418 e 493) e equipamentos jurídicos (cf. frags. 152, 328). Os frags. 16, 187, 275 e 332 tratam de utensílios femininos.

Fragm. 139 **Pólux 10.74** incluem-se entre os recipientes também aqueles que Aristófanes chama, em *Navios Mercantes* (fragm. 435), *hyrchai* (ὑρχαί, jarras) de vinho. E, em *Velhice*, diz: “emprestar um jarro (ὕδριαν) de cinco côngios ou maior”

Cerca de um terço, portanto, dos fragmentos de Aristófanes transmitidos por Pólux apresentam e comentam um vocabulário que pertence ao campo semântico da culinária.

A abundância de fragmentos da comédia antiga e média que remetem, de alguma forma, à temática culinária, levou estudiosos a entender que esse fosse um tema caro ao gênero cômico. Minha posição é que, de maneira geral, o interesse dos lexicógrafos, fontes desses fragmentos, determinava em grande medida a temática predominante desse *corpus*.

A questão da influência das fontes no nosso entendimento sobre a comédia, a partir dos fragmentos, é flagrante em Ateneu, de quem se falará adiante.

Ateneu

A segunda maior fonte dos fragmentos de Aristófanes é Ateneu (séc. II d. C.), com 92 citações. Sua obra, *Deipnosophistai*, ou *O Banquete dos Sábios*, ainda que muito vinculada à tradição lexicográfica⁴⁵, remonta a textos de cunho filosófico que fazem do simpósio o cenário de suas discussões⁴⁶, como o *Banquete* de Platão e a obra homônima de Xenofonte⁴⁷. O banquete de Ateneu não tem caráter filosófico, mas o autor faz uso da estrutura dialógica que se consolidou naquele gênero sob a forma de conversa entre os participantes do festim. Ou antes, apresenta uma versão radicalmente artificial da conversa convival, que comporta falas longuíssimas, repletas de listas, citações e digressões, para dar conta da volumosa matéria que exhibe.

A obra guarda enorme quantidade de fragmentos cômicos – especialmente os provenientes da comédia média⁴⁸ – e, à parte de qualquer mérito literário que a ela se queira atribuir, impõe antes seu valor pela reunião do grande volume de informação sobre diversos aspectos da sociedade grega, além de ser um caso extremo da inclinação erudita para a estética da miscelânea⁴⁹, típica do período. Assim, Ateneu é fonte não só de fragmentos cômicos – a categoria mais significativamente

⁴⁵Gulick, p.xv.

⁴⁶Alguns exemplos são *O Banquete* de Xenofonte, *Questões Conviviais* de Plutarco, *O Banquete* de Luciano.

⁴⁷Ateneu, I.2A.

⁴⁸Segundo levantamento de Olson (2014:3), dois terços dos fragmentos cômicos que temos hoje sobreviveram graças a Ateneu. Sua obra é também a maior fonte da comédia média.

⁴⁹König (2016: 302-3).

preservada em sua obra – mas também líricos, trágicos, épicos, historiográficos, de tratados médicos e sobre gramática, muitos deles transmitidos somente através de sua obra.

Celebrando esse banquete – ou essa série de banquetes⁵⁰ – há convivas de distintos campos do saber: gramáticos, filósofos, médicos e músicos, que se dedicam a discorrer sobre assuntos ligados à temática *deipnológica*⁵¹, isto é, vinho, frutas, peixes, música, dança, taças etc. Os excertos de Aristófanes – citados pelo participante do festim, qual seja, em momentos diversos do jantar – estão sempre inseridos, em Ateneu, nesse universo convival.

Note-se que essa é uma temática cara a Ateneu e não necessariamente às comédias as quais ele cita⁵². A questão da importância da culinária para o gênero cômico é complexa e merece ser pensada detidamente. Porém, nesta apresentação de Ateneu como fonte de Aristófanes, limito-me a fazer um rápido esclarecimento de como lidarei com ela.

Distingo duas formas com que esse tema se apresenta nas comédias do nosso poeta. A primeira chamo *instrumental*, como é o caso de *Cavaleiros*, em que a culinária se faz presente através do Paflagônio e do Salsicheiro. É, aí, um assunto central para o enredo, e está, enquanto metáfora, a serviço de uma discussão de ordem política: a ascendência dos demagogos na cidade. É o que penso ser também o caso da comédia *Geritades*, que será analisada no capítulo 2: a cozinha como metáfora, desta vez, literária.

A culinária também aparece como elemento periférico em muitas comédias, como nessas passagens de *Acarnenses* (874-94), *Pluto* (190-192), e em inúmeras outras, o que não afeta seu estatuto de parte estrutural do gênero cômico. Nesses casos, o elemento culinário, visto isoladamente, pouco pode revelar sobre o enredo ou o tema da comédia. Assim quer também Olson (2014), que apresenta argumentos contundentes em seu artigo dedicado à questão, *Athenaeus' Aristophanes, and the Problem of Reconstructing Lost Comedies*.

De volta a Ateneu, a conversa que se desenrola ao longo do jantar, paralelamente à temática *deipnológica*, contempla questões gramaticais e, em especial, lexicais, incluindo a do purismo linguístico, em voga à época. Ateneu, ele mesmo, tem um posicionamento moderado em relação ao

50Guillén (1998:35-7) apresenta a hipótese segundo a qual um editor do texto de Ateneu teria comprimido num único banquete o que teria sido, na versão original da obra, uma série de 30 banquetes ocorridos em dias diferentes. A hipótese é controversa, Olson (2014:2), ao contrário de Guillén, parece concordar que tenha havido uma série de banquetes. Gulick (1993:xi) apenas considera-a como possibilidade para explicar contradições.

51O adjetivo, cunhado a partir do grego *deipnon* (δεῖπνον), “jantar”, distingue-se de “simposial”, cuja origem é o grego *posis* (πόσις), que se refere à seção do banquete posterior ao jantar em si, quando então terá lugar a bebida. Este último faz parte, como se sabe, da formação da palavra *symposium*, e era a única parte da reunião convival considerada por Platão em seu *Banquete*. Assim, penso que o termo *deipnológico* seja mais adequado ao tema de Ateneu do que o que se quer *simposial*, vinculado que estava, ao menos no período clássico, ao vinho e às discussões filosóficas.

52No caso da comédia média, a questão é problemática, já que há muito pouco material disponível sobre ela. Olson (2014:24), por exemplo, afirma que o que se entende hoje por comédia média, um gênero dominado por descrições de jantares, bebidas e cortesãs, tenha a influência de Ateneu. Nesselrath (2010:434), por outro lado, sugere que, se as obras da comédia média são as mais citadas, é possivelmente porque o assunto seja nelas mais presente que em comédias de outros períodos.

aticismo, pois reconhece a importância de se eleger uma autoridade para o emprego do vocabulário, mas não faz discriminação de dialeto ou época⁵³. O pedantismo ganha voz no banquete principalmente através da personagem de Ulpiano, que interrompe seus interlocutores para questionar a elegibilidade dos termos por eles usados, encarnando assim uma crítica à hipercorreção dos aticistas.

O festim é marcado pela presença numerosa de filólogos – oito no total – que, à exceção de Ulpiano⁵⁴, têm sua individualidade dissipada. Aos filólogos se opõe o grupo dos filósofos, encabeçado pelo cínico Cinulco, que expressa a reação contra os excessos dos aticistas e mostra-se avesso ao saber enciclopédico que eles representam. Apesar disso, o grande número de citações em suas falas mostra que também Cinulco é um indivíduo cultivado, na mesma medida, poder-se-ia dizer, que os filólogos⁵⁵.

Dessa forma, ainda que artificialmente polarizados, filólogos e filósofos são hábeis em conjugar a conversa sobre o jantar à praxe filológica da época, arrolando citações das ditas autoridades conforme a demanda lexical do tópico sobre o qual se fala. Tais citações servem não só, ou não tanto, para avaliar o que se diz mas também para exibir a erudição que se possui quanto àquele assunto.

A seguir, alguns fragmentos de Aristófanes encontram-se, a título de exemplo, agrupados conforme o tópico ao qual pertencem no texto de Ateneu, antecedido por comentário nosso que visa a resumir o comentário antigo que o acompanha.

Cita-se Aristófanes, por exemplo, ao se tratar de peixes e frutos do mar. O seguinte fragmento faz parte de uma série de citações que tem por finalidade atestar o uso de *bembras* (βεμβράς, espadilha⁵⁶) entre os autores áticos, e contrapor o termo à outra variante, *membras* (μεμβράς):

Fragm. 140. **Ateneu 7.287 D** Aristófanes diz, em *Velhice*: “nutrida com espadilhas (βεμβράσιν) acinzentados”

Outra espécie de peixe que faz parte da longa lista suscitada pelo assunto é *hepsētos* (ἐψητός). Aristófanes é mencionado para autorizar seu uso:

53Guillén (1998:28).

54O Ulpiano histórico, Ulpiano de Tiro, foi um importante jurista morto em 228 d.C. por razões políticas. A Ateneu foi conveniente retratá-lo como gramático aticista e não tratar, a não ser marginalmente, de questões de ordem política. Cf. Gulick (1993:xii:xiii).

55Gulick (1993:xii-xiii).

56Certo tipo de anchova.

Fragm. 56. **Ateneu 7.301 A** *hepsētos* (ἑψητός): termo usado para se referir aos peixinhos sem pele. Aristófanes diz em *Anagiro*: “não há um prato de peixinhos cozidos (ἑψητῶν)”

Em seguida, ainda sob o mesmo tópico, peixes, é preciso demonstrar como o *kestreus* (κεστρεύς, tainha) está associado ao *jejuador* – que pode ser inclusive chamado pelo nome do peixe – e, como metáfora, estende-se ao *esfomeado*. O comediógrafo atesta o uso figurado do termo:

Fragm. 159 **Ateneu 7.307 DE** Aristófanes diz, em *Geritades*: “Acaso há uma colônia de homens-tainha (κεστρέων) aí dentro?/ Que eles são esfomeados, reconheceis”

Em outra passagem, que agora tem por tema as carnes cozidas, um dos filólogos quer demonstrar o uso do termo *akrokōlia* (ἀκροκόλια, patas) entre os chamados antigos, e para tal cita dois excertos de Aristófanes:

Fragm. 4 **Ateneu 3.95 E** Aristófanes, em *Eolosícon*, menciona as *akrokōlia* (ἀκροκόλια, extremidades do animal): “e além do mais, Fulano, cozinhei quatro patas (ἀκροκόλιά) / tenras para ti”

Fragm. 164 **Ateneu 3.95 F** e diz em *Geritades*: “patas (ἀκροκόλια), pães, lagosta”

Ateneu foi contemporâneo e conterrâneo de Pólux – ambos da cidade egípcia de Náucratis – e é provável que compartilhassem também das mesmas fontes, as quais em grande parte eram constituídas dos léxicos e tratados produzidos no período helenístico⁵⁷. Vez ou outra, Ateneu incorporou a sua obra o material proveniente de fontes lexicográficas sem grandes reformulações, ou seja, ainda sob forma de listas, que surgem em meio às falas das personagens do banquete.

Publio Livio Larense, espécie de mecenas que o patrocinava – representado na obra pela personagem de Larenzio – tinha uma rica biblioteca equipada com obras gregas, à qual Ateneu provavelmente teve acesso, bem como a outras bibliotecas de Roma e à grande biblioteca de Alexandria⁵⁸. Ateneu podia, portanto, ler e consultar não diretamente os manuscritos das comédias que cita, mas obras que contivessem as citações que lhe interessavam⁵⁹.

⁵⁷Nesslerlath (2010:448).

⁵⁸Guillén (1998:12, 49) e Olson (2014:3).

Dada a abrangência e o volume de informações que reúne, Ateneu tornou-se naturalmente fonte para outros. Macróbio (séc. V), por exemplo, provavelmente conhecia sua obra e serviu-se dela – seja da versão que temos hoje ou de uma suposta versão anterior do texto⁶⁰ – para suas *Saturnais*, obra latina aparentada ao *Banquete dos Sábios* quanto ao gênero, e que contém uma citação de Aristófanes:

Fragm. 325 **Macróbio *Saturnais* 3.8.2 a partir de Calvo (fragm. 7 Mor.)** Ateriano afirma que se deve ler “o poderoso deus Vênus”, não “deusa”. Há também uma imagem dele em Chipre, com barba, em corpo e veste de mulher, com cetro e estatura viril, e julgam que ela seja masculina e feminina. Aristófanes chama-o Afrodito⁶¹.

Fócio e os bizantinos

A terceira maior fonte dos fragmentos de Aristófanes é também a mais recente, e situa-se dentro da tradição lexicográfica bizantina. Fócio (séc. IX), patriarca da igreja ortodoxa, mais conhecido nos estudos clássicos por seu *Myriobiblion*, ou *Biblioteca*, deixou-nos 88 excertos, todos preservados em seu léxico, o *Lexeōn Synagōgē*⁶².

De modo geral, a lexicografia e os estudos de gramática estavam, na tradição bizantina, subordinados ao ensino e prática da retórica. Os gramáticos bizantinos eram, acima de tudo, professores, e sua pesquisa estava sempre relacionada à atividade letiva, que incluía difundir o grego tido como correto e, ao mesmo tempo, preservar a língua de influências externas⁶³. Nesse âmbito escolar, os autores antigos eram frequentemente vistos como repositório de palavras, expressões ou construções sintáticas⁶⁴.

59Assim concordam Nesselrath e Olson (2014:30). Guillén (1998:19), no entanto, apresenta a hipótese de Zecchini, que, através de um estudo acerca das obras de historiografia citadas por Ateneu, conclui que ele teria tido acesso direto a muitos dos textos que cita.

60Kaibe defende que a fonte de Macróbio seja Ateneu, mas que o romano conhecia uma versão mais ampla da obra. Wissowa, no entanto, rebate dizendo que na verdade ambos teriam tido fontes comuns.

61A tradução do latim é de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

62A obra está passando atualmente por um processo de reedição devido à descoberta, em 1959, de um novo manuscrito, na cidade de Zavorda (Macedônia), em condições melhores do que o já conhecido Codex Galeanus. Desde 2011, Christos Theodoridis vem trabalhando em uma nova edição do léxico de Fócio, em quatro volumes, cuja previsão de conclusão era o passado ano de 2014, mas ainda hoje o quarto volume não está disponível. Os fragmentos que se encontram no novo manuscrito, o ms (z), foram incorporados à PCG, e são indicados como Fócio (z), e, os inéditos, como Fócio (z) inéd.

63Ciccolella (208:103).

64Ciccolella (208:108,n.108).

Em Fócio, as explicações gramaticais que acompanham as citações de comédias são semelhantes às dos lexicógrafos aticistas. Elas contemplam questões filológicas e também buscam recuperar a gnomologia antiga, através da citação e explicação de máximas:

Fragm. 2 **Fócio α 225** *agorasō* (ἀγοράσω, comprarei): pois o termo *agorō* (ἀγορῶ) é bárbaro. Dos exemplos, muito abundantes, tome-se o de Aristófanes, em *Eolosícon*: “mas te apressa! Não devo me atrasar para / comprar (ἀγοράσω) tudo que ordenares, mulher”

Fragm. 55 **Fócio (z) inéd.** chamam *eípoi* (εἵποι) as ratoeiras. E também *epíipton baros* (ἐπιῖπτον βάρος). Mas também há a palavra *myagra* (μυάγρα, ratoeira) entre eles, em *Anagiro*: “mesmo que tu não pegues nada, arma uma ratoeira (μυάγραν)”

Fragm. 101 **Fócio α 551** como “cantar”: estranhíssima expressão dita entre os áticos, embora houvesse outra. Significa dizer tolices, de modo que se, de maneira diversa, <a expressão> tiver o significado de um cantar qualquer, não fará sentido. Êupolis atesta a expressão em *Astrateutoi* (fragm. 2 Dem.) ... Aristófanes, em *Lavradores*, explicando o “cantas”, que é posto no lugar do “dizes tolice”, fez dele proverbial. Diz, pois: “(A.) E então, cantando, falavam dos processos? / (B.) Por Zeus! Eu mesmo te dou uma grande prova. / Pois os velhos ainda dizem, sentados, / quando alguém defende mal um processo, / ‘cantas!’”. Sirvo-me da ocorrência em comum em Frínico (*Preparações sofisticas* 20.1)

O *Lexeōn Synagōgē* é aparentado a outros léxicos que estão entre as fontes dos nossos fragmentos, como a *Suda*, que contém 37 citações; o *Etymologicum Magnum* (séc. XII), que contém duas; o *Etymologicum Genuinum* (séc. IX) – provável fruto do círculo de Fócio – que contém 12; e o *Ethnica* de Estéfano de Bizâncio (séc. V), que contém seis. Grande parte das citações de Aristófanes feitas por Fócio encontram-se, por exemplo, na *Suda* e, em menor número, no *Etymologicum Magnum*:

Fragm. 26 **Fócio (z) inéd.** = *Suda φ 770* Frinondas: entre os conhecidos pela perversidade, foi um estrangeiro que viveu em Atenas durante a Guerra do Peloponeso. Aristófanes, em *Anfíarau*, diz: “ó tu abominável, frinondas e perverso”, por isso chamam os perversos frinondas. **Fócio (z) inéd.** = *Etymologicum Genuinum AB* Frinondas: nome próprio. Foi um ateniense de má fama pela perversidade, em nada inferior a Euríbatos (**fim de Fócio**). Aristófanes, em *Anfíarau*, diz: “ó tu abominável, frinondas, perverso!”

Paralelamente a sua transmissão através das obras lexicográficas e aparentadas, os fragmentos de Aristófanes foram transmitidos também pelos escólios das comédias preservadas. A única comédia cujos escólios não constam entre nossas fontes é *Mulheres na Assembleia*, todas as outras contêm, em seus escólios, de uma a oito citações de comédias perdidas, perfazendo um total de 52 fragmentos do nosso *corpus*.

Os escólios, assim como os léxicos, têm por base as obras exegéticas produzidas pelos alexandrinos, de modo que não diferem em essência das explicações decorrentes dos *lemmata* dos lexicógrafos. Estes dois escólios, por exemplo, remontam aos *kōmōidoumenoi* do final do período helenístico:

Fragm. 84 **Escólio de Aves 1556** (Pisandro) Aristófanes disse que ele também aceitou suborno, em *Babilônios*, deste modo: “ou, pedindo presentes, ele providenciou um posto de comando de guerra com Pisandro”. **Escólio de Lisístrata 490** (para poder roubar, Pisandro e os que ocupavam cargos/ sempre promoviam algum tumulto⁶⁵) representam-no na comédia também como quem aceita suborno, como nos *Babilônios* de Aristófanes: “ou, pedindo presentes, ele providenciou um posto de comando de guerra com Pisandro”

Os escólios de Platão também são fonte de uma parcela considerável de fragmentos, 14 no total. Os diálogos platônicos, assim como a comédia, são ricos em referências a pessoas e fatos circunscritos à Atenas do período clássico, e sua linguagem aproxima-se do uso corrente – inclusive no uso de provérbios – o que também é um traço do gênero cômico. Essas características em comum demandam do escoliasta o mesmo tipo de comentário, em vista do qual ele recorrerá, novamente, às obras dos alexandrinos.

Em menor número, escoliastas de obras pertencentes a outros gêneros também apresentam citações às comédias perdidas de Aristófanes, como os de Sófocles, Eurípides, Luciano, Plutarco, Hipócrates e Teócrito, que preservaram de um a dois fragmentos, cada um.

A trajetória desses escólios, como a de qualquer obra antiga, inclui edições muitas vezes irrecuperáveis. Entre os lexicógrafos bizantinos, por exemplo, com a supremacia dos estudos de retórica, os escólios mais antigos que fossem considerados inúteis pelos professores eram negligenciados. E com o acúmulo de comentários nas margens dos manuscritos, a exegese mais longínqua – para o estudioso de hoje, geralmente mais valiosa por ser mais próxima do original – era simplesmente apagada para se ganhar espaço⁶⁶.

⁶⁵Aristófanes (2005:38, tradução de Adriane da Silva Duarte).

⁶⁶Boudreaux (1919:184-5).

Desse modo, assim como na lexicografia as citações perduravam ou não de acordo com os interesses dos lexicógrafos, do mesmo modo, o corpo de escólios foi se formando, ao longo dos séculos, por acréscimos e eliminações segundo critérios conjunturais.

Papiros

Apenas quatro dos 589 fragmentos do nosso *corpus* são de origem papirácea, os frags. 134, 160, 322 e 466⁶⁷. Os dois primeiros, frags. 134 e 160, são oriundos de léxicos, sem especificação de autor, e seguem o padrão das citações encontradas nos lexicógrafos, que consiste na apresentação de um *lemma*, sua acepção e a citação de um autor canônico que atesta seu uso entre os antigos áticos:

Fragm. 134 **Papiro Oxyrhynchus 1803** *stiphros* (στιφρός, firme): que é, para o povo, *striphnos* (στριφνός), como Aristófanes atesta, em *Velhice*: “de fato tens uma voz firme (ὑποστιφρόν)”

O fragm. 466, atribuído à comédia *Poesia*, possui 20 versos em estado precário, a partir dos quais não se pode depreender informações consistentes. Em melhor estado encontra-se o fragm. 322, oriundo de *Heróis*. Ele é relativamente longo, apresentando 12 versos bem preservados, a partir dos quais é possível situar o excerto dentro da comédia: provavelmente antecede o párodo. O papiro é do séc. II-III d.C., e nada se sabe sobre o manuscrito que o originou. Seus versos tampouco são citados na tradição indireta de transmissão dos fragmentos.

Fragm. 322 **Papiro Michigan 3690** (séc. II-III d.C.), ed. Merkebach ZPE 1 (1967) 97-99

quanto a isso, homens, montem guarda
e honrem os heróis, pois
somos os guardiões
dos maus e dos bons,
e, observando os injustos,
os ladrões e os saqueadores,
a eles proporcionamos doenças:
baço aumentado, tosse, hidropisia,
coriza, sarna, gota,

5

⁶⁷Dentre os 386 fragmentos que compõem as *incertae fabulae*, há mais sete fragmentos papiráceos: 590, 591, 592, 593, 594, 595, 733 e 794. Desses, destacam-se os quatro primeiros pela extensão, de 26 a 100 versos.

loucura, líquen,
íngua, calafrio, febre.
[...] proporcionamos aos ladrões

10

Conclusão

Para concluir, retomo brevemente as questões mais importantes levantadas ao longo do capítulo, e as comento. A primeira delas é por que os fragmentos de Aristófanes foram criados, isto é, com que objetivo selecionou-se este ou aquele excerto para uma citação que eventualmente perduraria.

Viu-se que esse processo inicia-se com os alexandrinos. Ainda dispondo, possivelmente, dos textos integrais das peças cômicas, esses eruditos produziram um material exegetico que deu início à tradição indireta da transmissão dos fragmentos. O material foi incorporado, de um lado, aos escólios das comédias preservadas, sobretudo, mas também aos escólios dos diálogos platônicos e de algumas tragédias. De outro, incorporou-se à lexicografia de viés aticista que se conformou em meados do período imperial, com a finalidade de atestar certos usos linguísticos do grego ático, para serem aceitos na prática oratória.

Outros gêneros compilatórios ligados à tradição lexicográfica, como o *Banquete dos Sábios*, de Ateneu, serviram-se desses fragmentos com finalidade semelhante: ilustrar as explicações gramaticais, históricas, gnomológicas e sobre costumes que remetem ao universo ático do período clássico, atestando, assim, o seu uso naquele contexto.

Por fim, os fragmentos de Aristófanes adentram a lexicografia bizantina, totalmente voltada para o ensino da retórica, e ali se estabelecem como repertório de palavras e expressões antigas a serem restauradas pelos que se exercitavam nessa arte.

Pode-se dizer, então, que é característica desses fragmentos, desde a sua criação, estar atrelados tanto à exegese de autores canônicos quanto às práticas oratórias do período imperial e de tradição bizantina. O texto cômico de Aristófanes preservado nos fragmentos, a serviço de gêneros que lhe são alheios, muitas vezes se descaracteriza enquanto tal. Isto é, em muitas das citações, não se pode entrever qualquer característica que nos remeta a sua comédia. Há, sim, os casos em que, com mais sorte, encontramos alguma ou algumas dessas características, a saber, coordenações assindéticas – normalmente elencando alimentos – neologismos cunhados a partir da aglutinação de

palavras, variações cômicas de provérbios e ridicularização de personalidades. Mesmo nesses casos, pouco se pode depreender acerca do enredo da comédia ou de seu tema, de modo que, para um estudo com esse propósito, é preciso levar em conta outros fatores além dos fragmentos em si, como possíveis paralelos com comédias preservadas.

A segunda questão que merece destaque é a da transmissão dos excertos. E nela está contida outra, a da prática da compilação, inerente às tradições exegetica e lexicográfica. Os fragmentos de Aristófanes foram transmitidos de maneira dispersa, ou seja, cada um dos excertos atribuídos ao comediógrafo tem um percurso próprio, majoritariamente pela tradição indireta. Por isso, é importante lembrar que o conjunto dos fragmentos atribuídos a Aristófanes não deve ser tratado como uma obra orgânica: trata-se, antes, de mais uma compilação. E, embora tenha sido necessário e conveniente, neste capítulo, traçar um percurso geral que se aproxime, ora mais, ora menos, da transmissão particular de cada excerto, esse percurso está em alguma medida fadado a imprecisões e generalizações.

A terceira e última questão que apresento quanto à relação dos fragmentos com suas fontes diz respeito à influência da lexicografia antiga na tradução atual dessas citações. Como grande parte de nossas fontes é de lexicógrafos antigos, são eles, muitas vezes, que proveem as acepções para termos contidos nos fragmentos, além de outros tipos de comentários relevantes à tradução. Essas informações, naturalmente, são levadas em conta ao se verter o grego para a língua vernácula, mas não sem o cuidado de ponderar as limitações que mesmo os lexicógrafos mais antigos tinham em relação à variante ática. Alguns exemplos dessas limitações estão apontados no anexo II, ao final da tese, dedicado a comentários de ordem lexicológica do fragm. 332. Esse fragmento consiste numa longa listagem de artefatos femininos, sobre a qual se debruçaram diversos lexicógrafos antigos, nem sempre unânimes em relação à acepção de alguns termos. O estudo desse fragmento revelou, inclusive, a fragilidade da lexicografia moderna quando baseada em informações equivocadas dos antigos lexicógrafos.

Capítulo II

O banquete poético em *Geritades*

Das 33 comédias fragmentadas de Aristófanes, *Geritades* (408 a.C), com cerca de 34 fragmentos⁶⁸, é umas das que mais guarda informações sobre enredo, personagens e tema. Seu título é um patronímico formado a partir da raiz de *gēryō*, “declamar”, “cantar”, ao qual se adicionou o sufixo de agente *-tēs* **gerytēs*, e partir deste, o sufixo *-adēs*, “filho de”. Significa, portanto, algo como “filho do declamador”.

Seu fragmento mais extenso, o fragm. 156, revela-nos que seu enredo contém uma viagem ao Hades, empreendida por poetas representantes da comédia, tragédia e ditirambo. O comediógrafo Saníriion, o tragediógrafo Meleto e o ditirâmbico Cinésias – todos os três vivos e ativos à época da encenação de *Geritades*⁶⁹ – foram eleitos numa assembleia de poetas, segundo critério que parece ter sido a aparência física consonante com o mundo dos mortos: magros e de aspecto doentio, os poetas foram apelidados de *haidophoitai*, “visita-Hades”:

(A.) E quem suportou descer para os inferos dos mortos e
as portas da escuridão?⁷⁰ B. Escolhemos de comum acordo,
na assembleia ocorrida, um de cada arte,
aqueles que sabíamos serem visita-Hades
e grandes apreciadores do lugar. A. Há entre vós 5
algum visita-Hades? (B.) Por Zeus,
certamente! (A.) Como os visita-Trácia⁷¹? (B.) Dizes tudo!
(A.) E quem seriam? (B.) Primeiro, Saníriion dentre os *trígicos*⁷²; dentre
os coros trágicos, Meleto; e dos coros cíclicos, Cinésias.
(A.) Quanto rigor para as magras esperanças que carregais! 10
Se o rio de diarreia⁷³, em cheia, capturá-los juntos,
vai levá-los embora.

68 Afora os fragmentos 156 a 190 sejam atribuídos a *Geritades* com certa segurança, há a possibilidade de que também pertençam a essa obra os fragmentos 128, 591, 595, 596, 598, 623, 696, 720 e adesposos 1005.

69 Farmer (2017:200).

70 O verso é paratrágico. Remete ao primeiro verso da *Hécuba* de Eurípides.

71 Referência a Alcibíades que, após a derrota em Notium, partiu de Atenas para a Trácia. O termo *Thraikophoitai* é um *hapax*, assim como *haidophoitai*.

72 O trocadilho refere-se à comédia, e é composto a partir dos termos *tryx*, borra de vinho, e *kōmōidos*. Cf. *Acarnenses* 499. Cf. também p. 26.

73 Cf. *Rãs* 145.

O trecho é parte de um diálogo entre duas personagens não identificáveis. Uma delas (B) demonstra ter conhecimento de toda a situação que levou à eleição de uma delegação de poetas, além de revelar-se parte da assembleia que os elegeu (v.3-4). Embora ela mesma não faça parte da delegação⁷⁴ – pois enumera como terceiros os poetas que a compõem – essa personagem parece acompanhá-la, como demonstra o uso da segunda pessoa do plural por seu interlocutor (v.5-6, 10). Este (A), por sua vez, parece estar familiarizado com os fenômenos do submundo (v.11-12) de modo que, a ele pertencendo, interroga quanto a identidade dos visitantes (v. 1-2). Assim, o diálogo se dá, aparentemente, entre alguém do mundo dos vivos e alguém do mundo dos mortos⁷⁵, e seu contexto, a julgar pelas apresentações, seria o da chegada da delegação ao Hades.

O fragmento foi preservado por uma citação em *O Banquete dos Sábios*, de Ateneu⁷⁶, numa passagem em que se discutem características físicas de ricos e pobres. Ateneu diz ao jovem Timócrates que é preferível ser pobre e magro a ser rico e gordo como o monstro marinho Tanagra (7.551a) e em seguida se inicia um rol de citações remetendo a personalidades celeberrimas magras.

Nesse contexto, a citação de *Geritades* tem por objetivo a menção dos poetas Sanírión, Meleto e Cinésias, como exemplares do tipo delgado. Segundo Ateneu, várias são as fontes que atestam a fama de franzino desses poetas⁷⁷, e não se sabe em que medida a nossa comédia teria contribuído para tornar tão afamada a sua conformação física, ou, ao contrário, se se teria servido da

74 Para Kaibel (PCG, 1984:103), no entanto, um dos interlocutores – aquele recém-chegado ao Hades – é, ele mesmo, um poeta, baseado talvez na informação contida no comentário da fonte, Ateneu, de que a delegação de poetas teria sido eleita por uma assembleia de poetas. Cf. Ateneu 12.551 A (grifo meu): “e Aristófanes, em *Geritades*, escolhe estes homens magros, os quais, como emissários dos poetas, ele diz serem enviados ao Hades, para os poetas de lá, dizendo o seguinte”: (citação do fragmento). Dessa interpretação, partilha também Young (1933:24). Para Farmer (2017:199-200), a personagem (B) não faz parte da delegação; o comentador aventa a possibilidade de que a personagem seja o epônimo *Geritadēs*, e, ainda, que os três poetas da delegação sejam personagens mudas.

75 Gil (1989:70) sugere que um dos interlocutores seja o porteiro Éaco. Farmer (2017: 182) pensa que, se não o próprio porteiro, uma personagem de função semelhante.

76 Ateneu 12.551 a.

77 Ateneu (12.551 a) faz outras citações a respeito desses mesmos poetas. Diz que Sanírión, por exemplo, fora também mencionado por Estrátiis num fragmento (Kock i. 727) curto e um tanto quanto obscuro, no qual se fala aparentemente sobre um artifício do poeta para disfarçar sua magreza. O fragmento refere-se a um certo “auxílio de couro” usado por Sanírión, o qual Dalechamp interpreta como uma espécie de enchimento usado pelo poeta por baixo da roupa. Cf. Gulick (1927:502-3 n. c). Meleto (Kock i. 793), por sua vez, fora satirizado pelo próprio Sanírión que o chama de “cadáver de Leneus”. Aparentemente, uma referência ao recinto sagrado de Dioniso Leneu, por conta do insucesso de Meleto como trágico em Leneias. Cf. Gulick (1927: 503 n. e). E Cinésias, de todos o mais afamado pelo corpo esquelético, é citado diversas vezes. Ateneu descreve-o “muito magro e alto” (7.551 d) e Aristófanes, em *Aves* (1377), chama-o de *philyrion*, “tabuinha de madeira de tília”, o que, segundo a explicação de Ateneu, seria por conta da tábua de madeira que o poeta teria amarrado em si para que não se curvasse, tamanha sua magreza. Outras explicações aparecem nos escólios de *Aves*. O escoliasta comenta, por exemplo, que Calístrato explica a passagem como uma referência à cor da pele de Cinésias, de tonalidade amarelo-esverdeada. Cf. 1927: 503 n. g. Já Eufrônio entende que a comparação com a madeira de característica leve se explicaria pela baixa qualidade de sua poesia. Cf. Gulick (1927: 503, n. g). Lísias, em seu discurso *Pró Fâniis*, refere-se a ele como *nosōaēs*, “enfermo” (cf. Ateneu 7.551de) e toma-o como exemplo do homem ímpio que sofre punição dos deuses não pela morte, mas pela sobrevivência em condições de saúde muito precárias. Cinésias é também alvo de gozação em *Rãs* 153 e 1437; e *Lisístrata* 838 sqq.

fama já preexistente. O fato é que Aristófanes reúne-os sob a alcunha de *visita-Hades* de modo conveniente ao enredo, que conta com uma catábase, e que nos remete, de imediato, a uma de suas comédias mais conhecidas, *Rãs*⁷⁸, encenada poucos anos depois de *Geritades*.

A semelhança entre *Rãs* e *Geritades* não se limita só à empresa catabática: assim como aquela, esta tem a poesia como tema. A maior evidência que temos disso é a delegação eleita para a visita ao Hades, que não só é composta por poetas, mas por um de cada espécie poética apresentada nos festivais⁷⁹, de modo a reunir uma amostragem do ofício. Mas enquanto em *Rãs* o interesse reside sobretudo na poesia trágica, *Geritades* parece se debruçar sobre os três gêneros ditos *dionisiacos*. Para tentar compreender o que pretende Aristófanes aos colocá-los em cena, é preciso que nos voltemos, primeiramente, aos poetas escolhidos como seus representantes, Meleto, Sanírión e Cinésias.

Sabe-se que há dois poetas trágicos, pai e filho, chamados Meleto, e que nada restou de sua poesia. Um deles – a quem Kassel e Austin⁸⁰ julgam ser o filho – é mencionado em *Rãs* (1298-1303), numa passagem em que Ésquilo o cita como uma das fontes de inspiração de Eurípides:

Eu, no entanto, com vistas ao belo, tirei-o [o canto] do belo,
para que não fosse visto colhendo-o do mesmo prado sagrado
das Musas de Frínico; mas, ele [Eurípides] tira-o de toda parte: das cortesãs,
dos escólios de Meleto, das árias em flauta dos Cários, dos trenos, das danças.

Um Meleto também é mencionado no fragm. 117 de *Lavradores*, de Aristófanes, no qual é zombado por sua relação com Cálias. Acredita-se que esse seja o pai, e a ele identificam equivocadamente a personagem de *Geritades*⁸¹:

Escólio de Platão *Apologia* 18 B Meleto, mau poeta trágico de origem trácia, como Aristófanes diz em *Rãs* (1302) e em *Cegonhas* (fragm. 453), chamando-o filho de Laio, já que, no ano em que *Cegonhas* foi encenada, também Meleto levou ao palco sua *Edipodeia* (Qu. sc. 2.18), como Aristóteles diz em *Didaskaliai* (fragm. 628 R.³, DID C 24 Sn). E, em *Lavradores*, <Aristófanes> menciona-o

78 A analogia entre *Rãs* e *Geritades* foi, naturalmente, explorada em estudos modernos como o de Young (1933), “The Frogs of Aristophanes as a Type of Play” e, mais recentemente, no livro de Wright (2012), *The Comedian as Critic: Greek Old Comedy and Poetics*; e de Farmer (2017) *Tragedy on the Comic Stage*.

79 Os ditirambos eram apresentados nas Grandes Dionisiacas e possivelmente nas Dionisiacas Rurais. Para um levantamento mais detalhado dos festivais em que havia concurso de ditirambos, cf. Storey e Allan (2005:17-9). Sobre a forte presença do ditirambo nas Grandes Dionisiacas, cf. Farmer (2017:196), que aponta ainda a presença do paradiitirambo nas comédias *Aves*, de Aristófanes; *Cinésias*, de Estrátis; *Quíron*, de Ferécates; e *Ditirambo*, de Anfís.

80 PCG (1984:85).

81 Idem.

como “o que fode com Cálias”. Lísias também o menciona na *Apologia de Sócrates* (fragm. 223 S.)⁸²

Tanto pai quanto filho não parecem ser, de todo modo, poetas de grande representatividade, nem mesmo estar em evidência entre os criticados por Aristófanes. Talvez a escolha de Meleto como personagem seja resultado de uma conjunção de dois fatores, o primeiro teria a ver com seu aspecto físico, o segundo, com seus atributos como poeta, ou a falta deles.

Quanto ao ditirâmico Cinésias, esse sim, é reconhecidamente um representante da nova poesia e possui presença marcante nas comédias de Aristófanes e de outros cômicos. É, por exemplo, personagem em *Aves* (1372-1409), onde tem seu estilo parodiado; dá nome a uma comédia de Estrátis e aparece também no fragm. 155 de Ferécrates, no qual a Música personificada queixa-se do modo com que é tratada pelos novos poetas.

De Saníriion, por fim, pouco se sabe, além de ter sido amplamente zombado por sua magreza⁸³. Os três títulos de comédias suas que nos chegaram, *Gelos*, *Danae* e *Io*, podem indicar que havia, de sua parte, certo engajamento com a tragédia⁸⁴. É notável, ainda, o uso da expressão “coros trágicos” (*tōn [chorōn] trygōidōn*), para se referir à sua poesia cômica. O termo *trygōidia* – usado não só no fragm. 156 de *Geritades*, mas também em outras comédias, sempre para se referir ao gênero cômico – parece, de alguma forma, aludir à interface da comédia em relação à tragédia. Segundo Taplin, que em seu artigo “Tragegy and Trugedy” (1983) faz um levantamento exaustivo da palavra, essa relação poderia ser justamente no sentido de conferir à comédia igual importância no aconselhamento da cidade⁸⁵.

Seguindo a linha de interpretação de Taplin – para quem, o uso de *trygōidia* e seus derivados, muito mais incomuns que *kōmōidia*, pode ter uma função específica – o uso do termo não é gratuito. Sua ocorrência, em *Geritades*, tem aparentemente o objetivo de ressaltar certa faceta do gênero cômico, que reside na sua competência de mostrar o que é justo aos cidadãos. Esse poderia ser um dos critérios – é uma hipótese minha – que teria levado Saníriion, o representante dos coros “trágicos”, a fazer parte da embaixada, isto é, sua comédia ser pouco elevada, fraca no que tange a essa competência.

82O escoliasta faz confusão entre o Meleto satirizado por Aristófanes em *Geritades* (cf. fragm. 156) e *Rãs*, e seu filho de mesmo nome, o poeta de *Edipodeia*, mencionado no referido fragmento de *Cegonhas*. Cf. PCG (1984: 85).

83 Cf. nota 77.

84 Farmer (2017: 200-2).

85 É em *Acarnenses* 496-501, que se mostra de forma mais evidente a ideia de que a comédia reclama seu lugar de conselheira da cidade e, não por acaso, utiliza-se nessa passagem o termo *trygōidian* no lugar de *kōmōidian*: “não me levem a mal, senhores expectadores,/se, mendigo, diante dos atenienses/ vou falar a verdade, fazendo *comédia*. A *comédia* também conhece o que é justo./ Eu falarei coisas terríveis, mas justas”. Cf. Aristófanes (1988:57, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva, itálico meu).

As características que congregam os visita-Hades não se limitam à sua figura. Pois eles representariam, assim penso, a nova geração de poetas que, ao invés de notáveis pelo vanguardismo, são apontados por Aristófanes como homens da decadência, não apenas artística, mas também dos costumes.

Alguns dos fragmentos nos dão indícios do modo com que se dá essa discussão na comédia – isto é, sugerem-nos quais imagens foram empregadas para dar forma à crítica literária – bem como de questões relacionadas ao enredo, como o propósito da viagem aos inferos. Este capítulo propõe-se a analisar esses fragmentos buscando atrelar tais indícios a informações oriundas de comédias sobreviventes – sobretudo *Rãs* – de fragmentos de outras comédias, e aos estudos sobre *Geritades* de comentadores modernos. Para isso, foram selecionados os frags. 158, 159, 161, 162, 163, 165, 178, 591, 595, além do já citado fragm. 156.

Nossa investigação inicia-se a partir da característica mais proeminente da delegação de poetas, sua já referida magreza, que pode estar relacionada a uma situação de privação de alimentos, como sugerem os frags. 163 e 159. O fragm. 163 menciona a ingestão da cera das tabuinhas, cuja motivação poderia ser, naturalmente, a fome⁸⁶: “comia/comiam a cera das tabuinhas”.

No fragm. 159, comparam-se homens a tainhas – peixe associado ao jejuador⁸⁷ – por serem, como se diz textualmente, *nēstides*, “esfomeados”: “Acaso há uma colônia de homens-tainha aí dentro⁸⁸?/ Que eles são esfomeados, reconheceis”.

Embora ainda no campo da conjectura, parece-nos natural a associação entre os visita-Hades nomeados no fragm.156 e as personagens famintas dos frags. 163 e 159 – assim também querem os editores Bergk e Kock⁸⁹. As tabuinhas do fragm. 163, imagina Bergk, seriam portadas pela própria delegação de poetas que se dirigia ao mundo subterrâneo.

Tal associação leva-nos à configuração da metáfora através da qual se dá a discussão sobre poesia. Pois, se de um lado temos poetas magros e possivelmente famintos, de outro, pode-se depreender, a partir de dos frags. 158 e 595, uma possível situação convival que não reproduz, no entanto, um banquete trivial, mas um metafórico festim poético. No fragm. 158, os versos do poeta trágico Estênelo⁹⁰ são descritos como intragáveis, imagem que alia a crítica literária à cena

86 Para Farmer (2017:200), os maus poetas não ganhavam o suficiente para o seu sustento, daí serem magros e famintos.

87 Hesíquio κ 2384. Cf. p. 16.

88 Bergk e Kock supõem que o contexto da passagem seja a chegada dos poetas ao mundo subterrâneo e que estejam, portanto, às portas do Hades. Kaibel, no entanto, acredita que ἔβδον se refira ao templo de Dioniso (cf. fragm.166), onde os poetas se reuniriam. Cf. PCG (1984:105).

89 PCG (1984:107). Em geral, partilha-se da mesma opinião, cf. Young (1933:25) e Farmer (2017:204).

90 O poeta trágico fora confundido com um ator trágico, gerando duas lições desse fragmento oriundo do escólio de *Véspas* (v.1312): “Estênelo era um trágico (*var.*: Estênelo era um ator trágico) que, por causa da pobreza, devolveu seu equipamento trágico por ser malsucedido em sua arte. Em *Geritades* (citação do fragmento)”. Entende-se que a referência seja ao mesmo poeta trágico mencionado por Aristóteles em sua *Poética*, como se verá adiante. Cf. PCG (1984:104). No entanto, Gil (1989:71) entende que se trate de um ator trágico.

convival: “A. E como poderei comer os versos de Estênelo?/ B. Mergulhando-os no vinagre ou no sal seco”.

Estênelo é também criticado por Aristóteles, em sua *Poética* (XXII 1458a), por sua inadequada elocução baixa que se utiliza de vocábulos correntes e não de “palavras incomuns”, isto é, termos “estrangeiros, metafóricos, alongados e todos salvo aqueles de uso corrente em geral”⁹¹. Não há elementos objetivos que nos permitam afirmar que a crítica subjacente ao fragm. 158 tenha as mesmas razões explicitadas por Aristóteles em sua *Poética*. No entanto, não é de todo descabido estabelecer uma analogia entre os versos insossos apontados pelo cômico e a ausência das tais “palavras incomuns” de Aristóteles, que parecem ser, de fato, como que o “tempero” da elocução e, ao menos em parte, responsáveis por seu caráter elevado.

Em seu livro *The Comedian as Critic: Greek Old Comedy and Poetics* (2012), Matthew Wright dedica um capítulo ao estudo da linguagem metafórica na crítica literária exercida pelos poetas cômicos. Segundo Wright, as metáforas culinárias parecem ter sido usadas pelos comediógrafos mais vigorosamente do que imagens pertencentes a outras áreas semânticas⁹². Com o fragm. 158, adentramos essa seara. O comentador, de posse de numerosos exemplos de crítica literária pelo viés dessa alegoria, faz-nos um resumo genérico, mas útil no sentido de estabelecer algumas correspondências amplamente utilizadas.

Autores tão diversos quanto Platão, Cícero, Sêneca, Horácio, Plauto e Quintiliano retratam a si mesmos como cozinheiros; as palavras são descritas como um “jantar”; a linguagem ornamental é descrita em termos de “tempero”; o estilo literário é descrito como “gosto” no sentido literal; a leitura é comparada ao “consumo” ou “digestão”... e assim por diante⁹³.

Assim, o *tempero* (*seasoning*) é comumente associado à linguagem ornamental, o que corrobora a interpretação de que a crítica feita a Estênelo no fragm. 158 refere-se, como em Aristóteles, à falta de ornamentos.

A falta de “sal” (*hals*) seria ainda motivo de desagrado dos versos de outro poeta trágico, Eurípides. No fragm. 595 – de atribuição incerta segundo a edição PCG, mas com grande probabilidade de pertencer a *Geritades*⁹⁴ – novamente se faz uso da metáfora do banquete poético.

91 Tradução minha.

92 Wright (2012:129).

93 Tradução minha do inglês: “Authors as diverse as Plato, Cicero, Seneca, Horace, Plautus and Quintilian depict themselves as cooks; words are described as a ‘feast’; ornamental language is described in terms of ‘seasoning’; literary style is described as ‘taste’ in a literal sense; reading is compared to ‘consumption’ or ‘digestion’ ... and so on”. Wright (2012:129).

94 Körte e Kuiper atribuem o fragmento a *Geritades* (cf. PCG 317) bem como o autor do *Supplementum Comicum* (1912), Demiaicuk (*apud* Young, 1933:26), e o próprio Young. Henderson considera essa possibilidade (cf.

[...] então [...]
[...] e tomando Sófo[cles]
d[e É]squilo [...] quanto [...] é, todo
Eurípides, jogar sal neles,
lembrando: salgar, não charlar

Apesar de a leitura do fragmento ser prejudicada pelas lacunas textuais, entende-se que a crítica seja dirigida a Eurípides, com a confirmação de Sátiro (*A vida de Eurípides*, fragm.39, Col. XVI), fonte do fragmento: “Diodora – (Estas chacotas) parecem ser de um homem [dentre o]s seus [com]petidores, conforme você disse. Toda[v]ia, o poeta cômico mor[de]u Eurí[pi]des maliciosamente também aí”⁹⁵.

O termo *halas*, “sal” (v. 4 e 5) – aqui traduzido por “salgar” na tentativa de preservar a assonância com *lalas*, “verbosidade”, que traduzimos por “charlar” – reaparece nesse fragmento como ingrediente necessário à poesia do trágico. Aristófanes brinca com os dois termos semelhantes, *halas* e *lalas*, dizendo ser conveniente à poesia o primeiro mas não o segundo.

Bem conhecida é crítica do cômico à verbosidade euripidiana⁹⁶, que toma, no fragm. 595, a forma metafórica de um ingrediente indesejado, *lalas*. Já a metáfora da *falta de sal* poderia ser novamente – isto é, assim como no caso de Estênelo – entendida como o defeito da elocução baixa, também aludida recorrentemente em Aristófanes⁹⁷. Em *Rãs* 1057-9, por exemplo, o Eurípides aristofânico critica Ésquilo por sua linguagem demasiadamente pomposa, o que, por oposição, reforça a ideia de que o próprio Eurípides faça uso de uma linguagem chã: “então, se tu nos falas das alturas de Licabetos / e Parnasos, é isso ensinar o bem, / que devias explicar com linguagem de humanos”⁹⁸.

Em Aristófanes, a caracterização depreciativa da poesia de Ésquilo como tonitruante é expressada através de personagens partidários do *novo estilo trágico*, como o próprio Eurípides, ou o Fidípides de *Nuvens*⁹⁹. A nova música, como se sabe, está associada à nova política e à nova educação, e, para seus críticos, como Aristófanes, ela promove valores moralmente corrompidos¹⁰⁰. O breve fragm. 178, por exemplo, remete-nos a uma característica tipicamente vinculada à nova música: o estilo aulético de Agatão. Os comentários do escoliasta ao termo citado de Aristófanes,

Aristófanes (2007). Wright (2012: 134) também trabalha com dela.

95 Tradução de Gabriela Guimarães Gazzinelli. Cf. Gazzinelli (2014: 166)

96 Sobre a tagarelice de Eurípides, cf. *Rãs* 89-91, 917, 954, 1069; e *Nuvens* 930-1, 1052-4.

97 Para Wright (2012:134), no entanto, o sal, como outros temperos picantes, seria uma metáfora para sagacidade.

98 Quando fala sobre a clareza da dicção (*lexis*), na *Retórica*, Aristóteles diz ser adequada à poesia uma *linguagem estranha* (*xenēn tēn dialektōn*), isto é, apartada do ordinário, o que se contrapõe à linguagem adequada aos discursos em prosa (1404 b 37ss.), que além de clara, deve parecer natural. Ao final, no entanto, faz uma avaliação positiva da elocução euripidiana – embora lhe atribua uma virtude da prosa – ao dizer que sua seleção de palavras baseia-se na linguagem corrente, o que dissimula o artifício da composição e confere-lhe naturalidade. Cf. *Retórica* 1404 b 24-5.

“agatoniano”, revelam-nos sua associação com o que era entendido como decadência moral: “Agatoniano: um certo jeito efeminado de tocar o aulo, segundo Aristófanes em *Geritades*. Pois Agatão, o poeta trágico, era ridicularizado por sua efeminação”.

O embate entre o *velho nobre* e o *novo corrompido* – no que concerne à poesia trágica e à nova educação vinculada aos sofistas – é recorrente não só nas comédias preservadas de Aristófanes, mas também entre seus adversários no festival dramático¹⁰¹, de modo que não me parece exagero considerá-lo um lugar comum da comédia do séc. V. É improvável que em *Geritades* – uma comédia cuja tema é a poesia e cujo enredo promove o encontro entre poetas vivos e (poetas?) mortos – esse conflito de valores tenha sido negligenciado.

De volta ao fragm. 595, a menção aos três grandes tragediógrafos e a alusão crítica ao estilo de Eurípides, sugere-nos não apenas que essa passagem esteja inserida num contexto de discussão sobre a elocução poética, mas que ela possa ter sido veiculada através do embate entre personagens afeitas ao novo e ao velho estilo. Eurípides é, evidentemente, uma personalidade emblemática dessa nova geração, e seu maior contraponto é Ésquilo. Se ambos são personagens de *Geritades* ou não, é mera especulação, mas os fragmentos indicam que seus nomes estavam presentes, ao menos, nas falas de outras personagens.

O fragm. 162 sugere-nos que outro elemento associado à nova poesia trágica poderia ter sido explorado por Aristófanes, as monodias, mencionadas, novamente, no contexto do banquete, metafórico: “trata dele e empanturra-o com monodias”.

A monodia, que consiste no canto executado por um ator em vez do tradicional canto coral típico de Ésquilo e Sófocles, ganha espaço nas tragédias mais recentes de Eurípides¹⁰² e está associada ao estilo musical dos novos trágicos, com ritmos e técnicas inovadoras, e sem estruturação estrófica¹⁰³. Em *Rãs* (939ss.), mais uma vez, a monodia aparece como iguaria: Eurípides, enquanto personagem cômica, sugere uma dieta à poesia “inchada” (*oidousan*), de Ésquilo, pela alimentação à base de “suco de tagarelice” (*chylon... stōmylmatōn*) e “volteios” (*peripatois*), por fim, o poeta propõe “nutrir-lhe” (*anetrephon*) com monodias.

Se em *Rãs* a metáfora é construída com base na implícita personificação da tragédia, que deve ser alimentada da maneira adequada, em *Geritades*, são aparentemente os poetas famintos que

99 *Nuvenus* 1367-71. Posteriormente, Quintiliano 10.1.66 e *Vita Aeschyl* 19-20 reproduzirão essa mesma crítica a Ésquilo, influenciados, talvez, por Aristófanes.

100 Wright (2012:85).

101 Êupolis fragm. 148, 326.

102 Storey e Allan (2005:150) notam que da incidência discreta nas tragédias encenadas por volta da década de 430, a monodia passou a compor mais da metade dos cantos corais em 408.

103 A inclinação de Eurípides pelo canto monódico não deixou de ser lembrada em *Rãs* 849, e mais adiante, Ésquilo, enquanto personagem cômica, compõe versos paratrágicos aos moldes das monodias euripidianas para criticá-lo (v. 1331-63).

se alimentam de ingredientes poéticos. E, em ambos os casos, a monodia insere-se como prato a ser apreciado, ou não, conforme os critérios estéticos de quem estiver à mesa. Ela certamente faria parte da dieta de Eurípides e, possivelmente, de outros poetas de sua geração, como Meleto – o trágico dentre os visita-Hades e poeta associado à Eurípides em *Rãs* (1302)¹⁰⁴. Young¹⁰⁵, por exemplo, entende que a recomendação de nutrir-se com monodias seja dirigida aos poetas famintos e sugere ainda que ela possa partir de Eurípides.

Se de um lado identificamos a crítica aos novos poetas, de outro, Ésquilo é mencionado, no fragm. 161, como objeto de louvores: “nos banquetes elogiando Ésquilo”.

Ésquilo falecera quase meio século antes da apresentação de *Geritades*. A menção ao seu nome associado a um contexto simpótico poderia ser uma fagulha de uma discussão que, segundo entendo, tem grande chance de ser a questão central dessa comédia: a oposição entre a nova poesia, na visão do comediógrafo, agonizante e a velha poesia ainda vivaz. A destacada morbidez dos poetas vivos (fragm. 156) possui, evidentemente, um caráter metafórico, que conota, a meu ver, a falta de vigor da poesia dessa geração. É possível que o fragm. 161 aluda a essa questão pelo seu revés, ou seja, a vivacidade de poetas já mortos. O banquete, enquanto ocasião de recitações em âmbito mais restrito que o dos festivais, enseja a eleição de poetas a serem celebrados pelos convivas, de modo que tanto o louvor quanto a recitação dos versos de um poeta que já não vive aponta sua permanência nas práticas performáticas – ao menos nas simposiais – que concernem à poesia, ou, para usar uma imagem mais conveniente, indicam que sua poesia continua viva¹⁰⁶.

A imortalidade da poesia de Ésquilo é aludida também em *Rãs* (865-70), numa passagem que antecede a disputa que se dá no Hades entre Ésquilo e Eurípides.:

Ésquilo
Não queria disputar aqui.
Pois a competição não é igual para nós dois.

Dioniso
Mas, por quê?

Ésquilo
Porque minha poesia não morreu,

104 Farmer (2017:201) nota, no entanto, que tanto o pai quanto filho, de mesmo nome, ambos tragediógrafos, já foram alvo de zombarias da parte de Aristófanes. Não se sabe ao certo qual dos dois foi tomado aqui como personagem.

105 Young (1933:25).

106 Sobre o papel das performances nos banquetes para a preservação da tradição poética, cf. Luki Novich (1999:264). Num artigo de 2006 intitulado “Aeschylus' Afterlife Reperformance by Decree in 5th C. Athens?” Biles discute a possibilidade de que houvesse um decreto favorecendo a reencenação das tragédias de Ésquilo nos festivais dramáticos atenienses. Embora sua posição seja a de que a existência de tal decreto fosse improvável, Biles faz uma coleção de textos – trechos oriundos da comédia antiga e seus escólios – em favor do argumento de que a grande reputação póstuma de Ésquilo ajudou a promover a ideia do suposto decreto.

mas a dele, sim, de modo que ele poderá recitá-la.
Contudo, visto que te parece bem, é preciso fazê-lo¹⁰⁷.

A objeção de Ésquilo, nessa passagem, não terá nenhuma consequência para o enredo, já que o embate ocorrerá da mesma forma. O objetivo de seu comentário parece ser, então, o de inserir, de maneira jocosa, a questão da imortalidade da poesia, e sugerir que a tragédia de Eurípides, ao contrário da sua, está fadada ao esquecimento, ou à morte.

Outros paralelos entre *Rãs* e *Geritades* nos permitem novas interpretações para os fragmentos. Em seu artigo de 1933, intitulado “The Frogs of Aristophanes as a type of play”, Young entende que a trama de *Rãs*, *Geritades* e *Demoi* – esta última, comédia de Êupolis – sejam variações de um enredo paradigmático¹⁰⁸, no qual a viagem ao submundo tem a finalidade de resgatar uma personalidade já falecida para auxiliar o mundo dos vivos. Mais recentemente, Wright¹⁰⁹ (2012) vai na mesma direção ao demonstrar, de modo consistente, que, apesar de os poetas cômicos reclamarem – ironicamente ou não – o mérito da novidade para seus enredos, o que de fato acontece é o reaproveitamento de velhos e conhecidos paradigmas, os *topoi* do drama cômico.

Em *Rãs*, a questão da inventividade é problematizada já na primeira cena, em que Xântias critica – ao mesmo tempo em que faz – as velhas piadas. Wright vê a questão ressurgir, de modo não tão patente, nos versos 59-67, em que Dioniso lança um enigma a Héracles, ao comparar sua saudade de Eurípides ao desejo de sopa de ervilhas (*etnos*). A reação de Héracles à pergunta “já desejaste, repentinamente, sopa de ervilhas?”, demonstra que se trata de uma comida trivial: “Sopa de ervilhas?! Ah! Mil vezes na vida!” O ponto de intersecção da comparação de Eurípides a esse prato especificamente não é apenas que ambos sejam objeto de um imenso desejo, trata-se, antes, do desejo de algo corriqueiro, ou, mais do que isso, algo já gasto pelo uso. Dioniso refere-se – assim quer Wright – às velhas piadas sobre Eurípides, verdadeiro objeto de seu desejo e solução do enigma¹¹⁰.

O enigma da sopa de ervilhas interessa-nos duplamente. Primeiro, e num âmbito mais geral, porque reafirma o apreço do poeta pelo *abuso* de certos expedientes cômicos, como a crítica jocosa em relação a Eurípides. De certa forma, a insistência na repetição, ou, na reformulação das mesmas piadas, endossa a ideia de que *Rãs* seja uma chave importante para o estudo de *Geritades*, e vice-

107Tradução minha.

108 Wright (2012:95) defende algo semelhante, propondo que *Rãs* tenha sido baseada em *Geritades*, *Demoi*, de Êupolis, e *Krapataloi*, de Ferécrates.

109 No capítulo sobre inovação de seu livro *The Comedian as Critic: Greek Old Comedy and Poetics*. cf. Wright (2012: 8).

110 Wright (2012: 92-4).

versa. Ainda para Wright¹¹¹, *Rãs* não retoma comédias precedentes apenas na ampla escala do enredo mas também nos pormenores, revisitando cenas, metáforas e piadas.

Em segundo lugar, a noção de *abuso* associada à sopa de ervilhas remete-nos novamente ao uso da alegoria do banquete para a crítica literária. Embora, nessa passagem de *Rãs*, o prato tenha ganhado uma conotação específica – trazer Eurípides novamente como alvo de zombaria – a comida trivial parece ser, mais amplamente, utilizada como metáfora para recursos cômicos banalizados em geral. Vale notar – mesmo não sendo o caso de nos aprofundarmos na questão – que, em relação aos cômicos, o conceito de banalização deve ser ao menos problematizado, já que ele é um dos elementos da complexa dialética entre inovação e praxe que caracteriza a comédia do séc. V. *Grosso modo*, tudo aquilo que se apresenta como recurso cômico já gasto pelo uso dos poetas – na parábase de *Nuvens*, Aristófanes faz lista alguns desses recursos¹¹² – é apresentado como alimentos mais populares e substanciosos, e, em contrapartida, os pratos mais elaborados e finos, os petiscos, as pequenas quantidades, correspondem às inovações poéticas que muitos comediógrafos reclamam para si. Um argumento retórico para cair nas graças de um público que valoriza a novidade¹¹³.

A sopa de ervilhas (*etnos*) é também mencionada no fragm. 26 K-A de Cálías, através da típica construção assindética em que se arrolam comidas diversas nos textos cômicos. A fonte do fragmento é novamente Ateneu e a ele interessa, nessa passagem, a variação do termo *rhaphanis*, *rabanete*, listado ao lado da sopa de ervilhas bem como de outros alimentos populares¹¹⁴, e caracterizado pelo próprio Ateneu como alimento extremamente barato (*euteles*)¹¹⁵. Com essa listagem, ainda segundo Ateneu, o poeta remete à antiguidade da comédia (*tēs archaiotētos tēs kōmōidias*), usando formas lexicais antigas:

Cálías chama *rhaphanos* o *rhaphanis* (rabanete) ao discorrer sobre a comédia antiga: “sopa de ervilha, fogo†, nabos, rabanetes, frutos maduros, bolos”

Aristófanes, no fragm. 347 de *Tesmoforiantes II*, usa a expressão “comida farta” (*mega brōma*) para se referir ao estilo de Crates, pretendendo que a comédia desse poeta seja menos sofisticada que a sua alta cozinha¹¹⁶.

111 Wright (2012:96).

112Vv. 537-43: “Primeiro,/ ela [sua comédia *Nuvens*] não veio com um pedaço de couro pendurado,/ vermelho na ponta, grosso, para que os meninos rissem,/ nem gozou dos carecas, nem dançou o córdax,/ nem o velho, o que recita versos, surrou/ com o bastão o seu parceiro para disfarçar piadas grosseiras,/ nem se lançou ao palco segurando tochas, nem gritou “ui, ui!” Cf. Duarte (2000:265, tradução de Adriane da Silva Duarte).

113 Wright (2012: 71).

114 Wright (2012:94).

115 Ateneu, *epítome* 2.57 A.

116 Wright (2012:131).

Sim, a poesia cômica¹¹⁷ é comida farta,
quando Crates considerou “marfíneo” e “brilhante”
seu peixe em conserva, “requerido sem esforço”,
e gracejou inúmeras outras coisas do tipo

Em *Geritades*, é digna de nota a menção a um prato tido como vulgar, a *sopa de lentilhas* (*phakē*), mencionada no fragm. 165, ao lado da sopa de cevada (*ptisanē*): “estás ensinando-o a cozinhar sopa de cevada ou de lentilha”?

Ainda que nada se saiba sobre o contexto desse fragmento na comédia, é sabido que a sopa de lentilhas carrega, por si só, uma conotação emblemática na Atenas no séc. V e IV, a de um prato simples e barato¹¹⁸. Ela aparece em outras comédias de Aristófanes de modo não muito significativo, é verdade, figurando apenas entre as menções a qualquer comida trivial¹¹⁹. No entanto, Ateneu, no livro IV do seu banquete, faz um extenso apanhado das citações que a mencionam, a maioria oriunda de comédias. Em muitas dessas passagens, aproveita-se dessa conotação de vulgaridade para se extrair disso um efeito cômico. O interesse de Ateneu pela *phakē* justifica-se pela presença dos cínicos entre seus convivas, para quem o prato tornou-se como que um símbolo de sobriedade à mesa¹²⁰.

Assim, ainda que não haja precedente de um uso metafórico da sopa de lentilhas por Aristófanes nas comédias que nos chegaram, vimos que há um precedente similar, o da sopa de ervilhas – se assumirmos a interpretação metafórica de Wright, como proponho. É tentador supor que o fragm. 165 esteja inserido no contexto alegórico de *Geritades*, embora não haja indicação explícita disso no fragmento, como ocorre, por exemplo, no fragm. 162 e fragm. 595. Contudo, se considerarmos a possibilidade de que, assim como no caso da comida nesses outros fragmentos, a sopa de lentilha tenha aqui um sentido metafórico, ainda que seja como mero exercício especulativo, é plausível entender seu significado como algo no sentido de *um fazer poético desprovido de requinte*, por assim dizer. Precisar a que corresponderia tal requinte nessa passagem seria demasiado, não só devido ao escasso material que temos sobre nossa comédia e à concisão

117No grego, o termo usado para “poesia cômica” é provavelmente uma criação de Aristófanes: *trygōidopoïoumousikē* (τρυγῳδοποιουμουσική), uma composição a partir de *trygōidia*, “comédia” (cf. p. 26); do verbo *poieō*, “fazer”, “compor poesia”; e *mousikē*, “música”, “poesia”.

118 Wilkins (1954:13).

119 Cf. *Cavaleiros* 1007; *Vespas* 811 e 814; *Pluto* 192 e 1004.

120 A partir do séc. IV, a sopa de lentilhas passou a ser associada aos cínicos. Acerca de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, há tanto a anedota que conta ter sido obrigado, pelo filósofo Crates, a carregar uma panela da sopa, a qual se quebrou e fez com que as lentilhas escorressem-lhe pelas pernas; quanto a sua famosa preceituação sobre o preparo do prato. No entanto, antes dele, seu mestre, Crates, fizera um *Elogio à Lentilha*, e, posteriormente, Parmênisco escreve seu *Banquete dos Cínicos*, de viés cômico, no qual o único prato que se serve aos comensais é lentilha e mais lentilha, além do diálogo, comicamente erudito, no qual se recitam versos de tragédias substituindo um termo ou outro por *phakē* ou

desse fragmento, mas também porque a sofisticação poética não é um conceito estanque entre os cômicos, e nem mesmo para Aristófanes.

Já a sopa de cevada, também mencionada no fragmento, parece ter tido grande popularidade como alimento terapêutico e posição de destaque na obra de Hipócrates¹²¹, além de ser também um alimento cotidiano à época de Aristófanes¹²². Por isso, Hipócrates parece ter visto na sopa de cevada, a *ptisanē*, a vantagem de ser, a um só tempo, alimento e remédio de fácil acesso¹²³. Ao contrário da *phakē*, não há outras ocorrências de *ptisanē* na obra de Aristófanes. É possível que, nessa passagem, ela seja mencionada especificamente como prescrição aos poetas enfermos, para sua recuperação.

Há ainda outro dado a ser levado em conta na análise do fragm. 165: pela sua semelhança com o fragm. 173 de Antífanos, é possível que “ensinar a cozinhar a sopa de lentilha” seja uma expressão comum, quase proverbial¹²⁴: “Foi bom quando um dos nativos / ensinou-me a cozinhar a sopa de lentilhas (*phakē hepsein m’ edidaske*).”

Aristófanes pode ter se apropriado dessa expressão para extrair dela um efeito cômico, ao propor uma mudança em um dito corrente: ensinar a *ptisanē*¹²⁵ ou a *phakē*? No caso dos poetas embaixadores, talvez a sopa de cevada, medicinal e fortificante, seja mais adequada¹²⁶.

Quanto ao enredo, a principal questão que se coloca é em relação ao objetivo da viagem catabática: o que buscavam esses poetas no Hades? Algum outro poeta já morto, como em *Rãs*, que lhes restaurasse a vitalidade poética? Ou estariam em busca da misteriosa personagem que dá nome

derivados, conforme a similaridade. Na escola de pensamento cínica, valoriza-se a dieta natural e barata, de certa forma independente do mercado e do trabalho de outrem. Cf. Desmond (2008: 84).

121 Schiefsky (2005:53,173). A *ptisanē* é o tema central do livro I de *Do regime nas Doenças Agudas*, de Hipócrates, que o define como a decocção da cevada descascada. Posteriormente, foi ainda tema de um pequeno tratado de Galeno (séc. I-II d.C.), inserido em sua obra *Dos Alimentos e Da Dieta*, possivelmente apócrifo. Cf. Pietrobelli (2010: 115).

122 Pietrobelli (2010: 122).

123 Pietrobelli (2010:124).

124 Cf. comentário de Wachsmuth Sillogr., no aparato da PCG (1984:107). Vale lembrar ainda que saber preparar de modo adequado a sopa de lentilhas tornou-se um dogma estoico: somente os sábios saberiam fazê-lo, como o próprio Zenão. Cf. Desmond (2008: 252). Ateneu (4.158 b) alude a essa máxima ao mencionar que, para os estóicos, o homem sábio sabe temperar apropriadamente a lentilha (*ho sophos kai phakēn phroniōs artysei*). É também em Ateneu (4.160 bc) que encontramos uma série de variações da expressão – esta sem dúvida proverbial – “colocar perfume na sopa de lentilha”. O sentido do provérbio é obscuro mesmo para os paroemiógrafos antigos. Em seu breve artigo *Perfume on Lentils* (1963), Lionel Pearson investiga as ocorrências do ditado e conclui que “perfumar a sopa” é o equivalente a ter uma atitude incongruente. Segundo Pearson, quando, por exemplo, Estrátis diz, em *Fenícias* (fragm. 47 K-A) “quero vos aconselhar, a ambos, algo sábio: quando cozinhardes sopa de lentilha, não ponhais nela perfume”, o significado desse pedido é “não façais algo sem sentido”. Cf. Ateneu 4.160 b.

125 Note-se que o termo grego deu origem ao vernáculo “tisana”, que consiste na cevada cozida para fins medicinais.

126 Há, no entanto, notícia de que a própria sopa de lentilha tenha sido conhecida também como alimento indicado aos indivíduos debilitados por doença. Segundo o poeta cômico Sófilo (séc. IV), citado por Ateneu (4.157-8 A), é na qualidade de alimento revigorante que a *phakēn* já esteve em palco trágico (fragm. 10 K-A): “a sopa de lentilha é, pois, trágica; quanto a isso, também diziam que Agatarco pintou, certa vez, Orestes tomando sopa de lentilha quando sua doença lhe dava trégua”. Élio Aristides (séc. I d.C.), na Oração 23.289, menciona o uso de ambos, lentilha e cevada, na recuperação de seu pai adotivo Zósimo, que padecia de uma enfermidade; prescrição que viera do próprio deus Asclépio. Para os cínicos, novamente, a sopa de lentilha era como que uma fonte de poder e força. Cf. Desmond (2008: 84).

à comédia, Geritades? Ou ainda da própria Poesia? A maior parte dos comentadores entende que o objetivo seja algum tipo de resgate¹²⁷. Wright¹²⁸, por exemplo, crê que o intuito era ressuscitar poetas já mortos, quase uma “réplica exata”, em suas próprias palavras, do enredo de *Rãs*.

Seguindo essa mesma linha, Körte vai além ao propor que a delegação de poetas esteja em busca precisamente da Poesia personificada. Sua hipótese é baseada no fragm. 591, que o editor considera oriundo da nossa comédia. Papiráceo, o fragmento é extenso e apresenta numerosas lacunas. Há nele referência a certa deusa (col. II, v.84-6), que Körte entende ser a personificação da *Archaia Poiesis*¹²⁹: “Então vamos, /a deusa que eu trouxe para cima levarei / à ágora e a ela dedicarei um boi”.

A proposta de Körte, acerca da identidade da deusa mencionada no fragmento, coaduna com a ideia de que a crítica de Aristófanes dirige-se à nova poesia, representada por poetas que definham, assim como sua arte. A caracterização da nova poesia como fraca, débil, encontra paralelo, novamente, em *Rãs* (1365ss.), quando o poeta usa a imagem da balança para pesar os versos de Ésquilo e Eurípides. Os versos de maior peso (*baros* 1367) são, naturalmente, os mais excelentes, e correspondem aos de Ésquilo (1384ss.)

Parece-me, contudo, que a missão dos visita-Hades é, antes de mais nada, a recuperação de sua própria saúde, num sentido amplo. A alegoria do banquete de versos não é periférica: o festim poético, que serve para nutrir essa poesia moribunda, seria, segundo penso, em si o objetivo dessa delegação; o que não exclui necessariamente a possibilidade aventada por Körte, de que a deusa Poesia fosse restituída, ao final, à cidade.

A relevância da temática culinária nas comédias fragmentadas é questionada por Olson em seu artigo “Athenaeus’ Aristophanes, and the Problem of Reconstructing Lost Comedies” (2012). O autor demonstra que as citações feitas por Ateneu – nossa maior fonte de fragmentos cômicos – servem aos interesses do autor em sua obra *O Banquete dos Sábios*, dominada pela temática deipnológica. Para Olson, a tentativa de se reconstruir cenas ou enredos a partir dos fragmentos pode ser desastrosa quando não se considera o que está por trás da seleção de citações feita pela fonte. Esse argumento, com o qual concordo de maneira geral, foi inclusive apresentado no primeiro capítulo desta tese, sobre a relação das fontes¹³⁰ com o conteúdo das citações.

127 Farmer (2017:199) acrescenta às hipóteses que aventam algum tipo de resgate – da própria poesia, por exemplo, personificada ou não – a possibilidade de que delegação de poetas rumo ao Hades tenha um objetivo farsesco, como a busca por uma refeição, como propõe Norwood (*apud* Farmer, 2017:199). Penso, no entanto, que algo nesse sentido seja improvável, apoiando-me na ausência de casos semelhantes nas comédias que nos chegaram.

128 Wright (2012:95).

129 Gil (1989:71).

130Cf. p.14.

No caso específico de *Geritades*, cabe analisar as fontes detidamente. Ateneu preservou 10 fragmentos de *Geritades*, é sua segunda maior fonte – a primeira é Pólux, que preservou 11 fragmentos. No entanto, nem todas as citações da comédia que trazem a temática culinária e adjacentes são suas. O fragm. 158, sobre os versos insossos de Estênelo, por exemplo, é oriundo de um escólio de *Vespas*, e o fragm.163, sobre a ingestão das tabuinhas, do léxico de Pólux. O fragm. 156, seguramente o mais importante pelas informações que nos revela sobre o enredo, foi citado por Ateneu, e não é, contudo, dominado pelo tópico culinário. Por outro lado, talvez seja significativo o fato de que *Geritades* está entre as comédias não preservadas de Aristófanes mais citadas no banquete de Ateneu. Antes dela, *Convivas*, cuja temática simposial é evidente, tem 13 fragmentos preservados, assim como *Fritadores*, com oito fragmentos. As outras comédias têm, em média, de uma a três citações¹³¹ do autor, o que pode ser indício de que o assunto fosse mais profícuo nessas comédias que em outras, daí serem fonte mais abundante de um tipo de material que lhe interessava.

De todo modo, a hipótese de que a matéria gastronômica é central em *Geritades*¹³² apoia-se tanto no estudo de uma perspectiva interna, ou seja, na conjunção das informações que se obtém a partir dos fragmentos da própria comédia, quanto nas análises comparativas, levando-se em conta comédias sobreviventes e potencialmente semelhantes. O estudo comparativo tem por base a ideia de que os poetas cômicos trabalhavam sobretudo a partir de paradigmas preconcebidos, e revisitavam constantemente suas produções e as alheias com vistas à sua reformulação.

Com isso, uma primeira conclusão desse capítulo, e de âmbito mais geral, é que a identificação desses paradigmas seja parte essencial do processo de qualquer tentativa de reconstrução de cenas e enredos a partir dos fragmentos cômicos. Em segundo lugar, quanto ao caso específico de *Geritades*, a conjunção das duas metáforas, a do banquete poético e a dos poetas moribundos – que se servem dele – são, na minha opinião, a base do enredo. De modo que me parece produtivo associar os fragmentos a esse contexto ao se adentrar o terreno das interpretações e especulações. A partir daí, é preciso alguma sensibilidade para selecionar os fragmentos que apresentam, seja explicitamente, seja por meio de alusões ou metáforas, relação com questões caras ao gênero cômico, ou a Aristófanes em particular. Na nossa comédia, entendo que o que se põe em cena é essencialmente o resgate de valores artísticos e morais, que se expressa em questões menores, as quais podemos entrever, com algum esforço, nos fragmentos: a discussão sobre elocução poética; sobre a longevidade da poesia; sobre elementos formais inovadores, como a monodia; sobre estilos musicais e suas implicações morais, como o de Agatão; e, por fim, sobre a antiga poesia como remédio para a poética esquálida das novas gerações.

131 À exceção de *Dédalo*, com seis, e *Danaides*, com cinco.

132 Farmer (2017, n. 27), partilha da mesma opinião.

Capítulo III

Convivas: a educação do sensato e do pervertido

Convivas – em grego, *Daitalēs* – é a primeira comédia de Aristófanes, produzida não em seu nome, mas por Calístrato, em 427. É também a que apresenta o maior número de fragmentos dentre suas comédias não-preservadas: são 52 excertos, dos quais a maior fonte é Ateneu, que em sua obra *O Banquete dos Sábios* a cita em 13 passagens.

A comédia é conhecida por ser uma espécie de precursora de *Nuvens*. O seu tema, o embate entre a nova educação e a educação tradicional, é ponto pacífico entre os estudiosos.

A despeito da proeminência numérica de Ateneu entre as fontes dos fragmentos cômicos em geral, e também em *Convivas* em particular, os dois fragmentos mais extensos e importantes da nossa comédia são oriundos de citações de Galeno, médico do séc. I d.C. que escrevia sob a influência da doutrina aticista e das discussões acerca do purismo linguístico, em voga entre os eruditos à época. O comentário que antecede uma de suas citações de *Convivas* contém informações sobre o enredo e o tema da comédia:

Fragm. 205 **Galeno** *Comentário a Hipócrates* 19.66 K. que cada um dos que aprendiam sobre discursos valorizava a criação de novas expressões é suficientemente demonstrado tanto por Antifonte (...) quanto pelo próprio Aristófanes, no mesmo drama, com os seguintes versos (citação do v.1). Em seguida, diz o velho zombando (citação do v. 2). E, novamente, o filho indisciplinado disse (citação do v. 3)¹³³

(A.) És um pé na cova, perfume e coroa <dos mortos>.

(B.) Veja, “pé na cova!” Isso vem de Lisítrato.

(A.) Certamente serás derrubado dentro de algum tempo.

(B.) Esse “derrubado” vem dos oradores.

(A.) Um dia essas palavras põem-te a correr.

5

(B.) E isso vem de Alcibiades, “põem-te a correr”.

(A.) Por que menosprezas e designas chulamente

homens que se dedicam ao que é belo e bom? (B.) Ai, ai, Trasímaco, quem dentre os advogados diz embustes?

133O enunciado do Galeno continua intercalando citação do verso e comentário até o fim do fragmento. Para o enunciado completo, cf. a tradução do fragmento na seção de tradução.

A passagem citada revela duas personagens em conflito, o velho pai (*presbutēs*) e o filho indisciplinado (*huieos akolastou*). O filho, “A”, dirige-se ao pai de forma ameaçadora e ofensiva, tratando-o com termos injuriosos que associam sua velhice à morbidez, como *sorrellē* (“pé na cova”, relativo a *soros*, “urna funerária”), além de *myron* (“perfume”) e *tainiai* (“coroa” ou “faixa para cabeça”), mencionados como elementos que acompanham os mortos nos ritos fúnebres¹³⁴. O pai não reage às ameaças, mas identifica as influências por trás das palavras do filho: além dos oradores (*tōn rētorōn* v.4), Lisístrato (v.2) – um *kōmōidoumenos* recorrente em Aristófanes, sempre representado como um debochado¹³⁵ – e Alcibiades (v.6).

Nos versos finais do fragmento (v.8-9), o velho dirige-se a um certo Trasímaco, o que pode ser entendido de três formas: na primeira, Trasímaco seria o nome do filho; na segunda, o pai estaria apelidando o filho a fim de associá-lo ao famoso sofista de mesmo nome¹³⁶; na terceira, por fim, o velho estaria se dirigindo a um Trasímaco remoto, que não estaria presente em cena.

Em um artigo dedicado a essa questão especificamente, Storey (1988)¹³⁷ descarta a possibilidade de um endereçamento remoto a alguém que não fosse personagem da comédia, alegando a ausência de casos paralelos. Argumenta, portanto, a favor da tese de que Trasímaco seria uma personagem de *Convivas*, o “filho indisciplinado”, já que o nome é significativo: *thrasys* pode ser “destemido, corajoso”, mas também “arrogante, atrevido”, e *-machos*, relativo ao verbo *machomai*, “combater”.

Storey também sugere que o renomado sofista Trasímaco – personagem de Platão, na *República* – ainda não fosse conhecido em Atenas no começo da década de 420¹³⁸ – período em que *Convivas* foi produzido – e, desse modo, a personagem cômica não remeteria a ele.

Inclino-me a concordar com Storey que, ao contrário dos outros nomes citados no fragm. 205 – Lisístrato e Alcibiades – Trasímaco não seria um *kōmōidoumenos*, mas uma personagem cômica que nada tem a ver com o conhecido sofista e professor de retórica.

134Cf. Escólio de *Hípias Menor* p. 368 C, apud. PCG (1984:125). Süvern (1826: 37, n.87), no entanto, entende o primeiro verso do fragmento de forma diversa, a qual vale a pena mencionar, dada a ausência de outros casos em que *myron* e *tainia* figurem como apelidos dados a um homem velho. Rejeitando a correção de *halis* para *alla*, proposta por Elmsley, o comentador sugere um contexto plausível no qual *halis*, “o suficiente”, poderia ser mantido: o filho perverso estaria planejando processar o pai, tirando-lhe os direitos de administrar seus bens. O que restaria ao pai seria “o suficiente: uma cova, um perfume, uma coroa”, objetos devotados aos mortos. Deixo registrado como possibilidade (cf. *Mulheres na Assembleia* 1032 e o fragm. 508) mas, pela falta de evidências que apontem para o contexto sugerido por Süvern, mantenho a tradução baseada no texto apresentado por Kassel-Austin, incluindo as correções.

135Cf. Vespas 788: *Lysístratos ho skōptoplēs*. Além dessa passagem, na qual Filocleão conta como Lisístrato pregou-lhe uma peça, seu nome é mencionado também entre os convidados malcomportados de um banquete promovido pelo velho heliasta (1302-8). É citado ainda em *Acamenses* 855, *Cavaleiros* 1266 e *Lisístrata* 1105.

136Süvern (1826:37) e Murphy (1938:111) defendem essa possibilidade. E Nikoletta, em seu *Aristophanes' Comedy of Names* (1977:194) toma-a por ponto pacífico, sem discuti-la.

137Thrasymachos at Athens: Aristophanes fragm. 205 (“Daitalēs”).

138Que Trasímaco fosse conhecido em Atenas já a essa altura é aceito entre os estudiosos. Cf. Kerferd (1981:51) e Guthrie (1971: 294). No entanto, Storey (1988: 217) alega que o nosso fragmento 205 seria o único indício desse dado biográfico do sofista – confirmado por Guthrie (1971: 294) – o qual ele procura, com seu artigo, invalidar.

Katapygōn

Além do comentário de Galeno, outra fonte antiga fornece informações importantes para a compreensão do enredo de *Convivas* e do caráter do “filho indisciplinado” identificado no fragm.205. Trata-se do próprio Aristófanes, que alude a sua primeira comédia na parábase de *Nuvens* (vv.527-33):

Mas, mesmo assim, jamais trairei os que, dentre vocês, são perspicazes.
Desde quando, aqui mesmo, por homens de quem até falar é doce,
o Sensato e o Perverso receberam os maiores elogios,
- eu ainda era solteira e não me era permitido parir um filho,
enjeitei-o, mas uma outra menina o recolheu e adotou,
e vocês nobremente o alimentaram e educaram -
desde então, da sua intenção, tenho garantias fidegnas¹³⁹.

Nessa passagem, o poeta parece cobrar do público a mesma “perspicácia” que outrora fora capaz de demonstrar ao apreciar sua primeira comédia e premiá-la com o segundo lugar no festival. A imagem da “mãe solteira”, que não pôde assumir o filho, refere-se ao fato de que *Convivas* fora produzido em nome de Calístrato¹⁴⁰. Mas nos interessa sobretudo as menções a duas de suas personagens, as quais chamaremos Sensato e Perverso (*ho sōphrōn te chō katapygōn*), e sobre as quais sabemos serem irmãos¹⁴¹.

É evidente que o Perverso, *katapygōn*, corresponde ao “filho indisciplinado”, *akolastos*, do comentário de Galeno, de modo que a oposição entre a velha e a nova educação se dará, em *Convivas*, através do contraste entre os dois irmãos: um, educado à maneira tradicional, isto é, com os antigos os valores transmitidos pela velha música de poetas como Alceu e Anacreonte – para usar exemplos de mencionados na própria comédia, no fragm. 235 – outro, educado por professores de retórica, à maneira cidadina, cheia de excessos e afeita à nova música.

O termo *katapygōn* pode ter tanto uma conotação sexual, isto é, uma palavra injuriosa para designar o homem que “se submete à posição passiva na relação homossexual”; quanto uma conotação ofensiva de âmbito mais geral, para apontar a vileza de caráter, como “patife” ou algo do

139Cf. Duarte (2000: 264, tradução de Adriane da Silva Duarte).

140Os motivos pelos quais Aristófanes teria produzido uma comédia sua em nome de outro são ainda objeto de ampla discussão entre os estudiosos. No entanto, o debate acerca dessa questão mostra-se pouco relevante para os objetivos deste capítulo.

141Cf. fragm. 233, que será comentado mais adiante.

gênero. Assim concordam Henderson e Dover, que se debruçam sobre o termo em seus livros *The Maculate Muse* (1991) e *Greek Homosexuality* (1989), respectivamente.

As duas conotações de *katapygōn*, tais quais apontadas pelos estudiosos, confirmam-se no levantamento que fiz do termo nas 11 comédias preservadas de Aristófanes¹⁴². No entanto, verifiquei que, nesse *corpus*, o uso da palavra no sentido sexual é majoritário: das dez ocorrências identificadas, sete têm conotação claramente sexual – *Acarnenses* 79 (cf. Dover, 1989:142-3); *Cavaleiros* 639 (cf. Dover, 1989:142); *Vespas* 84; *Nuvenus* 1023; *Tesmoforiantes* 200 – e dessas, todas, à exceção da última, referem-se especificamente à “homossexualidade passiva”¹⁴³. Dentre as três ocorrências que não têm sentido sexual claro, uma delas, *Vespas* 687, remete a uma personagem pouco conhecida, o “filho de Quéreas”, de modo que nessa passagem não se pode identificar com clareza a conotação do termo *katapygōn*, que o adjetiva. As outras duas ocorrências, em que o termo não teria sentido claramente sexual, dão-se em *Nuvenus*. Uma encontra-se em meio a uma investida verbal do Raciocínio Justo contra o Injusto (v. 909). E a outra está contida na passagem da parábase à qual nos dedicamos (v. 529). Esse é, aliás, o principal exemplo usado por Henderson e Dover de que *katapygōn* não precisa ter necessariamente um sentido sexual¹⁴⁴. Dover chega a traduzir *ho sōphrōn te chō katapygōn* por “almost ‘the well behaved and the badly behaved.’”

Contudo, o tipo de ataque que Aristófanes faz aos sofistas e novos rétores em *Nuvenus* – e muito provavelmente em *Convivas* – não é descolado da esfera do comportamento sexual. Henderson demonstra, com exemplos abundantes extraídos de Aristófanes e de outros poetas cômicos, que, no âmbito da comédia antiga, o sucesso da carreira política dos rétores está atrelada a sua passividade sexual¹⁴⁵.

142Identifiquei também a ocorrência de um termo correlato, *katapygosynē* num dos fragmentos de Aristófanes, o fragm. 128, da comédia *Velhice*. No entanto, não é seguro identificar a conotação do termo, dada a falta de contexto do excerto.

143Nas outras duas ocorrências, oriundas de *Lisístrata*, o termo é usado para qualificar as mulheres, num contexto em que elas se mostram prestes a sucumbir aos “prazeres do leito” contra seus próprios interesses. Cf. *Lisístrata* 137 e 776. Dover (1989: 143), no entanto, afirma que não há, nessas passagens, conotação sexual, do que discordo. ὁ παγκατάπυγον θ'ἡμέτερον ἅπαν γένος, “ó raça tão pervertida a nossa”, diz *Lisístrata* (v.137) referindo-se especificamente à irresistível inclinação feminina ao sexo, causa de sua ruína. E o mesmo sentido tem a expressão ὄρνειον... καταπυγωνέστερον, “pássaro mais pervertido” (v.776), parte do oráculo proferido por *Lisístrata* para qualificar aquela que não resistir à greve de sexo, cedendo ao seu desejo incontrolável.

144Henderson parece ter mudado de ideia, já que em seu volume dos fragmentos de Aristófanes, editado pela Loeb, *Aristophanes Fragments* (2007), há a seguinte descrição, inserida no seu resumo de *Convivas*: “a traditionally minded landowner (...) has two sons, the Virtuous Boy and the Buggered Boy (i.e. one who submits to anal intercourse, implying political and intellectual shamelessness)”.

145Henderson (1991: 209). Um caso notável é o do Salsicheiro de *Cavaleiros*, que apresenta, dentre as competências para se tornar um orador influente, a passividade sexual, cf. v. 424 e 876ss. Sidwell (2009:160) sugere que a personagem represente Alcibiades, de forma velada.

Dover comenta que, de maneira geral, as principais personagens de Aristófanes, homens velhos ou de meia-idade, expressam ressentimento em relação aos jovens rétores de sucesso, atribuindo-lhes, com intuito depreciativo, um desvio *moral e sexual*¹⁴⁶.

Assim, penso que, em Aristófanes, a conotação sexual de *katapygōn* seja preponderante, e que o termo, usado para aludir à personagem de *Convivas* na parábase de *Nuven*, possa carregar a conotação de um desvirtuamento nesses dois sentidos, o moral e o sexual, aparentemente indissociáveis.

A oposição entre *sōphrōn* e *katapygōn*, que se expressa na formulação da passagem, não enfraquece a tese de que haja uma dupla conotação em ambos os termos, já que *sōphrōn*, “sensato”, também guarda o sentido de “temperante, moderado nos desejos”¹⁴⁷.

Seria interessante, nesse ponto, voltar ao fragm. 205. Nesse pequeno trecho de diálogo de que dispomos, o pai elenca uma série de “modelos” que estariam por trás do discurso do filho, dentre os quais destaco Alcibiades.

Ainda novo à época de *Convivas*, pupilo de Sócrates e de rétores famosos, Alcibiades já não tinha uma presença discreta em Atenas mesmo antes de se tornar um político importante para a cidade¹⁴⁸. Reputavam-no o preferido de muitos amantes quando jovem, o que lhe rendeu a fama de *paranomos* em relação ao próprio corpo, isto é, alguém que se deixa dominar pelos prazeres sexuais¹⁴⁹. David Gribble, em *Alcibiades and Athens – A Study in Literary Presentation* (1999), comenta como os poetas cômicos contribuíram para tradição que perpetuou a imagem de Alcibiades como um *katapygōn*¹⁵⁰.

Alguns fragmentos de Êupolis e Ferécrates¹⁵¹ demonstram que Alcibiades era satirizado, na comédia, tanto como efeminado quanto como amante de mulheres casadas – o que pode parecer contraditório, pois o homem sedutor era considerado pouco viril¹⁵². As anedotas tardias acerca do embate entre Êupolis e Alcibiades¹⁵³ bem como comentários, também tardios, que atestam sua

146Dover (1989:141).

147Cf. Platão, *Definições* 415d; *Górgias* 491d-e; *Fédon* 68c; *República* IV 430e.

148Segundo Plutarco (*Vida de Alcibiades* 13), Alcibiades dedicou-se à política ainda adolescente e logo suplantou líderes populares. Sobre a proeminência de Alcibiades entre os alunos de Sócrates, a bibliografia é vasta. Assinalo ainda que Cartledge (1990: 26-7) vê precisamente nesses pupilos “notáveis” – com destaque para Alcibiades – um dos motivos pelos quais Sócrates é escolhido como alvo de críticas e zombarias em *Nuven*.

149Gribble (1999:73).

150Gribble (1999: 32; 74).

151Testemunhos iii-iv e vi de *Baptai*, de Êupolis; fragm. 171 de Êupolis e fragm. 164 de Ferécrates. Cf. também Storey (193-4).

152Gribble (1999:75, n.200).

153Cf. Gribble (1999:32), sobre a fonte dessas anedotas e também sobre o paralelo que se fazia entre o embate de Cleão e Aristófanes e o de Alcibiades e Êupolis.

presença na comédia antiga¹⁵⁴, indicam que, se Alcibiades não chegou a ser personagem cômica, era ao menos fonte importante de material cômico para os poetas do período clássico.

Sabemos, porém, que nas 11 comédias preservadas de Aristófanes, a presença explícita de Alcibiades não é expressiva. Nenhuma de suas personagens identifica-se abertamente a ele, como acontece com Cleão, Sócrates ou Eurípides. E mesmo como *kômōidoumenos*: Alcibiades é mencionado nominalmente apenas três vezes, em *Acarnenses* 716; *Vespas* 42-51 e *Rãs* 1422-33.

Dada a proeminência política que Alcibiades alcançou a partir da década de 420, sua pouca representação nas comédias de Aristófanes que nos chegaram é intrigante para os comentadores modernos. Não são raras as teses sobre sua presença velada nessas comédias¹⁵⁵. Michael Vickers é certamente quem mais se dedicou a elas, com uma série de artigos e livros nos quais defende a presença velada do general em praticamente todas as comédias de Aristófanes e em algumas tragédias de Eurípides¹⁵⁶. Naturalmente, *Convivas* inclui-se entre elas, com a associação entre Alcibiades e o Pervertido¹⁵⁷. A obra de Vickers é vista com reservas no meio acadêmico¹⁵⁸, por postular a absoluta centralidade de Péricles e Alcibiades em Aristófanes, e por radicalizar a aplicação de um modelo hermenêutico na interpretação da comédia antiga que pressupõe ser essa tão só um comentário aos eventos políticos contemporâneos¹⁵⁹.

Antes de Vickers, e de forma mais plausível, J. W. Süvern também explorara possíveis alusões a Alcibiades em *Two Essays on The Clouds and on The Geras of Aristophanes* (1826). Para Süvern, algumas das afamadas características atribuídas a sua personalidade podem ser reconhecidas no Fídípides de *Nuvens*, como o interesse por cavalos, a extravagância nos gastos, a habilidade com discursos e a relação com Sócrates¹⁶⁰. Ainda de acordo com o mesmo autor, assim

154 Cf. Libânio fragm. 50 B I (XI p. 644 Föster), professor de retórica do séc. II d. C., sobre Alcibiades: “que drama não o contém? Qual drama de Êupolis? Qual de Aristófanes? Foi através dele que a comédia ganhou sua fama, de modo que os poetas cômicos estavam até cansados de escrever sobre ele”. O comentário de Libânio deve ser lido com cautela, pois a acusação de Alcibiades era uma tópica dos exercícios de retórica nas escolas da antiguidade tardia, quando floresceu a tradição que o considerava ter sido uma ameaça à democracia ateniense. Cf. Storey (194); Gribble (1999:37). Cf. também o escólio de *Paz* 450, que pretende que ali haja alusão a Alcibiades.

155 Cf. Süvern (44-8); Sidwell (2009:342).

156 “Alcibiades on Stage: Aristophanes ‘Birds’” (1989); “Alcibiades on Stage: ‘Thesmophoriazusae’ and ‘Helen’” (1989); “Alcibiades on Stage: ‘Philoctetes’ and ‘Cyclops’” (1987); *Aristophanes and Alcibiades. Echoes of Contemporary History in Athenian Comedy* (2015).

157 Cf. “Alcibiades on Stage: ‘Thesmophoriazusae’ and ‘Helen’” (1989:41) e *Pericles on Stage* (1997:5, n. 27).

158 Cf. a resenha de Story (1997) do livro *Pericles on Stage: political comedy in Aristophanes' early plays* (1997), e a resenha de Maria Intrieri (2016) do livro *Aristophanes and Alcibiades: Echoes of Contemporary History in Athenian Comedy* (2015), disponíveis no site Bryn Mawr Classical Review (<http://bmcr.brynmawr.edu/>). Douglas Olson (2002:256), em seu comentário a *Acarnenses*, menciona *en passant* “the fantasies of M.Vickers”.

159 Sem desconsiderar que há caminhos interessantes em suas análises, reproduzo aqui o comentário de uma das resenhistas de Vickers, que sintetiza minha posição geral sobre o trabalho do comentador: “[Vickers] esforça-se para captar, inevitavelmente, os perfis [de Alcibiades e Péricles] por trás dos diferentes personagens através de pistas e interpretações excessivamente peculiares, muitas vezes não convincentes, potencialmente aplicáveis, da mesma forma, a outras personalidades da Atenas contemporânea”. Maria Intrieri sobre o livro *Aristophanes and Alcibiades: Echoes of Contemporary History in Athenian Comedy* (Bryn Mawr Classical Review 2016.11.36). Tradução minha a partir do italiano.

160 Süvern (1826: 23; 44-8).

como Fidípides, o Perverso de *Convivas* também poderia ter sido inspirado em Alcibiades, que à época da encenação dessa comédia teria ao menos 18 anos e era modelo para a juventude aristocrática ateniense¹⁶¹.

Retomar a questão da presença de Alcibiades em *Convivas* não é querer dar novo vigor às leituras políticas ou historicizantes que outrora marcaram a crítica de Aristófanes. Mas recuperar, tanto quanto possível, a esfera real das questões que são postas em cena, sem, contudo, negligenciar aspectos poéticos, como as questões relativas ao gênero cômico. Assim como o Sócrates de *Nuvens* resultou de um amálgama de aspectos biográficos e/ou anedóticos somados a outros que julgamos criações de Aristófanes, as quais lhe convinham poeticamente, do mesmo modo pensamos em Alcibiades como um propulsor de uma personagem cômica que não se restringe a sua figura histórica¹⁶².

O Perverso de *Convivas* é, ao que parece, a encarnação do jovem estudante de retórica, atrevido e desdenhoso em relação aos mais velhos. E, afora sua óbvia semelhança com Fidípides de *Nuvens*, equipara-se também ao episódico Alcibiades de *Acarnenses* 716sq. Nessa passagem, o filho de Clínias, como é referido, é chamado de *euryprōktos*, “ânus largo” pelo hábito do sexo anal. O contexto da injúria é uma exposição do coro acerca do conflito intergeracional que se dá no tribunal, desvantajoso para os velhos que não sabem lidar com a língua afiada dos jovens rétores. Temos notícia, então, de que apenas dois anos depois de *Convivas* – a comédia *Acarnenses* foi encenada em 425 – Alcibiades mostra-se uma figura representativa desses jovens oradores em Aristófanes. E sua menção em *Acarnenses* 714-9 está inserida num contexto muito semelhante ao da esteira temática de *Nuvens* e de *Convivas*. Cito a passagem de *Acarnenses*:

Ora já que vocês não querem deixar os velhos dormirem em paz, decretem ao menos que os processos sejam organizados de modo que a um velho se oponha um procurador velho e desdentado como ele, e aos jovens um cu-às-escâncaras e um fala-barato como o filho de Clínias. Em conclusão: sob pena de castigo para quem o não cumprir, que o velho seja vencido pelo velho, e o novo pelo novo¹⁶³.

161Süvern (1826: 37, 51-2).

162É também a opinião de Bryant, que em 1907 dedicou-se a um estudo intitulado “Boyhood and Youth in the Days of Aristophanes”: “just as today comedy (and comic opera) is not the product of cloistered seclusion, we cannot conceive an *Acharnians*, or *Babylonians*, or *Banqueters*, without a background of observation of life and experience of stage conditions”. Mais recentemente, partilha da mesma visão O’Regan, que em *Rhetoric Comedy and the Violence of Language in Aristophanes’ Clouds* (1992:142, n.13) faz um levantamento dos diversos posicionamentos da crítica de Aristófanes em relação a essa questão, e assinala Dover, De Carli, Gelzer e Solomos como críticos que seguem a mesma linha. Quanto aos divergentes, menciona Nussbaum, Strauss e Edmunds.

163Aristófanes (1988:66, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva).

Em *Convivas*, há duas referências a Alcibiades. A primeira, já vista nesse capítulo, como *kōmōidoumenos* no fragm. 205. A segunda dá-se sob a forma de alusão, no fragm. 244. Seu nome não é mencionado na citação de Aristófanes em si, mas consta nos comentários das fontes que o explicam:

Fócio (z) inéd. “sob o arcontado de Falênio”: Aristófanes <usa essa expressão> em *Convivas*. Ele forja maliciosamente certo arconte <cujo nome se dá> graças ao seu falo. **Hesíquio ε 5373** “sob o arcontado de Falênio”: Aristófanes diz que Alcibiades nasceu sob o arcontado de Falênio, brincando com Fales¹⁶⁴. Pois ele sentia desejo sexual por homens

Nada se sabe sobre o contexto desse fragmento na comédia. Mas, em geral, os comentadores modernos aceitam a explicação de Hesíquio, *i. e.*, consideram-no uma alusão a Alcibiades. De todo modo, é interessante notar que no fragm. 205, Alcibiades é um dos jovens rétores que cunham novos termos – signos de uma linguagem nova e corrompida – e, no fragm. 244, alude-se a ele por meio da libertinagem que lhe é atribuída. Dois aspectos complementares na conceituação de *katapygōs* que propusemos acima: a degeneração educacional e política, e a degeneração sexual.

Evidentemente, as duas menções a Alcibiades encontradas em *Convivas*, consideradas como dado isolado, não são garantia alguma de que ele tenha sido uma figura importante para essa comédia, mesmo se considerarmos que, em nenhuma das 11 comédias preservadas, Alcibiades é mencionado duas vezes. Considero, no entanto, que esteja por trás do Perverso de *Convivas* pela conjunção dos fatores já expostos, os externos à comédia – a proeminência do jovem Alcibiades como pupilo dos sofistas e a fama relativa a sua vida sexual – e os internos – sua caracterização *en passant* em *Acarnenses*, como um dos jovens rétores que levam vantagem sobre os mais velhos, e as duas menções a ele em *Convivas*, uma nominalmente, outra de modo alusivo.

Difícil crer que o jovem aristocrata, reconhecido como talentoso aluno de retórica, e com fama de extravagante e imoderado não tenha impactado o também jovem Aristófanes e a construção de sua primeira comédia, cujo tema era educação.

O jovem de *Convivas* que se filia à nova educação, “atrevido” (*thrasys*), “indisciplinado” (*akoslastos*) e “perverso” (*katapygōn*), reflete, portanto, as características daquele que teria sido o maior expoente de sua época dentre os pupilos dos sofistas, e a encarnação dos valores que a comédia vilipendia.

¹⁶⁴Personificação do falo carregado nas procissões.

Héracles e o coro de convivas

Como o título da comédia indica, o coro era formado por comensais, de modo que é muito provável que o banquete não só tenha feito parte da ambientação cênica de *Convivas*, mas também tenha tido um papel importante na comédia. Há oito fragmentos que parecem ser oriundos de uma situação convival – frags. 210, 213, 214, 219, 220, 225, 231 e 235 – mas é no testemunho do léxico de Oríon (test. iii) que encontramos a informação de um banquete em honra a Héracles:

Etymologicum de Oríon p. 49.8 St. (ex Filoxeno, fragm. 240 Theod.) daitaleus (conviva): ... *Daitaleis (Convivas)* é ainda um drama de Aristófanes, já que os que jantavam no templo de Héracles também se levantaram e formaram um coro

A referência ao grupo de comensais no templo de Héracles gerou interpretações diversas por parte dos comentadores modernos. Baseados numa inscrição com o nome de 15 *thiasotai* e um sacerdote do mesmo deus¹⁶⁵, alguns estudiosos veem ligações entre os integrantes desse tíaso e o poeta cômico. Welsh, por exemplo, em seu artigo “Philonides and Aristophanes' *Banqueters*” (1983), sugere que Aristófanes tenha tido algum comércio com esse tíaso de Héracles¹⁶⁶, do qual participava certo Filonides. Segundo o autor, esse teria sido, possivelmente, o produtor de *Convivas* – ao invés de Calístrato, como em geral se pensa¹⁶⁷. E Sidwell, em *Aristophanes the Democrat* (2009), entende, ao contrário, que esse tíaso fosse uma espécie de *hetaireia* política formada por opositores de Aristófanes, associando alguns dos nomes contidos nessa inscrição a *kōimōidoumenoi* do *corpus* aristofânico¹⁶⁸.

Mas me atenho aqui a uma hipótese construída a partir de uma perspectiva circunscrita aos testemunhos da comédia. Norwood, em “‘Episodes’ in Old Comedy” (1930), propõe a restauração de um comentário da *Suda* como parte do *corpus* fragmentário de *Convivas*, argumentando tratar-se de uma alusão a um episódio cômico que comporia a comédia¹⁶⁹. O autor toma-a como exemplo que

165IG ii² 2343. Considera-se que a inscrição seja posterior à encenação de *Convivas* em cerca de 20 anos. Cf. Sidwell (2009:136).

166O culto a Héracles tinha lugar na demo de Diomeia, onde havia um santuário do deus. É mencionado em *Rãs* 650-1.

167 Para os que aceitam Calístrato como o produtor de *Convivas*, cf. Dover (1972:16), Halliwell em “Aristophanes Apprenticeship” (1980) e MacDowell em “Aristophanes and Kallistratos” (1982). Welsh apoia-se num escólio de *Nuvens* 531, que nomeia Filonides como *didaskalos* da primeira peça de Aristófanes.

168 Sidwell (2009:136).

169 Traduzo o trecho da *Suda*, sob o *lemma* *Daitaleis*: “o rei, para agradar aos convivas com um espetáculo após o jantar – como uma trama muito apreciada – exibiu esse drama.” O episódio cômico de *Convivas* aventado por Norwood (1930:225-6), baseado nesse testemunho da *Suda*, seria, portanto, uma peça dentro da peça.

ilustra a definição de episódio cômico proposta em seu capítulo¹⁷⁰. Porém, mais que essa hipótese central, interessa-me aqui uma postulação colateral de Norwood, que se refere ao testemunho de Oríon, citado acima: a falta de fundamentos para uma correção de Dindorf, bem-aceita em geral pelos editores, que substitui o plural *choroi* por *choros*, no singular. Norwood (1930:228-9) não vê razão para a correção, além do pressuposto de que um drama só poderia contar com um único coro, e questiona o presumido implícito, sugerindo que *Convivas* pudesse conter vários *choroi* que correspondessem a pequenas peças, os *episódios* ou tais interlúdios cômicos que propõe em seu artigo – o que julgo improvável – ou ainda que *choroi* se referissem a uma subdivisão do coro em duas metades, a *hemichoria*, algo mais “familiar” – vide os dois semicoros de *Lisístrata* – de acordo com o próprio comentador. Com essa última possibilidade, o autor sugere que metade do coro poderia estar identificado à personagem do pai e a outra metade à dos filhos¹⁷¹.

Parece-me plausível a proposta da restauração dos *choroi* originais do testemunho de Oríon, assim como a sugestão de que o coro fosse subdividido em dois. Reconheço que não haja outro indício de que assim fosse, nem entre os testemunhos, nem entre os fragmentos da comédia, mas penso que não há que se exigir informações *double checked* para uma comédia fragmentária, sobre a qual as informações são escassas via de regra. No entanto, não vejo sentido em associar um semicoro ao pai e outro aos irmãos que entre si são antitéticos. Aparentemente, a mais importante dicotomia da comédia é representada pelo *sōphrōn* e *katapygōn*, o filho sensato e o filho pervertido, e reflete a visão dicotômica do poeta – ou de sua *persona poetica* – sobre a educação dos jovens. Se há mesmo uma divisão do coro de convivas, inclusive quanto ao seu caráter – muito embora não haja paralelos para tal nas comédias que nos chegaram – ela provavelmente se daria segundo o caráter dos dois irmãos: um semicoro associado ao Sensato, e um semicoro associado ao Perverso.

Norwood, porém, não explora uma questão que me parece fundamental para fortalecer a sua hipótese: o tiaso. É bem-aceito entre os comentadores modernos e antigos que os *daitalēs*, convivas, fizessem parte de um tiaso de culto a Héracles. Entre os comentadores modernos, mencionei alguns que aventaram hipóteses acerca da relação do poeta com os *thiasotai*. Entre os antigos, refiro-me ao testemunho de Fócio que, ao explicar o termo *daitalēs*, se vale de uma sinonímia que inclui o termo *thiasotai*, e para validar sua explicação, menciona o uso que Aristófanes fez do termo:

Fócio δ 27 (= *Etymologicum Genuinum* AB = *Suda* δ 125) *Daitalēs*: hóspedes, companheiros de tiaso (*thiasotai*), comensais, tal qual convivas. Como <representou> Aristófanes

170 O autor conclui que, ao contrário da tragédia, na comédia, o episódio não é um simples ato, mas um “interlúdio irrelevante” (*irrelevant interlude*).

171 Norwood (1930:229).

É relevante, para a hipótese de dois semicoros, que o coro de *Convivas* seja formado por *thiasotai*. No drama do séc. V-IV, o termo *thiasos* é frequente em Eurípides: além das inúmeras ocorrências em *Bacantes*, aparece mais seis vezes em outras tragédias¹⁷², em geral se referindo ao séquito de alguma divindade. Com esse mesmo sentido o termo aparece duas vezes em Aristófanes, *Tesmofóricas* 41 e *Rãs* 156.

Interessam-me, no entanto, as passagens em que *thiasos* refere-se ao coro do drama¹⁷³. São duas: *Rãs* 156 e *Bacantes* 680-2. Em ambas, o termo pode ser entendido como uma das *bandas* do coro, um de seus *subgrupos*¹⁷⁴. Em *Rãs* 155-8, o termo, no plural, refere-se a pequenos grupos, ou ajuntamentos de iniciados:

Héracles: (...) e tu verás uma luz muito bela como aqui e canteiros de mirto e tíasos (*thiasous*) felizes de homens e mulheres e um bater de palmas abundante.
Dioniso: E esses quem são?
Héracles: Os iniciados nos mistérios¹⁷⁵.

E em Eurípides, nas *Bacantes* 680-2, também no plural, o termo é usado para distinguir algumas subdivisões dentro do coro:

Mensageiro: Vejo três tíasos (*thiasous*) de femininos coros:
Autônoe regia o primeiro, tua mãe Agave
o segundo e Ino regia o terceiro tíaso¹⁷⁶.

O uso de *thiasous* no plural para designar subgrupos do coro, pode estar ligado ao *choroi* do testemunho de Oríon. E talvez tenha influenciado também a definição de *thiasos* de Hesíquio, que associa o termo ao coro¹⁷⁷:

Hesíquio θ 573 *thiasos*: um ajuntamento (σύστασις) do coro

172 *Orestes* 319, *Fenícias* 796 e 1756, *Ifigênia em Áulis* 1059, *Ifigênia em Táuris* 1146 e *Reso* 362.

173 Embora Calame (2001:210) afirme que em Eurípides os termos *thiasos* e *choros* fossem “praticamente sinônimos”, não é o que constatei no levantamento que fiz: em *Orestes* 319, o *thiasos* refere-se não ao coro, mas às Erínias; em *Fenícias* 796, não ao coro, mas a um grupo de guerreiros, e em 1756, a um séquito de seguidoras de Sêmele; em *Ifigênia em Áulis* 1059, refere-se aos centauros; em *Ifigênia em Táuris* 1146 e em *Reso* 362, o coro faz uma projeção futura e passada, respectivamente, em que expressa o desejo da existência de tíasos em circunstâncias mais felizes, o que não é exatamente uma auto-referência.

174 Ferguson e Nock (1944:71, n.12).

175 Aristófanes (2008: 43-4, tradução de Américo da Costa Ramalho).

176 Eurípides (1995: 85, tradução de Jaa Torrano).

177 Ferguson e Nock (1944:71, n.12).

Assim, como Norwood, rejeito a correção do plural para o singular de *choros* no testemunho de Oríon, mas entendo que o texto original deva ser mantido por se referir não a um ou mais episódios cômicos da comédia – como quer o mesmo Norwood – mas a uma divisão do coro de *Daitalēs* em mais de um tíaso:

*Etymologicum de Oríon p. 49.8 St. (ex Filoxeno, fragm. 240 Theod.) daitaleus: ... Daitalēs é ainda um drama de Aristófanes, já que os que jantavam no templo de Hércules também se levantaram e formaram coros*¹⁷⁸

Penso ainda que, no caso de *Convivas*, os tíasos sejam dois, como são dois os tipos de comensais que a comédia apresenta, um Sensato e um Perverso, como pretendo demonstrar adiante.

O culto de Hércules está intimamente ligado ao banquete¹⁷⁹. E, inserido numa comédia cujo tema é a educação dos jovens, evoca a parábola do filósofo Pródico acerca da juventude do deus. Transmitida por Xenofonte¹⁸⁰, a parábola trata da escolha do jovem Hércules entre o caminho do vício e o da virtude, representados alegoricamente por duas mulheres, *Kakia* e *Aretē*. Os hábitos e atitudes defendidos por uma e por outra guardam grande semelhança com que o defendem o *Hetton* e o *Kreiton Logos*, o Raciocínio Injusto e o Raciocínio Justo, no *agon* de *Nuven*s.

Não se pode saber ao certo se essa narrativa atribuída a Pródico é anterior a *Nuven*s e, portanto, se Aristófanes a teria tomado como modelo para o embate entre o Raciocínio Justo e o Injusto ao redor de Fidípides¹⁸¹.

Contudo, em *Aristophanes Myth, Ritual and Comedy* (1993), Bowie demonstra a proximidade do paralelo, justapondo, um a um, os argumentos empenhados em atrair o jovem Hércules, num caso, e Fidípides, no outro¹⁸². A argumentação, que envolve a caracterização de dois estilos de vida díspares, contempla grande parte das áreas da vida de um rapaz ateniense, das vestes e cuidados com o corpo ao trato com os mais velhos.

178O destaque do termo em itálico é meu.

179Cf. Ferguson e Nock (1944:71, n.12): “*thiasotai* = ‘throng of banqueters’ are as intelligible in the cult of Herakles as *thiasotai* = ‘throng of bacchanals’ in the cult of Dionysos”.

180*Memoráveis* 2.1.21-34.

181Aceita-se que Pródico tenha nascido por volta de 460, cf. Guthrie (1971:274). Teria, portanto, já cerca de 37 anos quando a primeira versão de *Nuven*s foi encenada, em 423.

182Bowie (1993: 109-10). Sidwell (2009:173-4) também traça um paralelo detalhado, destacando o comportamento sexual inadequado sugerido pelo *Hetton Logos*, em Aristófanes, e pela *Kakia* em Pródico.

A afinidade entre o chamado *Escrito sobre Héracles*¹⁸³ de Pródico e o *agon* de *Nuvens* é reconhecida por muitos comentadores¹⁸⁴, no entanto, pouco se disse sobre a possível relação entre a parábola e *Convivas*. Que ambas tratam de questões ligadas à efebia, é evidente, mas há ainda outro elemento de junção, a figura do deus Héracles. Não me refiro aqui ao herói civilizador, já maduro e em pleno exercício das tarefas que lhe couberam, e tampouco à faceta cômica do herói, o Héracles glutão, recorrente na poesia cômica¹⁸⁵. Refiro-me, antes, ao Héracles efebo, personagem eleita por Pródico¹⁸⁶ para, talvez, sublinhar os prejuízos de uma escolha equivocada nessa etapa da vida: mal se poderia imaginar, no lugar do Héracles que conhecemos – ideal de coragem e força, matador de monstros e benfeitor para a humanidade – um indivíduo lânguido, voluptuoso e efeminado.

Parece-me que a virtualidade desses dois Héracles materializa-se no Sensato e Perverso de *Convivas*. E, nessa comédia, as qualidades de ambos são expostas sobretudo no âmbito do *banquete*, que não só consiste numa esfera importante da vida do efebo que ingressa no mundo adulto, mas também num aspecto fundamental do culto desse deus.

O pouco texto cômico de *Convivas* que nos chegou não nos permite traçar um paralelo longo e detalhado entre o *Escrito sobre Héracles* e a comédia, como foi feito com *Nuvens*. E, embora haja um grupo significativo de fragmentos que nos remetam a uma situação convival, eles são, em sua maioria, breves e escassos em informações sobre o drama. Dentre esses, os que fogem à regra são os frags. 235 e 225, ambos transmitidos por Ateneu. Cito o primeiro:

então pega <a lira> e canta para mim um escólio de Alceu e Anacreonte

Embora nada se saiba sobre seu contexto, esse excerto é, com toda a probabilidade, proveniente de uma cena de banquete. Há uma passagem análoga em *Nuvens* 1354-8, na qual Estrepsíades conta haver pedido ao filho que cantasse Simônides no jantar, ao que o filho responde de forma violenta. O fragmento indica que o tema da nova e velha poesia fora explorado em *Convivas* também em contexto simpótico. Se o pedido para cantar os antigos poetas Alceu e Anacreonte, provavelmente feito pelo pai, é direcionado ao Perverso – como em *Nuvens*, a

183 *Sungramma peri Herakleos*. Assim chama Xenofonte a seção que trata do deus dentro da obra de Pródico, esta, intitulada *Horai*.

184 Além dos comentários de Bowie e Sidwell já mencionados, destaco um artigo dedicado à questão: “Prodicus and the Agon of the Logoi in Aristophanes’ ‘Clouds’” (2004), de Nikolaos Papageorgiou.

185 *Paz* 741, *Aves* 1583-1694, *Rãs* 62ss.

186 Nada se sabe acerca de uma eventual tradição que tratasse dessa faceta imberbe do herói. Daí assumirmos, com a ressalva da incerteza, que a parábola tenha sido criação do filósofo.

Fidípides – não sabemos. Mas, provavelmente, ele visa confrontar o programa da nova e da velha educação.

Do fragm. 225 pode-se extrair mais informações a respeito do caráter do Perverso:

não aprendeu essas coisas mesmo quando eu o enviei < à escola>, aprendeu antes a beber, depois a cantar mal, a mesa siracusana e os banquetes sibaritas, e “quiano da espartana”¹⁸⁷, <bebendo> o vinho das taças com prazer e de bom grado¹⁸⁸

A passagem sugere, de um lado, a negligência do Perverso quanto ao aprendizado de algo valorizado pelo pai (v.1) e, de outro, aponta a excessiva prodigalidade da personagem, implícita nas menções à “mesa siracusana e os banquetes sibaritas” (v.2-3), já que, segundo o comentário de Ateneu a propósito dessa citação, os sicilianos e os siracusanos eram famosos por sua luxúria¹⁸⁹. “Cantar mal” (v.2) refere-se possivelmente ao gosto musical consonante com a nova geração de poetas, sempre criticada por Aristófanes. E, por fim, beber com “prazer e de bom grado” parece indicar o caráter indolente do jovem perverso, e sua inclinação aos prazeres fáceis da bebida.

Alguns desses elementos são encontrados na paráfrase que Xenofonte faz da parábola de Pródico, de modo que é possível traçar algum paralelo, sobretudo com duas passagens da parábola. Na primeira, as promessas da *Kakia*, a encarnação do vício que tenta seduzir Héracles, consistem numa vida repleta de prazeres sem nenhum esforço. Em suma, uma vida leviana e indolente (*Memoráveis* 2.1.23-5):

Ora, se fizeres de mim tua amiga, eu te conduzirei pelo caminho mais agradável e fácil, não te ficará por experimentar nenhum prazer e viverás livre de dificuldades. Logo, em primeiro lugar, não terás de te preocupar nem com guerras nem com assuntos do dia a dia; ao invés, a tua ocupação será apenas questionar qual o alimento ou qual a bebida que te seria mais agradável tomar, o que te agradaria mais ver ou ouvir, ou cheirar ou tocar, na companhia de que rapazinhos te sentirias mais feliz¹⁹⁰

Na segunda, *Aretē*, a Virtude, dirigindo-se à sua oponente, descreve-a como desmedida em relação aos prazeres da mesa (*Memoráveis* 2.1.30):

187Trata-se do início de uma canção convival. “Quiano” refere-se ao vinho proveniente de Quios.

188Adotei a suplementação dos versos corrompidos proposta por Hermann. Cf. PCG (1894:135).

189 Ateneu 1.527 C.

190Cf. Xenofonte (2009: 123-4, tradução de Ana Elias Pinheiro).

É que tu nem pelo desejo dos prazeres esperas, porque antes de os desejares já os satisfizeste todos: comes antes de teres fome; bebes antes de teres sede; arranjas cozinheiros para comeres mais a gosto; procuras vinhos caríssimos para beberes com mais prazer ¹⁹¹.

Indolência e desmedida são atributos presentes tanto no modo de vida proposto por *Kakia* quanto pelo Raciocínio Injusto, ao qual Fidípides se filia¹⁹², e que muito nos diz sobre o Perverso de *Convivas*. E mesmo com as limitações do paralelo que proponho, julgo não ser demasiado pensar na dupla de irmãos de *Convivas* a partir dos dois modelos de vida apresentados no *Escrito sobre Hércules*.

Ademais, a centralidade do tema do banquete em *Convivas* é sintomática: a atitude de um homem no simpósio revela muito sobre sua atitude em relação à cidade. O banquete tem uma dimensão cívica importante, enquanto reunião dos pares que compartilham a comida e o vinho, respeitando certos protocolos. O comportamento inadequado e a quebra desses protocolos são bem ilustrados pelas cenas de *Vespas* em que Bdelicleão tenta ensinar o pai a comportar-se bem como conviva (v.1122ss.) e Filocleão frustra as expectativas do filho (v.1292ss.)¹⁹³.

Os *daitaleis*, comensais seguidores de Hércules, seriam divididos, conforme proponho, desta forma: os que escolheram o caminho do vício – a nova educação – e os que escolheram o caminho da virtude – a educação tradicional. Dois tíasos. A ideia de um tíaso que aderiu, como uma confraria de cultuadores, a uma vida viciosa ou virtuosa está presente já em Pródico – ou Xenofonte – quando *Aretē* usa esse termo para designar os seguidores da *Kakia*:

Ou quem é que, pensando bem, teria coragem de pertencer ao mesmo grupo que tu (*sou thiasou*)? O grupo daqueles que, sendo novos, são fracos de corpo, e, tendo envelhecido, se tornam débeis de espírito.¹⁹⁴

Em *Convivas*, o fragm. 247 pode ser indício da presença de um grupo, e não apenas de uma personagem, adepto de um estilo de vida virtuoso:

nós tomamos banho frio (*epsychroloutēsamen*)¹⁹⁵

191Cf. Xenofonte (2009:125-6, tradução de Ana Elias Pinheiro).

192*Nuvens* 1071-82.

193Para uma análise detalhada das duas cenas, cf. Pütz (2003: 111-133).

194*Memoráveis* 2.1.31.

195 Cabe notar que o mesmo verbo é usado por Plutarco em *Vida de Alcibíades* 23.3, para falar dos hábitos espartanos que haviam sido incorporados pelo ateniense em seu exílio, o que pressupõe que o general fosse afeito aos banhos quentes em Atenas, ou assim se dizia.

A preferência pelos banhos quentes era sinal de pouca virilidade, de complacência com os prazeres do corpo, de ânimo frouxo. Em *Nuven*s 1041-54, esse é um hábito defendido pelo Raciocínio Injusto, que evoca, curiosamente, a figura de Héracles, “homem excelente” (*andr’ ariston*) para autorizá-los, já que os banhos quentes levavam, por sua história mítica¹⁹⁶, o nome do deus, *Hērakleia loutra*.

Héracles, enfim, pode ser usado de forma ambivalente como exemplo moral para um jovem. Isto é, pode ser apropriado tanto pelo Raciocínio Justo quanto pelo Injusto, assim como é possível que sua figura tenha servido ao Perverso e ao Sensato, e aos seus respectivos tiasos de seguidores do deus.

O velho e o novo também nas palavras

Dois dos mais longos e importantes fragmentos de *Convivas*, os frs. 205 e 233, ambos transmitidos por Galeno, sinalizam que o assunto da linguagem esteve presente na comédia. Era parte importante do movimento conhecido como Primeira Sofística a discussão sobre teorias linguísticas revisionistas, especialmente no âmbito da correção da dicção – ortoépia – e da correção dos nomes ou palavras – *orthotēs onomatōn*¹⁹⁷. Quanto a essa última, os principais expoentes eram Protágoras e Pródico, o primeiro por conta de sua proposta de revisão dos gêneros das palavras – o masculino, feminino e neutro do grego – o segundo por sua teorização acerca dos sinônimos¹⁹⁸, cujo objetivo era vincular cada palavra a um significado que lhe fosse exclusivo.

Ambos, Pródico e Protágoras, estão no horizonte intelectual de *Nuven*s e, por isso, faço aqui uma breve digressão, a fim de observá-los mais detidamente, já que, como figuras relevantes àquela comédia, dizem-nos também algo sobre *Convivas*.

A busca de Protágoras pela revisão dos gêneros das palavras segundo critérios supostamente extralinguísticos¹⁹⁹ é satirizada claramente em *Nuven*s 677-92. Além disso, a expressão *tornar forte*

196Teriam sido criados por Atena ou Hefesto para que Héracles neles se banhasse. Cf. Sommerstein (1991:212) e Dover (1990:224-5).

197Kerferd (1981:68).

198Protágoras 337 ac.

199Kerferd (1981:69) comenta as duas principais linhas de interpretação para as teorias de Protágoras, uma defende que o sofista propõe a chamada doutrina do *gênero natural*, outra defende que seus critérios seriam, na verdade, morfológicos.

o discurso fraco, fórmula que sintetiza a busca de Estrepsíades (vv.112-5), é uma referência a Protágoras especificamente²⁰⁰.

Pródico é mencionado pelo coro de nuvens como autoridade sapiencial ao lado de Sócrates, ambos descritos como “sábios astrônomos” (*meteōrosophistēs*, vv. 358-63), e ainda é descrito como detentor de “sabedoria e conhecimento” (*sophia kai gnomē*, v.361). Se há ironia, não é clara. Em sua edição da comédia, Dover (1990: lv-lvi) chega a propor que essa passagem somente seja inteligível se assumirmos que Pródico gozava de grande apreço popular – inclusive da parte de Aristófanes – e que Sócrates seria a sua antítese.

Se Protágoras pertence de forma inequívoca à classe de “doutos” zombada e criticada em *Nuven*s, o status de Pródico ante ao “novo intelectualismo” é pouco palpável, dividindo a opinião dos comentadores. Dover, como foi dito, coloca-se positivamente diante da questão: apoiando-se em diversas passagens de Aristófanes²⁰¹, Platão e outras fontes antigas, defende o reconhecimento de Pródico não só por suas atividades intelectuais²⁰², mas também por suas realizações “artísticas”, “em gêneros literários novos o bastante para serem considerados interessantes, mas não tão novos de modo a ofender os gostos conservadores²⁰³”, referindo-se à parábola sobre o duplo caminho de Héracles. Sommerstein (1991:180), assim como Dover, não vê ironia no v. 361, o que sugere um apreço do poeta cômico pelo sofista.

Sidwell (2009:172-6) vai além ao propor que Aristófanes estaria fazendo uma defesa velada de Pródico em *Nuven*s, para se contrapor aos ataques de Êupolis ao sofista²⁰⁴. Desenvolve, ainda, a hipótese da simpatia de Aristófanes por Pródico a partir de quatro argumentos: (a) o paralelo entre o *Escrito sobre Héracles* e o *agon* de *Nuven*s; (b) a substituição de Pródico por Sócrates enquanto alvo das críticas aos sofistas²⁰⁵; (c) a associação do coro de nuvens às *Hōrai*, espécie de deusas da justiça que teriam dado nome à obra de Pródico; (d) e, por fim, a representação de Aristófanes no *Banquete* de Platão, que ironicamente apresentaria, como personagem do diálogo, atributos da *Kakia* de Pródico e do Raciocínio Injusto.

200Lopes (2017:33). Em seu estudo introdutório do diálogo platônico *Protágoras*, Daniel Lopes menciona o uso dessa expressão por Platão, na *Apologia* 18c1, 19c1, 23d7, e por Aristóteles, na *Retórica* 2.1402a17-28.

201 Além do já mencionado v. 361 de *Nuven*s; *Aves* 688 e o fragm. 490 de *Fritadores*.

202Lopes (2007:181-6), no entanto, demonstra como Pródico foi alvo de zombarias de Platão (*Protágoras* 340e-342a) por quem foi representado como “figura de estatura intelectual menor”, segundo o autor.

203Tradução minha a partir do inglês: “in literary genres which were novel enough to be interesting but not so novel as to offend conservative tastes”. Cf. Dover (1990: lv).

204 A hipótese vai ao encontro da tese central de seu livro, *Aristophanes the Democrat* (2009), sobre as agendas políticas dos três principais poetas da comédia antiga.

205Como pontua Lopes (2007:26-7; 33-4), o conceito de *sofista*, tal como o entendemos hoje, é derivado de uma construção platônico-aristotélica, tardia, portanto, em relação a Aristófanes. Assim, nenhuma das ocorrências do termo *sophistēs* e seus correlatos em *Nuven*s significa precisamente o que se passou a entender por *sofista* depois de Platão. O entendimento de que Sócrates era apresentado como sofista em *Nuven*s seria uma projeção anacrônica e deve ser, ao menos, problematizado.

Contrariamente – e anteriormente – a esses comentadores, Kanavou, em *Aristophanes' Comedy of Names* (1977:78), aponta Pródico como um dos alvos de Aristófanes em *Nuvens*, associando-o a Protágoras na crítica à doutrina da correção das palavras. Apoia-se também no breve fragm. 506 de Aristófanes para defender a ideia de que Pródico fora satirizado pelo cômico.²⁰⁶ “ou um livro corrompeu esse homem, / ou Pródico, ou ainda um dos tagarelas”.

Diante desse panorama, tendo a concordar com Kanavou, ainda que com ressalvas. Pois entendo, como a autora, que o fragm. 506, citado acima, seja forte indício de uma crítica a Pródico, por sua associação aos conhecidos “tagarelas” de Aristófanes. A ressalva é a ausência de elementos para afirmar que a zombaria de Aristófanes em *Nuvens* se dirija *também* às teorizações de Pródico no campo da linguagem. O interesse de Pródico nesse campo, até onde se sabe, voltava-se a questões ligadas à sinonímia, intocadas pelo cômico mesmo quando se considera o amplo espectro de críticas que *Nuvens* desfere contra os representantes da nova educação. Quanto às menções de Aristófanes a Pródico, sobretudo em *Nuvens* 361 e em *Aves* 688, não as considero, como Dover e Sommerstein, sinal de apreço necessariamente, sobretudo porque na primeira Pródico parece associado a Sócrates.

Ademais, a sugestiva proximidade entre *Kakia* e *Aretē*, do *Escrito sobre Héracles*, e os Raciocínios Injusto e Justo, de *Nuvens*, tampouco me parece suficiente para postular uma eventual solidariedade de Aristófanes em relação a Pródico: ainda que o comediógrafo estivesse retomando a parábola de Héracles, nada impede que se apropriasse dela para criticar inclusive o seu autor, caso entenda que ele seja um dos representantes da nova educação, atualizando, assim, o mito da forma que mais lhe convém. Por isso, as postulações de Sidwell sobre a relação entre Pródico e Aristófanes parecem-me, em geral, demasiadas.

De volta a *Convivas*, os fragmentos 205 e 233, mencionados no início desta seção, revelam algo sobre a resposta cômica que Aristófanes dá, nessa comédia, à atitude dos sofistas em relação à linguagem. O fragm. 205, cuja tradução foi integralmente citada no início deste capítulo, traz uma crítica às expressões inusuais ditas pelos sofistas, que praticavam uma linguagem considerada heterodoxa²⁰⁷. O próprio Galeno, fonte do fragmento, assinala a valorização das “novas expressões” pelos oradores. Cito novamente o excerto, acrescentando parte do comentário de Galeno e os neologismos em grego:

Galeno Comentário a Hipócrates 19.66 K. que cada um dos que aprendiam sobre discursos valorizava a criação de novas expressões é suficientemente demonstrado

206Dover (1990:lv) não vê no fragm. 506 hostilidade da parte de Aristófanes em relação a Pródico.

207Major (2013:14).

tanto por Antífones (fragm. 76 Bl.), que de fato explica como se deve criá-las, quanto pelo próprio Aristófanes, neste drama, com os seguintes versos (...)

- (A.) És um pé na cova (*sorellē*), perfume e coroa <dos mortos>.
(B.) Veja, “pé na cova!” Isso vem de Lisítrato.
(A.) Certamente serás derrubado (*katapligēsei*²⁰⁸) dentro de algum tempo.
(B.) Esse “derrubado” vem dos oradores.
(A.) Um dia essas palavras põem-te a correr (*apobēsetai*). 5
(B.) E isso vem de Alcibiades, “põem-te a correr.”
(A.) Por que esculachas e designas chulamente
homens que se dedicam ao que é belo e bom? (B.) Ai, ai, Trasímaco,
quem dentre os advogados diz embustes?

Dos três termos destacados pelo pai (B) como vocábulos excêntricos, dois são de fato raros. O primeiro, *sorellē* (v. 1-2) é atestado somente num comentário de Eustácio à *Iliáda*, a respeito do termo *tymbogerōn*, “velho à beira da morte”, usado pelos poetas cômicos para zombar dos idosos²⁰⁹. É possível que Eustácio, que é fonte de diversos fragmentos cômicos, tenha feito seu comentário a partir do nosso fragm. 205.

O segundo termo, *katapligēsei* (v. 3-4), futuro passivo de *kataplissomai*, é não só raro, mas controverso. Seu significado pode ser depreendido a partir do comentário de Hesíquio, que revela a origem da metáfora:

Hesíquio κ 1342 *katapligēsei*: chamam *pligma* o passo. Então, usando o [verbo] *kataplixai* como metáfora a partir [da imagem] dos que se rolam, impedidos pelos pés, assim diziam.

A explicação de Hesíquio não é inteiramente clara, mas sugere um embaraço na ação de *dar o passo*, isso é, *tropeçar*.

O verbo *katapligēsei* não é atestado senão nestas duas passagens, o fragmento de Aristófanes e o comentário de Hesíquio, este último possivelmente motivado pela ocorrência do termo no fragmento cômico.

O’Regan, no livro *Rhetoric, Comedy and the Violence of Language in Aristophanes’ Clouds* (1992), sugere que o termo esteja associado à luta corporal, usada metaforicamente pelos oradores para se referirem ao embate de discursos²¹⁰. Não é o que diz a explicação de Hesíquio, mas é certo

208 Aceito a correção de Dindorf, que propõe o indicativo no lugar no subjuntivo, apoiando-me no paralelo de *Nuvens* 865.

209 O comentário de Eustácio esclarece também o fragm. 907 de Aristófanes, de uma única palavra, *tymbogeronta*. Cf. PCG (1984: 410).

210 O’Regan (1992:145, n.29). A autora aceita, para o fragm. DK 82 B 8 de Górgias, a correção de Diels, que propõe *pligma* no lugar de *ainigma*, por associar o primeiro ao verbo *katapligēsei* do nosso fragmento. Cf. O’Regan (1992:146,

que, no fragmento, o termo está inserido num contexto de ameaça. Assim, apesar do comentário do lexicógrafo apontar para a acepção “tropeçar”, entendo, com O’Regan, que o verbo tenha um sentido específico no domínio da retórica e por isso optei por “derrubar” – “serás derrubado” (v.3 e 4)²¹¹.

O terceiro e último termo destacado no excerto é *apobēsetai*, que, ao contrário dos outros dois é um verbo corriqueiro, *apobainō*, “afastar-se”. Sua presença entre as expressões notadas pelo velho de *Convivas* somente se justificaria se pensarmos num uso especial ou impróprio do termo nessa passagem – que não parece ser o caso – ou ainda em algum tipo de bordão usado por Alcibíades, do qual não temos notícia.

De todo modo, dada a ausência de ocorrências dos dois primeiros termos em outras fontes, nada impede que sejam neologismos cunhados pelo próprio Aristófanes, para zombar de um aspecto típico do linguajar dos oradores.

Se, de um lado, o fragm. 205 nos remete a uma crítica em relação às inovações dos rétores no nível lexical, o fragm. 233 revela uma investigação acerca de termos antigos. Galeno, novamente fonte do fragmento, contextualiza a citação dentro do drama:

Galeno *Comentário a Hipócrates* 19.65 K. (...) Pois nesse drama, o velho, do demo dos *Convivas*, propõe ao seu filho indisciplinado <uma pergunta>, primeiro em relação a *ta korymba* (τὰ κόρυμβα, os ápices), qual seria a explicação para essa expressão (...) E ele certamente faz uma contraproposta quanto às expressões das tábuas de Sólon, que contêm as regras de direito (...v. 3)

A. Fala, então, sobre essas expressões (*glōttas*) de Homero. O que chamam *korymba* (topo, ápice)?

— — — — — O que chamam *amenēna karēna* (cabeça fraca)?

B. Que seu filho, esse meu irmão, explique. O que chamam *idyous* (testemunhas)?

— — — — — O que seria *opyein* (casar)?

As duas *glottai* sugeridas pelo velho ao filho, *korymba*, “topo”, e *amenēna karēna*, “cabeça fraca”, são encontradas no *corpus* homérico. A primeira na *Ilíada* 9.241, numa passagem na qual o termo refere-se à parte mais alta da popa do navio ou aos mastros; a segunda, em diversas passagens da *Odisseia* – 10.521 e 536, 11.29 e 49 – para designar os mortos do Hades.

Já as *glottai* sugeridas pelo Pervertido como forma de devolver o desafio que lhe fora proposto, não estão associadas, naturalmente, aos antigos poetas, mas ao universo jurídico, a Sólon particularmente. O primeiro deles, *idyous*, “testemunhas”, pouquíssimo atestado, é comentado por Eustácio a propósito de uma passagem de Homero (Σ 501), confirmando o uso desse termo em

n.34).

211Henderson, ao contrário, preferiu verter por “tripped up”. Cf. Aristófanes (2007: 209-11).

códigos legais atribuídos a Draco (séc. VII) e Sólon. O segundo termo, *opyein*, “casar”, embora corriqueiro e fartamente atestado – o próprio Aristófanes faz uso dele pela boca do lavrador Diceópolis, em *Acarneses* 255 – poderia ter aqui um sentido mais técnico, dentro também da esfera jurídica²¹², que justifique o desafio do Perverso ao seu irmão, menos familiarizado, supõe-se, com a linguagem dos tribunais.

O diálogo do fragm. 233 demonstra que as personagens voltaram-se, nesse momento da comédia, para o passado, no âmbito da linguagem. Uma personagem desafia a outra a demonstrar conhecimento linguístico em relação às autoridades que lhe são caras respectivamente: o Sensato recorre a Homero, poeta que encarna os valores tradicionais, o Perverso busca em Sólon o antepassado dos rétores²¹³.

Quando olhados em conjunto, os frags. 205 e 233 revelam um pouco sobre a forma com que o velho e o novo foram discutidos, na comédia, em termos linguísticos: da alusão à linguagem pouco ortodoxa dos jovens oradores, pela criação de novos termos (fragm.205) ao exame de palavras antigas, provavelmente obsoletas, as *glōttai* (fragm. 233). A linguagem é um setor importante da educação dos jovens, seja ela nos moldes tradicionais, voltada para a antiga poesia, seja ela nos moldes da sofística, voltada para a linguagem dos tribunais e afeita à nova poesia.

Afora isso, alguns elementos do fragm. 233 sugerem uma informação a mais sobre seu contexto. O verbo usado por Galeno, *proballō*, “propor uma tarefa ou pergunta”, não possui objeto direto, que suplinhei na tradução com “uma pergunta”. Seu correlato, no entanto, é *problēma* (πρόβλημα), “charada”, “adivinha”, “enigma”, que era muito comum entre os jogos comensais. Em *The Symposium and Komos in Aristophanes* (2003), Babette Pütz faz um estudo das charadas na comédia e, baseando-se não só em Aristófanes, mas também em fragmentos da comédia antiga e média, além de alguns títulos sugestivamente vinculados a charadas²¹⁴, propõe a existência de uma verdadeira tradição de enigmas dentro do gênero cômico²¹⁵.

O gramático alexandrino Trifônio (séc. I a.C.) faz uma tipificação desses enigmas, distinguindo-os em *kath’omoion* (pela semelhança), *kat’enantion* (pelo contrário), *kata symbebēkos* (pela qualidade accidental), *kath’istorian* (pelo relato), *kath’omōnymian* (pela sinonímia) e *kata glōssan* (pela palavra rara ou obsoleta)²¹⁶. Esse último parece ser o caso do nosso fragmento.

212Cf. Plutarco, *Vida de Sólon* 20.2.

213Cf. *Nuvens* 1187, em que Fídipides elogia Sólon.

214*Sphinx*, de Epicarmo; *Problema*, de Antífanes; *Sphingokarion*, de Eubulo; e *Kleobulinai*, de Cratino. Este último título pode estar associado a Cleoboulina, filha de um dos sete sábios que teria inventado os enigmas elegíacos. Pütz (2003: 242, n.2).

215Pütz (2003:242).

216 Tryphonius, *peri tropon* 4 (Rh. Gr. 3. 193 Sp.), apud Pütz (2003:243).

A palavra *glōtta* (v.1) é usada no fragm. 233 claramente com o sentido de “termo obsoleto ou raro”, *i. e.*, que precisa ser explicado. Porém, essa não é sua acepção na poesia dramática dos sécs. V e IV, na qual ela aparece sempre como “língua” ou, metaforicamente, como “voz”, “expressão da fala”, “linguagem”²¹⁷. Se a citação de Galeno estiver correta, Aristófanes está usando *glotta* num sentido técnico, o qual, embora não atestado na poesia dramática, encontra-se, por exemplo, em Aristóteles²¹⁸.

Desse modo, entendo o diálogo do fragm. 233 como uma charada *kata glōssan*, um enigma cuja proposta é desvendar o sentido de uma palavra obscura. Penso ainda ser um jogo de contexto convival, do qual participam pelo menos três personagens já conhecidas, os irmãos Pervertido e Sensato e o velho pai. Esse não é o único fragmento de *Convivas* oriundo de uma situação desse tipo. Dentre os excertos dessa comédia que remetem ao banquete, um deles, o fragm. 231, alude ao cótabos, um jogo comensal em torno do vinho. A citação, muito breve, é explicada por Ateneu como uma referência aos prêmios que se ganham ao final do jogo:

Fragm. 231 **Ateneu 15.667 E** (sobre o cótabos) há outra forma de jogo na bacia. Enche-se essa de água, coloca-se boiando sobre ela uma molheira vazia, sobre a qual se lançam as gotas a partir das taças, tentando afundá-la. Aquele que mais a afundar, ganha o prêmio²¹⁹. Amípsias menciona-o, em *Apokottabizontes* (fragm. 2)... Cratino, em *Nemesís* (fragm. 124)... Aristófanes, em *Convivas*: “sei/sabe, e eu erguerei a taça” – que é o prêmio do cótabos – “e as coroas”

Para concluir, penso que em *Convivas*, o embate entre a nova e a velha educação tenha se dado não num ambiente escolar, como o *phrontistērion* de *Nuvens*, mas no contexto do *banquete*. A figura de Alcibiades, explorada na primeira seção deste capítulo como potencial modelo para o caráter do Pervertido, insere-se bem nesse contexto, como demonstra sua representação como comensal desmedido – além de outros atributos – no *Banquete* de Platão.

Os irmãos Sensato e Pervertido revelariam, enquanto convivas, as características e atitudes próprias do estilo de vida que adotaram, e que é reflexo da educação que tiveram. No banquete, há espaço para mostrar moderação com o vinho, apreço pelos antigos poetas – através das récitas de

217Cf. Major (2013: 188-90), que faz um levantamento desse termo na comédia e na tragédia, e também Rosenbloom (2009: 200ss.), que comenta o termo em sua análise sobre a oratória no drama ateniense.

218*Retórica* 1410 b e *Poética* 1457 b. Major (2013: 188, n.7) reconhece que esse seja o sentido do termo nessa passagem, mas, curiosamente, atribui a Galeno, fonte do fragmento, o uso dessa acepção do termo. O autor considera ainda ser essa uma acepção tardia, embora ela seja atestada por Aristóteles.

219O termo *kottabeion* (κοττάβειον), que traduzi por “prêmio”, pode se referir também ao suporte de metal sobre o qual se apoia o equipamento do jogo. Cf. LSJ e Pütz (2003:225). Mas entendo que, no caso desse fragmento, o comentário de Ateneu corrobora para a acepção de “prêmio” do cótabos.

versos famosos – e ortodoxia linguística – através dos diversos tipos de jogos comensais. Ou o contrário de tudo isso.

Apoiando ou censurando as atitudes desses dois jovens, o coro de comensais que honra Héracles, os *daítalēs*, relembra os dois caminhos que se apresentaram ao deus ainda efebo, o caminho da virtude e o do vício. Aristófanes atualiza esses dois caminhos para os termos da velha e da nova educação.

Nota à tradução

A tradução dos fragmentos atribuídos a Aristófanes, direta do grego para o português, teve por base a edição *Poetae Comici Graeci*, vol. III 2, editada por R. Kassel e C. Austin, e publicada em 1984. O volume da Loeb, editado e traduzido por J. Henderson em 2007, foi também cotejado.

No caso dos fragmentos que nos chegaram por meio de citações – o que consiste na grande maioria – optou-se por traduzir também o contexto no qual essas citações ocorrem.

Por serem recorrentes ainda as citações oriundas de léxicos ou de obras vinculadas à tradição lexicográfica – cujo objetivo é muitas vezes comentar o vocábulo grego, seu uso, suas variações, sua etimologia ou outras questões de ordem lexical, filológica ou gramatical – manteve-se em grego transliterado a palavra ou expressão que suscitou o comentário, seguido de sua escrita grega e da tradução.

As siglas e sinais utilizados na tradução e notas são os seguintes:

LSJ para Liddell-Scott-Jones;

DGP para Dicionário Grego-Português (Cotia: Ateliê Editorial, 2006);

PGC para *Poetae Comici Graeci*, vol. III 2, de Kassel-Austin

() (a) no enunciado da fonte do fragmento, logo após a transliteração do termo grego, contendo a escrita grega e a tradução, assim: “*agorasō* (ἀγοράσω, comprarei)”; ou, logo após a tradução, contendo a transliteração do grego e a escrita grega, assim: “primeiramente (*prōtōs*, πρῶτως)”; (b) na citação de Aristófanes propriamente dita, contendo o termo grego ao qual o enunciado se refere, assim: “não devo me atrasar para comprar (ἀγοράσω) tudo que ordenares...”; (c) no enunciado da fonte do fragmento, contendo a passagem da obra que é objeto do comentário, assim: “**Escólio de Paz 474** (a sua *mormō*) assim chamavam a carantonha...”

< > para delimitar o texto suplementar com a finalidade de esclarecer passagens obscuras e/ou por demais sintéticas;

† † para delimitar o texto corrompido.

[texto/versos corrompido/s]

ou [versos faltantes] para passagens corrompidas ou faltantes, as quais não foi possível traduzir.

Mantiveram-se no original grego transliterado os títulos de obras citadas que não pertencem ao *corpus aristophanicum*, com exceção das que já obtiveram uma tradução consolidada em português. A relação das obras citadas pode ser verificada na “Lista de autores e obras”, anexo III ao final do trabalho, em que constam autor, título da obra em grego e em português, passagem citada e o fragmento onde a citação se encontra.

As referências às principais fontes dos fragmentos foram sintetizadas desta forma: **Pólux** para o *Onomasticon* (*Glossário*), de Júlio Pólux; **Ateneu** para o *Deipnosophistai* (*O Banquete dos Sábios*), de Ateneu; e **Fócio** para o *Lexeōn synagōgē* (*Léxico*), de Fócio. Adotou-se por padrão remeter sempre ao nome do autor quando dele não há mais de uma obra.

Outras obras e coleções apresentam-se desta forma:

<i>Vocabulário Singular</i>	para <i>Peri monērous lexeōs</i> , de Herodiano
<i>Das locuções incorretas</i>	para <i>Peri hēmartēmenōn lexeōn</i> , de Herodiano
<i>Prosódia Geral</i>	para <i>Peri katholikēs prosōidias</i> , de Herodiano
<i>Provérbios</i> e <i>Zenóbio Provérbios</i> ²²⁰	para <i>De proverbiiis Athois ‘collectionis quintae, Bodleianis, codicis Par. Suppl. 676, Coinslianis, de Diogeniano, Zenobio Athoo et vulgato ceterisque collectionibus vid. W. Buehler, Zenobii Athoi proverbial vulgari ceterasque memoria aucta, vol. IV, Gottingae 1982, p. 13sq.</i> ²²¹
<i>Lexicon Bachmann</i>	para <i>Synagōgē lexeōn chrēsīmōn ek diaphorōn sophōn te kai phētorōn pollōn</i> , ed. L. Bachmann (1814)
<i>Lexicon Bekker</i>	para <i>Lexeis rhētorikai</i> , ed. I. Bekker (1814)
<i>Lexicon Boysen</i>	para <i>Lexici Segueriani Synagōgē lexeōn chrēsīmōn inscripti pars prima</i> , ed. C. Boysen (1891-2)
<i>Lexicon Hermann</i>	para <i>Fragmentum lexicī Graeci</i> , ed. G. Hermann (1801)

220 Nem todos os provérbios que constam na coleção são de Zenóbio, daí as duas formas de se remeter à fonte.

221 Por se tratar de uma coleção, reproduzo a referência completa da edição usada pela PCG (1984:XVI).

As correções adotadas foram apontadas em nota.

Quanto à tradução dos nomes próprios, baseei-me sempre que possível no *Índice de Nomes Próprios Gregos e Latinos* (PRIETO, M. H. T. C. U., PRIETO, J. M. T. C. U., PENA, A. N., 1995).

Título e data das comédias²²²

Eolosícon I/II (Ἀιολοσίκων α' β') – 387?

Anfiarau (Ἀμφιάραιος) – 414

Anagiro (Ἀνάγυρος) – depois de 417

Babilônios (Βαβυλώνιοι) – 426

Lavradores (Γεωργοί) – entre 424 e 422

Velhice (Γῆρας) – 410?

Geritades (Γηρυτάδης) – 408/407

Dédalo (Δαίδαλος)

Convivas (Δαιταλῆς) – 427

Danaides (Δαναῖδες) – antes de 400

Dioniso Náufrago (Διώνυσος Ναυαγός)

Dramas I/II (Δράματα α' β')

Dramas ou Centauro (Δράματα ἢ Κένταυρος)

Dramas ou Niobo (Δράματα ἢ Νίοβος)

Dramas (Δράματα)

Paz II (Εἰρήνη β') – provavelmente nunca produzida²²³

Heróis (Ἡρώες)

²²²Sigo as datas propostas por Henderson, à exceção de *Paz II*. Cf. Aristófanis (2007).

²²³Cf. Boudreaux (1919:34-5).

Tesmoforiantes (Θεσμοφοριάζουσαι β') – 411

Cócalo (Κώκαλος) – 387

Lémnias (Λήμνιαι) – depois de 410

Nuvens I (Νεφέλαι α') – 423

Ilhas (Νῆσοι)

Enviados aos Odomantes (Ὀδομαντοπρέσβεις²²⁴)

Navios Mercantes (Ὀλκάδες) – entre 424 e 421

Cegonhas (Πελαργοί) – década de 390

Pluto I (Πλοῦτος α') – 408

Poesia (Ποίησις)

Poliido (Πολύιδος)

Proagon (Προάγων) – 422

Acampadas (Σκηναὶς καταλαμβάνουσαι)

Fritadores (Ταγηνισταί)

Tel(e)messianos (Τελεμησσιῶς)

Trífales (Τριφάλης) – depois de 411

Fenícias (Φοίνισσαι) – entre 412 e 408

Estações (ᾠραι) – entre 423 e 399

²²⁴ O título da comédia, mencionado no único fragmento que a ela se atribui, está parcialmente corrompido e foi suplementado por Reisch (1964). Cf. PCG (1984:226).

Tradução dos fragmentos

*Eolosícon I/II*²²⁵

A personagem do título possui um nome composto a partir de Éolo e Sícon. O primeiro remete à personagem mítica homônima a uma das tragédias perdidas de Eurípides, o que sugere uma paródia. Quanto a Sícon, acredita-se que se refira a um cozinheiro. O fragm. 9 sugere um coro feminino.

1. **Ateneu 3.112 DE** este é Tearião, o padeiro, que Platão menciona em *Górgias* (518 B)... e Aristófanes, em *Geritades* (fragm. 177) e em *Eolosícon*, desta forma:

aqui estou, vindo da padaria de Tearião,
onde é a morada dos fornos

2. **Fócio (b, z) α 225 = Suda α 304 = Lexicon Bachmann 16.1** *agorasō* (ἀγοράσω, comprarei): pois o termo *agorō* (ἀγορῶ) é bárbaro. Dos exemplos, muito abundantes, tome-se o de Aristófanes, em *Eolosícon*:

mas te apressa! Não devo me atrasar para
comprar (ἀγοράσω) tudo que ordenares, mulher

3. **Pólux 9.63** O *tetrōbolon* (τετρώβολον, moeda no valor de quatro óbolos) e o *triōbolon* (τριώβολον, moeda no valor de três óbolos) tornaram-se gastos com o uso, e também o *diōbolon* (διώβολον, moeda no valor de dois óbolos), pois diziam pagar muitas coisas, como Demóstenes (or. 18.28)... O *diōbolon* também está no *Eolosícon* de Aristófanes:

aquele *diōbolon* (διώβολον) que ainda restava, sozinho
em minha boca, tornou-se um *dicollybon*²²⁶ (δικόλλυβον)

²²⁵Há menções a duas versões de *Eolosícon* (*test. i*). No entanto, é possível que tivesse havido duas edições da mesma peça, uma delas omitindo as canções corais (*test. iii*). Cf. PCG (1984:33).

²²⁶Moeda de valor inferior. A piada está no trocadilho com *kollybon* (κόλλυβον), “bolinho”. Cf. LSJ.

4. **Ateneu 3.95 E** Aristófanes menciona as *akrokōlia* (ἀκροκόλια, extremidades do animal) em *Eolosícon* (citação do fragmento). E também em *Geritades* (fragm. 164).

e além do mais, Fulano, cozinhei quatro patas (ἀκροκόλιά)
tenras para ti

5. **Ateneu 9.371 E** Epeneto, em *Opsartytikos* (387 DE), diz que os alhos-porós são chamados *gēthyllides* (γηθυλλίδες). E encontrei de memória²²⁷ esse nome em Eubulo (fragm. 89 K)... Mas uns dizem ser chamado *gēthyon* (γήθυον), que Frínico menciona em *Cronos* (fragm. 12 K). E Dídimos (306 Schm.), explicando esse drama, disse que os *gēthya* e os chamados alhos-porós-bravos são semelhantes, e que esses também se chamam *gēthyllides*²²⁸ (cf. Hesíquio γ 500). Epicarmo menciona os *gēthyllides* em *Filoctetes* (fragm. 134 Kaib.), assim: “dois alhos e dois *gēthyllides*”. Aristófanes, em seu segundo *Eolosícon* diz (citação do fragmento). **Fócio γ 105** *gēthya*: uma espécie de alho-poró, semelhante ao alho-poró-bravo. Como diz Aristófanes:

alhos-porós (τῶν δὲ γηθύων)
cuja forma imita o alho

6. **Pólux 1.79** *koitōn* (κοιτών, quarto): se é verdade que Menandro (fragm. 860 Koe.) suspeita que seja barbarismo, o poeta cômico Aristófanes, no entanto, mais confiável do que ele nesse assunto, diz em seu *Eolosícon*:

um quarto (κοιτών) para todas, uma banheira bastará

227 Sobre a alegação de que a exposição da matéria segue a ordem casual da memória ser um lugar comum das obras consideradas miscelâneas, cf. nota 43.

228 Trata-se da diferenciação de duas espécies semelhantes, o alho-poró (*Allium Porrum*), em grego *prason* (πράσον) e *kephaiōton* (κεφαλιώτον), e o alho-poró-bravo (*Allium Ampeloprasum*), em grego *ampeloprason* (ἀμπελοπράσον). É ao primeiro que os gramáticos associam os termos *gēthyllis* e *gēthyon*, embora, para Dídimos, se possa chamar *gēthyllis* também ao segundo.

7. **Pólux 10.104** a *tyroknēstis* (τυρόκνηστις, ralador de queijo) está no *Adônis* de Platão (fragm. 8 K.) e também no *Eolosícon* de Aristófanes:

pilão, almofariz, ralador de queijo (τυρόκνηστις), braseiro

8. **Pólux 10.116** o que hoje chamamos lanterna também era chamado *lychnouchos* (λυχνούχος)... no *Eolosícon* de Aristófanes (citação do fragmento). **Ateneu 15.699 F** que eram nomeados *lychnouchoi* o que agora chamamos lanternas, Aristófanes, em seu *Eolosícon*, demonstra (citação do fragmento). **Fócio 238.5** *lychnouchon*: a lanterna feita de chifres, depois da tocha com esse invólucro... surgiram... os candeeiros... perfurados, de argila. Aristófanes diz assim:

e vemos tudo a brilhar,
como à luz de nova lanterna (λυχνούχῳ),
através da túnica

9. **Heféstion Manual 9.2 29** (do coriambo) outros <metros terminam> em *amphibrachrys*²²⁹ ou *bakcheion*, tal qual os dímeters do *Eolosícon* de Aristófanes:

não sem razão, mulheres,
com todos os males lesam-nos
os homens a cada vez.
Pois somos flagradas por eles
fazendo obras terríveis

10. **Pólux 10.25** e a *opē* (ὀπή, orifício) é dito no *Eolosícon* de Aristófanes:

tanto através do orifício (ὀπής) quanto sobre o telhado

²²⁹Esse pé métrico é composto por sílaba breve, longa, breve (υ — υ). As sílabas breves nas extremidades são a razão do seu nome, *amphibrachrys*, “breve de ambos os lados”.

11. **Escólio de Paz 741c** (e aqueles Héracles mastigadores e famintos) também o próprio Aristófanes representa Héracles como glutão em *Aves* (1583ss.) e em *Eolosícon*:

Héracles glutão

12. **Ateneu 7.276 C** um dos gramáticos presentes, observando a preparação do jantar, disse: “então, como comeremos esse jantar? Talvez ‘ao longo da noite’ (*dia nyktos*, διὰ νυκτός), como o divertido Aristófanes diz em *Eolosícon*, querendo dizer ‘durante toda a noite’ (*di’ holēs nyktos*, δι’ ὅλης νυκτός)”

ao longo da noite

13. **Pólux 10.115** *lychnion* (λύχνιον, pequeno castiçal) <é o objeto> sobre o qual o *lychnos* (λύχνος, tocha) é colocado... 118 Quando Aristófanes disse, em *Eolosícon*, *duoin lychnidioin* (δυοῖν λυχνιδίοιν, duas lamparinas), é evidente que queria dizer *lychnia* (castiçais) e não pequenos *lychnoi* (tochas)

duas lamparinas

14. **Pólux 9.89** (depois do fragm. 215 e *Vespas* 788ss.) seguramente, em *Eolosícon*, “não ter dinheiro de baixo valor” recebia o nome de *akermatia* (ἀκερματία)

sem-trocados

15. **Pólux 10.24** segundo Aristófanes, em *Eolosícon*, também encontramos *kleidion* (κλειδίον, chaveta)

chaveta

16. **Pólux 10.127** (os utensílios dos aposentos femininos) e no *Eolosícon* de Aristófanes também se diz *smēmatophoreion* (σμηματοφορεῖον, porta-loção)

porta-loção

Anfiarau

Anfiarau, o célebre adivinho tebano, é pai de Íaso, “Cura”, nessa comédia (fragm. 21). Os fragmentos sugerem que um homem e sua mulher buscam a cura para um flagelo. O fragm. 33 fala em cegueira. O fragm. 20 indica uma situação em que a má aparência de uma pessoa enfraquecida impressiona seu interlocutor. E a venda de remédios é mencionada no fragm. 28.

17. **Escólio de Nuvens 663 a** era hábito deles, naquela época, falar também no gênero feminino *hē... alektryōn* (ἡ... ἄλεκτρυόν, feminino de galo, galinha). Ocorre claramente em *Anfiarau*:

(A.) Mulher, que barulho é esse? (B.) A galinha (ἡ ἄλεκτρυὸν) derrubou a taça.

(A.) Então, ela tem do que se lamentar.

18. **Herodiano Vocabulário Singular 2.944.23 L.** *tylē* (τύλη, almofada), que para os áticos era costume chamar *knephallon* (κνέφαλλον), sendo do tipo <de objeto> que contém um invólucro. Aristófanes, em *Anfiarau*, diz (citação do fragmento). **Pólux 10.40** no *Anfiarau* de Aristófanes se diz (citação do fragmento). É evidente que eram também de couro e lã, pois também nos versos de Alcibíades (IG I³ 422.257) “vende-se *proskephalaion* (προσκεφάλαιον, travesseiro) de couro, de linho e de lã”

vamos, por Zeus, traz do quarto para nós dois

almofada (κνέφαλλον) e travesseiro (προσκεφάλαιον) dos de linho

19. [Herodiano] *Das Locuções Incorretas*, ed. Cohn RhM 43 (1888) 411 os que dizem “primeiramente (*prōtōs*, πρῶτως) foram” e “primeiramente viram” erram, pois é preciso dizer “primeiro (*prōton*, πρῶτον) foram” e “primeiro viram”, já que não se diz nem “segundamente” (*deuterōs*, δευτέρως) nem “terceiramente” (*tritōs*, τρίτως), mas “primeiro”, “segundo” (*deuteron*, δεύτερον) e “terceiro” (*triton*, τρίτον), como Aristófanes, em *Anfiarau* (citação do fragmento). Cf. Frínico *Éclogas* 285, Moeris 207.19 Bk., [Herodiano] *Filetero* 87

pois levaram/leve²³⁰ primeiro (πρῶτον) o homem à caça

20. *Suda* α 92 *achēnia* (ἀχηνία, carência): falta, pobreza. Aristófanes diz, em *Anfiarau* (citação do fragmento). *Fócio* (z) α 3432 *achēnia*: falta, pobreza. Aristófanes diz, em *Anfiarau*, testemunhando *achēnian*. *Lexicon Bachmann* 175.6 *achēnia*: falta, pobreza. Aristófanes assim diz em *Anfiarau*:

atacado por doença ou pela carência (ἀχηνία) de amigos?

21. **Escólio de Pluto 701** Iaso, que nasceu de Asclépio, é assim chamada por causa da cura (*iasis*, ἰασίς). Mas ele <= Aristófanes > também diz nesses versos que é filha de Anfiarau (citação do fragmento). **Hesíquio ι 90** Iaso: por causa do verbo curar (*iasthai*, ἰᾶσθαι). Aristófanes diz também que Iaso é filha de Anfiarau

ó filha, a ti, Iaso, falei propício

22. **Pólux 7.181** *ereikein* (ἐρείκειν, esmagar) é o mesmo que *katereikein* (κατερείκειν). Aristófanes, em *Anfiarau*, diz (citação do fragmento), e em *Vespas* (649): “esmagou (κατέρειξεν) os ânimos”. **Idem 7.61** e Aristófanes diz *pisous* (πισούς, ervilhas) no plural

em seguida, ela o esmagou (ἔρειξεν) como se estivesse acrescentando-o às ervilhas (πίσους)

230A forma verbal *exēgagon* (ἐξήγαγον) pode ter como sujeito tanto a 1ª p. sing. quando a 3ª p. pl.

23. **Ateneu 4.158 C** (depois do fragm. 165) e em *Anfiarau* diz (citação do fragmento) **Eustácio sobre Odisseia 1572.51** *phakea* (φακέα, sopa de lentilhas) é o mesmo que *phakē* (φακῆ), segundo um dos antigos, o mais delicioso alimento

tu que insultas a sopa de lentilhas (φακῆν), o mais delicioso dos alimentos²³¹

24. **Escólio de Rãs 244 = Suda φ 533** *phleōn* (φλέων, junco) é uma planta similar a um arbusto, mencionada também por Teofrasto, insinuando que é um capim aquático como o bútomo (*Historia Plantarum* 4.8.1). Menciona-o também Aristófanes, em *Anfiarau*:

onde eu conseguiria uma rolha de junco (φλέων) para meu cu?

25. **Fócio 596.13 = Suda τ 809** *tou* (του, uma certa pessoa; *var.* τοῦ **Fócio**) também se usa no feminino... Aristófanes, em *Anfiarau*, diz:

trago esta carne aqui para ele, da parte de uma certa (του) mulher

26. **Fócio (z) inéd. = Suda φ 770** Frinondas: entre os conhecidos pela perversidade, foi um estrangeiro que viveu em Atenas durante a Guerra do Peloponeso. Aristófanes, em *Anfiarau*, diz (citação do fragmento), por isso chamam os perversos frinondas. **Fócio (z) inéd. = Etymologicum Genuinum AB** Frinondas: nome próprio. Foi um ateniense de má fama pela perversidade, em nada inferior a Euríbatos (**fim de Fócio**). Aristófanes, em *Anfiarau*, diz (citação do fragmento) **Escólio de Ésquines 3.137.339 Sch.** Frinondas: esse homem, conhecido pela perversidade, viveu naquela época, razão pela qual Aristófanes, em certa passagem, diz (citação do fragmento). **Escólio de Luciano Alexandre 4.181.12 R.** Frinondas foi aclamado pela perversidade em *Astrateutoi* (fr. 39 K.) e *Dēmoi*, de Êupolis (fragm. 39 K.), e em *Proágon* (fragm. 484 K.-A.), *Anfiarau* e *Tesmoforiantes* (861) de Aristófanes

ó tu abominável, frinondas, perverso!

²³¹A sopa de lentilhas era considerada um prato vulgar. Cf. p. 34.

27. **Harpocrácion 190.7** *Lamptrai* (Λαμπτραί, Lamptras): um demo da tribo de Erecteu²³² como diz Diodoro (372 F 4 Jac.). Duas são as Lamptras, a litorânea e a do interior. Aristófanes, em *Anfíarau*, diz:

eu mesmo sou habitante da Lamptras litorânea

28. **Pólux 10.180** as *kistai* (κίσται, cestas) não são somente porta-alimentos, nem somente os recipientes para depósito de vestes, como se esperaria. Mas também as <cestas> dos farmacêuticos podem ser assim chamadas, como faz Aristófanes, em *Anfíarau*:

e as serpentes que forneces,
sela-as numa cesta (κίστη)
e para de vender remédios

29. **Eliano Natureza dos animais 12.9** (κίγκλος, mergulhão-pequeno²³³) move as penas da cauda... Aristófanes, em *Anfíarau*, menciona essa ave, dizendo (citação do fragmento). E em *Velhice* (fragm.147)... E Autócrates, em *Tympanistai* (fragm. 1 K.-A.). **Hesíquio δ 1052 = Etymologicum Magnum 268.1** *diakinklison* (διακίγκλισον): sacudir (até aqui Fócio δ 335) a ave *kinklos* é o torcicolo²³⁴

sacode (διακίγκλισον) ao máximo o quadril do velho, como
um mergulhão-pequeno (κίγκλου). Produzirá um bom encantamento²³⁵

²³²*Erechtheis*, uma das tribos da Ática, remonta ao nome de Erecteu.

²³³O DPG traduz como melro-d'água (*Cinclus cinclus*), no entanto, guiei-me pelo nome científico apresentado pelo LSJ, *Podiceps ruficollis*, e por isso optei por *mergulhão-pequeno*.

²³⁴Apesar de *seisopygis* ser o termo usado para designar o *torcicolo* (DPG) – cujo nome científico é *Iynx torquilla* – parece ter havido, em algum momento, a identificação desse nome a outra ave, o mergulhão-pequeno (*kinklos*), como notam os lexicógrafos: Fócio p.163.20 = *Suda* κ 1585 *kinklos*: ave que balança muito a cauda, a qual alguns chamam *seisopygis*.

²³⁵No fragmento, *kinklos* está associado ao *seisopygis*, ave que era usada como amuleto para trazer de volta amantes infiéis, e cujo próprio nome tornou-se sinônimo de encantamento. Cf. LSJ *iygx* = *seisopygis*.

30. **Heféstion *Manual* 9.3.30** (do coriambo) e muitas vezes o que se apresenta é <o tetrâmetro> do qua, junto ao fechamento, a segunda sizígia é iâmbica, tal qual em Anacreonte (PMG 385)... e em Aristófanes, no seu *Anfíarau*:

sei que faço algo antiquado e não me passa despercebido²³⁶

31. **Escólio de *Paz* 474** (a sua *mormō*²³⁷) assim chamavam a carantonha, tanto as máscaras de amedrontar crianças, quanto as trágicas e cômicas. E em *Anfíarau* se diz (citação do fragm.) Cf. fragm. 130

— ∪ desde quando conheci a máscara de amedrontar

32. **Escólio de Platão *Teages* 122 B** “o conselho é sagrado” é um provérbio a respeito dos que aconselham honestamente e lealmente... mas outros dizem que o provérbio faz um elogio do conselho, pois ele é uma divindade e está acima do homem. Aristófanes também o menciona em *Anfíarau*:

o conselho é sagrado

33. **Erotiano λ 25 *lebēris* (λεβηρίς, exúvia²³⁸)**: membrana solta da pele, que é a chamada epiderme das serpentes, como Aristófanes diz em *Anfíarau* e Estrátis em *Fenícias* (fragm. 49 K.) **Zenóbio *Provérbios vulg.* 2.95 (≈ Hesíquio γ 1003; *Suda* γ 491)** “mais desnudo que uma *lebēris*”²³⁹: Aristófanes diz “mais cego que uma *lebēris*”. A *lebēris* é a pele velha e o despojo da serpente e da cigarra. *Lebēris* é, em sentido próprio, aquela que envolve o embrião do boi. Por fim, é também algo cego (*lebēris* é a epiderme da serpente, por ser seu invólucro, ou seja, é completamente vazio e cego **Hesíquio**), pois os únicos orifícios que tem são os dos olhos. A palavra é empregada tanto em

236Para Wright (2012: 92), trata-se de um comentário metapoético no qual o poeta comenta um lugar-comum do gênero cômico em sua própria poesia. Cf. p. 32.

237Figura feminina que amedronta crianças com suas caretas, espécie de bruxa.

238O termo *exúvia* é aplicado especificamente no caso dos artrópodes, como a cigarra (cf. *Houaiss*). No entanto, o termo é comumente utilizado, por extensão de sentido, também para a troca de pele das cobras.

239Optei por manter o grego nessa passagem, ao invés do vernáculo “exúvia”, porque embora a exúvia se aplique tanto às cigarras quanto às serpentes, ela não se aplica ao embrião do boi, como se explicará a respeito da *lebēris* mais adiante.

relação à cigarra quanto àqueles que se despojam da epiderme. De três formas registraram o provérbio: uns dizem “mais cego que uma *lebēris*”, outros “mais vazio”, e outros ainda “mais nu”

mais cego que uma exúvia

34. **Antiaticista 81.24** Aristófanes diz, em *Anfiarau*, *amiges* (ἀμυγές, água pura) **Frínico Preparações sofisticas 39.5** *amiges*: água sem mistura e limpa de fluxo diverso

água pura

35. **Fócio (b,z) α 1983** *anthrōpikos mythos* (ἀνθρωπικὸς μῦθος, enredo humano): aquele cuja trama é sobre atividades humanas. Aristófanes menciona-o em *Anfiarau*

enredo humano

36. **Pólux 10.92** e uma *spyrida opsōniodokon* (σπυρίδα ὀψωνιοδόκον, cesta de alimentos) é um vime trançado para guardar alimentos, Aristófanes disse em *Anfiarau* e em *Acarnenses* (453ss.), *spyridion* (σπυρίδιον, cestinho), que é também o <cesto de> vime, imitando o estilo trágico

cestinho de alimentos

37. **Pólux 2.176** “*anaphlan* (ἀναφλᾶν, masturbar-se) e *anaknan* (ἀνακνᾶν, roçar) nele” <=pênis> é levantá-lo usando ambas as mãos, Aristófanes diz em *Anfiarau*:

masturbar-se e roçar nele

38. **Antiaticista 82.15** *anthrōpizetai* (ἀνθρωπίζεται, age como um ser humano): Aristófanes diz em *Anfiarau* **Pólux 2.5** *anthrōpizetai*, como diz Aristófanes

ele/ela age como um ser humano

39. **Etymologicum Genuinum A** *antibolō* (ἀντιβολῶ, eu encontro): é preciso saber que *antibolō* foi flexionado externamente... Aristófanes, em *Anfiarau*, colocou duas flexões por meio do épsilon (ε), *ēntebolēsen* (ἔντεβόλησεν)

encontrou

40. **Harpocrácion 270.10** *rhoptron* (ρόπτρον, aldrava): assim Lísias (or. 6.1)... chama a argola da porta, bem como outros, <como> Aristófanes, em *Anfiarau*, e Xenofonte, no sexto livro de *Hellenika* (6.4.36)

aldrava

Anagiro

Os testemunhos dessa comédia falam da vingança do herói Anagiro, epônimo de seu demo, contra um velho que morava no lugar. O test. i (= *Suda* α 1842) relata acontecimentos bastante semelhantes aos do enredo de *Hipólito*, de Eurípides. A tragédia é parodiada no frag. 53. Os frags. 42, 43, 44, 64 e 66 remetem ao universo hípico. No frag. 54, há uma referência aos habitantes desse demo, “anagirasianos”.

41. **Pólux 9.70** *symbolon* (σύμβολον) poderia ser também uma moeda de pouco valor... 72 mas <outros gramáticos> refutam a possibilidade de ser algo de pouco valor, já que Aristófanes, em *Anagiro*, diz (citação do fragmento)²⁴⁰; e Arquíloco... (fragm. 8 K.)

240O grego *brachy nomisma* (βραχὲ νόμισμα) e *smikron* (σμικρόν) podem designar tanto algo pequeno quanto algo de pouco valor. Inclino-me a pensar que, no caso, refiram-se a algo de pouco valor, já que Pólux justifica os gramáticos que refutam essa possibilidade <i.e. de que seja algo de pouco valor> com uma citação de Aristófanes que sugere o furto do *symbolon*. É como se algo de pouco valor não despertasse o interesse alheio nem preocupação de quem o possui, como acontece no excerto citado. De todo modo, a relação entre a explicação de Pólux e a citação do texto cômico não é clara, e por isso optei por “moedinha”, que dá conta de ambos os significados em questão.

costumo fazer isso mesmo: <colocar> dois óbolos e uma moedinha (σύμβολον)
sob a cabeceira. Será que alguém a pegou?

42. *Etymologicum Genuinum* AB bucéfalo... assim chamavam, na Tessália, os cavalos que tinham uma cabeça de boi marcada <com ferro>. Por isso, alguns dos cavalos tessálios eram chamados bucéfalos, como mostra Aristófanes, em *Anagiro* (citação do fragmento). E novamente (fragm. 43)

não chores. Eu comprarei um bucéfalo para ti

43. *Etymologicum Genuinum* A (depois do fragm.42) E novamente:

escovar com suavidade

o bucéfalo²⁴¹ e o <cavalo marcado com o> *koppa*²⁴²

44. Fócio 346.16 = *Suda* o 577 = Eustácio sobre *Ilíada* 629.55 *orthoplēx* (ὀρθοπλήξ, cavalo rampante): que se ergue ereto quando golpeado. Aristófanes diz, em *Anagiro*:

(A.) Que rampante (ὀρθοπλήξ)! (B.) Sim, pois é indômito por natureza

45. Ateneu 9.385 F (*opsaria*, ὀψάρια, alimentos que se comem com pão, particularmente o peixe) o termo está no *Anagiro* de Aristófanes, (citação do fragmento), mas está por “petiscos”

a menos que tu me consoles a cada vez com petiscos de peixe (ὀψαρίοις)

46. Fócio 311.14 = *Suda* ξ 129 *xynnenophen* (ξυννένοφεν, está nevoento): o mesmo que nuvioso, nublado, nebuloso. Aristófanes menciona-o em *Anagiro* (citação do fragmento), e em *Ilhas* (fragm. 410). Eustácio sobre *Ilíada* 127.27 = *Anedocta Graeca* e codd. *Manuscriptis bibliothecarum*

²⁴¹Cf. fragm. 42.

²⁴²Letra usada nas formas primitivas do alfabeto grego, cuja representação gráfica era Q, q, e que permaneceu no sistema numérico grego, representando o valor 90.

Oxoniesium 3.395.31 (νείφω, nevar) daí vem *nephos* (νέφος, nuvem). E também *nenopha* (νένοφα, tenho nevado), mas Herodiano, ao citá-lo (2.795.33 L), vê-se num impasse, pois como poderia Aristófanes dizer *nenopha* e não *nenoipha* (νένοιφα), se, assim como *leibō/leloiba* (λείβω/λέλοιβα; derramo, tenho derramado), *leipō/leloipa* (λείπω/λέλοιπα; abandono, tenho abandonado), do mesmo modo também seria *neiphō/nenoipha* **Exc. ex. Orionis etym. ed. A. M. Micciarelli Collesi Byz. 40 (1970) 535 § 153** *neiphō*: *nephos* e *nenophen*, o perfeito médio em Aristófanes, e também explica o *nepheiē*. **Hesíquio σ 2653** *sunnenophen*: ficou contrariado(a). Cf. fram. 410

está nevoento (ξυννένοφεν) e trovejante de modo bem mais tempestuoso

47. **Fócio 315.22 = Suda o 48** “a estrada estando adiante, pelo atalho segues”: é o dito. Aristófanes, em *Anagiro*, diz:

o porto estando adiante, pelo atalho afundei

48. **Pólux 9.64** em *Anagiro*, três meio-óbolos são chamados *triēmiōbolion* (τριημιωβόλιον, trissemióbolo):

tendo na boca um trissemióbolo

49. **Pólux 10.76** <quanto ao objeto usado> para vomitar, também chamavam-no *lekanē* (λεκάνη, tina)... e este recipiente pode ser chamado *lekanion* (λεκάνιον, pequena bacia). É possível chamá-lo também *lebēta* (λέβητα) e *lebētion* (λεβήτιον). Aristófanes, em *Anagiro*, disse *skaphē* (σκάφη, bacia):

† e bacia (ἡμισκάφης)... † vou vomitar

50. **Fócio (z) inéd.** *eklimakisen* (ἐκλιμάκισεν, executar uma escada²⁴³): girar e dobrar. Aristófanes diz em *Anagiro*:

executou uma escada (ἐκλιμάκισεν) de modo que caiu no meio do fosso

51. **Fócio (b, z) α 1404** *anabrebasmenē* (ἀναβεβρασμένη, requentada): remexida. Aristófanes diz em *Anagiro*:

esta aqui, rançosa, foi requentada (ἀναβεβρασμένη)

52. **Ateneu 14.650 E** romãs [texto corrompido] de sementes duras. As sem semente Aristófanes menciona em *Lavradores* (fragm. 120). Também em *Anagiro* (citação do fragmento)... e em *Geritades* (fragm. 188) **Hesíquio α 2902** mingau de farinha e romã: tanto os que estão doentes quanto [texto corrompido] da espécie que contém casca, segundo Anticlides (140 F 23 Jac.)

exceto mingau de farinha e romã

53. **Ateneu 4.133 B** comiam grilo e cigarra para abrir o apetite. Aristófanes diz em *Anagiro* (citação do fragmento). O grilo é um animal semelhante à cigarra... como Espeusipo lembra em seu segundo *Homoiōn* (fragm.10 Tar.)

pelos deuses, amo comer cigarra

e grilo caçado

com uma vareta fina²⁴⁴

54. **Fócio (b, z) α 1430** *Anagyrasio* (Ἀναγυράσιος, anagirasiano): alongaram a terceira e abreviaram a quarta <sílaba>. Aristófanes diz em *Anagiro*:

243A citação é sobre manobras feitas por lutadores para vencer seus adversários. Cf. Pólux 3.155 *plagiazēin* (desviar) e *klimakizein* são nomes de manobras de luta.

244Segundo Hernderson (2007: 137), os versos são uma paródia do *Hipólito* de Eurípides, vv.219-22.

passar bem, Alo²⁴⁵ da Ftia!

Passar bem, sem mais, anagirasianos (Ἀναγυρασίους)!

55. **Fócio (z) inéd.** chamam *eipoi* (εἴποι) as ratoeiras. E também *epiripton baros* (ἐπιπῦπτον βάρος). Mas também há a palavra *myagra* (μυάγρα, ratoeira) entre eles, em *Anagiro*:

mesmo que tu não pegues nada, arma uma ratoeira (μυάγραν)

56. **Ateneu 7.301 A** *hepsētos* (ἐψητός): termo usado para se referir aos peixinhos sem pele. Aristófanes diz em *Anagiro*:

não há um prato de peixinhos cozidos (ἐψητῶν)

57. **Escólio de Aves 1292** (um, comerciante coxo, era chamado perdiz) Perdiz era o nome de um comerciante, e ele era coxo. Ele <= Aristófanes> o menciona em *Anagiro* (citação do fragmento), mas muitos o mencionam, e por causa dele dizem haver o provérbio “perna de perdiz”, que Aristófanes <de Bizâncio> menciona entre os provérbios não metrificadas²⁴⁶ (fragm. 12.241 N.)

com certeza, ontem ele era uma perdiz coxa

58. **Fócio (z) α 2442 = Suda α 3227 = Lexicon Bachmann 122.4** *haplēgis* (ἀπληγίς, túnica): manto curto de justa medida. Aristófanes diz em *Anagiro* (citação do fragmento) **Hesíquio α 6229** *haplēgis*: capa de justa medida que não pode ser dividida em duas.

fazendo da minha capa três túnicas (ἀπληγίδας)²⁴⁷

245Na *Iliada* 2.682, é uma das cidades sob o domínio de Aquiles.

246Aristófanes de Bizâncio, um dos eruditos da biblioteca de Alexandria, tinha um livro de provérbios que não sobreviveu. Cf. Boudreaux (1919: 41, n.1). Via de regra, os provérbios eram metrificadas.

247Provável acusação, sob forma metafórica, de Aristófanes a Êupolis por este ter, supostamente, apropriado-se de uma temática cômica sua e tê-la utilizado em três comédias. Para uma discussão sobre a questão, cf. Wright (2012:92).

59. **Fócio 387.7 = Suda π 392** *paraloumai* (παραλοῦμαι, tomo banho junto): usado proverbialmente. Pois anteriormente costumavam os ricos banharem-se junto com os pobres nas salas de banho. Aristófanes o diz em *Anagiro* (citação do fragmento), quer dizer, entrar junto com os ricos, de modo a nem levar esponja, mas usar as deles **Eustácio sobre Odisseia 1604.18** (σπαρτίον, cordinha) muitas das boas expressões de antigamente foram corrompidas, entre elas está o vulgarmente chamado *spartzion*. *Spartion* deveria ser dito segundo seu uso original. Encontrou-se certa vez, entre os que tomavam banho, em vez de esponja, uma trança feita de cordas (*sparta*, σπάρτα), como é natural, e diz-se que Aristófanes aludiu a isso na peça chamada *Anagiro*

mas é preciso que todos tomem banho juntos (παραλοῦσθαι) e cedam as esponjas

60. **Suda α 3771** ladrões argivos: os manifestamente perversos. Pois os argivos são ridicularizados na comédia por causa do roubo. Aristófanes menciona <a expressão> em *Anagiro*:

ladrões argivos

61. **Pólux 10.56** *stomia de prionōta* (στόμια δὲ πριονωτά, boca de serra), disse Aristófanes em *Anagiro*:

boca de serra

62. **Suda α 1701** *amphianaktizein* (ἀμφιανακτίζειν)²⁴⁸: cantar a ária de Terpandro, a chamada órtia (até aqui = **Fócio α 1303**), porque²⁴⁹ seu proêmio começava assim: “que novamente minha alma cante o senhor longiflecheiro” (PMG 687). Está em *Eunaia* e *Anagiro* **Fócio (b, z) α 1304** *amphi anaktas* (ἀμφὶ ἄνακτας): é o começo de uma ária citaródica beócia ou eólia, ou ainda órtia, de acordo com Cratino (fragm. 72 K.-A.), Aristófanes e Íon (19 F 53 c Sn.)

cantar uma ária²⁵⁰

248 *Amphianaktizein* é um verbo formado a partir de *amphi* (ἀμφί), “a respeito de”, e *anax* (ἄναξ), “senhor”. O começo do verso que o *Suda* citará adiante é, em grego: “*amphi* moi au ton *anakt*...” (ἀμφί μοι αὐτὸν ἄνακτ'). Grifo meu.

249 Há uma variação entre os manuscritos nessa passagem. Opto pela proposta por Wil. Tim. Cf. PCG (1984:61).

250 Embora a acepção que consta no LSJ seja a de “cantar ditirambos”, não a considero adequada ao caso desse fragmento, já que ária mencionada é claramente em honra do deus Apolo.

63. **Pólux 7.164** (sobre a cerâmica) argila *anachyrōtos* (ἀναχύρωτος, sem palha), Aristófanes diz em *Anagiro*:

argila sem palha

64. **Pólux 10.54** *pnigea* (πνιγέα, 1. cabresto; 2. abafador) diz Aristófanes com relação ao cavalo, em *Anagiro* *Etymologicum Magnum* 677.38 = *Etymologicum Symeonis* CV *pnigeus*... designa o forno ou o cabresto dos animais de carga. Do primeiro se diz ser o céu, pois é o abafador²⁵¹, quanto ao segundo, debes usar o termo *pnigea* (fragm. adesp. 664 K.) ao invés de *phimos* (φιμός, cabresto) etc.

cabresto

65. **Pólux 10.114** (utensílios da panificação... se bem que é um dos utensílios comuns para os padeiros) a base da mó é um *hypholmion* (ὑφόλμιον, gral), como diz Aristófanes em *Anagiro*:

gral

66. **Pólux 10.55** a *psēktra* (ψήκτρα, escova de cavalo) não é só mencionada no *Anagiro* de Aristófanes, mas também no *Oinomaos* de Sófocles (fragm. 475 R.): eu te vejo com a escova de cavalo, / puxando para baixo a égua ruiva de cabelos secos”. Cf. Frínico *Preparações sofisticas* 127.17, Suda ψ 66

escova de cavalo

²⁵¹O termo *pnigeus*, que tem origem no verbo *pnigō* (sufocar), é usado para designar o forno que abafa o carvão, mas também é metáfora para céu, que “abafa” a terra e seus habitantes. Cf. *Nuven* 96.

Babilônios

A comédia parece ter tido uma temática abertamente política. Um testemunho importante é o do próprio Aristófanes, na parábase de *Acarnenses* (vv. 633-42), produzida um ano depois de *Babilônios*, na qual o poeta relembra as críticas a Cléon e aos demagogos feitas em sua última comédia.²⁵²

Os frags. 71, 90 e 99 falam de escravos sâmios que tiveram suas testas tatuadas, os quais podem se configurar como o coro da comédia. Outra possibilidade é que o coro fosse constituído por escudeiros, mencionados nos frags. 72 e 81. O deus Dioniso é, aparentemente, uma personagem que também exerceu sua crítica aos demagogos (frg. 75). O fragm. 71 atesta que a comédia foi apresentada sob o nome de Calístrato.

67. **Ateneu 3.86 F** pode-se encontrar *konchai* (κόγχαι, ostras) ditas tanto no feminino quanto no masculino. Aristófanes diz em *Babilônios*:

cada um escancarava a boca do mesmíssimo modo
que ostras (κόγχαισιν) cozidas sobre o carvão

68. **Pólux 10.85** que as taças, assim, tornaram-se de prata, Aristófanes revela suficientemente quando diz (citação do fragmento) **Ateneu 11.478 C** Platão em *Zeus Kakoumenos* (fragm. 48 K.) diz “traz a taça”, e também Aristófanes em *Babilônios*. E Eubulo... (fragm. 71 K.). Pânfilo diz ser uma espécie de copo, e próprio de Dioniso <= vinho>

(A.) São necessárias duzentas dracmas.

(B.) Então, de onde elas viriam? (A.) Traz aquela taça

69. **Pólux 10.173** os *strōtēres* (στρωτήρες, vigas) e os *kalymmatia* (καλυμμάτια, tabuado) podem se ligar às telhas do telhado. Ambos estão nos *Babilônios* de Aristófanes (citação do fragmento), e novamente ainda em (fragm. 70) **Harpocrácion 281.11** as pequenas vigas, que ficam acima do depósito de lanças, eram chamadas *strōtēres*, como diz Dídimos (p.320 Schm.). Esse nome também está em *Babilônios* de Aristófanes (citação do fragmento). Cf. Fócio 544.23, *Lexicon Bekker*^v 302.5

252Cf. test. ii = Escólio de *Acarnenses* 378 (Papiro Oxyrhynchus 856.24-27).

quantas vigas (στρωτήρας) tem esta sala de banquetes

70. **Pólux 10.173** (ver junto com fragm. 69); **Fócio 128.15** *kalymmata* (καλύμματα, tabuado): que é, para alguns, o teto decorado com ornamentos encaixilhados. Assim diz Aristófanes. **Idem 74.16** *ērephen* (ἔρεφεν): cobriu

quão bem cobriu (ἔρεφεν) a casa com o tabuado (καλυμματίοις)

71. **Hésquio σ 150** demo dos sâmios: alguém disse em Aristófanes, vendo os babilônios a partir do moinho (citação do fragmento), maldizendo sua aparência e imprecando contra eles. E há outra versão, segundo a qual se dizia que o demo era letrado porque os sâmios foram os primeiros letrados entre os gregos, tanto usando quanto transmitindo aos outros gregos o uso das 24 letras. **Fócio 498.15 = Suda σ 77** o demo dos sâmios como letrado: Aristófanes menciona isso em *Babilônios*, zombando dos tatuados. Pois os sâmios, subjugados pelos tiranos pela falta de cidadãos, reclamaram a igualdade cívica dos escravos de cinco estáteres²⁵³, como Aristóteles diz na *Constituição de Samos* (fragm. 575 Rose³). Ou porque as 24 letras foram inventadas, entre os sâmios, primeiro por Calístrato, como diz Ândron em *Tripous* (fr. 7 Muell. FHG II 348). Arquino, no entanto, convenceu os atenienses a usarem as letras dos jônios no arcontado de Euclides (ano 403/2). Aristófanes encenou *Babilônios* sob o nome de Calístrato 25 anos antes de Euclides, no arcontado de Eucles (ano 426). O fato de terem sido convencidos é relatado por Teopompo (115 F 155 Jac.). Que os atenienses tatuaram os capturados na guerra contra os sâmios com uma coruja, e os sâmios por sua vez tatuaram os atenienses com o *samaina* — que é o barco de dois bancos de remadores, construído primeiro por Polícrates, tirano dos sâmios — diz Lisímaco no segundo livro de *Nostoi* (382 F 7 Jac.). Mas a invenção é de Dúris (76 F 66 Jac.). **Plutarco Vida de Péricles 26.4** (da guerra dos sâmios, anos 441-439) e os sâmios, devolvendo o ultraje aos atenienses apreendidos na guerra, tatuaram corujas em suas testas. Os atenienses de fato tatuaram neles o *samaina*... assim chamado por aparecer primeiro em Samos, quando Polícrates o construiu. Dizem ter relação com essas tatuagens a enigmática alusão aristofânica:

é o demo dos sâmios: que letrado!

²⁵³Moeda que, se cunhada em ouro, valia 20 dracmas, se em prata, 4 dracmas.

72. **Escólio de *Lisístrata* 282** chamavam *aspides* (ἀσπίδες) as fileiras. Novamente no próprio Aristófanes, em *Babilônios*, (citação do fragmento) ***Suda* α 4211** *aspis*: ... a fileira. Aristófanes diz:

ponde-vos todos em sequência de três fileiras de escudeiros (ἀσπίδας)

73. **Fócio 295.5** *neolaia* (νεολαία): gente jovem, aquela que antigamente não era inscrita entre os homens. *Neolaia*: os áticos dizem com quatro sílabas *neotēta* (νεότητα, jovem). Em *Babilônios*, <Aristófanes> diz (citação do fragmento). Cf. Frínico *Preparações sofisticas* 91.1

ó Zeus, que bela é a classe dos jovens (νεολαίας)!

74. ***Etymologicum Genuinum* AB** *enkinoumenos* (ἐγκινούμενος): diz-se dos causadores de tumulto e empecilhos. Aristófanes diz em *Babilônios*:

certo homem entre nós é um agitador (ἐγκινούμενος)

75. **Ateneu 11.494 D** nos *Babilônios* de Aristófanes escutamos que o *oxybaphon* (ὀξύβαφον) é uma pequena taça, quando Dioniso fala a respeito dos demagogos de Atenas que lhe pediam “duas *oxybaphō* (ὀξυβάφω)” no momento em que ele ia ao julgamento, de nenhuma outra forma se deve considerar senão que pediam taças

duas taças

76. **Escólio de *Lisístrata* 288** (***Suda* σ 436**) *simos* (σιμός, aclave) ao invés de *prosantes* (πρόσαντες, íngreme). Também em *Babilônios* (citação do fragmento). **Fócio 512.8 = *Lexicon Bachmann* 364.22** *simos*: cimo escarpado. Cf. Hesíquio σ 668 *simos*: a região íngreme ≈ *Etymologicum Magnum*

firma-te no meio junto ao aclave (σῑμόν)

77. **Prisciano** *Instituições Gramaticais* 18.207 Aristófanes diz em *Babilônios* (citação do fragmento). Nós também falamos de modo semelhante, *annuit me fugere domum* (anuiu que fugisse para casa). E dizem no dativo tanto *illi* como *nos*: *enneuei moi poiein* (ἐννεύει μοι ποιεῖν), *annuit mihi facere* (a mim anuiu fazer)²⁵⁴

anuiu que eu fugisse para casa

78. **Pólux** 10.38 podes dizer, quanto ao estilo da canção, tanto *chnous* (χνοῦς, estilo florido) quanto “brando” (*mnous*, μνοῦς), a respeito dos <cantos> agradáveis, como Aristófanes diz em *Babilônios* (citação do fragmento), e em *Danaides* (fragm. 268): “a obra dos inferiores é branda” **Fócio (z)** *inéd.* = *Lexicon Bachmann* 418.24 *chnoun*: o fino da palha. Aristófanes o diz

tens colmo e palha (χνοῦν)²⁵⁵

79. **Escólio de Platão** *Fédon* 101 D (“temendo a tua própria sombra”, é o que se diz) **p. 14 Gr.** o provérbio é “teme a própria sombra”, a respeito dos exageradamente covardes. Aristófanes, em *Babilônios*, menciona esse provérbio:

teme a própria sombra

80. **Fócio** 288.25 (**Élio Dionísio v 2**) *naulochion* (ναυλόχιον): o lugar no qual se encontram os portos <= ancoradouro> **Pólux** 9.28 quanto às partes da cidade <construídas> por causa do mar... há o porto... a enseada, o cais, o estaleiro, os compartimentos do estaleiro e, como diz Aristófanes em *Babilônios*, o ancoradouro

ancoradouro (ναυλόχιον) no meio

254A tradução do latim é de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

255O trocadilho está nas duas acepções de *xnoun*: 1. palha; 2. estilo florido.

81. **Fócio 540.3** *stoichos* (στοῖχος): fileira... diz-se nos *Babilônios* de Aristófanes:

certamente em fileira (κατὰ στοίχους) haverão de gritar algo à maneira dos bárbaros

82. **Harpócracion 121.3** *epibatēs* (ἐπιβάτης, soldado da marinha): Demóstenes o menciona em seu discurso sobre as despesas da trirreme (or. 50.10 *As tripulações e os soldados da marinha*). Assim chamavam, dentre os soldados de campanha das trirremes, os que não remavam, mas somente eram destinados a lutar. Aristófanes diz em *Babilônios*:

um soldado da marinha (οὐπιβάτης) deu um bom mergulho para trazer para fora o cabo da popa

83. **Amônio Da Diferença das Palavras Semelhantes 517** = **Ptolomeu Acerca da Diferença das Palavras 410.3** = **Bachmann Epítome 381.9** *cholikes* (χόλικες, entranhas) são as tripas dos bois. Aristófanes diz em *Babilônios*:

ou alguém matou um par de boizinhos desejando suas tripas (χολίκων)

84. **Escólio de Aves 1556** (Pisandro) Aristófanes disse que ele também aceitou suborno, em *Babilônios*, deste modo (citação do fragmento). **Escólio de Lisístrata 490** (para poder roubar, Pisandro e os que ocupavam cargos/ sempre promoviam algum tumulto²⁵⁶) representam-no na comédia também como quem aceita suborno, como nos *Babilônios* de Aristófanes:

ou, pedindo presentes, ele providenciou um posto de comando de guerra com Pisandro

85. **Fócio 490.20** = **Suda ρ 216** *rothiazein* (ροθιάζειν): navegar ferindo as ondas. Aristófanes disse, em *Babilônios* (citação do fragmento). E novamente (fragm. 86)

²⁵⁶Aristófanes (2005:38, tradução de Adriane da Silva Duarte).

navega ferindo as ondas (ῥοθιάζων) na direção do porto

86. **Idem** E novamente:

quando um navio, com os golpes do remo, fere as ondas (ῥοθιάζει) com prudente disciplina

87. **Hesíquio ε 6418** *es ton limena* (ἐς τὸν λιμένα, para o porto): *eis ton limena*²⁵⁷ (para o porto) Aristófanes diz em *Babilônios*. Por causa do provérbio: o ático diz *es ton limena*. Pois os atenienses avançavam navegando para a costa com violência no julgamento dos que estavam em terra. **Fócio 22.7** “para o porto”: pois quando são vistos a partir da cidade, <parecem> remar o mais violentamente possível. Razão pela qual o provérbio se diz de maneira incompleta, o ático diz *es ton limena*: falta, pois, a sílaba forte

para o porto

88. **Escólio de Paz 348 e Fórmion**... o cômico menciona-o em *Cavaleiros* (562) e *Nuvens* (fragm. 397) e em *Babilônios*, Êupolis o menciona em *Astrateutoi* (fragm. 40 K.)

Fórmion

89. **Zenóbio Provérbios ath. 1.49 (vulg. 2.22)** “assim como Hérmon”: o provérbio é dito a respeito daqueles que salvam seus escravos, já que em Hérmon, no Peloponeso, havia um templo de Core e Deméter oferecendo segurança aos refugiados. Isso Aristófanes menciona em *Babilônios*:

assim como Hérmon

257Sublinhado meu.

90. **Hesíquio 1 1033** ístrias: Aristófanes, em *Babilônios*, diz que “as testas dos escravos são ístrias”, porque são tatuadas. Os habitantes de Istrio²⁵⁸ tatuam-se e usam roupas pintadas. Dionísio (idem escólio de *Aves* 1297’ Latte), no entanto, disse que da primeira vez em que um ístrio foi chamado “branco”, se disse por antífrase que pura e branca era a testa, mas o sentido era o contrário, que era tatuada

as testas dos escravos são ístrias

91. **Pólux 10.152** *pous de ballantiou* (πούς δὲ βαλλαντίου, pé da bolsa), ele mesmo diz em *Babilônios*

pé da bolsa

92. **Aristóteles Retórica 3.2 1405^b 28** há o diminutivo, que torna menor tanto o mal quanto o bem, como Aristófanes ridiculariza²⁵⁹ em *Babilônios*. Ao invés de ouro, “pedacinho de ouro”, ao invés de manto, “mantinho”, ao invés de injúria, “injuriazinha”, e também “doençazinha”

a) pedacinho de ouro

b) mantinho

c) injuriazinha

d) doençazinha

93. **Antitaticista 80.14** *halykos* (ἄλυκός, salobro): ao invés de *halmyros* (ἄλμυρός, salgado) Aristófanes diz em *Babilônios*

salobro

258Cidade próxima da foz do Istro.

259Para Murphy (1938: 71-2), Aristófanes estaria zombando de uma característica da linguagem dos novos oradores, o abuso dos diminutivos. Não nos fornece exemplos, no entanto, desse traço do estilo dos rétores.

94. **Pólux 4.186** os antigos chamavam os que sempre se arrepiam de frio *rhigōsibioi* (ῥιγωσιβίοι), tremebundos, o que hoje chamamos *dysrigoí* (δυσρίγοι, friorentos). Mas Aristófanes, em *Babilônios*, diz:

friorento (δύσριγος)

95. ***Etymologicum Genuinum AB* zōnteion** (ζώντειον): é uma proparoxítone, <e significa> moinho. Vem de *zea* (ζέα, trigo) que também é chamado *zeiai* (ζειαι). Era onde se tritura o trigo, assim como o *zeonteion* (ζεόντειον). Outros dizem ser o nome do lugar onde os escravos eram castigados. Aristófanes o menciona em *Babilônios*. ***Etymologicum Genuinum AB* zōstreion**: como diz Oro, o milésio. Diz-se no lugar de *zōnteion*. **Timth. Gaz. ap. Reitz. Gesch. gr. Et. 297** *zōnteion*: *ei*, é um proparoxítone. O moinho onde o trigo era triturado, assim como o *zeonteion*. Outros dizem ser o nome do lugar onde os escravos eram castigados, como diz Aristófanes em *Babilônios*

moinho (ζώντειον)

96. **Moeris 199.10** os da Ática dizem *thōmon* (θωμόν, monte; pilha) como Aristófanes em *Babilônios*, os gregos dizem *thēmōn* (θημόν)

pilha

97. **Estéfano de Bizâncio 408.5** (lacedemônio) diz-se tanto *lakōnizō* (λακωνίζω, bancar o lacedemônio) quanto *lakōnistēs* (λακωνιστής, lacônio). Diz-se também *lakedaimoniazō* (λακεδαιμονιάζω, bancar o lacedemônio), como Aristófanes em *Babilônios*

bancar o lacedemônio

98. **Fócio 347.27** *horkōmotein* (ὀρκωμοτεῖν): jurar. Aristófanes atesta em *Babilônios*

jurar

99. **Fócio 538.20** *stigōn* (στίγων): escravo marcado com ferro em brasa, em *Babilônios* **Eustácio sobre Odisseia 1542.48** ele (Suetônio, cf. *Peri Blasphemiōn* 12.62 Taill.), tendo escrito que o escravo *stigōn* e o escravo *pedōn* (πέδων; fragm. 871) são o escravo marcado (*stigmatias*, στιγματίας) e aguilhoado (*pedētēs*, πεδήτης) em Aristófanes, pouco depois diz que o *tripaidōn* (τριπαίδων, três vezes garoto, i. e. escravo) era usado para o *tridoulos* (τρίδουλος, três vezes escravo²⁶⁰), na *Ilíada* 725.30, o *tripedōn* (τριπέδων) é o escravo malfeitor que foi muitas vezes aguilhoado, o qual também era dito do modo simples *pedōn*, *pedonos*, assim como *stigōn* era dito para *stigmatias*. Cf. Pólux 3.79; Hesíquio σ1854

escravo marcado

100. **Antiatícista 116.32** *ōtokáxis* (ὠτοκάξις): diz-se daquele que teve a orelha despedaçada. Aristófanes menciona-o em *Babilônios*

orelha-cortada

Lavradores

Não há nenhum testemunho antigo sobre essa comédia, de modo que as informações sobre seu enredo e tema podem ser depreendidos somente a partir de seus fragmentos e de aproximações com comédias preservadas. Assim como *Acarnenses* e *Paz*, *Lavradores* parece repudiar a guerra e enaltecer a vida no campo: frags. 109 e 111. O fragm. 110 sugere uma crítica mais específica, à tirania de Esparta.

101. **Fócio (b, z) α 551** como “cantar”: estranhíssima expressão dita entre os áticos, embora houvesse outra. Significa dizer tolices, de modo que se, de maneira diversa, <a expressão> tiver o significado de um cantar qualquer, não fará sentido. Êupolis atesta a expressão em *Astrateutoi* (fragm. 2 Dem.) ... Aristófanes, em *Lavradores*, explicando o “cantas”, que é posto no lugar do

²⁶⁰Escravo de terceira geração. Cf. Henderson, em Aristófanes (2007:159, n. 21).

“dizes tolice”, fez dele proverbial. Diz, pois (citação do fragmento). Sirvo-me da ocorrência em comum em Frínico (*Preparações sofisticas* 20.1)

(A.) E então, cantando, falavam dos processos?

(B.) Por Zeus! Eu mesmo te dou uma grande prova.

Pois os velhos ainda dizem, sentados,
quando alguém defende mal um processo,
“cantas!”

5

102. **Plutarco *Vida de Nícias* 8.2** (depois da narração da vitória de Cleão, porque Nícias lhe tinha cedido o poder) e isso trouxe a Nícias grande descrédito... Aristófanes novamente zomba dele por isso em *Aves* (639ss.), dizendo “não, não. Por Zeus! Pra nós não é mais hora de cochilar, nem de hesitar como Nícias”²⁶¹, e em *Lavradores* escrevendo o seguinte:

(A.) Quero cultivar. (B.) E então, quem te impede?

(A.) Vós. Então, pago-vos mil dracmas,
caso me deixeis livre das autoridades. (B.) E nós as recebemos.
São duas mil junto com as de Nícias.

103. **Escólio de *Cavaleiros* 963a** (se fores convencido por ele, é preciso que te tornes um odre) Símaco diz que parece ser um oráculo (154 P.-W.), pois em *Lavradores* está assim:

O que parece a ti ser necessário à cidade acima de tudo?

(B.) A mim, ser um odre²⁶². Não tens escutado?

104. ***Etymologicum Genuinum* AB *glicetai* (γλίχεται)**: apega-se excessivamente, deseja (**até aqui Fócio γ 139 = *Suda* γ 291 = *Lexicon Bachmann* 185.28**) também usado retoricamente nos *Lavradores* de Aristófanes:

261Aristófanes (2000:117, tradução de Adriane da Silva Duarte).

262Cf. nota 26.

Por que então desejas (γλίχη) esses males, rapaz?

105. **Ateneu 3.111 B** o pão *obelias* (ὀβελίας) é assim chamado ou porque é vendido por um óbolo... ou porque é assado em espetos (*obeliskoi*, ὀβελίσκοι). Aristófanes diz em *Lavradores*:

então, aconteceu de alguém por sorte assar o pão *obelias*

106. **Ateneu 11.406 D** (κυλικεῖον, guarda-taças) pois assim é chamada a arca de tacinhas por Aristófanes, em *Lavradores*:

como que diante de um guarda-taças (κυλικείου), estende o tecido

107. **Prisciano Instituições Gramaticais 18.303** encontram-se também nossos <escritores> que se valem da prolixidade, como “fala dizendo” e “aplica-te apressando” e outras semelhantes²⁶³

se eu bancar o ciliciano²⁶⁴, “que eu morra”, dizendo fala

108. **Fócio (z) α 3111 = Suda α 4382 Atreus** (Ἄτρεϋς, Atreu) e todas as palavras no geral, salvo as que têm o som *-eus* na penúltima sílaba, são alongadas no acusativo. Aristófanes, em *Lavradores*, diz:

†... Mégacles... Laques... Lâmaco †

109. **Pólux 9.69** ouvi, de algum modo, a expressão “está esquentando o caldeirão” nas *Tesmoforiantes* de Aristófanes (fragm. 345), como a preparação que as mulheres faziam da bebida. Havia essa mesma expressão em *Dêmoi* de Êupolis (CGFP 92, 41ss.). Mas isso também não é

263A tradução do latim é de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

264A expressão “bancar o ciliciano”, *enkilikizein*, significa comportar-se de modo vil. Cf. Ferêcrates, fragm.166 K bancar o ciliciano é agir vilmente.

garantia suficiente de que se tratasse da bebida quente, <já que> o oposto disso que eu disse é a passagem de Aristófanes em *Lavradores*, claramente sobre o banho:

retiremo-nos agora da cidade para o campo. Como antigamente, devíamos descansar depois de tomar banho no caldeirão

110. **Ateneu 3.75 A** Aristófanes menciona o figo lacedemônio em *Lavradores*, dizendo estes versos (citação do fragmento). Ele diz que era pequeno por não ser grande a planta

— ∪ — planto de tudo, exceto figueiras lacedemônias,
pois esse figo é inimigo e tirânico.

E não seria pequeno se não fosse fortemente avesso à democracia

111. **Estobeu 4.14.2.371 H** (sobre a paz) Aristófanes diz, em *Lavradores*:

Paz farta em riquezas e uma parelhinha de bois
tenha eu, que encerrei a guerra,
e possa cavar e cultivar videiras, e abrir um vinho novo
depois de banhar-me, e comer um pão gordo e couve

112. **Heféstion Manual 13.2.40** (do peônico) costumam, alguns dos poetas, usar os chamados primeiros peônios com exceção da última *chōra*, no lugar da qual usam o <pé> cretense. Assim, então, é como eles compõem o famoso tetrâmetro, cujos exemplos vêm desses versos dos *Lavradores* de Aristófanes:

ó querida cidade de Cécrops, autogerada Ática,
salve, solo esplêndido, seio da nobre terra

113. **Idem 13.3.41, Querobosco ad loc. 247.18** da mesma forma, em *Lavradores* Aristófanes colocou o quarto peônio no lugar do primeiro, não cuidando da primeira observação

e também na ágora, plantaremos um bom plátano

114. **Harpocrácion** 188.16 *kōdya* (κωδύα, cápsula): assim chamam a cabeça da papoula. Aristófanes, em *Lavradores*, diz “boa cápsula”. **Harpocrácion** 1.1. **Epítome** *kōdia*: a cabeça da papoula. **Hiperides** (fragm. 253 Bl.-J) também Aristófanes a menciona

boa cápsula

115. **Escólio de Platão** *Eutidemo* 293 D (o dito “ressoas coisas boas”) o provérbio “ressoas coisas boas” em vez de “anuncias coisas boas” é para aqueles que trazem notícias favoráveis. Muitas vezes dito ironicamente. Aristófanes menciona-o, em *Lavradores*, e Platão, em *Eutidemo*. **Fócio** 126.11 = **Suda** κ 190 “ressoas coisas boas”: no lugar de “dizes”. **Hesíquio** κ 387 “ressoas coisas boas”: “falas coisas boas”

ressoas coisas boas

116. **Escólio de Nuvens** 1001 a = **Suda** τ 1135 (parecerás os filhos de Hipócrates, e te chamarão de filhinho da mamãe). Esses eram representados na comédia como uns porcos e grosseiros. E provavelmente tinham a cabeça deformada como ele diz em *Lavradores* e em *Trífales* (fragm. 568). E Êupolis em *Dêmoi* (fragm. 103 K.)

117. **Escólio de Platão** *Apologia* 18 B Meleto, mau poeta trágico de origem trácia, como Aristófanes diz em *Rãs* (1302) e em *Cegonhas* (fragm. 453), chamando-o filho de Laio, já que, no ano em que *Cegonhas* foi encenada, também Meleto levou ao palco sua *Edipodeia* (Qu. sc. 2.18), como Aristóteles diz em *Didaskaliai* (fragm. 628 R.³, DID C 24 Sn). E, em *Lavradores*, <Aristófanes> menciona-o como “o que fode com Cálias”. Lísias também o menciona na *Apologia de Sócrates* (fragm. 223 S.)²⁶⁵

²⁶⁵Sobre Meleto, cf. nota 82.

o que fode com Cálias

118. **Escólio de Aves 1701** “Górgias e Felipes”: esses, Felipe e Górgias, são rétores tagarelas... também Aristófanes, em *Lavradores*, menciona Felipe

Felipe

119. **Zenóbio *Provérbios* vulg. 2.27** casa de Mélitás²⁶⁶: diz-se a respeito dos que não possuem casa própria, mas moram de aluguel²⁶⁷. Aristófanes, em *Lavradores*, menciona o provérbio assim como Platão cômico (fragm. 213 K.). Essa casa era grande para a hospedagem dos locatários. ***Provérbios* cod. Mon. 525, alt collect.** casa de Mélitás: Atenas tinha uma grande casa para hospedagem de estrangeiros, a qual era chamada “de Mélitás”

casa de Mélitás

120 **Ateneu 14.650 E** romãs [texto corrompido] de sementes duras. As sem semente Aristófanes menciona em *Lavradores*. Também em *Anagiro* (fragm. 52)... e em *Geritades* (fragm. 188)

121. **Fócio (z) inéd.** *ekropisai* (ἐκροπίσαι, devorar): o mesmo que *ekrophēsai* (ἐκροφῆσαι). Em *Lavradores*:

devorar

122. **Fócio (z) inéd.** = ***Etymologicum Genuinum AB*** *elaizein* (ἐλάιζειν): cultivar oliveiras. Aristófanes diz em *Lavradores*

cultivar oliveiras

²⁶⁶Trata-se de um demo, conforme Hesíquio μ 729. Cf. PCG (1984:86).

²⁶⁷Para esse trecho, adotei a correção de Dindorf. Cf. PCG (1984:86).

123. **Etymologicum Genuinum AB** (ὄρχατος, fileira de árvores) = **Escólio de Teócrito 1.48 b**
Aristófanes chamou *metorchion* (μετόρχιον) o espaço entre as fileiras de plantações, em *Lavrades*
espaço entre plantações

124. **Pólux 7.202** *porneutria* (πορνεύτρια, prostituta) Aristófanes disse em *Lavrades*
prostituta

125. **Harpocrácion 272.9** *Sērangion* (Σηράγγιον, Serágio): Lísias, em *Contra Andrócion* (fragm. 17 S.), assim chamou uma certa região do Pireu. Menciona-o também Aristófanes, em *Lavrades*
Serângio

126. **Fócio 543.7** *Strepsa* (Στρέψα, Estrepsa): cidade da Trácia, e os cidadãos são *strepsaioi* (Στρέψαιοι, estrepsanos). Aristófanes diz, em *Lavrades*, “estrepsanos” **Teognosto 53.14** <Diz-se> “Hermes Estrepsano” em Aristófanes, por causa do voltar (*diastrephō*, διαστρέφω) dos olhos
a) estrepsanos
b) Hermes estrepsano

127. **Pólux 10.69** quanto à mesa, sobre a qual ficam os copos, é possível dizer tanto *tetrapous* (τετράπους, de quatro pés) quanto *monopous* (μονόπους, de um pé) e, se alguém quiser vangloriar-se do uso mais extraordinário, *trapezophoros* (τραπεζοφόρος). Mas não de acordo com o uso que Aristófanes faz da mesma palavra, em *Lavrades*. Portanto, quando aí <em Aristófanes> se diz *trapezophoros* (carregador de mesa), há um mau uso da palavra, dita para designar aquele que carrega a mesa sobre a qual ficavam as coroas de mirto para os arcontes

carregador de mesa

Velhice

Quase nada se sabe sobre o enredo dessa comédia devido à ausência de testemunhos antigos e aos seus fragmentos pouco reveladores. O fragm. 129 indica que uma velha padeira seja uma das personagens. O fragm. 148 sugere uma situação de entretenimento sexual envolvendo um velho e cortesãs. Cajados e uma doença dos olhos remetem ao universo da velhice nos fragms. 132, 141, 142.

128. **Pólux 6.69** Aristófanes diz em *Velhice* (citação do fragmento) **Diógenes Laércio 4.18ss.** <Pôlemon> era uma pessoa elegante e nobre, e repelia o que Aristófanes disse sobre Eurípides, que era vinagrento e silfionento (*i. e.* como o sílfio²⁶⁸), assim diz ele (citação do fragmento) **Suda o 76** vinagrento: Aristófanes chama Eurípides de vinagrento e silfionento, com os seguintes versos, dizendo assim:

vinagrento, silfionento, cabeça de cebola, acelgazinha,
mosto azedo, charuto de folha de figo, palmito, orégano,
essas coisas são porcaria²⁶⁹ perto de um grande pedaço de carne

129. **Ateneu 3.109 F** *kribanitēs* (κριβανίτης, fornada): Aristófanes menciona-a em *Velhice*. O poeta faz com que fale a sua personagem, uma padeira, quando seus pães são pegos por aqueles que desprezavam sua velhice:

(A.) Que foi isso? (B.) As quentinhas, filha.

(A.) Acaso deliras? (B.) As fornadas (κριβανίτας), filha.

(A.) Quê? As fornadas? (B.) E bem branquinhas, filha.

268Planta amplamente usada na antiguidade pelos gregos e egípcios para fins culinários, medicinais e cosméticos. Não se identifica a ela nenhuma espécie conhecida atualmente, mas se acredita ser uma espécie extinta do gênero *Ferula*. Cf. Bury (2015:116-7).

269O termo em grego é *katapygosynē*, que designa negativamente a *passividade sexual masculina*, mas é também usado figurativamente com sentido mais amplo, para designar a má qualidade de algo, ou a vileza de alguém. Cf. Dover (1989:143).

130. **Frínico** *Écloga* 346 *Dionyseion* (Διονυσεῖον, templo de Dioniso): falar desse modo é vulgar, deve-se abreviar a sílaba *si* (σι). Os que alongam vão de encontro ao dialeto ático. Portanto, é preciso falar seguindo Aristófanes. Em *Velhice*, ele diz (citação do fragmento) *Etymologicum Genuinum* AB *mormolykeíon* (μορμολυκεῖον): dito como um properispômeno, é uma máscara assustadora. Aristófanes o menciona em *Velhice*. É evidente, no entanto, que em *Tesmoforiantes* (417) o termo é dito superficialmente... ou assim chamavam as máscaras trágicas **Hesíquio** μ 1665 = **Fócio** 275.10 = **Suda** μ 1250 = **Lexicon Bachmann** 303.15 *mormolykeîa*: as máscaras trágicas

(A) Quem poderia dizer onde está o templo de Dioniso (τὸ Διονύσιον)?

(B) Ali onde as máscaras (μορμολυκεῖα) estão penduradas

131. **Fócio** (b, z) α 1018 = **Lexicon Bachmann** 75.7 *Halmyrides* (Ἀλμυρίδες, Halmirides): um lugar perto das fronteiras da Ática. Aristófanes diz, em *Velhice*:

era preciso que tu, despachada para Halmirides (Ἀλμυρίδας),
não causasses problemas a esta tua filha

132. **Pólux** 4.180 Aristófanes diz, em *Velhice*:

padecendo de oftalmia no ano passado, estive mal naquela ocasião,
então, o médico me aplicou unguento

133. **Prisciano** *Instituições Gramaticais* 18.246 os áticos dizem *oligas hēmeras* (ὀλίγας ἡμέρας, por poucos dias) no lugar de *en oligais hēmerais* (ἐν ὀλίγαις ἡμέραις), como Aristófanes, em *Velhice*:

(A.) Tu não me segues? (B.) Por Zeus, por poucos dias (ὀλίγας ἡμέρας)

134. Papiro *Oxyrhynchus* 1803 (XV 1922 p. 163, séc. VI^p) fol. 1^v 1 *stiphros* (στιφρός, firme): que é, para o povo, *striphnos* (στριφνός), como Aristófanes atesta, em *Velhice*:

de fato tens uma voz firme (ὑποστιφρόν)

135. Fócio (z) α 2926 = *Lexicon Bachmann* 148.29 *archēgetai* (ἀρχηγέται): os chefes epônimos das tribos. Aristófanes diz, em *Velhice* (citação do fragmento). Hesíquio α 7583 *archēgetai*: heróis epônimos das tribos, ou deuses em Atenas

e ele, bêbado, vomitou ao lado dos heróis epônimos (ἀρχηγέτας)

136. Fócio (b, z) α 452 em *Velhice*:

ela, tendo escondido um prato cheio de mingau de farinha

137. Pólux¹ 9.39 a maioria das construções são *oikiai* (οἰκίαι, casas), *synoikiai* (συνοικίαι, moradia coletiva) e *oikias peridromos* (οἰκίας περίδρομος, galeria circular entre as colunas e o muro do edifício), como na *Velhice* de Aristófanes: (citação do fragmento) Pólux² 7.125 o trabalho do construtor é... fazer um *peridromon*. Pois Aristófanes disse em *Velhice*:

ela, tendo parado na galeria da moradia coletiva (περιδρόμου ... τῆς συνοικίας)

138. *Lexicon Bachmann* 127.15 *apologisasthai* (ἀπολογίσασθαι, expor) e *apologizein* (ἀπολογίζειν): ir até o fim de cada um. Aristófanes o diz com ômicron (ο) em *Velhice*:

eu escamar e depois sobre os carvões²⁷⁰

270O sentido da citação está prejudicado pela ausência de um verbo finito. O aparato da PCG (1984: 94-5) menciona a suplementação de Bergk, que supõe a omissão do verbo *optan* (ὀπτᾶν, assar). No entanto, ainda permanece obscura a relação entre a citação e o comentário do qual ela decorre, que aparentemente pressupõe alguma identificação ou confusão entre *apopolizein* (ἀπολοπίζειν, escamar) e *apologizein* (ἀπολογίζειν), que o lexicógrafo define como “ir até o fim”. A associação semântica entre os dois verbos pode ser no sentido de que “escamar” seja entendido como “chegar à última camada”, isto é, “até o fim”.

139. **Pólux 10.74** podem-se incluir entre os recipientes também aqueles que Aristófanes chama, em *Navios Mercantes* (fragm. 435), *hyrchai* (ὑρχαι, jarras) de vinho. E, em *Velhice*, diz:

emprestar um jarro (ὑδρία) de cinco côngios ou maior

140. **Ateneu 7.287 D** (*bembrades*, βεμβράδες, espadilhas, *i. e.* espécie de anchova) Aristófanes diz, em *Velhice*:

nutrida com espadilhas (βεμβράσιν) acinzentados

141. **Pólux 10.173** podes dizer, segundo Aristófanes... tanto como em *Velhice*, “cajado de mendigo”, quanto “cajado persa ao invés do arqueado” (fragm. 142), e também “aulo feito de bambu” (fragm. 150)

cajado de mendigo

142. **Pólux 10.173** (ver fragm. 141)

cajado persa ao invés do arqueado

143. **Pólux 10.104** facas de cozinha... em *Velhice*, o mesmo poeta diz:

com uma faca das de cozinha

144. **Escólio de Nicandro Teriaca 295** “navegação curta”: hoje <é o que chamamos> a estrada, a viagem por terra. Assim, pois, Antímaco diz (fragm. 106 W.): “os que vão com uma navegação

bosque acima”. E Aristófanes, em *Velhice*, fez uma mulher conduzir uma parelha de jumentos levando-a para junto de um amante seu:

estás zarpando (ἀπλοπλεῖς) de verdade? (B.) Para junto do noivo
com quem me casarei hoje.

145. Escólio de Platão *Hípias Menor* 368 C = Fócio 537.13 = *Suda* σ 1125 *stlengis* (στλεγγίς) é o raspador²⁷¹. Também chamado *stlengizomenos* (στλεγγιζόμενος) e *apokyomenos* (ἀποξυόμενος). Aristófanes diz, em *Velhice* (citação do fragmento). E em *Convivas* (fragm. 214)

se é preciso acompanhar as crianças com uma bola e um raspador (στλεγγίδ')

146. (H)ern(n)ius Philo, lex. in cod. Par. suppl. gr. 1238 ap. Nickau Ammon. 317 adnot. ele diz que *meirax* (μεῖραξ) e *meirakion* (μειράκιον) diferem tanto quanto *geiōn* (γέρων) e *presbytēs* (πρεσβύτες)²⁷². Mas aqui Aristófanes arranhou a expressão segundo outra ideia. Diz, então, em *Velhice* (citação do fragmento). Dídimos (fragm. nov.), comentando o drama e colocando-o em prosa, acrescenta que *meirax* é feminino e *meirakion* masculino.

†o velho <é como> uma moça (μεῖραξ) excitada com as bolas de um jovem (μειρακίου του) †²⁷³

147. Eliano *A Natureza dos Animais* 12.9 (κίγκλος, mergulhão-pequeno²⁷⁴) Aristófanes, em *Anfiarau*, menciona essa ave, dizendo (fragm. 29 K.-A.). E, em *Velhice*: (citação do fragmento). E Autócrates, em *Tympanistai* (fragm. 1 K.-A.)

curvado para trás no ritmo do andar do mergulhão-pequeno

271 Para tirar o óleo do corpo no banho ou no ginásio.

272 São sinônimos.

273 Adotei a tentativa de reconstrução de Austin que, no lugar do texto corrompido *μειρα γέρων πληκτιζομένην ὥρκεις μειρακίῳ τῷ προῖδε μεῖραξ ὁ γέρων πληκτιζομένη <τοῖς> ὄρχεσι μειρακίου του*. Cf. PCG (1984:98).

274 Cf. nota 233.

148. **Ateneu 4.133 A** os antigos serviam-se também de alimentos que abrem o apetite, como as olivas salgadas, as quais chamavam “mergulhadas” <na salmoura>. Para esse caso, Aristófanes diz, em *Velhice*:

Ó velho, qual dos dois: amas as cortesãs já maduras
ou as ainda quase virgens, conservadas em sal como olivas firmes?

149. **Fócio 256.7** javali de Méliat: assim diz Aristófanes para falar de Êucrates, em *Velhice*, por ser ele peludo. E também o chamava de urso. Ou porque possuía moinhos onde criavam porco. **Hesíquio μ 728** “javali melitense”: pois <Êucrates> é desse demo. E também em sua presença o chamavam assim abertamente, seja por ser muito peludo, pois frequentemente também o chamavam de urso, seja por ter adquirido moinhos, nos quais criava porcos

javali de Méliat

150. **Pólux 10.173** segundo Aristófanes, podes dizer... como em *Velhice* (fragm. 141, 142)... “aulos feitos de bambu”. **Idem 10.153** ao estojo dos aulos chamavam *thēkē* (θήκη, arca; *Tesmoforiantes* 1197). Aristófanes disse tanto “aulos feitos de ossos” quanto “aulos feitos de bambu” e ainda “couro para tocar aulo” (*Vespas* 582)

aulos feitos de bambu

151. **Antiaticista 102.15** *katalalein* (καταλαλεῖν, tagarelar): Aristófanes diz em *Velhice*. **Pólux 2.125** a palavra *katalalein* está em Aristófanes

tagarelar

152. **Pólux 10.61** (apetrechos do tribunal) *klērōtērion* (κληρωτήριον, urna para sorteios): se na *Velhice* de Aristófanes o nome parece ser dito para o lugar <dos sorteios>, para a vasilha também conviria. **Frínico Preparações sofisticas 81.9** *kleroteria*, onde os juizes são designados por sorteio

urna para sorteios

153. **Harpocrácion 275.10** *skaphion* (σκάφιον, cuia): Antifonte (fragm. 12 Bl.) ... disse que cuia era um tipo de corte <de cabelo>, e também Aristófanes, em *Velhice*

cuia

154. **Harpocrácion 289.3** *tētes* (τῆτες, este ano) em vez de *tou toutō tōi etei* (τοῦ τούτῳ τῷ ἔτει, neste ano), <atestado em> Lísias (fragm. 216 S.)... Aristófanes, em *Velhice*, e outros

este ano

155. *Lexicon Messanense* (Oro, *Ortografia*) fol. 283^v 6, ed. Rabe RhM 47 (1892) 412 *ōidikos* (ὠιδικός, melodioso): Aristófanes diz, em *Velhice*. Cf. *Antiaticista* 116.31 *ōidikos*: no lugar de “bem cantado” Hesíquio ω 53 *ōidikos*: musical

melodioso

Geritades

Geritades conservou informações relevantes sobre seu enredo nos fragmentos que nos chegaram. O fragm.156, de 12 versos, revela que poetas representantes da comédia, tragédia e ditirambo, todos debilitados como sua poesia, fizeram uma viagem ao Hades. Outros fragmentos sugerem um banquete metafórico, provavelmente tendo em vista a recuperação dos poetas enfraquecidos, conforme argumento na minha análise dessa comédia, no capítulo II.

Geritades trata de questões ligadas à poética, e tanto pelo tema quanto pelo enredo, que apresenta uma catábase, aproxima-se de *Rãs*.

156. **Ateneu 12.551 A** e Aristófanes, em *Geritades*, escolhe estes homens magros, os quais, como emissários dos poetas, ele diz serem enviados ao Hades, para os poetas de lá, dizendo o seguinte (citação do fragmento) **Ateneu 1.c. *Epítome* (CE)** e Aristófanes escolhe homens magros, o tragediógrafo Sanírión, Meleto e Cinésias, os quais, como emissários dos poetas, ele diz serem enviados ao Hades, para os poetas de lá, e chama-os de visita-Hades, dos quais diz ainda serem levados por magras esperanças.

(A.)²⁷⁵ E quem suportou descer para os inferos dos mortos e
as portas da escuridão? (B.) Escolhemos de comum acordo,
na assembleia ocorrida, um de cada arte,
aqueles que sabíamos serem visita-Hades
e grandes apreciadores do lugar. A. Há entre vós 5
algum visita-Hades? (B.) Por Zeus,
certamente! (A.) Como os visita-Trácia? (B.) Dizes tudo!
(A.) E quem seriam? (B.) Primeiro, Sanírión dentre os *trágicos*; dentre
os coros trágicos, Meleto; e dos coros cíclicos, Cinésias.
(A.) Quanto rigor para as magras esperanças que carregais! 10
Se o rio de diarreia, em cheia, capturá-los juntos,
vai levá-los embora.

157. **Pólux 6.111** não se pode dizer “jogar cótabo”, como dizemos agora, para vomitar ou golfar, exceto se alguém, brincando, fizesse conjecturas em relação ao que é dito em *Geritades* por Aristófanes:

naquele tempo, † jogavam cótabo† em ti²⁷⁶,
agora vomitam e, em breve, bem sei que
também estarão despejando <dejetos>

275Sobre esse fragmento, cf. pp. 23-5.

276O termo *kóttabos* pode se referir tanto ao jogo, de contexto simpótico, no qual se lançavam ou derramavam gotas de vinho, quanto às próprias gotas que faziam parte do jogo. Cf. Pütz (2003: 167). O fragmento poderia estar descrevendo uma das variantes do jogo (cf. fragm. 231 para outra variante), na qual os participantes cuspiam o vinho em direção ao alvo. Cf. Pütz (2003: 181). Nessa variante, o alvo, chamado *manēs*, estava associado ao escravo – Manes é também um nome comum de escravos frígios – que era possivelmente representado por uma pequena figura sobre um suporte. Cf. Pütz (2003: 167). No entanto, o comentário de Pólux sugere que essa interpretação seria baseada em conjecturas.

158. **Escólio de Vespas 1312** Estênelo era um trágico (*var.*: Estênelo era um ator trágico) que, por causa da pobreza, devolveu seu equipamento trágico por ser malsucedido em sua arte. Em *Geritades* (citação do fragmento). **Ateneu 9.367 B** “sal” e “vinagre” menciona o nobre Aristófanes nos versos sobre Estênelo, o trágico, dizendo (citação do fragmento) **Pólux 6.65** (aromas) “saís finos”, como quer Aristófanes (v. 2)

(A.) E como poderei eu comer os versos de Estênelo²⁷⁷?

(B.) Mergulhando-os no vinagre ou no sal seco

159. **Ateneu 7.307 DE** Aristófanes diz, em *Geritades*:

Acaso há uma colônia de homens-tainha aí dentro?

Que eles são esfomeados²⁷⁸, reconheceis

160. **Papiro Oxyrhynchus 2742 (XXXV 1968 p. 75, séc. II^p) fragm. 1.8** em *Atalanta* de Estrátis (fragm. nov.): “do alto da grua, torno-me já uma âncora, / que o maquinista abaixe-me o mais rápido possível²⁷⁹”. Em *Fenícias* (fragm. nov.): “Dioniso que segue com os tirsos o som da flauta [verso corrompido] detenho-me, por causa da perversidade alheia / venho pendurado como uma âncora presa à grua”. Aristófanes, em *Geritades*, diz:

era preciso que o maquinista

virasse a grua o mais rápido possível

161. **Ateneu 8.365 B** Lísias (fragm. 174 S.) disse *syndeipnon* (σύνδειπνον, banquete) para *symposion* (συμπόσιον)... e também Platão (*Banquete* 172 B?)... e Aristófanes em *Geritades*

²⁷⁷Cf. pp. 27-8.

²⁷⁸A tainha, *kestreus*, está associada ao *jejuador*, que pode ser inclusive chamado pelo nome do peixe, e, por extensão de sentido, associa-se também ao *esfomeado*.

²⁷⁹As menções à grua neste e nos excertos que se seguem referem-se ao equipamento cênico usado para a movimentação dos atores para cima e para baixo. O maquinista mencionado nas citações é o operador desse equipamento.

(citação do fragmento). Por essa razão, alguns, também de acordo com o drama de Sófocles, *Syndeipnon* (vid. Radt TrGF 4.425), consideram correto escrever o neutro. **Fócio 551.21** *syndeipna*: os *symposia*. Também diz Lísias e outros

nos banquetes (σύνδειπνοις) elogiando Ésquilo

162. **Ateneu 3.99 F** diz-se *chortasthēnai* (χορτασθῆναι, empanturrar)... em Cratino (fragm. 149 K.-A.)... e em Menandro (fragm. 399 Koe.)... e <diz> Aristófanes, em *Geritades*. (citação do fragmento) **Pólux 6.43** Aristófanes (*Paz* 139; 176) diz *chortazein* (χορτάζειν, empanturrar), Araros (fragm. 21 K.) diz *chortazethai* (χορτάζεσθαι, empanturrar-se) e Anaxândrides (fragm. 76 K.) diz *chortasmon* (χορτασμόν, empanturramento). Cf. Élio Dionísio χ 14

trata dele e empanturra-o (χόρταζε) com monodias

163. **Pólux 10.58** na tabuinha há *kēros* (κηρὸς, cera) ou *malthē* (μάλθη), ou ainda *maltha* (μάλθα). Heródoto chama *kēron* (7.239.3ss.), mas Cratino, em *Pytinē*, diz *malthē* (fragm. 217 K.-A.), e Aristófanes em *Geritades* diz (citação do fragmento) **Hesíquio μ 177** *maltha*: cera fina

comia/comiam a cera (μάλθαν) das tabuinhas

164. **Ateneu 3.95 F (depois do fragm. 4)** e diz em *Geritades*: “patas, pães, lagosta”. *Etymologicum Magnum* 53.13 “patas, pães, cebolas, sopa de lentilha”

patas, pães, lagosta, cebolas, sopa de lentilha

165. **Ateneu 4.158 C** (φακῆ, sopa de lentilha) o divertido Aristófanes disse em *Geritades* (citação do fragmento). E em *Anfiarau* (fragm. 23)

estás ensinando-o a cozinhar a sopa de cevada ou de lentilha (φακῆν)?

166. **Etymologicum Genuinum AB** *ēiein* (ἔιεν, eu ia)... e o plural *ēimen* (ἔϊμεν, íamos). Aristófanes diz, em *Pluto* (659) ... e em *Geritades* (citação do fragmento), no lugar de *eporeuonto* (ἐπορεύοντο, iam). Oro, o melitense, o diz (fragm. B 75 Alp.)

iam (ἔϊσαν) diretamente ao templo de Dioniso

167. **Hesíquio α 8417** “nós mesmos estamos sacrificando”: ao invés de “nós mesmos estamos bebendo”, já que os convidados de um banquete dizem “também nós estamos sacrificando”. Pois isso se diz com relação aos que foram convidados por alguém. Aristófanes o menciona em *Geritades*

nós mesmos estamos sacrificando

168. **Pólux 9.169** Aristófanes diz, em *Geritades* (citação do fragmento). **Idem 7.175** Aristófanes diz “esteira de vime”

na esteira de vime

169. **Pólux 9.46** ao dito “relógio” <de sol> (ὥρολόγιον), pode-se chamar “pólo” (πόλον), creio eu, como Aristófanes disse, em *Geritades*:

(A.) Este é o pólo (πόλος). (B.) E então, que número o sol marca?

170. **Erotiano ε 23** *eklapēsetai* (ἐκλαπήσεται, sairá da casca): ao invés de *englyphthēsetai* (ἐκγλυφθήσεται, quebrará a casca do ovo) e *engennēthēsetai* (ἐκγεννηθήσεται, eclodirá), como diz Aristófanes em *Geritades* (citação do fragmento). Dito uma única vez e explicado por nós somente. **Fócio (z) inéd.** = **Etymologicum Genuinum AB** *eklapēnai*: *ekgluphēnai*. <Usado> denotativamente com relação aos filhotes: por causa da casca

eu <confio>²⁸⁰ na lenda dos mortais, que todos eclodiram de um ovo

171. **Harpocrácion 76.9** *bōmolocheuesthai* (βωμολοχεύεσθαι, bancar o bobo): chamam-se *bōmolochoi* (βωμολόχοι, bobos), no sentido próprio, aqueles que, diante dos sacrifícios, sentam-se ao pé dos altares e suplicam em meio a adulações, e ainda aqueles tocadores de flauta e vates que tomam para si os sacrifícios. Ferécrates diz, em *Tyrannis* (fragm. 141 K.)... por extensão de sentido a partir dessas coisas, chamam *bōmolochoi* certos homens afáveis e humildes que esperam tirar vantagem de tudo por meio de brincadeiras e zombarias. Aristófanes, em *Geritades*, diz (citação do fragmento) *Etymologicum Genuinum A charientizomenoi* (χαριεντιζόμενοι): trocistas, zombeteiros. Também Aristófanes diz (citação do fragmento). **Suda χ 105** (citação do fragmento)... **106 = Lexicon Bachmann 413.18** *charientizomenoi*: trocistas, zombeteiros, como diz Aristófanes. **Escólio de Platão República IV 436 D** *charientizoito*: ele troçaria, zombaria, como diz Aristófanes:

estás fazendo graça (χαριεντίζη), zombando e bancando o bobo conosco (βωμολοχένη)

172. **Ateneu 6.261 F** Aristófanes menciona o *psōmokolakos* (ψωμοκόλακος, bajulador-por-migalhas) em *Geritades*, assim:

eras chamado de caluniador e bajulador-por-migalhas (ψωμοκόλαξ)

173. **Pólux 10.90.91** *kana* (κανᾶ, cestas)... e *kaniskia* (κανίσκια, dim. de cestas)... Aristófanes menciona, em *Geritades* (citação do fragmento). **Idem 7.176** tanto o *kanoun* (κανοῦν) é uma cesta quanto o *kaniskion* (κανίσκιον, dim.): pois Aristófanes diz em *Geritades* “cestinha trançada” (πλεκτῶι κανίκιωι)

outro estava trazendo numa cestinha trançada (πλεκτῶι κανίκιωι)
pedaços de pão que sobraram

280Sigo a interpretação de Cassio (1978) *apud* PCG (1984: 109) ao subentender esse verbo, que não está no grego.

174. **Ateneu 11.485 A** *lepastē* (λεπαστη, copázio que tem o formato da lapa²⁸¹): uns colocam um acento agudo na última <sílaba>, como *kalē* (καλή), outros acentuam com agudo a penúltima, como *megale* (μεγάλη). Esse copo é assim chamado por causa dos que gastam muito com o excesso de bebida e o desregramento, os quais chamamos glutões. E eram taças grandes. Aristófanes menciona-a em *Paz* (916)... e em *Geritades* (citação do fragmento), o cômico demonstra a profundidade do copo. **Ateneu 1.1 Epítome** também diz em outro lugar copázio azul-profundo (*lepastē kyanobenthē*, λεπαστή κυανοβενθῆ) **Pólux 10.75** que a *lepastē* não é apenas um copo mas também um jarro para verter o vinho, Aristófanes deixa claro em *Geritades* (v. 2 e 3)

a situação

era um festival: um escravo ia de lá para cá, em círculos, trazendo rápido para nós um copázio azul-profundo²⁸² (λεπαστήν ... κυανοβενθῆ) e servia-nos veementemente

175. **Escólio de Sófocles *Electra* 289** (ó ímpia digna de ódio, o pai morreu unicamente para ti?) Aristófanes parodia também esses versos em *Geritades*

176. **Escólio de *Rãs* 436** (sabe que chegaste à própria porta) o mesmo também se diz em *Geritades*

177. **Ateneu 3.112 DE** este é Tearião, o padeiro, que Platão menciona em *Górgias* (518 B)... e Aristófanes, em *Geritades* e em *Eolosícon*, desta forma (fragm. 1)

178. **Escólio de Cirilo *Glossário*** agatoniano: um certo jeito efeminado de tocar o aulo, segundo Aristófanes, em *Geritades*. Pois Agatão, o poeta trágico, era ridicularizado por sua efeminação. **Hesíquio α 281 ≈ Fócio α 83** tocar o aulo à agatoniana: <de maneira> efeminada. Pois o trágico Agatão era acusado de efeminação. **Escólio de Luciano rhet. Praec. 11.178 R.** Agatão, poeta de tragédias, era zombado pela efeminação, Aristófanes diz, em *Geritades*.

²⁸¹Animal marinho pertencente ao gênero dos gastrópodes.

²⁸²Com base no comentário das fontes, entendo que o adjetivo *kyanobenthē* (κυανοβενθῆ) esteja qualificando *lepastē* (λεπαστή). Para um entendimento diverso, cf. Henderson, em Aristófanes (2007: 194-5).

agatoniano

179. **Harpocrácion 209.13** Naís: uma cortesã. Lísias <menciona-a> em *Contra Filónides* (fr.245 S.), se autêntico, e Aristófanes, em *Geritades*. Talvez também em *Pluto*, onde o poeta cômico diz: “Laís não ama Filónides por causa de ti?” (179), devia-se escrever com ny (ν), “Naís”, por causa de Filónides **Fócio 285.11= Suda v 16** Naís: uma cortesã, mencionada por Lísias e Aristófanes. **Ateneu 13.592 C** menciona-a também Aristófanes, em *Geritades*. E talvez em *Pluto*... deve-se escrever “Naís” e não “Laís”

Naís

180. **Pólux 10.160** *thylakos* (θύλακος, odre) e *askothylakos* (ἄσκοθύλακος, odre de couro), como se diz em *Geritades*, de Aristófanes

odre e odre de couro

181. **Erotiano γ 9** *gargalision* (γαργαλισμόν): *gargalos* (γάργαλος) e *gargalē* (γαργάλη) significam “excitação”. A palavra é usada para mulheres sexualmente excitadas, como diz Aristófanes, em *Geritades*, e Dífilo, em *Danaides* (fragm. 25 K.)

excitação feminina (γάργαλος)

182. **Harpocrácion 134.15** *herma* (ἑρμα): rocha submarina. Em Antífonte (fragm. 18 Bl.), há esta palavra, e também em Anacreonte (PMG 403), e em *Geritades* de Aristófanes

rocha submarina

183. **Pólux 7.149** Aristófanes, em *Geritades*, tendo dito *karpeia* (καρπεῖα, as frutas) etc.

as frutas

184. **Pólux 4.181** (instrumentos médicos) em Aristófanes (*Vespas* 1440) se diz *epidesma* (ἐπίδεσμα, curativos) e, em *Geritades*, *kataplasma* (κατάπλασμα, cataplasma)

cataplasma

185. ***Antiaticista* 107.32** *metochos* (μέτοχος, parceiro, companheiro de tripulação): Aristófanes diz em *Geritades*

companheiro de tripulação

186. **Pólux 7.117** podes dizer... *oikodomos* (οἰκοδόμος, construtor). Aristófanes, em *Geritades*, diz *hoi oikodomoí* (οἱ οἰκοδόμοι, os construtores)

os construtores

187. **Pólux 10.170** peruca, mecha e, como Aristófanes diz, em *Geritades*, *perithesis* (περίθεις, aplique)

aplique

188. **Ateneu 14.650** E romãs [texto corrompido] de sementes duras. As sem semente Aristófanes menciona em *Lavradores* (fragm. 120). Também em *Anagiro* (fragm. 52): “exceto mingau de farinha e romã”. E em *Geritades*

189. **Ateneu 7.321 A** *skombros* (σκόμβρος, cavala²⁸³): Aristófanes menciona em *Geritades*

cavala

190. **Pólux 7.7** diz-se tanto *homotechnoi* (ὁμότεχνοι, colegas de ofício) quanto *syntechnoi* (σύντεχνοι): Aristófanes usa este último em *Geritades*. E também podes dizer *antitechnoi* (σύντεχνοι, rivais de profissão)

colegas de ofício

Dédalo

Poucos fragmentos restaram dessa comédia, apenas 14. Dentre eles, o mais revelador em relação ao enredo é o fragm. 198, que sugere a presença de Zeus como personagem malfeitora, que se utiliza de sua capacidade de tomar diversas formas para enganar. Um adultério é vagamente sugerido pelo fragm. 191.

O mito de Dédalo foi tema também de uma comédia de Platão Cômico, segundo Clemente de Alexandria²⁸⁴.

191. **Ateneu 9.367 B** (segundo alguns, o prato de aperitivos <=*paropsis*, παρωψίς> fica em cima de uma vasilha) com relação à preparação de alimentos variados e outras coisas do tipo, sei que Platão, em *Heortai*, disse o seguinte (fragm. 33 K.)... e novamente, em *Europa*, falou longamente sobre um prato requintado (fragm. 43 K.)... e em *Phaōn* (fragm. 175 K.)... Aristófanes, em *Dédalo*, diz (citação do fragmento) **367 F** e disse referindo-se ao apetrecho... Antífanos (fragm. 60 K.)... e Aléxis (fragm. 86 K.), Xenofonte usa <a palavra> ambigualmente (*Kyrou Paideia* I 3.4)... e na obra de Quíron, atribuída a Ferécrates (fragm. 147 K.), *paropsis* é usada como tempero, e não como quer Dídimo em seu *Peri Parephthoryias Lexeōs* (19 Schm.), em que lhe atribui o sentido de recipiente... Nicofonte a menciona em *Seirēnes* (fragm. 14 K.)... e Aristófanes, em *Dédalo*, diz:

²⁸³Espécie de peixe do mar.

²⁸⁴*Stromata (Miscelânea)* 6.26.5.

para todas as mulheres que comungam de um mesmo caráter,
como um aperitivo (παροψίς) um adúltero se oferece

192. **Erotiano α 24** *anekas* (ἀνεκάς, no alto): ao invés de *anōtatō* (ἀνωτάτω). Pois é formado a partir de *anō* (ἄνω, para cima) e de *hekas* (ἔκας, longe), como diz Aristófanes, em *Dédalo*:

maquinista:²⁸⁵ Quando quiseres a roda
lá em cima (κάνεκάς), diz “salve, luz do sol!”

193. **Ateneu 9.374 C (373 E)** os antigos também diziam *alektryōn* (ἄλεκτρύων, galo) para a fêmea. Aristófanes diz em *Dédalo* (citação do fragmento). E novamente em (fragm. 194)

botou um ovo enorme, como uma galinha (ἄλεκτρύων)

194. **Fócio 624.27 = Etymologicum Genuinum B = Suda v 425** *hypēnemía* (ὑπηνέμια, que contém vento)... Aristófanes usa em *Dédalo* (citação do fragmento) **Ateneu 9.374 C** (depois do fragm. 193) e novamente (citação do fragmento) e em *Nuvenis*... (655ss.). **Ateneu 1.1 Epítome** Aristófanes diz (citação do fragmento) **Escólio de Nuvenis 663 a** era costume deles, naquela época, também falar *hē*... *alektryōn* (ἡ ἄλεκτρύων, galo fêmea, galinha) no feminino, como claramente acontece em *Anfiarau* (fragm. 17)... e no *Dédalos* de Platão (fragm. 19 K.; citação do fragmento). **Escólio continua** “e o rapaz afugenta as galinhas para dentro” (Platão Côm. fragm. 20 K.)

Às vezes muitas galinhas, por causa do esforço,
botam frequentemente ovos de vento (ὑπηνέμια)

195. **Ateneu¹ 7.316 B** (πολύπους, polvo) Aristófanes diz em *Dédalo* (citação do fragmento) e novamente (fragm. 196)... e novamente (fragm.197) **Ateneu² 7.323 C** *sēpia* (σηπία, siba). Aristófanes diz em *Danaides*²⁸⁶: “e obtendo isso: sibas e polvos”

²⁸⁵Sigo a pontuação sugerida pelo aparato da PCG (1984: 117), que indica o início da fala do maquinista.

²⁸⁶Ateneu atribui a citação a duas comédias diferentes, mas os editores atribuem-na a *Dédalo*.

e obtendo isso: polvos (πολύπους) e sibas

196. **Ateneu 7.316 B** e novamente:

pôs o polvo (πολύπουν) diante de mim

197. **Ateneu 7.316 B** e novamente:

dizem “golpes no polvo (πολύπου)²⁸⁷ que está sendo amaciado”

198. **Suda ε 3718** Euríbatos: perverso... Aristófanes menciona-o em *Dédalo*, ao tomar por tema Zeus transformando a si mesmo em muitas coisas e sendo malfeitor (citação do fragmento) **Eustácio sobre Odisseia 1864.30** como o mito forjou Zeus muitas vezes tomando ora uma forma ora outra, até a de escravo, então dizem que também Aristófanes, em *Dédalo*, tomando-o por tema, a ele que se transformava e era malfeitor, diz (citação do fragmento) pois Euríbatos era sem dúvida variado em sua perversidade. **Ioh. Diac. In Hermog. Meth. Ed. Rabe RhM 63 (1908) 140** Euríbatos era um homem enganador (pois o poeta, tomando por tema Zeus transformando a si mesmo em muitas coisas e sendo o mais malfeitor, diz): (citação do fragmento) **Escólio cod. Ambr. 523** a questão de Euríbatos. Aristófanes, em *Dédalo*, tomando por tema Zeus transformando a si mesmo em muitas coisas e sendo malfeitor, diz (citação do fragmento) **Escólio de Luciano Alexandre 4** Euríbatos, por ser perverso e malfeitor, foi representado como traidor por Aristófanes, o cômico, e Demóstenes, o orador (or. 18.4)

algum de vós já viste Zeus Euríbatos?

²⁸⁷O termo está no genitivo, mas está claro que é o polvo que sofre os golpes, não os desfere, como daria a entender “golpes do polvo”. Sobre a declinação de *polypous* no genitivo, cf. *Lexicon Hermann* 20.322 = An. Par. 4.247.6 *polypous* (πολύπους), *polypodos* (πολύποδος)... Aristófanes também declina *polypous* como *polypou* (πολύπου)

199. **Fócio 338.15 = Suda o 400** “sombra do asno” e “acerca da sombra do asno²⁸⁸”. Sófocles o diz em *Kedaliōn* (fragm. 331 R.)... Aristófanes em *Dédalo* (citação do fragmento). E Aristóteles em *Didaskaliai* (fragm. 625 R.³), e também há um certo drama tem como título “sombra do asno”

Agora, para vós, a luta é acerca
do quê? Acerca da sombra do asno

200. **Pólux 7.100** “pedra de concha”, em *Dédalo* de Aristófanes

pedra de concha

201. **Pólux 7.117** diz-se *architektōn* (ἀρχιτέκτων, arquiteto) em Platão (*Político* 259 E): “violenta é a musa construtora de versos no *Dédalo* de Sófocles” (fragm. 159 R.). Aristófanes diz *architektonein* (ἀρχιτεκτονεῖν, ser arquiteto) em *Dédalo*

ser arquiteto

202. **Hesíquio δ 48** dedálea: Aristófanes <diz a respeito da> estátua construída por Dédalo que estava amarrada por causa do <risco de> escapar. Cf. Fócio δ 9

dedálea

203. **Hesíquio δ 2241** matador-de-lança: Aristófanes diz em *Dédalo*. Que Filocles foi o primeiro a usar a expressão demonstra Teleclides em *Prytaneis* (fragm. 29 K.), e demonstra também seu significado: “aquele que mata com dolo”

288A expressão é usada para designar uma discussão sobre uma assunto de pouca importância. Seu surgimento remonta a uma fábula atribuída a Demóstenes (cf. Pseudo-Plutarco, *Vida dos Dez Oradores* 848a) sobre uma disputa entre o dono de um burro e o homem que o alugara sobre os direitos de usufruir de sua sombra. Demóstenes interrompe a narração antes da disputa ser resolvida e, quando os atenienses pedem o desfecho, ele os censura por dar atenção “à sombra de um burro” e não querer escutar sobre assuntos realmente importantes. A expressão ocorre em Platão (*Fedro* 260 c) e Aristófanes (*Vespas* 191).

matador de lança

204. **Frínico** *Écloga* 400 *kakkabos* (κάκκαβος, pode de três pernas): debes pronunciar com eta (η), *kakkabē* (κακκάβη), pois a forma com o ômicron (ο) é grosseira. E Aristófanis, em *Dédalo*, usa o eta. Cf. Oro (fragm. B 81 Alp.)

pote de três pernas

Convivas

Convivas tem por tema o embate entre a nova e a velha educação, à maneira de *Nuvenis*. É na parábase dessa comédia (vv. 527-33) que Aristófanis comenta sobre duas personagens importantes de *Convivas*, os irmãos alcunhados pelo poeta de “sensato” e “pervertido”. Galeno é a fonte de dois importantes fragmentos, o fragm. 205, que traz um diálogo entre o “pervertido” e o velho pai, e o fragm. 233, também um diálogo, provavelmente extraído de uma situação em que se discute os programas educacionais em conflito.

O coro de convivas é indicado pelo título, e o test. iii (= *Léxico de Oríon* p. 49.8 St.) sugere que esses comensais faziam um banquete em honra a Héracles. A comédia é analisada no capítulo III desta tese.

205.²⁸⁹ **Galeno** *Comentário a Hipócrates* 19.66 K. que cada um dos que aprendiam sobre discursos valorizava a criação de novas expressões é suficientemente demonstrado tanto por Antifonte (fragm. 76 Bl.), que de fato explica como se deve criá-las, quanto pelo próprio Aristófanis, neste drama, com os seguintes versos (citação do v.1). Em seguida, diz o velho zombando (citação do v. 2). E, novamente, o filho indisciplinado disse: (citação do v. 3). E o velho zombando diz essas coisas (citação do v. 4). E de novo, aquele diz (citação do v. 5). Novamente, o velho zomba disso (citação do v. 6). E o filho, de modo algum parando, nem se envergonhando diante do velho, diz (citação do v. 7). Em seguida, o velho diz (citação do v. 8). **Fócio** 528.15 (v. 1) *sorellē* (σορέλλη, alcunha dada aos velhos: “com o pé na cova”): zombaria para com os velhos, por causa de *soros* (σόρος, caixão;

²⁸⁹Sobre esse fragmento, cf. pp. 55-6.

cf. Hesíquio σ 1340). Assim também em Aristófanes. **Eustácio sobre *Ilíada* 1289.16** *soros*... por causa do qual há uma zombaria para com o velho em Aristófanes, como se encontra no léxico retórico... mas o termo *tymbogerōn* (τυμβογέρων, velho à beira da morte) para zombaria é mais confiável que *sorellēnos* (σορέλληνος)²⁹⁰ no cômico (fragm. 907²⁹¹) **1330.15** (expressões relativas a velhos) *sorotlēktoi* (σορότληκτοι, espectros de velho que aparecem junto ao sepulcro) e *sorotlēges* (σοροτλήγες, idem), e ainda *sorellēnes*, sobre a qual também se escreveu anteriormente: esta última dizem também no feminino retomando o sentido de *sorellē* a respeito do velho. ***Provérbios Bodleianis* 182 ≈ Par. suppl. 676** “outra *torellē*” (τορέλλη = *sorellē*, i. e. “outra velha”)²⁹²: assim zombavam dos envelhecidos, dado que é por causa de *soros* tanto a palavra *sorellē* quanto *torellē*. *Sorellē* e *torellē* são usadas, propriamente, como gracejo e lamento ao mesmo tempo. **Diógenes 2.58** “outra *torellē*”: zombaria para com velhos, vem de *toros* (τορός = *soros*²⁹³)

(A.) És um pé na cova, perfume e coroa <dos mortos>.

(B.) Veja, “pé na cova!” Isso vem de Lisítrato.

(A.) Certamente serás derrubado dentro de algum tempo.

(B.) Esse “derrubado” vem dos oradores.

(A.) Um dia essas palavras põem-te a correr.

5

(B.) E isso vem de Alcibíades, “põem-te a correr”.

(A.) Por que esculachas e designas chulamente

homens que se dedicam ao que é belo e bom? (B.) Ai, ai, Trasímaco, quem dentre os advogados diz embustes?

206. **Escólio de Hipócrates *Das fraturas* 1 = Erotiano fragm. 49 114 N.** *sophiszomenoi* (σοφισζόμενοι): os que trabalham com esmero. Mas, em *Peri arthiōn*²⁹⁴, são os que usam de artifícios. Assim se diz por causa de *sophisma* (σόφισμα, artifícios), como Aristófanes, em *Nuvens* (205) e em *Convivas*, diz

Tu, com efeito, tens os artifícios (σοφίσματα) que eu adquirir?

Não escapaste há pouco do professor?

290O termo não se encontra no LJS, mas se trata, aparentemente, de um adjetivo relativo a *soros*, “caixão”.

291Fragmento pertencente às *incertae fabulae* de Aristófanes. Para a tradução desse fragmento, cf. Anexo I.

292Possivelmente um provérbio. Cf. PCG (1984:124).

293Apesar de constar no LSJ apenas o adjetivo *toros* (τορός, aguçado, penetrante), é evidente que no fragmento o termo *toros* é apenas uma variante de *soros* (caixão).

294Passagem não encontrada nessa obra de Hipócrates.

207. **Ateneu 3.119 B** (se também se diz *tarichos* <=τάριχος, peixe salgado> no masculino entre os áticos) Aristófanes, em *Convivas*, diz (citação do fragmento) ***Epítome Lexicon Hermann* 39.325 = An. Par. 4.248.11; Eustácio sobre *Ilíada* 73.44** ele <=Aristófanes> diz: lavando este *tarichos* (τάριχος)

não me envergonho de lavar este peixe salgado (τάριχον) aqui
de todos os males que eu sei haver nele²⁹⁵

208. **Ateneu 3.127 C** *chondros* (χόνδρος) significa “mingau” nos *Convivas* de Aristófanes, assim:

ou cozinhando o mingau (χόνδρον), depois jogando dentro uma mosca,
ele o daria para ser engolido

209. **Escólio de Teócrito 2.11/12 d** e filhotes de cão: em vista de oferecer filhotes como jantar para Hécate. Aristófanes diz, em *Convivas*:

o quê? Compraste um cãozinho branco para a deusa
na encruzilhada?

210. **Pólux 10.120** e aquilo que se introduz dentro do frasco para a prova do perfume pode ser chamado *spathis* (σπαθίς, espátula) e *spathē* (σπάθη, idem), como diz Aristófanes, em *Convivas* (citação do fragmento) **Idem 10.119** que Aristófanes também chama *myridion* (μυρίδιον, perfuminho) o *myron* (μυρόν, perfume), em *Fritadores* (fragm. 535), devemos saber. Por causa disso se diz, em *Convivas*, *angē myrēra* (ἄγγη μυρηρά, vasilhas de óleo perfumado). Pode-se dizer ainda *lēkythos myrēra* (λήκυθος μυρηρά, frasco de óleo perfumado). **Idem 7.177** *myrepsos* (μυρεψός, perfumista)... *myropoios* (μυροποιός, idem) ... *myropōlēs* (μυροπώλης, idem): Aristófanes diz *myropōlein* (μυροπωλεῖν, vender perfume, fragm. 856). *Myropolion* (μυροπόλιον,

295Norwood (228:1930) entende que os frags. 207 e 208 sejam oriundos de falas de escravos ardilosos, semelhantes, no caráter, ao Xântias de *Rãs*.

comércio de perfume), *myrou alabastron* (μύρου ἀλάβαστρον, alabastro de perfume), *myris* (μυρίς, frasco para perfume), *myrēra lēkythos* (cf. acima)... e *spathis* para mergulhar no perfume, Aristófanes diz, em *Convivas*. **Fócio 529.6** *spathis*: espátula dos perfumistas. Assim diz Aristófanes

antes de afundar a espátula (σπαθίδα)

no frasco de óleo perfumado (μυρηρᾶς ληκύθου), <para> experimentar o perfume (μύρου)

211. **Ateneu 14.646 B** *charisios* (χαρίσιος, torta dada em sinal de agradecimento): menciona-o Aristófanes, em *Convivas* (citação do fragmento) **Suda¹ α 2082** algumas tortas também se chamavam *charisioi*, e essas uniam as pessoas, graças àqueles que as concediam, e são os artesãos que as produzem. Aristófanes diz, em *Convivas* (citação do fragmento) **Suda² χ 121** *charisioi*: um tipo de torta. Aristófanes a menciona em *Convivas*

Eu enviarei,

para noite, uma torta de agradecimento (χαρίσιον)

212. **Harpocrácion 128.5** *epipemptos* (ἐπιπέμπος, quinto): Lísias (fragm. 150 S.)... e Platão (V 2.1205 Mein.) <dizem> no lugar do simples <i. e. não composto> *pemptos* (πέμπος, quinto). Aristófanes diz, em *Convivas* (citação do fragmento) **Fócio 597.1 = Etymologicum Genuinum A tou 'pipempton** (τοῦπίπεμpton, o quinto): pois os que não obtivessem a quinta parte dos votos eram desonrados. Como diz Aristófanes:

que não obtenha sua quinta parte (τοῦπίπεμpton) dos votos. (B.) Que lamente

213. **Ateneu 15.690 E** *psagdēs* (ψάγδης, unguento egípcio) diz Aristófanes, em *Convivas* (citação do fragmento). Êupolis, em *Marikas* (fragm. 198 K.): “gritando *psagdan*”. **691 C** “se ela diz *sagdas* (σάγδας), isso também é um perfume”, Epílico diz em *Kōraliskos* (fragm. 1 K.)... e Aristófanes, em *Convivas*, e também Êupolis, em *Marikas* etc.

vejamos, qual perfume darei para ti? Gostas do egípcio (ψάγδαν)?

214. Escólio de Platão *Hípias Menor* 368 C = Escólio Diog. epist. 30.4 = Fócio 537.13 = *Suda* σ 1125 *stlengis* (στλέγγις): a escova e também o instrumento de raspar, de eliminar <o óleo>.

Aristófanes menciona-o, em *Velhice* (fragm. 145)... e em *Convivas* (citação do fragmento). Mas chamam *stlengis* também a placa dourada que as mulheres usam na cabeça

ela não tem nem raspador de óleo (στλέγγις) nem frasco de unguento

215. **Pólux**¹ 9.88 Platão usa *katakekermatistai* (κατακεκερματίζεται, corta em pedaços) com relação ao discurso, e, com relação ao dinheiro, Aristófanes diz em *Convivas* (citação do fragmento) **Pólux**² 7.170 diz-se tanto *ta kermata* (τὰ κέρματα, dinheiro trocado) quanto *to kermatizein to nomisma* (τὸ κερματίζειν τὸ νόμισμα, dividir o dinheiro em pequenas quantias). Aristófanes diz:

nem há dinheiro trocado (κεκερματισμένον)

216. **Harpocrácion** 177.10 as portas do tribunal eram chamadas *kinklides* (κιγκλίδες), como diz Aristófanes, em *Convivas*:

o heliasta arrastava-se para a porta do tribunal (κιγκλίδα)

217. **Fócio** α 520 = *Suda* α 27 em *Aigea* (Αιγέα, Egeu) e em *Erechthea* (Ἐρεχθέα, Erecteu), assim como em todas as palavras desse tipo, eles alongam o alfa (α) final. Aristófanes, em *Convivas*, diz:

chama para mim tanto Erecteu quanto Egeu

218. **Ateneu** 9.400 A Trífon diz (fragm. 19 Vels.): *ton lagōn* (τὸν λαγών, a lebre) no acusativo, nas *Danaides* de Aristófanes pronuncia-se como oxítone e com ny (ν) (fragm. 263)... e também em *Convivas*. Cf. Oro fragm. A 66 Alp.

estou arruinado: serei visto depilando a lebre²⁹⁶ (τὸν λαγών)

219. **Fócio 606.20** = *Etymologicum Genuinum* AB = *Suda* τ 1052 *tropias oinos* (τροπίας οἶνος, vinho azedo): aquele que passou por mudança e ficou alterado. Aristófanes diz, em *Convivas*:

então, apressa-te logo e não traz vinho azedo (τροπίαν)

220. **Pólux 10.109** além disso, a *epichysis* (ἐπίχυσις, bico para derramar) do jarro é um dos utensílios do cozinheiro. E Aristófanes diz exatamente isso em *Convivas* (citação do fragmento). **Idem 10.92** (recipientes para temperos) derramador de azeite, que Êupolis (fragm. 384 K.) chamou *makron chalkion* (μακρὸν χαλκίον, jarro longo). E Aristófanes, em *Acarnenses*, diz (1128) “derrama tu, rapaz, o azeite do jarro”. A palavra *epichysis* é dita nos *Convivas* de Aristófanes

não, na verdade isso é o bico do jarro (ἐπίχυσις τοῦ χαλκίου)

221. **Fócio (b) α 1930** Aristófanes diz, em *Convivas*, proverbialmente:

mas o homem que foge não espera o estrépito da lira

222. **Fócio (z) α 2872** *arrenikon* (ἄρρενικόν): os áticos não chamavam *arsenikon* (ἄρσενικόν, pigmento dourado) a tinta dos pintores. Aristófanes diz, em *Convivas*:

eis a tinta amarela (ἄρρενικόν). Agora ordena

223. **Fócio 313.13** *oai* (ὄαι, 1. bainhas; 2. couro de carneiro): dos mantos. Aristófanes diz, em *Convivas* (citação do fragmento). Pois os antigos costuravam neles couro de carneiro, a fim de usá-los por mais tempo. **Eustácio sobre Odisseia 1828.48** a bainha era feita de pele de carneiro, segundo

²⁹⁶Remete a um provérbio usado para descrever aqueles que se empenham em tarefas inúteis. Cf. Frínico *Preparações sofisticas* 121.4 *apud* PCG (1984: 132).

Élio Dionísio (o 1) <ao comentar> a respeito do manto, na letra ômicron (o 1). Por um lado, ele o menciona na letra ômicron, por outro, diz, no ômega (ω 1), “*ōia* (ὤια): pele de ovelha, couro”. Pois o gado eram ovelhas. Em outro léxico de oratória (*Pausaniae atticistae fragmenta* ω 1), está escrito que *ōiai* são as extremidades mais altas... e é evidente, a partir dessas palavras, que o primeiro, ou seja, com ômicron, vem de *oīs* (ὄϊς, carneiro), e o segundo foi alongado. Lá, deve-se estar atento à passagem que diz que as *oiai* (ὄϊαι) são pele de ovelha, couro, que, por alongamento e sinérese tornou-se *ōiai* (ὤια)... em um léxico de oratória anônimo (fragm. 4.222 Erbse) está escrito também que a palavra *oiai*, relativa aos mantos, é oxítone e com vogal breve. E cita o uso do cômico (citação do fragmento). Pois os antigos – diz – costuravam nelas couro de carneiro, a fim de usar por mais tempo as bainhas da parte de baixo dos mantos. Também aparece nessa passagem do gramático Aristófanes (*Lexeis* fragm. 42.197 N.) etc. **Lexicon Messanense (Oro, Ortografia) fol. 283^r 22 ap. ed. Rabe RhM 47 (1892) 411** *ōia* (ὤια), com *i* (ι), é a borda do manto, Aristófanes menciona-a em *Convivas*. É evidente que se trata de pele de ovelha, couro: Ferécates, em *Hipnos* (fragm. 62 K.)

quando fez bainhas (ὄας) bem proporcionadas

224. **Ateneu 4.169 C** Aristófanes, em *Acampadas*, chama a marmita *kakkabē* (κακκάβη), assim (fragm. 495)... e também em *Convivas*

e trazer de lá uma marmita (κακκάβην)

225²⁹⁷. **Ateneu 11.527 C** são famosos por sua luxúria os sicilianos e siracusanos, como Aristófanes diz em *Convivas* (citação do fragmento). **Ateneu 11.484 F** espartana: um tipo de taça... Aristófanes diz, em *Convivas* (v. 3 e 4) cf. Hesíquio λ 180 espartana: um certo tipo de taça χ 482 o quiano da espartana: o vinho da taça espartana

não aprendeu essas coisas mesmo quando eu o enviei <à escola>, aprendeu antes

a beber, depois a cantar mal, a mesa siracusana e

os banquetes sibaritas, e “quiano da espartana²⁹⁸”

<bebendo> o vinho das taças com prazer e de bom grado²⁹⁹

297Sobre esse fragmento, cf. p. 51.

298Cf. nota 187.

299Adotei a suplementação dos versos corrompidos proposta por Hermann. Cf. PCG (1894:135).

226. **Pólux 10.158** pode-se atribuir a eles... tanto *gyrgathos* (γύργαθος, cesta) quanto *thōmos* (θωμός, pilha), como diz Aristófanes, em *Convivas* (citação do fragmento) **Idem 7.176** e o *gyrgathos* é nomeado nos *Convivas* de Aristófanes. **Ateneu Epítome 1.4 D** “trazendo cestas de processos”, Aristófanes diz:

a não ser que estejam trazendo cestas (γυργαθούς) de processos e pilhas (θωμούς) de decretos

227. **Aquiles Introdução a Arato 28** deve-se notar que esses *poloi* (πόλοι, polos) se dizem no masculino. Mas Aristófanes, em *Convivas*, falando sobre o heliotrópico, considera a palavra *polos* feminina:

isso é uma *polo*, pela qual (ἥ), em Colono,
observam estas elevações aqui e aqueles declives ali

228. **Fócio 504.25 = Suda σ 290 seisai** (σεῖσαι, chacoalhar): agir como um sicofanta, por causa daqueles que chacoalham as árvores frutíferas. Diz Teleclídes (fragm. 2 K.)... Aristófanes diz, em *Convivas*:

eu chacoalhava (ἔσειον), pedia dinheiro, ameaçava, chantageava como um sicofanta novamente

229. **Ateneu 7. 299 A** (ἔγγελυς, enguia) os áticos, segundo diz Trífon (fragm. 21 Vels.), formando os casos no singular por meio do ýpsilon (υ), já não fazem os casos do plural analogicamente. Ao menos Aristófanes, em *Acarnenses*, diz (889)... e em *Lêmnias* (fragm.382.2)... e no nominativo em *Convivas*: “e liso como uma enguia (ἔγγελυς)”. Também Cratino diz, em *Ploutoi* (fragm. 171.50 K.-A.)... nos casos do plural etc. **Escólio de Teócrito 11, 10/11 d** e também *kikinnoi* (κίκιννοι, anéis) da cabeleira, como usa o cômico

e liso como uma enguia (ἔγγελυς), tendo anéis dourados

230. **Suda α 1940** *analiskein* (ἀναλίσκειν, gastar)... e também *analoun* (ἀναλοῦν), diz-se das duas formas. Aristófanes diz em *Pluto* (248)... e em *Convivas*

é preciso que eu gaste (ἀναλοῦν) o dinheiro nas trirremes e na muralha

231. **Ateneu 15.667 E** (sobre o cótabo) há outra forma de jogo na bacia. Enche-se essa de água, coloca-se boiando sobre ela uma molheira vazia, sobre a qual se lançam as gotas a partir das taças, tentando afundá-la. Aquele que mais a afundar, ganha o prêmio³⁰⁰. Amípsias menciona-o, em *Apokottabizontes* (fragm. 2 K.-A.)... Cratino, em *Nemesis* (fragm. 124 K.-A.)... Aristófanes, em *Convivas*: “sei/sabe, e eu erguerei a taça” – que é o prêmio do cótabo – “e as coroas”

sei/sabe, e eu erguerei a taça e as coroas

232. **Ateneu 4.184 E** Aristófanes, em *Convivas*, revela também interesse quanto a esse assunto <i.e. aulética> quando diz:

sou daqueles que passam o tempo tocando o aulo e a lira,
agora me ordenas que cave?³⁰¹

233³⁰². **Galeno Comentário a Hipócrates 19.65 K.** que os antigos criavam muitas palavras por eles mesmos é demonstrado o bastante por Eratóstenes, em seus escritos *Peri Archaias Kōmōidias* (p.17 Str.), e eu mesmo posso demonstrar-te brevemente, com poucos exemplos, por meio de um conhecimento muito palpável, o que é *glōtta* (γλῶττα, expressão), e o que é semelhante a ela, que passou a existir por causa de um dos antigos. Creio que esses versos de Aristófanes, retirados de *Convivas*, bastarão a ti, são assim (v. 1). Pois nesse drama, o velho, do demo dos *Convivas*, propõe ao seu filho indisciplinado <uma pergunta>, primeiro em relação a *ta korymba* (τὰ κόρυμβα, os ápices), qual seria a explicação para essa expressão; depois disso (v. 2). E ele certamente faz uma contraproposta quanto às expressões das tábuas de Sólon, que contêm as regras de direito, dessa

300Cf. nota 219.

301Cf. *Aves* 1432.

302Para um comentário sobre esse fragmento, cf. p. 57-9.

forma (v. 3), seguindo a ordem, ele então desafia (v. 4). A partir desses exemplos, fica claro que *glōtta* é o termo antigo para designar uma palavra fora do seu uso corrente. **Pólux 2.109** chamavam *glōttas* (γλῶττας) a linguagem poética, como menciona Aristófanes (v.1)

(A.) Fala, então, sobre essas expressões (γλῶττας) de Homero. O que chamam *korymba* (topo, ápice)?

— — — — — O que chamam *amenēna karēna* (ἀμενηνὰ κάρημα, cabeça fraca)?

(B.) Que seu filho, esse meu irmão, explique. O que chamam *idyous* (ιδύους, testemunhas)?

— — — — — O que seria *opyein* (ὀπύειν, casar)?

234. **Fócio (z) α 3466** *achyron* (ἄχυρον): colmo. Aristófanes diz em *Convivas* (citação do fragmento). **Eustácio ad λ 539** esse *asphodelós* (ἀσφοδελός, prado de asfódelos³⁰³) do dialeto homérico é acentuado diante da separação por vírgula, mas quando usado em geral diz-se *asphodélōn* (ἀσφοδέλων)... assim como o *asphodelós* (ἀσφοδελός), acentuado na última sílaba, segundo alguns, é dito em qualquer caso, da mesma forma *achyrós*, segundo Élio Dionísio (α 204), é *achyrobolōn* (ἄχυροβολών). Mas outro <= Aristófanes> faz o seguinte uso:

e Hécabe lamentando-se e o colmo (ἄχυρόν) em chamadas

235. **Ateneu 15.693 F** entre os que são elogiados por esse gênero de poesia estão Alceu e Anacreonte, como Aristófanes demonstra dizendo assim:

então pega <a lira> e canta para mim um escólio de Alceu e Anacreonte³⁰⁴

236. **Ateneu 9.368 D** <*kōlē*, κωλή> é contrata a partir de *kōlea* (κωλέα, coxa de animal), assim como *sykē* (συκῆ, figueira) a partir de *sykea* (συκέα) e *leontē* (λεοντιῆ, pele de leão) a partir de *leontea* (λεοντέα). Assim também *kōlea* vem de *kōlē*. Aristófanes diz no seu segundo *Pluto* (1128)... e em *Convivas* (citação do fragmento). E em *Cegonhas* (fragm. 449)

303O prado florido que, na *Odisseia*, é assombrado pelas almas dos heróis. Cf. *Odisseia* 11.539 e 24.13.

304Cf. *Nuvens* 1364.

e as coxas dos leitões (κωλαῖ) e umas fatiazinhas aladas

237. **Harpocrácion 211.9** *nautodikai* (ναυτοδίκαί, juizes dos tribunais marítimos): Lísias (fragm. 10 S.)... os juizes eram fundamentais em Atenas. Assim, Crátero, no quarto livro dos seus *Psēphimata*, diz (342 F 4^a Jac.)... Aristófanes diz em *Convivas* (citação do fragmento) **Fócio β 108 = Suda β 196** “tendo mergulhado o remo”: tendo navegado, indo em direção aos juizes, os quais julgavam as questões relativas aos estrangeiros

indo ao tribunal marítimo (βάψας)³⁰⁵, quero te expor como estrangeiro³⁰⁶ diante dos juizes (ναυτοδίκας)

238. **Eustácio ad η 297** e observa a palavra *alētheiēn* (ἀληθείην, verdade), que contém uma ambiguidade: se por causa do acento proparoxítone de *alētheian* (ἀλήθειαν), ou se por causa do acento paroxítone de *alētheían* (ἀληθείαν) tornou-se uma palavra do dialeto jônio. Os antigos áticos, segundo Élio Dionísio (α 21), alongaram a terminação de tais palavras, por isso marcaram a penúltima sílaba com acento agudo. Diz-se pois *agnoía* (ἀγνοία, ignorância) assim como eles diziam *eukleía* (εὐκλεία, glória) e *anaideía* (ἀναιδεία, descaramento) e ainda *pronoía* (προνοία, pressentimento), alonga-se a última sílaba de todas essas palavras, e se acentua a penúltima. Aristófanes, em *Convivas*, diz:

ó loucura (παρανοία) e descaramento (ἀναιδεία)

239. **Frínico Écloga 64** os antigos dizem *akestēs* (ἀκεστής, cerzidor), e não *ēpētēs* (ἑπητής). *ēpēsasthai* (ἑπήσασθαι, remendar) aparece uma única vez nos *Convivas* de Aristófanes, que brinca com as *Hypothēkai* de Hesíodo (fragm. 284 M.-W.), (citação do fragmento). Mas, deves dizer *akesasthai* (ἀκέσασθαι, cerzir) o manto. **Thom. Mag. 3.1** tanto *akesasthai* quanto *ēpēsasthai* são sem dúvida do ático. Aristófanes, em *Convivas*, diz:

305Entendo que o particípio *bapsas* (βάψας) seja uma forma abreviada da expressão comentada por Fócio, *bapsas tēn kōpēn* (βάψας τὴν κόπην, tendo mergulhado o remo), e não como quer Henderson, que entende *xenos* (ξένος) como seu objeto. Cf. Aristófanes (2007:223).

306Adotei a correção de Sauppe, que sugere, no lugar de *exaiphnēs* (ἐξαίφνης), *s' epideixai* (σ' ἐπιδείξαι), como complemento do verbo *etheiō* (ἐθέλω). Cf. PCG (1984:143).

e remendar (ῆπῆσασθαι) a peneira

240. **Escólio de Vespas 823** “os heróis também tinham panóplia” é evidente a partir de *Convivas*

os heróis também tinham panóplia

241. **Escólio de Cavaleiros 1013 b** “serei como uma águia nas nuvens”: havia um oráculo para os atenienses, que dizia sobre o demo deles: “serás uma águia nas nuvens”, assim como ele <=o grande rei³⁰⁷> é sobrepujante a todos, do mesmo modo é a águia entre as aves, que aqui é citada. Esse oráculo é citado tanto em *Aves* (978) quanto em *Convivas*

serás uma águia nas nuvens

242. **Escólio de Luciano Alexandre 4.181.16** Aristodemo era repugnante e excessivamente pervertido, por causa disso o ânus é chamado de Aristodemo. Cratino menciona-o em *Panoptai* (fragm. 160 K.-A.)... assim como Aristófanes, em *Convivas*. **Hesíquio α 7248** os cômicos chamavam o ânus de Aristodemo, de Teodoro e de Timesianax, por se prostituírem.

o ânus é chamado de Aristodemo

243. **Harpocrácion 21.18** uns chamam *halipedon* (ἅλιπεδόν, planície arenosa) o Pireu, e na koiné³⁰⁸ é também o lugar onde antigamente era mar, e posteriormente se tornou planície. Por isso a primeira sílaba é aspirada, pois é como um *halos pedion* (ἅλὸς πεδίων, planície de sal). Usado certamente tanto para a planície nivelada quanto para aquela que parece ter sido danificada <i. e. irregular> , já que Aristófanes, em *Convivas*, diz sem aspiração “*en alipedōi*” (ἐν ἁλιπέδῳ, na planície). Alguns dizem que a planície junto ao mar se chama assim. Mas outros dizem que, por poderem os cavalos espojarem-se (*alindeisthai*, ἅλινδεῖσθαι) nela, ou seja, rolar na areia, ela, a planície, é assim chamada.

307Cf. aparato PCG (1984:144).

308 Língua comum falada e escrita pelos gregos nos países no Mediterrâneo oriental, nos períodos helenístico e romano.

na planície

244³⁰⁹. **Fócio (z) inéd.** “sob o arcontado de Falênio”: Aristófanes <usa essa expressão> em *Convivas*. Ele forja maliciosamente certo arconte <cujo nome se dá> graças ao seu falo. **Hesíquio ε 5373** “sob o arcontado de Falênio”: Aristófanes diz que Alcibíades nasceu sob o arcontado de Falênio, brincando com Fales. Pois ele sentia desejo sexual por homens

sob o arcontado de Falênio

245. **Escólio de *Acarnenses* 272a** escrava que apanha madeira *hōrikē* (ὥρικὴ, na flor da idade): ao invés de *hōraia* (ὥραία, jovem) e *akmaia* (ἀκμαία, florescente)... “um jovem na flor da idade (ὥρικόν) e uma moça”, como ele mesmo <= Aristófanes> diz em *Convivas*

um jovem na flor da idade e uma moça

246. **Fócio α 2458 = *Lexicon Bachmann* 123.24** *apobrochthisai* (ἀποβροχθίσαι): engolir, como dizemos. Aristófanes usou em *Convivas*. Cf. Hesíquio α 6268 *apobrochthison* (ἀποβρόχθισον): engole!

engole!³¹⁰

247³¹¹. **Pólux 7.168** *psychroloutein* (ψυχρολουτεῖν, lavar com água fria) diz respeito ao banho, quando Aristófanes diz (citação do fragmento) em *Convivas*

nós tomamos banho frio (ἐψυχρολουτήσαμεν)

309Sobre esse fragmento, cf. p. 45.

310Sigo Kaibel, que considera ser essa a forma – o imperativo – usada por Aristófanes, ainda que isso não seja claro nos comentários do fragmento.

311Sobre esse fragmento, cf. pp. 52-3 e nota 195.

248. **Harpocrácion 155.16** das quatro classificações da cidadania ateniense, os chamados *tetas*³¹² eram os mais desprovidos de recursos... que não participavam do serviço militar, assim diz também Aristófanes, em *Convivas*

tetas

249. **Pólux 10.172** podes dizer *pēridion* (πηρίδιον, dim. de bolsa) para *pēran* (πήραν, bolsa, fragm.502)... assim como *thylakon* (θύλακον, saco) e *thylakion* (θυλάκιον, dim. de saco) e ainda *thylakiskion* (θυλακίσκιον, idem), como Aristófanes, em *Convivas*

saquinho (θυλακίσκιον)

250. **Pólux 10.32** no quarto é preciso haver uma *klinē* (κλίνη, cama) ou um *klinidion* (κλινίδιον, dim. de cama), como Aristófanes diz em *Lisístrata* (916), ou *klinarion* (κλινάριον, idem), como ele diz em *Convivas*, ou *klinis* (κλινίς, idem), como Cratino diz em *Odyseis* (fragm. 148 K.-A.). ***Antiaticista 104.28*** Aristófanes, em *Convivas*, < diz > *klinaria* (κλινάρια), e não apenas *klinidia* (κλινίδια, dim. de cama, no plural)

caminha

251. **Pólux 8.153** Aristófanes, em *Convivas*, disse em alguma passagem *lyrōnia* (λυρωνία, compra de liras)

compra de liras

312Os *tetas* eram os lavradores de Atenas, membros da quarta e última classe censitária da Constituição de Sólon. Cf. DPG.

252. **Fócio 291.16** *neblaretai* (νεβλάρεται)³¹³: penetra. Termo obscuro para “penetração sexual”³¹⁴. Aristófanes o menciona em *Convivas*

ele penetra

253. **Fócio 350.9** *ortyges* (ὄρτυγες, codorna): os áticos diziam abreviando o ýpsilon (υ) e também o pronunciavam abreviadamente em *ortygokopos* (ὄρτυγοκόπος, jovem abatedor de codornas): assim fica evidente nos *Convivas* de Aristófanes

jovem abatedor de codornas

254. **Fócio 480.20 = Suda ρ 8** *rhagdaioi* (ῥαγδαῖοι, furiosos): diz-se, metaforicamente, por causa das tempestades, daqueles que se revolvem com veemência e força. Antífanos diz, em *Agroikoi* (fragm. 7 K.)... Dífilo diz, em *Polypragmōn* (fragm. 67 K.)... há também a palavra em *Prytaneis*, de Teleclides (fragm. 30 K.), e em *Convivas*, de Aristófanes

furiosos

255. **Ateneu 4.183** E esse *trigōnos* (τρίγωνος, instrumento musical de cordas triangular³¹⁵) menciona-o Sófocles (fragm. 412; 239 R.)... Aristófanes, em *Convivas*, e Teopompo, em *Penélope* (fragm. 49 K.). E Êupolis, em *Baptai*, diz (fragm. 77 K.)

trígono

313Adoto a correção de Alberti, de *neblaretoi* (νεβλάρετοι) para *neblaretai*. Cf. PCG (1984:147).

314Sigo Henderson no entendimento do termo como uma expressão obscena. Cf. Aristófanes (2007:229). Cf. também LSJ *perainō*, acepção II. Mas deixo registro do uso desse termo pelo poeta britânico Robert Browning em seu *Aristophanes' Apology*, que expressa um entendimento diverso de *neblaretai*. Após extensa pesquisa lexical no *corpus aristophanicum*, o britânico opta pela acepção “concluir” desse verbo obscuro, entendendo que o uso de Aristófanes se refira à conclusão de um discurso. E com essa função usa o termo em seu poema. Cf. Dahl (1957:271-3). A hipótese de Browning coaduna com os comentários da fonte tanto quanto a de Henderson.

315Cf. Platão *República* 3.399.

Danaides

A comédia retoma o tema mitológico da súplica das Danaides em Argos. Não se sabe em que medida Aristófanes parodia as versões trágicas do mito, as *Suplicantes* de Ésquilo e de Eurípides – caso esta última tenha sido encenada anteriormente. O fragm. 272 menciona “uma versão diferente da lenda”. Os frags. 264-5 são oriundos da parábase, daí a estimativa de que tenha sido produzida antes de 400 a.C. O fragm. 264 relata, provavelmente com viés crítico, as guloseimas que o coro distribuía à assistência da comédia.

256. Escólio de *Paz* 923 c = Escólio de *Pluto* 1197 = *Suda* χ 613 toda vez que iam consagrar altares ou estátuas dos deuses, começavam cozinhando seus legumes, partilhando da primeira estada como ação de graças aos deuses transferidos, como ele diz em *Danaides*

como testemunhas, chamo as panelas de Zeus Protetor do lar,
junto às quais esse altar certa vez foi fundado

257. Fócio 596.13 = *Suda* τ 809 *tou* (του, algo): também se usa no feminino... Aristófanes o diz, em *Anfíarau*: (fragm. 25)... e no neutro, em *Danaides*:

entrem, porque quero examinar essa questão aqui,
pois algo (τού) me cheira mal

258. Pólux 2.76 *osmylia* (ὀσ μυλία, sépias) são um tipo de peixe, a chamada *ozaina* (ὄζαινα) pelo povo. É uma espécie de pólipos que tem no meio da cabeça e dos tentáculos um conduto de ar malcheiroso. (citação do fragmento). Ateneu 7.324 B Aristófanes diz em *Tesmofóricas* (fragm. 333.1)... e em *Danaides* (citação do fragmento). Fócio 352.25 *osmylia*: peixinhos baratos (citação do fragmento), diz Aristófanes

voltando-se à peixaria para obter
pequenos pólipos, peixes e sépias (ὀσ μυλία)

259. **Pólux 10.129.130** <dentre> os recipientes das frutas... talvez esteja o *sōrakos* (σώρακος, cesto), se bem que assim também se nomeia entre os poetas cômicos a vasilha na qual se deposita o figurino dos atores. Aristófanes, em *Danaides*, disse:

um cesto (σώρακος) de tais males foi escolhido para mim

260. **Ateneu 10.422 E** Aristófanes, em *Proagon* (fragm. 480)... e em *Danaides*:

já estás embriagado antes mesmo que eu tenha jantado

261. **Porfírio no escólio de Homero *Ilíada* 14.200** a circunferência do círculo é homogênea, bem como a superfície da esfera. E, de um modo ou de outro, só se pode dizer isso unicamente dessas formas. Com razão, portanto, os antigos eram levados a chamar o círculo e a esfera *apeirōn* (ἀπείρων, sem bordas). Assim disse Aristófanes em *Danaides* (citação do fragmento). O anel é *apeirōn* e também a argola, e aquilo que é feito de uma única peça, de modo que a extremidade não mostre nem seu início nem seu fim. Pois as <argolas> dos anéis nos quais se incrustam pedras ou sinetes, não são *apeirones*, pois não são homogêneas. **Escólio α 98** Aristófanes, em *Danaides*, disse (citação do fragmento), evidenciando que o anel não tem extremidades e por isso é homogêneo

carregando um anel de bronze sem bordas (ἀπείρονα)

262. **Pólux 10.26** e além disso, eles também dizem *balanōsai* (βαλανῶσαι, aferrolhar, *i.e.* usar a lingueta de fechadura, o βάλανος) a porta, e (citação do fragmento) disse Aristófanes, em *Danaides*

ninguém aferrolhou (βεβαλάνωκε) a porta

263. **Ateneu 9.400 A** Trífon diz (fragm. 19 Vels.): *ton lagōn* (τὸν λαγών, a lebre) no acusativo, nas *Danaides* de Aristófanes pronuncia-se como oxítone e com ny (v) (citação do fragmento)... e também em *Convivas* (fragm. 218)

talvez, depois de soltar a vossa lebre (τὸν λαγών), ele a leve embora

264. **Ateneu *Epítome* 2.57 A** Cálias disse *rhapchanos* (ράφανος, rabanete) para *rhapchanis* (ράφανις). Assim, falando sobre a antiguidade da comédia, diz (fragm. 26 K.-A.): “sopa de ervilha, fogo†, nabos, rabanetes, frutos maduros, bolos”. Aristófanes deixa claro que disse rabanetes assim ao escrever dessa forma mais antiga em *Danaides*, dizendo (citação do fragmento). E o rabanete é uma comida muito barata

o coro dançava revestido de tapete e levando embaixo do braço
sacolas com costelas, linguças e rabanetes (ράφανισιν)

265. **Fócio (z) α 3049 = *Suda* α 4313 = *Lexicon Bachmann* 157.33 ≈ *Etymologicum Gudyanum* 223.15 Stef.** *atalaipōrōs* (ἀταλαιπώρως): com indiferença, com negligência. Aristófanes, em *Danaides*, diz:

assim displicentemente (ἀταλαιπώρως) está para eles a poesia

266. **Fócio (z) α 3176. 3177 = *Suda* α 4443** *auleios* (αὔλειος): a primeira porta a partir da rua. Aristófanes, em *Danaides*, diz:

enterrar a cabeça da cila junto ao gonzo da porta de entrada³¹⁶ (τῆς αὐλείας)

267. **Ateneu 3.114 C** os egípcios chamavam *kyllastis* (κυλλᾶστις) o pão amargo. Aristófanes menciona-o em *Danaides* (citação do fragmento). Mencionam-no também Hecateu (1 F 322 Jac.) e Heródoto (2.77.4) e ainda Fanodemo no livro sete do seu *Atthis* (325 F 7 Jac.). Mas Nicandro de Tiatira (343 F 10 Jac.) diz que os egípcios chamavam *kyllastis* o pão feito a partir da cevada

conta-me sobre o *kyllastin* e o Petosíris³¹⁷

316Cila é uma espécie de planta conhecida também como cebola do mar e drímia marítima (*Urginea maritima*). Era usada junto à porta para proteger a casa de forças maléficas. Cf. Henderson, em Aristófanes (2007: 235, n.35).

317Famoso sacerdote do rei egípcio Tot.

268. **Pólux 10.38** podes dizer, quanto ao estilo da canção, tanto “florido” (*chnous*, χνοῦς) quanto “brando” (*mnous*, μνοῦς), a respeito dos <cantos> agradáveis, como Aristófanes diz em *Babilônios* (fragm.78), e em *Danaides*:

a obra dos inferiores é branda

269. **Ateneu 14.645 E** *enkrides* (ἐγκρίδες) são pequenas tortas fritas no óleo e, depois disso, adoçadas com mel... Aristófanes, em *Danaides*, diz haver um vendedor delas nesses versos: [versos corrompidos] “vendedor de tortas”. **Pólux 7.199** nas *Danaides* de Aristófanes há menção a vendedores de purgativos (fragm. 276) e *enkridopōlai* (ἐγκριδοπῶλαι, vendedores de tortas)

vendedor(es) de tortas

270. **Apolônio Díscolo Pronomes (GrGr 2.1, 1 64.10 Schn.)** em vista do riso, a comédia ganhou certa característica, de modo que é mais próprio dela não estabelecer critério <para a formação> de palavras, já que *Danaōtatos* (Δαναώτατος, Danaosíssimo)³¹⁸ é cunhado, em Aristófanes, a partir do superlativo, dentre os nomes próprios não-compostos

Danaosíssimo

271. **Escólio de Lisístrata 1237** (é preciso cantar Clitágoras) Clitágoras era uma poeta lacedemônia, mencionada por Aristófanes em *Danaides*

Clitágoras

272. **Escólio de Pluto 210** (mostrarei que tu vês de modo mais nítido que Linceu) diz respeito ao irmão de Idas. Como ele mesmo <= Aristófanes> diz, em *Danaides*, filho de Egito. Aqui falamos

318Referente a Dânao, herói grego considerado o fundador da cidade de Argos.

acerca dele, já que ele <= Aristófanes> parece contar uma versão diferente da lenda. **Suda λ 775** Linceu tinha a visão mais apurada: era irmão de Idas, e Aristófanes, em *Danaides*, diz ser filho de Egito

273. **Fócio (z) α 2784 = Suda α 3789 = Lexicon Bachmann 140.24** também chamam *argyrion* (ἀργύριον, prata) a moeda de baixo valor, como Aristófanes, em *Danaides*

prata

274. **Harpocrácion 143.11 echinos** (ἐχῖνος) é um vaso no qual as tabuinhas dos processos eram depositadas. Demóstenes, em seu *Contra Timóteo* (or. 49.65), menciona esse vaso, assim como Aristóteles, na *Constituição de Atenas* (53.2.3), e Aristófanes em *Danaides*

vaso para tabuinhas

275. **Pólux 10.126.127** dos apetrechos das mulheres... a *prosōpis* (προσωπίς, máscara) e, nas *Danaides* de Aristófanes, o *prosōpidion* (προσωπίδιον, dim. de máscara)

mascarazinha

276. **Pólux 7.199** nas *Danaides* de Aristófanes, há menção a *syрмаιοπῶλαι* (συρμαιοπῶλαι, vendedores de purgativos) e vendedores de tortas (fragm.269)

vendedores de purgativos

Dioniso Náufrago

Dessa comédia restou apenas um fragmento e um testemunho (= *Vida* de Aristófanes T 1.59), que a inscreve entre as comédias espúrias de Aristófanes, ao lado de *Poesia*, *Ilhas* e *Niobo*.

277. **Pólux 10.33** chama-se *klintērion* (κλιντήριον) o *klinidion* (κλινίδιον, dim. de cama), como Aristófanes disse em *Dioniso Náufrago* (citação do fragmento). **Idem 6.9** o *anaklintron* (ἀνάκλιντρον, cabeceira) Aristófanes chama *epiklintron* (ἐπίκλιντρον), e o *enēlaton* (ἐνήλατον, armação da cama), ele chama *klintērion* (κλιντήριον)

Por que, ó malvado, bates em mim como em uma cama (κλιντήριον)
infestada de percevejos?

Dramas I/II

Dramas ou Centauro, *Dramas ou Niobo*, *Dramas*: esses três títulos dentre os quais se distribuem os próximos fragmentos referem-se a duas comédias, *Dramas ou Centauro* e *Dramas ou Niobo*. Algumas fontes referem-se apenas a “*Dramas*”, daí a subdivisão em três títulos que os editores julgaram conveniente. *Dramas II* refere-se, aparentemente, a *Dramas ou Niobo*, pelas referências a *Dramas II* (frag, 295) e *Niobo II* (fragm. 290).

É possível que *Dramas ou Centauro* tenha tido por tema a visita de Héracles ao centauro Folo. Se assim for, o fragm. 284 poderia ser uma alusão à voracidade inconveniente de Héracles.

Em *Dramas ou Niobo*, o fragm. 294 fala dos sete filhos e sete filhas de Niobo – que talvez seja uma versão masculina de Niobe. O fragm. 299 refere-se ao sacrifício feito em nome dos filhos nas Apatúrias.

Segundo o test. ii (= Escólio de *Vespas* 61c), Eurípides foi “levado à cena” em *Dramas*.

Dramas ou Centauro

(cf. *Dramas I/II*)

278. **Fócio 451.13 = Suda π 2366** *prodikon dikēn* (πρόδικον δίκην): <caso arbitrado> com base nos amigos e juízes. Aristófanes, em *Centauro*, diz:

pois eu, se em algo fui injusto contigo, quero sofrer
a punição arbitrada por um de seus amigos

279. **Pólux 3.74** Aristófanes certamente chama *autos* (αὐτός, o próprio) o amo, segundo o uso corrente do povo, dizendo em *Dramas ou Centauro* (citação do fragmento). **Antiatista 78.29** *autos*: usado no lugar de “amo”. “Ele em pessoa <=amo> diz”, “ele em pessoa <= amo> vem”. Aristófanes diz:

que alguém abra a casa: ele em pessoa (αὐτός) está vindo

280. **Pólux 10.185** se alguém quiser, é possível também acrescentar o *kados pittinos* (κάδος πίττινος, jarro de piche) entre os vasos, como faz Aristófanes em *Centauro*:

mas, tendo pegado um jarro de piche (κάδον ... πίττινον), urina dentro dele

281. **Pólux 10.79** à base do jarro Ferécrates em *Leroi* (fragm. 105 K.)... e também outros chamam *pyndax* (πύνδαξ). Aristófanes em *Dramas ou Centauro* diz, entre outras coisas:

fazendo chocar as bases dos jarros (πύνδακας)

282. **Pólux 7.24** as palavras relativas à panificação estão reunidas em *Dramas ou Centauro* de Aristófanes:

esmago, mexo, umedeço, amasso, faço fermentar, moo

283. **Hesíquio κ 4521** “bolsa de Cilo”. Querem saber por que Aristófanes diz, em *Dramas ou Centauro*, que o prostíbulo é a “bolsa de Cilo” (citação do fragmento). Havia um lugarejo sombrio em Atenas e uma fonte. E ao invés de dizer *peran* (πέραν, além), disse *pēran* (πήραν, bolsa, no acc.)³¹⁹. **Herodiano Vocabulário Singular 2.918.1 L.** as dissílabas <terminadas> em -os que não são oxítonas, tendo um lambda duplo, não podem ser neutras. *Hyllos*, <*Kyllos* (Κύλλος, Cilo)³²⁰> nome próprio que é mencionado tanto por Aristófanes quanto por Cratino em *Malthakoi* (fragm. 110 K.-A.)

o prostíbulo é a bolsa de Cilo

284. **Hesíquio o 1541** “não são espinhos”: um provérbio. Aristófanes, em *Acampadas* (fragm. 499), diz: “talvez nem tu te opunhas a este jantar, pois não são espinhos”. E, em *Dramas ou Centauros*, diz:

ele sempre vai ao jantar sem ser chamado: pois não são espinhos³²¹

285. **Pólux 9.36** eles podem ser chamados também *kōmai* (κῶμαι, povoados), razão pela qual nomeavam os aldeãos *kōmētai* (κωμήται) e <as aldeãs> *kōmētides* (κωμήτιδες). Aristófanes disse, por exemplo, em *Dramas ou Centauro* (citação do fragmento), e em *Lisístrata* (5)

entre as aldeãs (κωμήτισι) taberneiras havia um prazer maligno

319Aparentemente, Hesíquio explica não o provérbio original, “além de Cilo”, mas o trocadilho feito por Aristófanes a partir desse provérbio, substituindo o “além” *peran* (πέραν) por “bolsa” *pēra* (πήρα). Do provérbio original, pouco sabemos, mas tanto pelo comentário de Hesíquio quanto por uma passagem de Zenóbio, em *Provérbios Atenienses* 2.37 - cf. aparato PCG (1983:162) - parece remeter a um lugar frequentado ou habitado por mulheres para atividades escusas, seja para se prostituírem, como sugere Hesíquio, seja para beber água numa fonte que faria conceber as mulheres estéreis, como explica Zenóbio.

320Acrécimo de Dindorf. cf. PCG (1984: 162).

321Cf. fragm. 499.

286. **Pólux 9.53** a *talantōsis* (ταλάντωσις, pesagem) de Antifonte revela o peso (fragm. 179 Bl.), e Aristófanes³²² em *Dramas ou Centauro* diz *lithos dekatalantos* (λίθος δεκατάλαντος, pedra de dez talentos)

uma pedra de dez talentos

287. **Ateneu 14.629 C** quanto à dança chamada *apokinos* (ἀπόκινος, escapadela³²³), que Cratino menciona em *Nemesis* (fragm. 127 K.-A.), Cefísodoro em *Amazonas* (fragm. 2 K.-A.), Aristófanes em *Centauro*, e outros mais, depois passaram a chamá-la *maktrismos* (μακτρισμός).

escapadela

288. **Pólux 10.171** os degraus da escada são chamados *klimaktēres* (κλιμακτῆρες), como diz Aristófanes em *Dramas ou Centauro*

degraus

Dramas ou Niobo

(cf. *Dramas I/II*)

289. ***Etymologicum Genuinum AB*** Memactérion³²⁴... Aristófanes menciona-o em *Niobo*:

pois nós aqui de cima aos de baixo nos unimos

graças aos tratados³²⁵, e, além do mais, é o mês de Memactérion,

no qual executamos os processos privados e públicos

322Adoto aqui a correção de Bekker. Cf. PCG (1984: 163).

323 Dança cômica de natureza obscena.

324Corresponde aos meses de novembro e dezembro.

325Para *symbola* (σύμβολα) como “tratados”, cf. Harpocrácion 282.8.

290. **Ateneu 15.699 F** que eram nomeados *lychnouchoi* (λυχνούχοι) o que agora chamamos *phanoi* (φανοί, lanternas), Aristófanes, em seu *Eolosícon*, demonstra (citação do fragm. 8). E no segundo *Niobo*, declarando, antes de *lychnouchos*, ser um infeliz, disse (citação do primeiro verso) e, em seguida, acrescenta (citação do segundo verso)

(A.) Ai, Infeliz! A nossa lamparina se foi!

(B.) Mas como deixou de lado a lanterna (λυχνούχον) sem que notasses?

291. **Ateneu 15.699 F** (depois do fragm. 290) e nos versos seguintes, também a <lanterna> chama *lychnidion* (λυχνίδιον), desse modo (citação do fragmento). **Pólux 10.118.119** quando Aristófanes disse, em *Eolosícon*, *duoin lychnidioin* (δυοῖν λυχνιδίον, duas lamparinas), é evidente que queria dizer castiçais e não pequenas tochas... isso é claríssimo em *Dramas ou Niobo* (citação do fragmento)

Mas dormia como

uma tocha (λύχνος) sobre a lamparina (λυχνιδίου)

292. **Ateneu 7.301 B** (cf. fragm. 56) na maioria das vezes, dizem *hepsētoi* (ἐψητοί, peixes cozidos), no plural. Aristófanes em *Dramas ou Niobo* diz:

Por Zeus, não desejo em nada o prato dos peixes cozidos (ἐψητῶν)

293. **Pólux 10.185** em *Dramas ou Niobo*, Aristófanes chamava *plintheion* (πλινθεῖον) o lugar onde os oleiros moldavam tijolo, falando do rio Cicloro:

e ele, quando chegou, desviou <a corrente d>a olaria (πλινθεῖον)

294. **Escólio de Eurípides *Fenícias* 159** quanto ao número de filhos de Niobe, o próprio Eurípides disse em *Cresfonte* (fragm. 455 N., 73 Aust.): “e duas vezes sete filhos daquela/ Niobe tendo

morrido pelas flechas de Febo”. E, da mesma forma, diz Ésquilo em *Niobe* (TGF p.50 N.) e Aristófanes em *Dramas ou Niobo* diz, igualmente, serem sete filhas e sete filhos.

sete filhas e filhos

295. Escólio de Platão *Apologia* sobre Querefonte Aristófanes, no segundo *Dramas*, diz:

ladrão (κλέπτην)

296. “**Erênio Filo**” sobre **Amônio 73** o gancho com o qual se equipou [trecho corrompido]. Também Aristófanes diz em *Niobo*

gancho (άρπάγην)

297. **Pólux 10.166** *kattys* (καττύς): pequeno pedaço de couro colocado no alvião, quando o cabo é fino. Há também essa palavra em *Dramas ou Niobo* de Aristófanes.

pedaço de couro

298. Herodiano *Prosódia Geral* fragm. 29 Hung. (sobre o vocábulo *patrōos*, πατρῴος, padrasto) Aristófanes usou a palavra em *Dramas ou Niobo*.

padrasto

Dramas

(cf. *Dramas* I/II)

299. **Escólio de Rãs 798** chamam *meion* (μείον, menor) os <carneiros sacrificados> para os filhos nas Apatúrias, os quais eram levados pelos pais, por causa dos gritos dos membros da fratria diante da pesagem da vítima: “*meion, meion*”. Que a pesavam Aristófanes demonstra em *Dramas*. Esse sacrifício era chamado *koureion* (κουρεῖον), devido aos rapazes (*kouroi*, κοῦροι) em nome dos quais se sacrificava. E *meion* pela razão já mencionada. Havia uma multa àqueles que trouxessem uma <vítima> menor, de acordo com o que diz o próprio Aristófanes:

mas eu mesmo rezo para que tu forces a balança,
para que os membros da fratria não me multem com a velha³²⁶

300. **Fócio 534.11** *stathmoi* (σταθμοί, pilastras da porta): Aristófanes, em *Dramas*, diz (citação do fragmento), tal qual o batente da porta.

expulsou os “mandíbulas³²⁷” porta afora (σταθμοῖς)

301. **Ateneu 11.496 A** *petachnon* (πέταχνον) é um copo raso (...) Aristófanes, em *Dramas*, menciona-o dizendo:

todos lá dentro bebiam no copo raso (πεταχνοῦνται)

302. **Fócio (S²) α 2472** *apodakryomai* (ἀποδακρύομαι, choro por alguém). Aristófanes diz em *Dramas*:

choro (ἀποδακρύομαι) por ti, a moça
infeliz

303. **Hesíquio β 1326** “Birsa: cidade dos deuses” Aristófanes, em *Dramas*, disse, brincando

326 Não se sabe a que se refere “a velha”.

327 Possivelmente a expressão se refere a personagens conhecidas pela glotonaria, como Héracles.

Birsa: cidade dos deuses

304. *Antiaticista* 105.21 = Fócio 167.22 *kichoreia* (κικχόρεια, chicória): a hortalica selvagem. Aristófanes diz em *Dramas*.

chicória

Paz II

Segundo o único testemunho antigo sobre a obra (= Hypothesis A2 da *Paz* de Aristófanes), trata-se não de uma segunda versão da comédia homônima que conhecemos, mas de uma nova peça cômica. Estima-se que tenha sido produzida em 412 a.C., ou posteriormente, a julgar pelo contexto político de Atenas, novamente sujeita à invasão inimiga.

Restaram apenas quatro fragmentos de *Paz*, sendo que um deles, o fragm. 305, revela que a divindade Agricultura era uma personagem dotada de fala, ao contrário da deusa Paz, da comédia preservada.

305. Estobeu 4.15^a.1 (o que é bom quanto à agricultura) 376 H Aristófanes diz em *Paz*.

(Agricultura.) Da Paz, querida de todos os homens,
sou fiel nutriz, despenseira, companheira, guardiã,
filha, irmã: serve-se de mim para isso tudo.

(B.) E então, qual o seu nome? (Agr.) Qual é? Agricultura.

306. Pólux 10.188 podes dizer, referindo-se a isso, tanto *pōma* (πῶμα, tampa) quanto *epithēma* (ἐπίθημα, tampa)... por exemplo, na *Paz*, de Aristófanes, está escrito:

e o escudo

coloca diretamente sobre o poço, como uma tampa (ἐπίθημα)

307. **Eustácio sobre *Ilíada* 1291.26** *phity* (φῖτυ, rebento), que é claramente *phyton* (φῦτον, planta) ou *phyteuma* (φύτευμα, planta), como Aristófanes diz em *Paz*:

de onde vem a planta (φῖτυ)? Qual é sua família? Qual é sua semente?

308. **Pólux 10.187** nada impede de dizer também *molgos* (μολγός), que é, de acordo com a língua dos tarantinos, o couro do boi (cf. Hesíquio μ 1565)... Aristófanes também brinca com um oráculo:

não incites os atenienses contra mim, ou eles se tornarão odres de couro (μολγόν)

309. **Escólio de Plutarco *Vida de Sólon* 19.4** *axōn* (ἄξων): alguns dizem que são <placas em formato de> triângulos nas quais os atenienses escreviam suas leis, e que se viravam para possibilitar a leitura aos que cruzassem com elas. Mas não é bem isso, pois o *kyrbis* (κύρβις) era um bloco de pedra no qual se escreviam listas de soldados, como diz o cômico Aristófanes em *Paz*

kyrbis

Heróis

O coro da comédia é composto de heróis, que é objeto de louvores do fragm. 322. Pelos frags. 320-1, parece ter havido um escravo ladrão entre as personagens.

Menandro e Dífilo também escreviam comédias intituladas *Heróis*.

310. ***Suda* α 1785** *amphoreaphoroi* (ἀμφορεαφόροι): os empregados que carregam as ânforas... (**até aqui = Fócio α 1380 = *Lexicon Boysen* 13^b.14 = *Lexicon Bachmann* 82.1 ≈ Hesíquio α 4148 ≈ *Moeris* 190.32 Bk.)** Aristófanes diz em *Heróis* (citação do fragmento). **Pólux 10.75** o copo para degustação em Aristófanes (citação do fragmento). **Idem 10.172** também o *bysma* (βύσμα, tampa) estaria entre os utensílios, quando Aristófanes diz *bysma* e *geusterion* (γευστέριον, copo para degustação). **Idem 6.99** também o *geusterion* é mencionado por Aristófanes. **Fócio α 1380** (depois

do supracitado) e Aristófanes diz *amphoreaphorein* (ἀμφορεαφορεῖν, carregar a ânfora), *amphoridion* (ἀμφορίδιον, dim. de ânfora) e *amphoridia* (ἀμφορίδια, dim. pl. de ânfora)

corre ao mercado de vinho e pega, dentre as mercadorias,
uma ânfora vazia, uma tampa (βύσμα) e um copo para degustação (γευστήριον)
e em seguida contrata a ti mesmo para carregar a ânfora (ἀμφορεαφορεῖν)

311. **Estéfano de Bizâncio s.v. Argos 113.4** o adjetivo pátrio é... *Argeios* (Ἀργεῖος, argivo)... e *Argolas* (Ἀργόλας, argivo). Aristófanes diz em *Heróis*:

(A.) Eu não te disse? Esse homem não é argivo (Ἀργόλας).

(B.) Por Zeus, não é nem mesmo heleno, parece-me.

312. **Pólux 7.133** (sobre os carregadores) ao trabalho daqueles que carregam e o pagamento pelo transporte... Aristófanes, em *Heróis*, parece chamar *phora* (φόρα) – o que hoje temos por costume chamar *komistros* (κόμιστρος) – quando diz:

está faltando quatro óbolos e o pagamento pelo transporte (τῆς φορᾶς)

313. **Pólux 10.12** dentre os padeiros... havia também o colar anti-ingestão, que também era chamado *kardopeion* (καρδοπεῖον), como diz Aristófanes em *Heróis*:

ou com o colar anti-ingestão em volta do pescoço (καρδοπεῖον)

314. **Escólio de Paz 14 c** <os escravos> costumavam comer ao mesmo tempo em que amassavam <o pão>. Por isso, tiveram a ideia de fazer a *pausikapē* (παυσικάπη, colar anti-ingestão), uma roda presa ao pescoço para que não fosse possível levar a mão <à boca>. Aristófanes a menciona em *Heróis*:

o colar anti-ingestão (παυσικάπη) talvez o faça parar de ingerir

315. **Pólux 10.173** segundo Aristófanes, em *Heróis*, podes dizer:

vai e, depois de pegar o rombo³²⁸, gira-o

316. **Pólux 7.15** Hermes *empolaios* (ἐμπολαῖος, mercante) e *agoraios*³²⁹. Também se diz Dióscoros *emporō* (ἐμπόρω, comerciantes) em *Heróis*, de Aristófanes

Dióscuros comerciantes

317. *Etymologicum Magnum* 672.56 em *pinō* (πίνω, bebo) somente se alonga o iota (ι), mas em *piō* (πίω, que eu beba), alonga-se e abrevia-se. Alonga-se, como faz Aristófanes em *Heróis*:

como devo beber (πίωμαι)³³⁰?

318. **Querobosco no Cânone de Teodósio GrGr 4.1.251.25** Herodiano diz em <Prosódia> *Geral* (1.424.12 L.) que, dos plurais no nominativo, *hoi hērōs* (οἱ ἥρωες, os heróis) encontra-se misturado <*i. e.* seguindo o paradigma de outra declinação> em *Heróis* de Aristófanes, como (citação do fragmento), ao invés de *hoi hērōes* (οἱ ἥρωες). **Frínico Éclogas 129** não dizem *hoi hērōs* (οἱ ἥρωες), mas *hoi hērōes* (οἱ ἥρωες), trissílabo... uma vez Aristófanes foi forçado pelo metro a dizer *hoi hērōs*, mas por necessidade, não pelo uso

pois os heróis (ἥρωες) estão perto

319. **Pólux 7.167** e a água do banho é chamada *loutrion* (λούτριον), como diz Aristófanes em *Heróis* (citação do fragmento). **Idem 10.78** *podaniptēr* (ποδανίπτηρ)... é a água usada para lavar-se, banhar-se ou lavar os pés, como diz Aristófanes em *Heróis*

328Instrumento sonoro em forma de disco, usado nos Mistérios.

329Referente à ágora.

330Adoto a lição de V, *piōmai* no lugar de *piomai* (πίομαι). Cf. PCG (1984: 176).

não jogues a água para lavar os pés (ποδανίπτρον) porta afora, nem a água do banho (λούτριον)

320. **Diógenes Laércio 8.34 (dos símbolos pitagóricos, 58 C 3 D. – Kr.)** aquilo que caiu não se deve recolher, em nome dos costumes de não comer de forma intemperante ou às custas da morte de alguém. Também Aristófanes diz ser dos heróis aquilo que cai, em *Heróis* (citação do fragmento). Não cozinhar o galo branco etc. **Suda π 3124 (4.266.35)** que não se deve recolher o que caiu da mesa recomenda Pitágoras, ou por causa do costume de não comer de forma intemperante ou às custas da morte de alguém. Aristófanes diz ser dos heróis aquilo que cai e que não se deve recolher aquilo que cai da mesa, nem comer o galo branco etc

não proveis o que quer que estivesse à mesa e tenha caído

321. **Escólio de Aves 798** que ele <=Dietrefo> era alguém que enriqueceu recentemente é demonstrado também em *Heróis* (citação do fragmento). A menos que fosse ironia, pois em todo lugar é dito pobre e ladrão. Platão em *Heortai* (fragm. 31 K.) diz: “também é estrangeiro o louco, o cretense, pois dificilmente seria da Ática”

e a partir da mesa de Dietrefo³³¹

322. **Papiro Michigan 3690 (séc. II-III d.C.), ed. Merkebach ZPE 1 (1967) 97-99**

quanto a isso, homens, montem guarda

e honrem os heróis, pois

somos os guardiões

dos maus e dos bons,

e, observando os injustos,

5

os ladrões e os saqueadores,

a eles proporcionamos doenças:

baço aumentado, tosse, hidropisia,

³³¹O general à frente dos mercenários trácios contra Micalessos. Cf. *Aves* 800.

coriza, sarna, gota,

loucura, líquen,

10

íngua, calafrio, febre.

[...] proporcionamos aos ladrões

323. **Escólio de *Tesmoforiantes* 21** (assim são as sábias convivências) ele <=Aristófanes> parece sugerir ser de Eurípides o verso “os sábios reis convivem com os sábios”. Mas é de *Ájax Lócio*, de Sófocles (fragm. 14 R.). Aqui, de fato, ele sugere apenas, mas em *Heróis* ele parece expor abertamente. Antístenes (fragm. 59 Decl. Caizzi) e Platão (*República* 8.568 AB, *Teages* 125 B) atribuem-no a Eurípides – baseados em que, não posso dizer. Parece, sim, que ele induziu os outros ao erro, como alguns supõem, ou <que houve> uma sobreposição de Sófocles e Eurípides, como em outros casos. Certamente o drama no qual Eurípides diz isso não está preservado

324. **Escólio de Sófocles OC 793** Apolo parece ter conseguido seus oráculos com Zeus, como se diz em *Íficles* (fragm. 313 R.), e Ésquilo diz em *Hiereiai* (fragm. 86 R.)... e Aristófanes em *Heróis*

325. **Fócio (z) α 3404** Afrodito: o Hermafrodito. E esses também são semelhantes a outras divindades: Ortanês, Priapo, Éaco, Genetilis, Tícon, Gígon, Conísalo, Cíneo e outros, os quais são mencionados por Aristófanes em *Heróis*. Apolófanes, em *Klētes* (frag. 1 Dem.), diz: Asclépio, Cíneo, Afrodito, Tícon, Ferécrates. **Macróbio *Saturnais* 3.8.2 a partir de Calvo** Ateriano afirma que se deve ler “o poderoso deus Vênus”, não “deusa”. Há também uma imagem dele em Chipre, com barba, em corpo e veste de mulher, com cetro e estatura viril, e julgam que ela seja masculina e feminina. Aristófanes chama-o Afrodito³³².

Afrodito

326. **Pólux 7.16 *andrapodōnēs*** (ἀνδραποδώνης, negociante de escravos) é dito por Aristófanes em *Heróis*

332A tradução do latim é de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

negociante de escravos

327. **Pólux 7.21** em *Heróis*, de Aristófanes, há o termo *artopoiia* (ἄρτοποιία, panificação)

panificação

328. **Pólux 10.61** (equipamento jurídico) bater um pino sobre a clepsidra: o *hēlos* (ἧλος, pino) também é chamado *hēliskos* (ἧλίσκος, dim. de pino) por Aristófanes, em *Heróis*. **Fócio 67.4** *hēliskos*: o pequeno pino. Aristófanes o menciona. **Idem 10.188** a maioria diz *hēloi* e os comediógrafos dizem *heliskoi*

pininho

329. **Harpocrácion 265.16** *pyelis* (πυελίς, aro do anel) é chamado por nós *sphragidophulakion* (σφραγιδοφυλάκιον). Lísias menciona-o (fragm. 106 S.)... e Aristófanes em *Heróis*

aro do anel

330. **Ateneu 9.409 C** (408 BC diz-se *chernibon* <χέρνιβον, pequena bacia para lavar as mãos>... os áticos dizem *chernibion* <χερνίβιον>). E Aristófanes, em *Heróis*, diz *chernibion*

pequena bacia

Tesmoforiantes II

É improvável que essa comédia seja uma segunda versão da *Tesmoforiantes* preservada. Antes, é possível que seja uma continuação da comédia que conhecemos, já que, se esta se passa no segundo dia do festival das Tesmofórias, aquela, *Tesmoforiantes II*, passa-se no terceiro dia, chamado Caligênia. É o que sugere o fragm. 331, ao revelar que a essa deusa, Caligênia, coube o prólogo da comédia.

O diálogo do fragm. 332 contém uma longa lista de artefatos femininos (cf. Anexo II) e sugere, assim como o fragm. 337, uma tensão entre homens e mulheres. O fragm. 340 remete à cena do escravo reclamão, como o da cena inicial de *Rãs*. O fragm. 347 possivelmente remonta à parábase.

331. **Escólio de *Tesmoforiantes* 298** (e à Caligênia e à Nutriz de jovens): divindade relativa a Deméter, que ele <=Aristófanes> compôs declamando o prólogo nas outras *Tesmoforiantes*. **Fócio 127.8** Caligênia: Apolodoro fez dela a terra (244 F 141 Jac.), e outros a fizeram filha de Zeus e Deméter, mas Aristófanes, o cômico, fez dela nutriz. Cf. Hesíquio κ 472 Caligênia: não a terra, mas a terra de Deméter. Pois ninguém a chamou assim, “a terra Caligênia”. Uns a fizeram nutriz, outros sacerdotisa, outros ainda parte do séquito

Caligênia

332³³³. [v. 1-15] **Pólux¹ 7.95** talvez não seja mau tomar por base disso um glossário oriundo das *Tesmoforiantes* de Aristófanes, já que muitos são os tipos nesse âmbito dos adornos femininos, os quais se ajustam igualmente àquilo que diz respeito aos ornamentos (citação do fragmento). [v. 2-14] **Clemente de Alexandria *Pedagogo* 2.124.1** certamente com grande dose de censura, Aristófanes, em *Tesmoforiantes*, apresenta todos os ornamentos femininos, enumerando-os. Citarei as palavras do cômico refutando precisamente a arrogância vulgar da vossa insensatez (citação de “faixas para cabeça – brincos”). Se já me canso de dizer a enorme quantidade de ornamentos, admira-me como as mulheres não se envergonham carregando tamanho fardo. **Pólux² 5.96 (dos ornamentos das mulheres)** e tu poderias acrescentar... também *strophion* (στρόφιον, faixa para os seios v.4)³³⁴ e *opisthosphendonē* (ὀπισθοσφενδόνη, faixa para cabeça v.4) segundo Aristófanes. E algo chamado *sphendonē* (σφενδόνη, faixa para cabeça) e os *anadēmata* (ἀναδήματα, fitas de cabelo v.2)... **97** e aqueles em torno dos quais ficam as pedras, *diopē* (διόπη, brincos v.10), *ellobia* (ἐλλόβια v.6?), *eliktēres* (ἐλικτήρες, brincos v. 14)... e são nomeados pelos cômicos... *botrydia* (βοτρυδία, brincos em forma de cacho v.10) e *plastra* (πλάστρα, brinco v.10)... **98** e os que ficam em torno do pescoço... *perideraia* (περιδέραια, colares v.5)... *hypoderides* (ὑποδερίδες, colares v.14)... *hormoi* (ὄρμοι, colares v.11)... *malakia* (μαλάκια, colares v.10)... **99** e em torno do punho... *amphideai*

333Sobre esse fragmento, cf. Anexo II.

334*Strophon* (στρόφον) e seu diminutivo *strophion* (στρόφιον) parecem ser intercambiáveis.

(ἀμφιδέαι, pulseiras ou tornoeleiras v.11), *chlidōnes* (χλιδῶνες, pulseiras ou tornoeleiras v.11)... alguns desses nomes são dados tanto aos ornamentos que se usam ao redor do braço quanto aos que se usam ao redor dos pés, sobretudo *amphideai* e *chlidōnes*. E, quanto aos ornamentos ao redor do pé, particularmente,... *pedē* (πεδῆ, tornoeleira v.11)... **100** e em torno dos dedos, *daktylion* (δακτύλιον, anel v. 12), *sphragis* (σφραγίς, pedra do anel v.12)... **101** os poetas cômicos nomeiam também alguns outros ornamentos... *ochthoiboi* (ὄχθοίβοι v.2), *olethros* (ὄλεθρος v.3), *helleboros* (ἐλλέβορος v.6), *pompholyges* (πομφόλυγες v.13), *barathron* (βάραθρον v. 8) dos quais não é fácil compreender os tipos por não ser possível perceber se falavam sério ou se brincavam ao usar essas palavras. Talvez o cosmético esteja também entre os ornamentos, *psimythion* (ψιμύθιον, alvaiade v.3), e *enchousa* (ἐγχουσα, ruge v.3), *phykos* (φῦκος, ruge feito de urzela v.5), e as *hypogrammata* (ὑπογράμματα, pintura para os olhos v.5). **[v.1] Fócio 227. 23** os áticos diziam *litron* (λίτρον, sabão) e não *nitron* (νίτρον): assim diz Aristófanes. **[v.2] ochthoiboi e anadēmata Pólux² Fócio 366.5 ochthoiboi:** as bainhas. Ao redor do peito, na túnica, havia um reforço de cor púrpura. **[v.3] enchousa, olethros e psimythion Pólux² Cirilo codd. Z (Naoumides GRBS 9, 1968, 286) hm olethros:** dizem alguns, não acertadamente, que, em Aristófanes, refere-se a um ornamento feminino. Outros dizem que a expressão “é a morte!” denota a impaciência, em Aristófanes, de dizer <a listagem dos ornamentos>, já que *olethros* é a ruína. **Fócio 327.8 olethros:** pequeno ornamento feminino. **[v. 4] stropho e opisthosphendonē Pólux² Eustácio ad Dion. Perieg. 7 (GGM II 218,26)** os antigos diziam também *sphendonē* para nomear um certo ornamento feminino, semelhante à *sphendonē* <= faixa de cabelo> que se nota de longe, sendo o seu meio bem largo, caindo sobre a testa, e ligado às pontas que, atrás, eram muito delicadas e finas. Mas dizem que era também chamado *opisthosphendonē* pelos cômicos, por ser o contrário da tal *sphendonē*, e era usada ao redor da cabeça em vista do ridículo, tendo atrás a parte mais larga e na frente a mais fina, bem como o liame **[v.5] phykos, perideraia e hypogrammata Pólux² Hesíquio π 1626 perideraia:** colares. Ou brincos. **Frínico Preparações sofisticas 118.9 hypogrammata:** com os quais se pintam os olhos. Há um certo preparo negro, o qual também chamam *stibē* (στίβη). **Hesíquio υ 589 hypogrammata:** pintura negra dos olhos. **[v.6] Hesíquio κ 415 kalasiris (καλάσιρις):** túnica de borda larga. Aristófanes a menciona em *Tesmoforiantes*. **Idem τ 1577 tryphokalasiris (τρυφοκαλάσιρις):** vestimenta feminina **Hesíquio ε 2147 elleboros...** é um ornamento feminino dourado. **Fócio (z) inéd. elleboros:** assim é chamado um certo ornamentozinho **[v.7] Fócio (b,z) α 1246 ampechonon (ἀμπέχονον):** traje bem proporcionado e delicado, como disse Aristófanes **Eustácio sobre Ilíada 641.47 <diz-se> to ampechonon** segundo o cômico **Pólux 7.53 o paryphēs (παρυφής)** também é orlado em púrpura de ambos os lados, tendo uma fita púrpura nas bordas **Harpocrácion 216.9 a xystis (ξύστις)** é um traje feminino trabalhado em várias cores, como deixam evidente outros poetas

cômicos e também Antífanos em *Euploiai* (fragm. 99 K) [v.8] *barathros* Pólux² Fócio β 61 *barathros*... assim Aristófanes nomeia um ornamento feminino [v.10] *diopes*, *plastr* e *malakion* Pólux² Hesíquio δ 1893 ≈ Fócio δ 642 *diopai*: tipo de brinco. Mas alguns <dizem ser um tipo> de sandália Hesíquio π 2465 *plastr*: brincos Fócio 244.2 *malakion*: ornamento feminino dourado. Assim diz Aristófanes. Hesíquio μ 150 *malakion*: pequeno ornamento feminino Hesíquio β 857 *botrydia* (βοτρυδία): tipo de brinco. Mas alguns dizem *botrys* (βότρυς), como em *Tesmoforiantes*³³⁵ Fócio β 221 *botrys*: brincos [v.11] *chlidōn*, *amphideai* e *hormoi* Pólux² Hesíquio χ 518 *chlidōnes*: ornamento que as mulheres costumam levar ao redor dos braços e dos pescoços Harpocrácion 27.3 *amphideai*: são certas tornozeleiras. Aristófanes menciona-as em *Tesmoforiantes*. Hesíquio π 1178: *pedai*: <adereço preso por> liame. Tornozeleiras [v.12] *sphragis* e *daktylioi* Pólux² Pólux 10.167 e a *halysis* (ἄλυσις, corrente)... quanto aos ornamentos femininos, é mencionada em Aristófanes: *sphragis*, *halyseis* [v.13] *pompholygai* Pólux² Moeris 206.19 *pompholygai*: pequenos <adereços de> couro que as mulheres usam na cabeça. Aristófanes menciona-as em *Tesmoforiantes* [v.14] *hypoderidas* e *eliktēras* Pólux² Fócio 672.8 *hypoderis*: pequeno laço para o pescoço, colar (=Suda v 477 = *Lexicon Bachmann* 398.1 ≈ Hesíquio υ 603). *hypoderis*: ornamento feminino, como um colar Harpocrácion cod. Marc. 444 ap. Keaney TAPhA 98 (1967) 214 *eliktēres*: tipo de brinco. Lísias (12.19) menciona-o e também Aristófanes

(A.) Navalha, espelho, tesoura, cera, sabão,
peruca, bainhas, faixas para a cabeça, fitas de cabelo,
ruge – é a mortel! – pó,
perfume, pedra-pomes, faixa para os seios, faixa para o topo da cabeça,
véu, ruge feito de urzela, colares, pintura para os olhos, 5
traje fino, heléboro, rede para os cabelos,
cinto, xale, veste delicada, veste orlada, túnica longa,
manto³³⁶ – o fundo do poço! – manto listrado³³⁷, pinça.
E eu ainda não disse o melhor. (B.) E o que é?

(A.) Brincos de furo, conjunto de gemas, brincos-argola,
adereço para pescoço, brincos-cacho, 10
bracelete, broches, pulseiras, colares de corrente, tornozeleira,
pedra do anel, correntes, anel, cataplasmas,
adereço para cabeça, sutiã, pênis artificial, cornalinas,

335 Adoto aqui a correção de Fritzsche Thesm. p. 612.

336 Cf. Fócio 193.18 *kyphones*: mantos femininos.

337 I.e. com uma faixa púrpura. Cf. Fócio 388.13 e o manto listrado tem uma listra circular púrpura.

colares longos, brincos e muitas outras coisas, as quais,
falando, não conseguirias enumerar

15

(A.) ξυρόν³³⁸, κάτοπτρον, ψαλίδα, κηρωτήν, λίτρον,
προκόμιον, ὄχθοίβους, μίτρας, ἀναδήματα,
ἔγχουσιν, ὄλεθρον τὸν βαθύν, ψιμύθιον,
μύρον, κίστην, στρόφον, ὀπισθοσφενδόνην,
κάλυμμα, φῦκος, περιδέραι', ὑπογράμματα,
τρυφοκαλάσιριν, ἐλλέβορον, κεκρύφαλον,
ζῶμ', ἀμπέχονον, τρύφημα, παρυφές, ξυστίδα,
κύφωνα, βάραθρον, ἔγκυκλον, κομμώτριον.
τὰ μέγιστα δ' οὐκ εἴρηκα τούτων. (B.) εἶτα τί;

5

(A.) δίοπας, διάλιθον, πλάστρα, μαλάκιον, βότρυς,
γλίδωνα, περόνας, ἀμφιδέας, ὄρμους, πέδας,
σφραγίδας, ἀλύσεις, δακτυλίου, καταπλάσματα,
πομγόλυγας, ἀποδέσμους, ὀλίσβους, σάρδια,
ὑποδερίδας, ἐλικτήρας, ἄλλα πολλά θ' ὦν
οὐδ' ἂν λέγων, λέξαις

10

15

333. [1-8] **Ateneu¹ 3.104 E** havia um prato muito desejado por todos, o lagostim, de modo que é possível demonstrá-lo em diversas partes da comédia. Mas, neste momento, Aristófanes desvia-se disso em *Tesmoforiantes*, dizendo assim (citação do v.1-8). Diz que as *karides* (καρίδες) eram as chamadas lagostas doces, as quais menciona Filíio em *Poleis* (fragm. 13.1 K.) [1] **Ateneu² 7.324 B** (sépia) Aristófanes em *Tesmoforiantes* diz (citação do v.1). [6] ***Etymologicum Genuinum AB* (*Etymologicum Magnum* 439.42) *ētriaion, ai*** (ἡτρίαιον, αι, dos intestinos): Aristófanes diz em *Tesmoforiantes*. **Pólux 6.52** das tripas do porco

Alguém comprou um peixe, ou uma sepiazinha,
ou <uma das> lagostas doces (καρίδων), ou um polvo?

Ou, então, há alguém assando uma tainha, ou um cação, ou uma lula?

338Devido ao grande número de termos gregos comentados pelas fontes no caso desse fragmento, optei por transcrever integralmente a citação em grego, ao invés de transcrever, individualmente entre parênteses, cada termo que foi objeto de comentário, logo após a tradução, como adotei por padrão.

(B.) Não, por Zeus, claro que não. (A.) Nem uma arraia? (B.) Digo que não.

(A.) Nem linguças³³⁹, nem colostro de vaca, nem fígado de javali,

nem favo de mel, nem tripas de porco,

nem uma enguia, nem um lagostim? Muito

ajudastes as mulheres cansadas

334. **Ateneu *Epítome* 1.29 A** naquela <=*Tesmoforiantes II*>, o cômico menciona o vinho de Pepareto (citação do fragmento). **Hesíquio ε 2308 *embolon* (ἔμβολον)**: Aristófanes, em *Tesmoforiantes*, <diz serem> as partes pudendas. **Eustácio sobre *Odisseia* 1405.20** “o *embolos* pontudo diante da moça”: daí também <se designa> o membro viril entre os cômicos

não permitirei beber o vinho de Pramno,

nem o de Quios, nem o tásio, nem o de Pepareto,

nem outro que desperte o membro viril (ἔμβολον)

335. **Escólio de *Nuvens* 623 b** enviaram um *hieromnēmōn* e uns pilágoras³⁴⁰ para a assembleia de Piles³⁴¹. Aristófanes diz em *Tesmoforiantes* (citação do fragmento). **Harpocrácion 267.3** enviaram das cidades alguns dos metecos da anfíctonia³⁴², os quais eram chamados pilágoras. Muitos também os mencionam, como Demóstenes (or. 18.149)... e Aristófanes em *Tesmoforiantes II*

Dizem que os pilágoras chegam

trazendo grandes bens à cidade,

desde a assembleia de Piles, e também o *hieromnēmōn*

336. **[1-3] Ateneu 15.690 C** e *bakkaris* (βάκκαρις, unguento à base de ásaros) não é de modo algum *perfume*. Pois Ésquilo, em *Amymōnēs*, define-o dizendo (fragm.14 R.)... e também Simônides (fragm. 16 W.)... e Aristófanes em *Tesmoforiantes* (citação do fragmento). **Ateneu 1.1 *Epítome***

339 Choria (χόρια) designa um prato que consiste nas membranas intestinais do animal recheadas com mel, leite e carne.

340 *Hieromnēmōn* era um representante enviado por cada membro da liga anfictiônica ao Conselho délfico ou um magistrado encarregado de templos e assuntos religiosos. Pilágoras eram os deputados da assembleia de Piles.

341 Em Piles acontecia a assembleia dos delegados anfictiônicos.

342 Conselho dos anfictiões, *i. e.*, membros do conselho dos estados confederados.

(CE) Ésquilo e Aristófanes pareceram distinguir a *bakkaris* do perfume, dizendo Ésquilo o seguinte... e Aristófanes isto (citação de parte do v. 2 ao v.3). [2] **Pólux 10.137** a fim de que as roupas fossem depositadas... e os *phaskōloi* (φάσκωλοι, sacolas) como <Aristófanes> diz em *Tesmoforiantes*. **Harpocrácion 299.15 Dind.** *phaskōlos*: assim Aristófanes, em *Tesmoforiantes*, chamava um alforje, segundo alguns... [3] **Erotiano β 14 bakcharis** (βάκχαρις): espécie de planta e de perfume, o qual Aristófanes também menciona. **Plínio História Natural 21.29** *baccar*, que por alguns é chamada “nardo rústico”, também possui odor somente na raiz. De que se costumava fazer um unguento com essa raiz, há testemunha em Aristófanes, poeta da comédia antiga. De onde alguns erroneamente a chamavam pelo falso nome *baccaris*³⁴³

ó Zeus muito honrado, como a maldita sacola (φάσκωλος)
soprou em mim, assim que a abri,
perfume e cheiro de ásaro (βακκάριδος)

337. **Escólio de Plutarco 159 peripettousi** (περιπέττουσι, revestem de bela aparência, embelezam): assim se dizia enfeitar-se com ornamentos sobrepostos. O próprio Aristófanes diz em *Tesmoforiantes*:

quão excessivos eram os acessórios delas
e com quantos penduricalhos se embelezam (περιπέττουσιν)

338. **Pólux 7.66** podes imaginar que o que hoje é chamado pelas mulheres sutiã é nomeado *apodesmos* (ἀποδέσμος, sutiã) nas *Tesmoforiantes* de Aristófanes:

tendo soltado secretamente a aba da túnica
e dos sutiãs (ἀποδέσμων), nos quais ficam os seios

339. **Fócio (b,S²) α 1065 = Suda α 1446 = Lexicon Bachmann 73.24 alphanei** (ἀλφάνει): custa (Cf. Hesíquio α 3323)... diz Aristófanes em *Tesmoforiantes*:

343A tradução do latim é de Tarsila Doná.

Ai, desgraçado dia de hoje, no qual
disse sobre mim o arauto: este tem um preço (ἀλφάνει)

340. **Escólio de Rãs 3** é próprio dele <= escravo> escorregar com essas coisas, como também em *Tesmoforiantes II* (citação do fragmento). Mas ali <= v.3 de *Rãs*> ele diz “não posso mais aguentar a fala ‘estou esmagado’”

de modo que, por causa dessa fala, não consigo carregar
tamanha bagagem e meu ombro está esmagado

341. **Fócio (b, z) α 2101 = *Lexicon Bachmann* 105.1 antitheton** (<τὸ> ἀντίθετον, antítese)³⁴⁴: a estrutura da elocução, como nós <dizemos>. Aristófanes em *Tesmoforiantes* diz:

e à maneira de Agatão, uma antítese depilada³⁴⁵

342. **Pólux 9.35.36** umas, as ruas internas, são chamadas *agyiai* (ἀγυιαί)... outras podem ser encontradas como *amphoda* (ἄμφοδα), não somente em Aristófanes, que a menciona em *Tesmoforiantes* (citação do fragmento), mas também em Hiperides etc. (fragm. 137 Bl.-J.) ***Etymologicum Genuinum* AB ed. Reitz. Gesch. gr. Et. 41.10** Eurípides, o trágico, dando a etimologia de *Amphiōn* (Ἀμφίων, Anfion), diz que era assim chamado por causa de *amph'odon* (ἄμφ' ὀδόν), isto é, por ter nascido na rua. E Aristófanes, fazendo gozação, diz que ele deve, portanto, ser chamado *Amphodos* (Ἀμφοδοῖς)

deviam dar a ele o nome Anfodo (Ἀμφοδοῖν)

343. **Pólux 10.152** quanto a ela <= bolsa>, também a chamou *sakion* (σακίον, dim. de bolsa), certa vez, em *Tesmoforiantes*

344Um *hapax*. Segundo Major (2013: 187), um termo técnico pertencente à linguagem “proto-retórica” que se desenvolvia no séc. V a.C., antes que a terminologia técnica da retórica fosse formalmente reconhecida.

345Agatão, poeta trágico contemporâneo de Aristófanes, era zombado por ser efeminado e por sua barba raspada. A antítese era um traço característico do seu estilo.

bolsinha (σακίον), nessas em que se guarda o dinheiro

344. **Zonaras 195** “tendo montado sobre <= *epi, ἐπι*> o cavalo, partiu” (Xenofonte *Hellenika* 4.1.39) ... <diz-se> “montar sobre os cavalos” (Xenofonte *Hipparchikos* 6.5)... enquanto o “tendo montado no cavalo” não é plenamente reconhecido. Aristófanes diz em *Tesmoforiantes* (citação do fragmento). **Moeris 187. 5** os áticos dizem “quero montar na minha mulher”, mas os gregos dizem “montar sobre a minha mulher”³⁴⁶

quero montar na minha mulher

345. **Pólux 9.69** e eu, tendo pronunciado o verso de Aristófanes em *Tesmoforiantes* (citação do fragmento) ouvi, de algum modo, como as mulheres preparavam a bebida³⁴⁷.

o caldeirão está no fogo

346. **Galeno Terminologia médica**³⁴⁸; [1] Escólio de *Vespas* 1038 a (os que têm calafrios... e os que têm febre). *ēpialos* (ἑπιάλος, calafrio) é o frio antes da febre. Aristófanes diz em *Nuvens* (fragm. 399). E em *Tesmoforiantes* (citação do v. 1). **Pólux 4.186** Aristófanes disse “calor e febre” (citação do v. 2)

a) e ao mesmo tempo calafrio (ἑπιάλος), que precede a febre

b) e ele chegou com calor e febre

346Grifos meus.

347Cf. fragm. 109.

348O enunciado da fonte é uma tradução para o alemão a partir do árabe, oriunda de uma fonte síria do séc. IX, por sua vez perdida. Dentre todos os enunciados das fontes dos fragmentos de Aristófanes que constam na PCG, esse é o único em língua moderna, *i. e.*, não escrito em grego ou latim, e o único para o qual não apresentamos a tradução para o português.

347. **Ateneu 3.117 C** que era famoso o peixe marfíneo de Crates, testemunha Aristófanes em *Tesmoforiantes*, por meio destes versos:

Sim, a poesia cômica³⁴⁹ é comida farta,
quando Crates considerou “marfíneo” e “brilhante”
seu peixe em conserva, “requerido sem esforço”,
e inúmeras outras coisas do tipo para gracejar

348. **Heféstion *Manuai* 13.3.41.11** (do peônico) em *Tesmoforiantes II*³⁵⁰ o pé métrico cretense é frequentemente colocado no meio dos tetrametros (citação do fragmento) **Querobosco ad. Loc. 248.11** nas *Tesmoforiantes*:

nem invocar as Musas de cabelos cacheados
nem chamar as olímpias Graças ao coro.
Pois aqui estão, como diz o *didaskalos*³⁵¹

349. **Escólio de Platão *Crátilo* 421 D** o provérbio “uma briga não espera pretexto”, é dito sobre a natureza dos indiferentes e dos negligentes, e certamente também sobre os que não admitem as palavras dos que arrumam pretextos. Platão o cita desta forma: “com certeza não me parece que uma briga aceite pretextos”. E também na sexta das *Leis* (751 d): “mas, com efeito, dizem que as brigas não aceitam pretextos”. E Ésquilo diz em *Glaukos Potnieus* (fragm. 37 R.): “a briga não espera os homens que costumam abandoná-la”. E também Aristófanes em *Tesmoforiantes II*.

uma briga não espera pretextos

350. **Fócio 235.6 = *Suda* λ 816** “o lobo escancarou a boca”... dizem sobre aqueles que têm esperança de tirar proveito de algo, mas fracassam. Aristófanes diz em *Tesmoforiantes II*

349No grego, o termo usado para “poesia cômica” é provavelmente uma criação de Aristófanes: *trygōidopoioumousikē* (τρυγῳιδιοποιουμουσική), uma composição a partir de *trygōidia*, “comédia” (cf. p. 26); do verbo *poieō*, “fazer”, “compor poesia”; e *mousikē*, “música”, “poesia”.

350Adoto a correção proposta por Brunck: *deuteraís*. Cf. PCG (1984:198).

351Aquele que dirige os ensaios do coro.

o lobo escancarou a boca

351. **Erotiano o 45** vinho de bom buquê (*anthosmias*, ἀνθοσμίας): é aquele vinho perfumado e doce, como diz Aristófanes em *Rãs* (1150) e em *Tesmoforiantes*. cf. Frínico *Preparações sofísticas* 37.1
vinho de bom buquê: é aquele doce e perfumado

vinho de bom buquê

352. **Ateneu 14.619 A** e “alguma outra <canção> das mulheres moedoras”, como diz Aristófanes em *Tesmoforiantes* e Nicócares pelo corego de *Héracles* (fragm. 6 K.)

alguma outra canção das mulheres moedoras

353. ***Antiaticista* 78.24** “da melhor forma”(*ameinonōs*, ἀμεινόνως), diz Aristófanes em *Tesmoforiantes*

da melhor forma

354. **Hesíquio β 212** *barbos* (βαρβός): colher, em *Tesmoforiantes*

uma colher

355. **Comentário de um anônimo a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, CAG XX 200.10 Heylb.** “das *baukides* (βαυκίδες)”, que são um tipo de sandália jônica, usada pelas mulheres jônias, e que Aristófanes menciona em *Tesmoforiantes*

das sandálias

356. **Antiaticista 88.28** *dialexasthai* (διαλέξασθαι, reunir): Aristófanes diz em *Tesmoforiantes*. **Pólux 2.125** Hiperides diz *dieilegmenos* (διειλεγμένος, reunido, unido) com relação aos prazeres do amor (*Pro Phryne* fragm. 171 Bl.-J.). E Aristófanes disse *dialexasthai*. cf. Hesíquio δ 1117 *dialegesthai* (διαλέγεσθαι, reunir): dito para “estar unido ou casado”. **Frínico Preparações sofisticas 65.9** < diz-se > *dialegesthai*, e não somente *dialechthēnai* (διαλεχθῆναι, ser reunido)

estar unido matrimonialmente

357. **Antiaticista 96.25** *epanorthōsasthai* (ἐπανορθώσασθαι, endireitar) Aristófanes diz em *Tesmoforiantes*.

endireitar

358. **Hesíquio λ 224 = Fócio 204.10 = Suda λ 62** *lakōnizein* (λακωνίζειν, bancar o lacedemônio): tirar proveito <sexual> dos rapazes. Aristófanes diz em *Tesmoforiantes II*. Cf. Fócio 192.12 *kysolakōn* (κυσολάκων, pederasta): Clínias, aquele que agia como lacedemônio em relação ao sexo. Chamam *lakōnizein* o abuso <sexual> dos rapazinhos. Pois Teseu em *Melainês* usou <o verbo> dessa forma, como Aristófanes³⁵²

bancar o espartano³⁵³

Cócalo

O mais importante comentário sobre o enredo dessa comédia é uma passagem da *Vida* de Aristófanes³⁵⁴, na qual se diz que *Cócalo* é um modelo para a comédia nova, utilizado tanto por Menandro quanto por Filemão. Diz ainda que seu enredo continha cenas de “violação e reconhecimento”, assim como na comédia de Menandro.

352Adoto aqui a correção de Meineke, de “Aristóteles” para “Aristófanes”. Cf. PCG (1984:200).

353Cf. fragm. 97.

354Apud Aristófanes (2007: 281).

Cócalo, rei de Camico, na Sicília, recebeu Dédalo quando este havia fugido de Creta. Suas filhas teriam planejado matar Minos, em benefício de Dédalo, por quem haviam se encantado. A história possui uma versão trágica em *Habitantes de Camico*, de Sófocles.

Sobre a comédia Cócalo, pouco se pode depreender a partir de seus fragmentos.

359. **Erotiano φ 19** chamam *phōides* (φῶιδες, bolhas) as queimaduras circulares que surgem por causa do fogo, sobretudo quando as pessoas, vindas do frio, sentam-se perto dele.... também disse Aristófanes em *Cócalo* (citação do fragmento) *Etymologicum Genuinum AB* s.v. *phōides* Aristófanes diz em *Pluto* (535): “exceto queimaduras do banho.” E em *Cócalo* (citação de “então – inverno”)

† deixou de usar os mantos (B.) Então, como adquiriu essas bolhas (*phōidas*) durante todo o inverno?

360. **Ateneu 4.156 B** Aristófanes disse em *Cócalo*:

Mas, pai, já é meio-dia em ponto,
hora em que os jovens devem comer

361. **Harpocrácion 268.7** <encontra-se> *pōmala* (πώμαλα, de modo algum) ao invés de *oudamōs* (οὐδამως)... muito recorrente na comédia antiga. Aristófanes diz (citação do fragmento). **Suda π 2177** *pōmala*: encontra-se... também em Aristófanes, em *Cócalo*. É preciso reconhecê-la em virtude de uma <ocorrência de> *pōmala*

<ou> houve alguma injúria contra vós? (B.) De modo algum.
Não disse/disseram nada

362. **Fócio 658.14 = Suda ω 14 (3.605.3)** *hōde* (ᾧδε): é não só “assim”, mas também “aqui”, como nós <também dizemos>... Aristófanes diz em *Cócalo*:

que alguém devolva
para cá (ῶδε) a urna de votos e dois assentos

363. **Pólux 7.162** e o próprio telhado não só as pessoas de hoje chamam *keramos* (κέραμος), mas também Aristófanes parece assim nomeá-lo, dizendo em *Cócalo*:

ordenaste-nos <levar>
cestos de pedras para o telhado (κέραμον)

364. **Ateneu 11.478 D** *kotyliē* (κοτύλη, taça). Aristófanes diz em *Cócalo*:

outras idosas muito velhas verteram, com grandes taças (κοτύλαις) de cerâmica, <um jarro> cheio do <vinho> tinto de Tasos em suas faces em nada desornadas, dominadas pelo amor ao vinho tinto sem mistura³⁵⁵

365. **Macróbio *Saturnálias* 5.18.4** com testemunho do antigo poeta mostrarei ter sido comum esta maneira de falar: que diziam “Aquelôo” por qualquer “água”. **(5)** Aristófanes, o antigo cômico, na comédia *Cócalo*, assim diz (citação do fragmento). Diz: eu me sentia pesado pelo vinho com o qual a água não tinha sido misturada, isto é, pelo vinho puro. Éforo, conhecidíssimo escritor de histórias, no segundo livro, mostra por estas palavras por que tinham o costume de falar assim (70 F 20^a Jac.) ... **(9)** Não é possível ser mostrado muito claramente que era costume dos mais antigos gregos dizer “Aquelôo” por qualquer “água”? Embora para este assunto haja testemunhos suficientes, ao apresentarmos as palavras do cômico Aristófanes e do historiador Éforo, iremos, porém, além. Dídimo por exemplo etc. (*Lexicon Tragicum* fragm. 2 p.85 Schm.)³⁵⁶. **Serv. auct. ad Vergilio *Geórgicas* 1.8 (3.1 p. 132.18 Th)** assim como ensina Orfeu (fragm. [344] Kern) e como reportam o poeta cômico Aristófanes e o historiógrafo Éforo (70 F 20^a Jac.)... por Aquelôo os antigos chamavam toda a água de forma geral³⁵⁷

eu vomitava abundante

355Versos anapésticos citados em prosa.

356A tradução do latim é de Alexandre Hasegawa.

357A tradução do latim é de Tarsila Doná.

e violentamente, pois o vinho então me incitou

...

não tendo sido misturado ao líquido de Aquelôo

366. **Zenóbio** *Provérbios vulg.* 6.47 = *Provérbios Bodleianis* (949^A, vid. Cohn CPG Suppl. 1.55) ouro colofoniano: Aristófanes o menciona em *Cócalo*. Diz isso já que os colofonianos creem trabalhar com o mais belo ouro. E também Heródoto chama colofoniano o melhor ouro.

ouro colofoniano

367. **Fócio** (**b, z**) α 2051 *antanairein* (ἀνταναιρεῖν, saldar uma conta): tal qual o que o povo chama *anthyphelein* (ἀντηυφελεῖν)

saldar uma conta

368. **Pólux** 3.86 os áticos raramente dizem *argyria* (ἀργύρια, dinheiros) no plural, mas é dito por Aristófanes em *Cócalo* e em *Ilhas* (fragm.412)

dinheiros

369. **Hesíquio** ι 774 = **Esc. Dióg. epist.** 34.2.60 **Schafst.** *ipnos* (ἵπνός, cozinha)... assim Aristófanes chamou, em *Cócalo*, o *kopīōn* (κοπρῶν, depósito de lixo)

depósito de lixo

370. **Estéfano de Bizâncio** 374.5 *korinthiazomai* (κορινθιάζομαι, bancar o coríntio): ter relações com cortesãs, por causa das cortesãs de Corinto, ou alcovitar. cf. Eustácio sobre *Ilíada* 290.23, Hesíquio κ 3626

bancar o coríntio

371. **Pólux 4.187** e também <se dizia> *strangouria* (στραγγουρία, estrangúria, i.e. retenção urinária), como Aristófanes em *Cócalo*

estrangúria

Lêmnias

O coro de mulheres de Lemnos remete à lenda de Hipsípila, filha do rei Toas, que salvou o pai da morte quando todas as lêmnias decidiram matar os homens da ilha. Ésquilo, Sófocles e Eurípides fizeram, cada um, a sua versão trágica desse mito.

O fragm. 373 menciona Hipsípila e seu pai Toas, personagens da comédia, com toda a probabilidade. O fragm. 374 alude ao assassinio dos homens de Lemnos. Dois fragmentos falam do culto de Bêndis, uma deusa trácia, os fragms. 381 e 383.

372. **Ateneu 9.366 C** Aristófanes... em *Lêmnias*, emprega *takeros* (τακερός, mole) com o sentido de “tenro”, dizendo o seguinte:

Lêmnos, nutriz de feijões belos e tenros (τακερούς)

373. **Amônio Da Diferença das Palavras Semelhantes 480** os antigos empregavam *tyrannos* (τύραννος) com o sentido de *basileus* (βασιλεύς, rei)... Aristófanes diz em *Lêmnias*:

naquele momento reinava (ἐτυράννευεν) o pai de Hipsípila,
Toas, o mais lento dos homens na corrida

374. **Fócio (z) α 2390 = Suda α 3109 = Lexicon Bachmann 120.1 = Etymologicum Magnum 124.26** *apechirēsanto* (ἄπεχρήσαντο): mataram, destruíram. Aristófanes diz em *Lêmnias* (citação do

fragmento). cf. Hesíquio α 6120 *apechrēsanto*: mataram **Pólux 9.153** quanto a designar o “acabar”, “destruir”... “matar”... Aristófanes diz “mataram os homens”

mataram (ἄπεχρήσαντο) os homens que lhes deram filhos

375. Escólio de *Acarnenses* 3 a. i (4.4 Wils.) = *Suda* ψ 22 (4.840.9) *psammakosio gargara* (ψαμμακοσιογάργαρα, pilha incomensurável): admitia-se <o uso> de *gargara* (pilha) para dizer “numeroso”, como em *Lêmnias*:

todo pórtico estava apinhado (γαργαίρει) de homens estrangeiros

376. **Pólux 7.166** aparentemente era permitido aproximar-se do quarto de banho, ao menos é o que diz Aristófanes em *Lêmnias*:

mas a deixei, há pouco, lavando-se
na banheira

377. **Fócio (z) inéd.** = *Suda* χ 471 *chrē... chrēi... chrēn* (χρή, é preciso... χρή, seja preciso... χρῆν, era preciso) diziam naquela época, e também *chrēstai* (χρήσται, ser preciso), ao invés de *dei* (δεῖ)... Aristófanes diz em *Lêmnias*:

estás com azia, não é? O que é preciso fazer (χρήσται)?

378. **Fócio 290.16** *nealēs* (νεαλής, jovem): tem o alfa longo. Aristófanes diz em *Lêmnias* (citação do fragmento). Menandro (fragm. 884 Koe.). **Frínico** *Preparações sofisticas* 90.9 *neales* (νεαλές): por causa de *hales* (ἄλές), que significa “todo”, o que nasceu recentemente e se juntou <a nós?>. Pois é a própria reunião e ajuntamento. Aristófanes <usa o termo> *neales*:

enquanto é jovem (νεαλής) em seu melhor momento

379. **Pólux 10.25** e, por causa de *mochloi* (μοχλοί, ferrolhos), cita-se o (citação do fragmento) de Aristófanes em *Lêmnias*:

que tranque (μόχλωσον) a porta

380. [1] **Ateneu 7.311 CD** (*labrakes*, λάβρακες, percas, *i. e.* espécie de peixe) e Aristófanes o menciona em *Cavaleiros* (361)... e em *Lêmnias* (citação do v.1) já que a cabeça da perca é <um alimento> superior, bem como a dos peixes acinzentados. [2-3] **Idem 7.302 d** Aristófanes diz em *Lêmnias* (citação do verso 2-3) **299 a** e em *Lêmnias*: “enguia beócia”

comprar não a cabeça da perca, nem a lagosta,
nem a enguia beócia, nem o peixe acinzentado, nem a barriga
do atum

381. **Provérbios codicis Par. Suppl. 676 = Suda ω 125** “altares agora quentes”: <provérbio usado> para aqueles <deuses> que se encontram depois do tempo em que foram objeto de atenção. Aristófanes o menciona em *Lêmnias* (citação do fragmento). Revela que alguns deuses estrangeiros eram sempre honrados pelos atenienses

a poderosa divindade, cujo altar está agora quente

382. **Etymologicum Genuinum AB** *doriallos* (δορίαλλος): também se diz *dorillos* (δόριλλος). Aristófanes o menciona (citação do fragmento). São as partes pudendas femininas, para ultrajar o poeta trágico Dórilos. **Escólio de Rãs 516** *dorialos* (δορίαλος) são as partes pudendas femininas, já que, de acordo com aquele poeta, (citação do fragmento). **Hesíquio δ 2230** *doryallos* (δορύαλλος): genitália feminina, para ultrajar o poeta trágico Dórilos, que é mencionado em *Lêmnias*. Cf. Suda δ 1383 (δόριλλος, Δορίλλου)

e as mulheres interditam as partes pudendas (δορίαλλον)

383. **Pólux 9.126** e as *pentalitha* (πεντάλιθα) são ou pedrinhas, ou cascalhos, ou ossinhos que eram lançados para o alto, em número de cinco, e virava-se a mão, de modo que ela pudesse receber os <objetos> lançados com a parte de trás. Se todos não parassem em cima da mão, <devia-se> colocar com os dedos os que sobraram por cima dos que pararam <na mão>. O verbo *pentelithizein* (πεντελιθίζειν) está em *Theoi* de Hermipo (fragm. 34 K.), o substantivo *pentelitha* (πεντέλιθα), nas *Lêmnias* de Aristófanes (citação do fragmento)

<jogando> o jogo das cinco pedrinhas com cacos de uma bacia

384. **Fócio 251.7** grande deusa: Aristófanes diz em *Lêmnias*. Da mesma forma <se chama a deusa> Bêndis. Pois era da Trácia. **Hesíquio μ 456** grande deusa: Aristófanes chamou Bêndis, pois é uma deusa trácia.

grande deusa

385. *Lexicon Messanense* (Oro, *Ortografia*) f. 282v 5 ed. Rabe RhM 47 (1892) 409 cum add. 50 (1895) 150 “a porta sendo aberta (*pareōigmenēs*, παρεωιγμένης) com iota (ι). Aristófanes diz assim em *Lêmnias*. **Frínico Preparações sofisticas 104.14** “a porta sendo aberta”: os homens do povo dizem *pareōigmenēs*. Da mesma forma se diz “abriu (*paroíxei*, παροίξει) a porta”

a porta sendo aberta

386. **Harpocrácion 58.4** *arkteusai* (ἀρκτηῦσαι, servir como urso): Lísias <usa esse termo> (fragm. 249 S.)... significa dedicar, até o casamento, as virgens à Ártemis Muníquia ou Braurônia. E as coisas empenhadas à exposição <votiva?> são mencionadas por Crátero em *Psēphimata* (342 F 9 Jac.) além de outros. Que as virgens dedicadas <à deusa> chamavam-se ursas diz Eurípides em *Hipsípila* (fragm. 767 N.), Aristófanes as menciona em *Lêmnias* e em *Lisístrata* (645)

servir como urso

387. **Harpocrácion 205.5** *metaulos* (μεταυλός) é o chamado pátio sujo, onde ficavam os pássaros. Aristófanes o menciona em *Lêmnias* e Menandro em *Thais* (fragm. 191 Koe.)

pátio sujo

388. **Pólux 7.139** Aristófanes em *Lêmnias* disse também *nauphylax* (ναυφύλαξ, vigia de nau)

vigia de nau

389. **Pólux 7.152** e a fruta que amadureceu antes do tempo é chamada *prōios* (πρῶιος, precoce), nas *Lêmnias* de Aristófanes, ele mesmo também diz (*Vespas* 264) *prōia karpima* (πρῶια κάρπιμα, colheita precoce). cf. Frínico *Preparações sofisticas* 106.3 *prōion*: o precoce dentre muitos. **Fócio 468.21** *prōia*, não *prōima* (πρώϊμα). *prōia* é dissílabo

precoce

390. **Pólux 7.152** Aristófanes, em *Lêmnias*, chama *sukis* (συκίς) a plantação de figos

plantação de figos

391. **Escólio de Lisístrata 308** (e se... e, pondo a tocha da vinha na panela,/ a acendêssemos³⁵⁸ etc) ≈ **Suda φ 77** chamam *phanos* (φανός, tocha) tudo que ilumina. E das vinhas faziam os archotes para queimar, como se diz em *Lêmnias*. **Fócio 377.25** *panos* (πανός): um maço do ramo da videira. Os áticos mais jovens diziam *phanos*. Aristófanes o menciona. **Eustácio sobre Ilíada 1189.24** o *panos* é o maço do ramo da videira, em ático se diz *phanos*. cf. *Odisseia* 1571.2. *Lexicon Bachmann* 403.11 = Fócio 639.4 *phanos*: lâmpada de ramo de videira. Assim diz Menandro (fragm. 56 Koe., cf. fragm. 55)

358Aristófanes (2005: 27, tradução de Adriane da Silva Duarte).

tocha

Nuvens I

A comédia *Nuvens* que conhecemos é uma versão revisada de *Nuvens I*, que se perdeu. O test. ii (= Hypothesis A7 de *Nuvens*) afirma que a revisão atingiu praticamente toda a peça, com a supressão de passagens inteiras e inserção de outras novas, como a discussão entre o Raciocínio Justo e Injusto, e o incêndio da escola de Sócrates, além, é claro, da parábase.

No fragm. 392, há uma clara associação entre os “tagarelas” Eurípides e Sócrates, dizendo-se que este ajudava aquele na composição de suas tragédias. Querenfonte é zombado por ser magro e fraco no fragm. 393.

392. **Diógenes Laércio 2.18** <Sócrates> parece ter ajudado Eurípides a compor. Por isso Mnesíloco disse assim (Teleclides fragm. 39. 40 K.)... e novamente: Eurípides <disse serem os versos> arranjados por Sócrates. E também Cálias em *Pedētēs* (fragm. 15 K.-A.)... Aristófanes diz em *Nuvens*:

mas aquele que compõe tragédias para Eurípides,
de tagarelices e sapiência, é este aqui

393. **Fócio 428.27 = Suda π 1531** *pēnion* (πῆνιον): animal semelhante ao mosquito. Aristófanes <usa esse termo> em *Nuvens* (citação do fragmento). Ao invés de dizer “magros”. Pois está zombando de Querefonte como o mais magro e fraco. Que é um tipo de mosquito, Espeusipo, em *Homoiōn* (fragm. 11 Tar.) diz, dessa forma: “*pēnion*, pernilongo, mosquito”

vão se deitar como dois mosquitos (πηνίω) trepando

394. **Fócio 398.11** *Parnēs*: a montanha, no feminino. (citação do fragmento). Aristófanes diz em *Nuvens*

encolerizadas, elas partiram para Parnes, pelo Licabeto

395. **Ateneu 11.479 C** *kotyliskos* (κοτυλίσκος, dim. de taça) chamava-se a pequena cratera sagrada de Dioniso (cf. Pólux 6.99), as quais eram usadas pelos iniciados, como disse o Nicandro de Tiatira (343 F 13 Jac.) citando o trecho de *Nuvens* de Aristófanes (citação do fragmento) cf. Hesíquio κ 3818 *kotyliskos*: uma pequena cratera, que era usada pelos iniciados. **Ateneu 11.496 A** *plēmochōē* (πλημοχόη): utensílio de barro com a forma de uma copa que repousa firmemente numa base, o qual alguns chamam *kotyliskos*, como disse Pânfilo. Usam-no no último dia dos mistérios de Elêusis, que por isso é chamado *Plēmochōē*. cf. Hesíquio π 2570

nem vou coroar a tacinha (κοτυλίσκον)

396. **Suda o 918** *ou meton autōi* (οὐ μετὸν αὐτῶι, não é direito dele) invés de *ouk exon* (οὐκ ἐξόν, não é possível <a ele>). Aristófanes diz em *Nuvens*. E também Menandro (fragm. 802 Koe.): “eles não têm direito (οὐ μετὸν) à água”

não é direito dele

397. **Escólio de Paz 348 e Fórmion**... é mencionado pelo cômico em *Cavaleiros* (562), em *Nuvens* e em *Babilônios* (fragm. 88), e por Êupolis em *Astrateutoi* (fragm. 40 K.)

Fórmion

398. **Antiaticista 98.1** *zymēsasthai* (ζυμήσασθαι, abandonar): Aristófanes diz em *Nuvens*

abandonar

399. **Escólio de Vespas 1038 a** *ēpialos* (ἑπιάλος, calafrio): é o frio que precede a febre. Aristófanes diz em *Nuvens*. E em *Tesmoforiantes* (fragm. 346 a)

calafrio

400. ***Antiaticista* 105.2** *kolasma* (castigo, κόλασμα): *Aristófanes* diz em *Nuvens*

castigo

401. **Escólio de Paz 92 a** em *Nuvens*, também chamou *meteōroleschai* (μετεωρολέσχει, aqueles que vivem com a cabeça na lua, lunáticos) os filósofos, que pensavam sobre o céu

lunáticos

Ilhas

Ilhas tem possivelmente uma temática política, a julgar pelo coro formado pelas ilhas gregas vizinhas de Atenas. O fragm. 402, que apresenta um enaltecimento da paz, corrobora para essa possibilidade. A alusão a Posídon, no fragm. 407, pode indicar que esse deus seja uma das personagens da comédia.

402. **Estobeu 4.14.7** (sobre a paz) **374.7 H** Aristófanes, em *Ilhas*, diz assim:

ó tolo, tolo, todas essas coisas são próprias da paz:

morar no campo, num pedacinho de terra,

livre dos assuntos da ágora,

na posse da parselhinha de bois magros da família,

ouvir as ovelhinhas balindo

5

e o som do vinho novo sendo colocado na tina,

servir-se de pardais e tordos como alimento,

e não ficar aguardando os peixinhos da ágora

que já estão lá há três dias, caríssimos,

403. **Escólio de Aves 296** diz-se *eisodos* (εἴσοδος, entrada) porque o coro entra em cena. E em *Ilhas* se diz:

(A.) O que dizes? Onde estão?

(B.) Aquelas que vêm na entrada (εἴσοδον)

404. **Fócio (z) inéd.** = **Suda ε 1684** *exechein ton hēlion* (ἐξέχειν τὸν ἥλιον): o despontar <do sol>. “Desponta (*exech*’; ἐξεχ’), ó querido sol”: um pedaço de um verso proverbial dito pelas crianças, quando está nublado no tempo frio. Aristófanes diz em *Ilhas* (citação do fragmento). E em *Vespas* (771ss.) **Eustácio sobre *Ilíada* 881.42** então, Élio Dionísio (ε 43) falou que um pedaço de um verso proverbial era dito pelas crianças, demonstrando que *exechein* era o “despontar do sol”. Aristófanes disse:

dirás, então,

como as crianças, “desponta (ἐξεχ’), ó querido sol”

405. **Fócio (b, z) α 1285** dizem *amyloi* (ἄμυλοι, tortas) e *amylos* (ἄμυλος, torta) no masculino... Aristófanes, em *Ilhas*:

torta (ἄμυλος), peixe salgado, colostro de vaca, figos secos, sopa de lentilha

406. **Fócio (b, z) α 1187** *amergein* (ἀμέργειν): colher frutas. Aristófanes diz em *Ilhas* (citação do fragmento). **Eustácio sobre *Ilíada* 838.55** *amergein*, ou seja, colher frutas, tal qual se diz em:

um, estaria apanhando

uvas, outro, colhendo (ἀμέργων) azeitonas

407. **Fócio (z) inéd.** = *Etymologicum Genuinum B* *endēmos* (ἐνδημος): aquele que não viaja para fora. Mas o estrangeiro que regressa ao seu país é chamado *epidēmos* (ἐπίδημος). E em Aristófanes, *Ilhas* (citação do fragmento). Ele diz com relação a Posídon, que não retorna a Istmo. Usou esse termo com um sentido especial, pois o deus não é de Istmo, de modo a passar lá todo tempo

mas acontece que ele não
está em sua terra (ἐπίδημος)

408. **Ateneu epitome 2.56 B** Aristófanes cita as “azeitonas prensadas” (citação de “fazer – prensadas”). E novamente (citação de “não – secas”). E pouco depois (“pois – secas”). **Pólux 6.45** pode encontrar “azeitonas prensadas” nas *Ilhas* de Aristófanes

- a) fazer azeitonas prensadas
- b) não são o mesmo as <azeitonas> salgadas e as secas
- c) pois as prensadas são melhores que as secas

409. **Escólio de Aves 440 (441ss. o macaco... o cuteleiro)** = *Suda δ 565* parece zombar de Panécio, que também aparece em *Ilhas* (citação do fragmento). Ali também o chama de “filho do açougueiro”. Chama-o de macaco por sua vileza, e de cuteleiro por seu trabalho com facas, como açougueiro. Panécio era um açougueiro de natureza vil etc.

abandonando o macaco Panécio

410. **Fócio 311.16** = *Suda ξ 129* (depois do fragm. 46) e em *Ilhas* (citação do fragmento), <Aristófanes usa o termo *xunnenophuia* (ξυννεοφυῖα, contrariada)> ao invés de usar o termo *skythrōpazousa* (σκυθρῳπάζουσα, que tem um ar contrariado). Cf. Hesíquio ξ 163 *xunnenophuia*: contrariada

como ela caminha cabisbaixa e contrariada (ξυννεοφυῖα) para sua terra

411. **Hesíquio θ 953** Tirso: era um flautista que tinha uma cortesã. **954** chapéu do Tirso: Aristófanes diz em *Ilhas*, não se referindo ao flautista, mas usa <essa expressão> no lugar de folhas e galhos³⁵⁹

chapéu do Tirso

412. **Pólux 9.89** os antigos áticos quase nunca usavam o singular em relação à *kermata* (κέρματα, dinheiro trocado, de pouco valor) como <não usavam> o plural em relação à *argyrion* (ἀργύριον, dinheiro): pois raramente se encontraria nesses autores *t'argyria* no lugar de *argyrion*, mas eu encontrei nas *Ilhas* de Aristófanes. Se, por um lado, é objeto de suspeita que esse seja um drama autêntico de Aristófanes, por outro, não é o caso de *Kolakes* de Êupolis, no qual se diz (fragm. 155 K.). **Idem 3.86** os áticos quase nunca falavam *agyria*, no plural, mas o termo é dito em *Cócalo* (fragm. 368) e nas *Ilhas* de Aristófanes. **Idem 7.104** é costume dizer *argyrion*³⁶⁰, mas se diz também *argyria* nas *Ilhas* de Aristófanes

dinheiros

413. **Fócio (z) inéd.** = *Etymologicum Genuinum AB elymos* (ἐλῡμος, painço): uma semente que os lacônios cozinhavam para comer. Aristófanes o menciona em *Ilhas*³⁶¹.

painço

414. **Pólux 10.47** *thranoi* (θρᾶνοι, assentos), *thrania*, *thranidia* (θρανία, θρανίδια, dim. de assentos) aparece(m?)³⁶² nas *Ilhas* de Aristófanes.

assentinhos

359Trata-se, provavelmente, do topo do bastão do tirso, onde era fixada uma pinha, e não as folhas e ramos mencionadas por Hesíquio. Cf. PCG (1984:225).

360 Cf. fragm. 273.

361Também são fonte desse fragmento Hesíquio ε 2229 e o escólio de Eusébio *Preparação evangélica* 9.27.37, omitindo, no entanto, o nome do poeta e a obra. Cf. PCG (1984:225).

362Não é claro se ambos os diminutivos são atestados nessa comédia de Aristófanes. Cf. PCG (1984:225).

Enviados aos Odomantes

Tudo o que restou dessa comédia foi um único testemunho, oriundo de uma inscrição antiga (*Inscriptiones Graecae* II² 2321.87), que preservou precariamente seu título e a atribuição a Aristófanes.

Navios Mercantes

O test. i (= Hypothesis A3 de Paz) diz que Aristófanes escreveu também *Navios Mercantes* em defesa da paz. O coro é formado pelos navios. Os frags. 415 e 420 aludem, talvez, às más condições de comércio dos espartanos.

415. ***Etymologicum Genuinum* AB** *oisypēra* (οἰσυπηρά, gordurosa), ou seja, uma lâ gordurosa: a lâ suja. Também se diz *oisypos* (οἴσυπος). No entanto, Aristófanes, em *Lisístrata* (574-6), disse *oispōtē* (οἰσπωτή)... mas alguns não citam o testemunho com precisão, pois *oispōtē* é o excremento do gado. Em *Navios Mercantes* há (citação do fragmento). Portanto, *oisypos* é *oisrypos* (οἴσρυπος), ou seja, sujeira, e assim como <se formam os adjetivos> *oinēros* (οἰνηρός, vinoso) a partir de *oinos* (οἶνός, vinho) e *homēros* (ὁμηρός, semelhante) a partir de *homos* (ὁμός, igual), também <se formou> *osypēros* a partir de *oisypos*. Oro o menciona (fragm. B118 Alp.). cf. Hesíquio o 409

caramba, espartano! Como eram pesadas e sujas (οἰσυπηρά)
as tarefas de ambos nós

416. [1-2] Fócio¹ (z) α 3448 = *Lexicon Bachmann*¹ 176.1 = *Etymologicum Magnum* 182.17 *achōr* (ἄχωρ, caspa) é masculino. É a caspa que fica na cabeça e na barba. Aristófanes o menciona em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). [1] Fócio² (Gal.) α 325 = *Suda* α 430 = *Lexicon Bachmann*² 26.26 *adaxēsai* (ἀδαξῆσαι): coçar, não se diz *odaxēsai* (ὀδαξῆσαι). E *adachein*

(ἀδαχεῖν): coçar. (citação do primeiro verso) Aristófanes diz em *Navios Mercantes*. **Teodoreto Dos Espíritos** ap. Egenolff, D. orthoep. Stücke d. byz. Litt. (1887) 15 *adachei* (ἀδαχεῖ, coça): ao invés de “esfrega gentilmente”. **Hesíquio α 1020** †*adachauknas* (ἀδαχαυκνᾶς): esfrega a cabeça. Apalpa. **α 8935** *achōr* se chama a caspa da cabeça **α 8900** *achōr*: caspa. Alguns têm na cabeça

pois ele coça (ἀδαχεῖ) a sua caspa (ἄχωρ) e sempre
arranca os fios brancos do queixo †de Zeus†

417. **Fócio 57.7 = Suda η 8 ēia** (ἤια): dissílabo, “eu ia”, escreve-se com iota (ι)... Aristófanes diz em *Navios Mercantes*:

quando cheguei lá, ia (ἤια) para o mercado de madeira

418. **Pólux 10.144 (equipamento militar)** e Aristófanes disse em *Navios Mercantes*:

as pontas das lanças foram fixadas no cabo e a estaca estava polida

419. **Fócio 121.1** *eranistai* (ἐρανισταί, membros de uma associação de amigos): como nós os chamamos. Aristófanes diz em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). ***Etymologicum Genuinum* A² B** *eranistēs* (ἐρανιστής): *eranistēs* era certamente, em sentido próprio, o participante do clube e a taxa que era preciso pagar mensalmente (≈ **Fócio 11.23 = Suda ε 2892 a partir de Harpocrácion 133.14**) Aristófanes diz em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). <Expressão> retórica. **Aqui Zonaras 861 = An. Par. 4.135.20**

Anteontem fiz uma sopa de ervilha para o jantar do clube (ἐρανιστὰς ἡστιῶν)

420. **Escólio de Nuvens 699 b.β = Suda τ 509 tēmeros** (τήμερος): o dia de hoje. É empregado também com relação ao corpo. Mas se diz *tēmeros* em relação ao tempo. Em *Paz* (242ss.) e em

Navios Mercantes (citação do fragmento³⁶³) ao invés de *sēmerinē* (σημερινή). **Escólio de Nuvens 699 b. α** *dōsō tēmeron* (δώσω τήμερον, “darei hoje”): alguns usam *tēmera*, como em *Navios Mercantes* (citação do fragmento), ao invés de *sēmerinos*. É empregado também com relação ao corpo. Mas se diz *tēmeros* em relação ao tempo. **Escólio de Homero Γ 182 b** *olbiodaimon* (ὀλβιόδαιμον, voc. de ὀλβιοδαίμων, a quem a divindade torna próspero): proparoxítone. É uma palavra composta. Mas as penúltimas longas graves, que terminam em *-on* no vocativo, levam acento perispômeno quando a palavra é simples <i.e. não composta>, <como> *Machāon* (Μαχῶν), *Aretāon* (Ἀρετῶν), mas são desprovidas de acento as palavras compostas... razão pela qual é notável o vocativo *iō Lakedaîmon* (ἰὼ Λακεδαῖμον, “ai, Esparta”) em *Navios Mercantes* de Aristófanes, e, se composto, o <*Palaîmon* (Παλαῖμον) do excerto> “elas que enganam a ti, Palêmon”, <de Calímaco> (fragm. 787 Pf.). **Fócio 202.18** *Lakedaîmon*: acentuam a penúltima no vocativo, como faz Aristófanes

Ai, Esparta (ἰὼ Λακεδαῖμον), o que hás de sofrer hoje (τήμερον)?

421. **Fócio (z) α 2595** *aponychizesthai* (ἀπονυχίζεσθαι), *onychizein* (ὀνυχίζειν) e *exonychizein* (ἐξονυχίζειν) são diferentes. *Aponychizein* (ἀπονυχίζειν)... significa aparar as unhas, *onychizein* e *exonychizein* referem-se ao investigar com cuidado e examinar bem o assunto proposto. Aristófanes diz em *Navios Mercantes* (citação do fragmento) **Frínico** *Preparações sofisticas* 20.6 o *aponychizesthai* é diferente do *onychizesthai* do ático, pois um significa aparar as unhas, outro, *onychizein* e *exonychizein*, referem-se ao investigar com cuidado e examinar bem o assunto proposto

eu, pois, examinarei isso com as pontas das unhas (ἐξονυχιῶ) <i.e. rigorosamente>

422. **Escólio de Acarnenses 122** “não será Estráton”: também ele é zombado por tirar a barba e depilar o corpo, do mesmo modo que Clístenes, como diz o próprio Aristófanes em *Navios Mercantes*:

rapazes sem barba, tanto Estráton <quanto Clístenes³⁶⁴>

363Na lição do escólio o termo *tēmeros* está no feminino, *tēmera*, como o *sēmerinē* subsequente. Mas, estranhamente, na lição do escólio (E) de *Nuven*, o termo aparece no neutro, e não no feminino como sugerido pelo escoliasta.

364Adoto o acréscimo de Fritzsche. Cf. PCG (1984:231).

423. **Antiaticista 82.23** *halmaia* (ἁλμαία, água salgada): Aristófanes diz em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). **Frínico** *Preparações sofisticas* 38.7 *halmaia*: água do mar. **Ateneu 7.239 B** (depois do fragm. 426) como em *Vespas* (1127), o mesmo poeta disse “tendo bebido água salgada antes <de mergulhar> os dois peixinhos³⁶⁵”

tendo bebido água salgada (ἁλμαίαν)

424. **Escólio de Acarnenses 710 b = Suda ε 3367** o retor Êuatlo era um patife. Aristófanes o menciona em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). Era também um pervertido e um tagarela. E talvez fosse um malnascido. Por causa disso, ele o chama também de “flecheiro”, um tipo de subalterno³⁶⁶. **Escólio de Vespas 592 b** o retor Êuatlo é um sicofanta, mencionado em *Acarnenses* (703)³⁶⁷ e em *Navios Mercantes* (citação de “temos – Êuatlo”). Também o mencionam Platão em *Peisandros* (fragm. 102 K.) e Cratino em *Thraittai* (fragm. 82 K.-A.). **Suda τ 772** flecheiro: um subalterno. Aristófanes o menciona (citação de “flecheiro - Êuatlo”)

temos um certo advogado, flecheiro e patife,
como Êuatlo, junto a vós, jovens

425. **Ateneu 3.91 B** Aristóteles (*História dos Animais* 4.530^a 34) disse haver muitas classes de ouriços-do-mar, uma, pode-se comer... mas outras duas são a dos *spatangai* (σπατάγγαι) e a dos chamados *bryssoi* (βρύσσοι)³⁶⁸. Sófron menciona os *spatangai* (fragm. 102 Kaib.) e também Aristófanes em *Navios Mercantes*, assim (citação do fragmento). **Fócio 529.23** *spatangai*: um certo peixe. Uns dizem ser os ouriços-do-mar grandes. Assim diz Aristófanes

devorando, despedaçando, limpando com a língua o meu
ouriço-do-mar (σπατάγγην) de cima a baixo

365Essa é uma variante dentre as lições apresentadas pelos códices de *Vespas*. Cf. PCG (1984:232). Sobre o preparo culinário dos peixes mergulhando-os na água salgada, cf. fragm. 426.

366Em geral, os guardas arqueiros que policiavam Atenas eram escravos bárbaros. Provavelmente, é a essa classe de “flecheiros” que o comentário se refere.

367 Não é mencionado nominalmente, mas se alude a ele.

368Segundo LSJ, sabe-se apenas que são tipos de ouriço-do-mar, sem mais informações sobre suas espécies.

426. **Ateneu 7.329 B** Aristófanes diz em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). Pois os peixes apropriados para grelhar no carvão eles mergulhavam na água salgada, a qual chamavam também água tásia (cf. Cratino fragm. 6.1). **Eustácio sobre *Ilíada* 863.35** aquele que escreveu “foi mergulhada na água salgada”

desgraçada daquela primeira anchova que foi mergulhada na água salgada

427. **Estátio *Odisseia* 1534.47** o saco tu chama *kōrykos* (κώρυκος)... mas os antigos também chamam *kōrukis* (κωρυκίς) um tipo de utensílio, levando a esse uso de Aristófanes (citação do fragmento) **Pólux 10.172** podes dizer *pēra* (πήρα, bolsa de couro) para *pēridion* (πηρίδιον, dim. de bolsa de couro)... e também *kōrykos*, *kōrykion* (κωρύκιον, dim. de saco pequeno) e *kōrukis*, como nos *Navios Mercantes* de Aristófanes

um cesto não pequeno e um saco (κωρυκίς), aquele que faz despertar os prensadores

428. **Galeno *Das Propriedades dos Alimentos* 1.27.1** encontramos, em *Navios Mercantes* de Aristófanes, a última sílaba da palavra *arakoi* (ἄρακοι, favas) escrita com kappa (κ). Ali, disse ele (citação do fragmento). **Fócio α 2772 ≈ *Lexicon Bachmann* 141.2** *arakoi*: favas. Falam com kappa (κ) e não com qui (χ). cf. Hesíquio α 6953 *arakoi*: uma fava

favas (ἄρακους), trigo, cevada, farinha de aveia, espelta, joio, farinha de trigo

429. **Ateneu 3.111 A** Aristófanes em *Paz* (123)... e em *Navios Mercantes* diz *kollyres* (κολλύρες) para o que chamamos “pão”:

e pão (κολλύραν) †para os veteranos† pelo seu troféu em Maratona

430. **Ateneu 3.118 D** Aristófanes cita os *mylloi* (μύλλοι, corvinas³⁶⁹) em *Navios Mercantes* (citação do fragmento). **Pólux 6.48** atuns, cavalas, tilápias-do-Nilo, peixes escamados, corvinas

cavalinhas, cavalas, peixes escamados, corvinas (μύλλοι), tilápias-do-Nilo, atuns — ☐

431. **Fócio¹ 517.12** *skaphides* (σκαφίδες, uchas): não *skaphai* (σκάφαι), <chamam> os utensílios. (citação dos fragmentos). Diz Aristófanes. **Pólux¹ 10.102** *antlia* (ἀντλία): assim Aristófanes nomeia a ucha em *Paz* (17ss.). E talvez chame *skaphis* (σκαφίς) a ucha em *Navios Mercantes*, arranjando desta forma: “uchas, gamelas para massas”. **Fócio² 243.17** *maktra* (μάκτρα, gamela para massa): utensílio de pedra ou de cerâmica. Pode ser também de madeira, no qual colocam as tortas. Assim diz Aristófanes. **Hesíquio μ 1705** pratos *mosynoikioi* (μοσυνοίκιοι)³⁷⁰ para tortas: Dídimos (p.34 Schm.) ouviu falar que eram os do Ponto. Pois os *Mossynoikioi* (Μοσυνοίκιοι) vivem no Ponto. <Assim> chama os pratos de madeira (cf. μ 1706). **Pólux² 10.84** Aristófanes diz prato para torta em *Navios Mercantes* (cf. 6.87)

☐ — ☐ — uchas (σκαφίδας), gamelas para massas (μάκτρας), pratos *mossynoikioi* para torta

432. **Pólux 10.173** poderias dizer, segundo o que diz Aristófanes em *Navios Mercantes*, “martelar cavilhas”, “clava revestida de ferro”, “picaretas” e “braçadas³⁷¹”

(a) martelar cavilhas

(b) clava revestida de ferro

(c) picareta

(d) braçadas

³⁶⁹Provavelmente da espécie *Sciaena umbra*, cf. LSJ.

³⁷⁰Relativo ao povo que habitava a costa sul do mar Êuxino (atual mar Negro), conhecido por suas casas de madeira, os *mossynes* (μόσυνες). Cf. LSJ.

³⁷¹Mantenho, nesse caso, só a tradução das expressões mencionadas por Pólux, já que não sabemos quais são os elementos linguísticos em questão no comentário, de modo que a apresentação do grego nada esclareceria.

433. **Escólio de Aves 1283** o alfa (α) de *skytalion* (σκυτάλιον, dim. de clava) é longo, como em *Navios Mercantes*, aqui e também em Nicofonte, em *Aphrodiēs Gonai* (fragm. 2 K.): “não levarás as duas mãos aos corvos, / longe da clavinha (σκυταλίου) e da pele de couro?”. Assim diz Símaco

clavinha

434. **Pólux 10.159** assim como “gaiola de pássaro”, Aristófanes disse, em *Navios Mercantes*, “gaiola de perdiz”

gaiola de perdiz

435. **Pólux 10.73** pode-se incluir entre os recipientes aqueles que Aristófanes disse em *Navios Mercantes*: “*hyrchai* (ὑρχαι, jarros) de vinho”. **Idem 6.14** se também Aristófanes nomeou as *hyrchai* de vinho, é evidente que a palavra refere-se ao jarro de argila, mas é um termo eólico. cf. Hesíquio v 816

jarros de vinho

436. **Hesíquio α 6067** *apesphakelisen* (ἀπεσφακέλισεν): putrefez-se. Aristófanes menciona esse termo em *Navios Mercantes*. E <assim> os médicos chamam a mancha negra que ocorre por causa da putrefação. Ou, no lugar de “ter convulsões” ou “morrer subitamente”. **Cirilo An. Par. 4.179.27** *aposphakelizein* (ἀποσφακελίζειν): putrefazer-se, como dizem os gramáticos. Aristófanes, em *Navios Mercantes*, <o menciona>. E <assim> os médicos chamam a mancha negra que ocorre por causa da putrefação. **Suda α 3075** *apesphakelisen*: <assim> os gramáticos dizem “putrefez-se”, “foi golpeado por uma funda”. Significa também “afundar-se na miséria”. E ainda “morrer repentinamente”. Mas Aristófanes usa-o no lugar de “ter sido mutilado”. **Fócio α 2372 = Lexicon Bachmann 118.20** *apesphakelisen*: <assim> os médicos dizem “putrefez-se”, mas se diz também no lugar de “golpeado por uma funda”. E ainda para “morrer repentinamente”. Mas Aristófanes usa-o no lugar de “ter sido mutilado”

ter sido mutilado

437. **Fócio (z) α 3138** *Attikōnikos* (Ἀττικωνικός, aticônico³⁷²): a tal variação dialetal das palavras que entre os áticos se diz fortemente. Aristófanes usa esse termo em *Navios Mercantes*

aticônico

438. **Pólux 9.60** o valor da dracma é o *drachmiaion* (δραχμιαῖον), como nos *Navios Mercantes* de Aristófanes

valor da dracma

439. **Pólux 1.83 (codd. CB)** “nau veloz” pode ser dito tanto *tachynautousa* (ταχυναντοῦσα) quanto *dromades holkades* (δρομάδες ὀλκάδες), como diz Aristófanes. Diz-se também *bareia naus* (βαρεῖα ναῦς, pesada nau) etc (**codd. FS, AV**) “nau veloz” pode ser dito, e também *tachynautousa*: *Bareia naus*. Aristófanes chama *dromades* (δρομάδες, velozes) os navios mercantes

velozes navios mercantes

440. **Harpocrácion 122.7** *epigyon* (ἐπίγυον)... assim chamavam os cabos da popa. Os antigos poetas cômicos também usavam essa palavra. Aristófanes a menciona em *Navios Mercantes*. **Hesíquio ε 4691** *epigya* (ἐπίγυα): os cabos do navio, os quais alguns chamam *peismata* (πείσματα). cf. Pólux 1.93; 10.134

cabos da popa

441. **Áulo Gélio 19.13.3** *nanoi* (νάνοι, anões)... <assim> com efeito os gregos chamaram os homens de breve e humilde corpo, proeminentes um pouco acima da terra, e isso disseram por certa

³⁷²Segundo Henderson, um trocadilho com “lacônico”. Cf. Aristófanes (2007: 321, n.109).

razão acolhida de etimologia com o sentido competente do vocábulo e, caso a memória não vacile, isso foi escrito na comédia de Aristófanes cujo nome é *Navios Mercantes*³⁷³

anões

442. **Escólio *Lisístrata* 722** *trochilia* (τροχιλία) é o sarilho de madeira do poço, pelo qual tiram a água. Isso é demonstrado também em *Navios Mercantes*

sarilho do poço

443. **Estéfano de Bizâncio 660.20** Fásis: uma cidade da Ásia próxima ao rio Fásis na Cólquida... o adjetivo étnico é *Phasiatēs* (Φασιάτης, fasiata), *Phasiatikos* (Φασιατικός, fasiático) e *Phasianos* (Φασιανός, fasiano), como diz Aristófanes em *Navios Mercantes*

fasiano

Cegonhas

Sobre *Cegonhas* não há nenhum testemunho antigo que possa revelar algo sobre seu enredo e tema. Sabe-se, apenas, que essas aves compunham seu coro. O fragm. 455 menciona uma crítica ao poeta trágico Pátroclo, zombado por sua mesquinhez. O fragm. 453 atesta que a comédia foi produzida no mesmo ano em que *Edipodeia*, de Meleto, também criticado em *Cegonhas*.

444. **Escólio de *Vespas* 1238 a** a lenda de Admeto: <está no> começo deste escólio <= canção de mesa>... e em *Cegonhas*:

um cantava a lenda de Admeto para o ramo de mirto³⁷⁴,

373Gélio (2010: 651-2, tradução de José Seabra, modificada quanto ao título da comédia de Aristófanes, em vista de manter o padrão da nossa tradução).

374Os convivas passavam, um ao outro, um ramo de mirto, e aquele que cantasse uma canção o segurava. Cf. Henderson, em Aristófanes (2007: 322, n. 110).

outro obrigou-o a cantar a canção de Armódio

445. **Fócio (b) α 1326** *amphiesasthai* (ἀμφιέσασθαι, vestir-se). Aristófanes diz em *Cegonhas*:

pois tu não provês ao teu pai para que ele se vista

446. **Eustácio sobre Odisseia 1423.4** derivado de *oikos* (οἶκος, casa), há também o termo *oikiskos* (οἰκίσκος, dim. de casa), em Aristófanes, como a gaiola da perdiz (citação do fragmento). **Harpocrácion 218.9** Demóstenes usa *oikiskos* no lugar de “uma pequena casa” na *Oração da Coroa* (or. 18.97). Os áticos chamavam *oikiskos* o que nós chamamos “gaiola de pássaro”. Metágenes o diz em *Aurai* (fragm. 5 K.). Conforme esses <testemunhos>, parece que Dídimos (p. 311 Schm.) se confundiu ao explicar a expressão de Demóstenes. **Pólux 10.159** Aristófanes, em *Cegonhas*, disse *oikiskos* tanto para <a gaiola do> pássaro quanto para a <da> perdiz³⁷⁵

por que estás carregando uma gaiola de pássaro?

447. **[Herodiano] Filetero 83** não se referem ao *sēmeion* (σημεῖον, selo) dizendo *sēmeiousthai* (σημειοῦσθαι, selar), mas *aposēmainesthai* (ἀποσημαίνεισθαι). Aristófanes diz em *Cegonhas*:

marquei com selo (ἀπεσημηνάμην)

a casa dos malfeitores

448. **Ateneu 9.387 F** Aristófanes disse em *Cegonhas*:

francolim³⁷⁶ é a carne mais saborosa para se cozinhar numa festa de vitória

449. **Ateneu 9.368 D** (depois do fragm. 236) em *Cegonhas*:

³⁷⁵Cf. fragm. 434.

³⁷⁶Ave do gênero da perdiz.

cabeças de carneiros e coxas de cabritos

450. **Pólux 10. 63** os nomes dos utensílios da casa de banho são... *arytaina* (ἀρύταινα, pequena bacia)... como diz Aristófanes (citação do fragmento). **Moeris 192.13** *balaneus* (βαλανεύς, dono da casa de banho): em Platão (*República* 1.344 D) e nas *Cegonhas* de Aristófanes

o dono da casa de banho (βαλανεύς) está empurrando as bacias (ἀρυταίναις)

451. **Pólux 10.174** podes dizer também... *chalkōmata* (χαλκώματα, vasos de bronze) dentre os utensílios... tendo dito Aristófanes em *Cegonhas*. **Idem 7.105** Aristófanes disse *chalkōmata* em *Cegonhas* e em *Vespas* (1214)

vasos de bronze (*chalkōmata*), travesseiros

452. **Ateneu 6.247 A** *episitioi* (ἐπισίτιοι, aqueles que trabalham pelo seu sustento, “busca-pão”) são chamados os que prestam serviços. Platão <os menciona> (*República* 4.420 A)... e Aristófanes em *Cegonhas*:

se tu processares um único homem injusto, testemunham contra ti
doze sustentados (ἐπισίτιοι) pelos outros

453. **Escólio de Platão Apologia 18 B** Meleto, mau poeta trágico de origem trácia, como Aristófanes diz em *Rãs* (1302) e em *Cegonhas*, mencionando-o como filho de Laio, quando no ano em que *Cegonhas* foi encenado, também Meleto veio ao palco com *Edipodeia*, como Aristóteles diz em *Didaskaliai* (fragm. 628 R.³, DID C 24 Sn). E, em *Lavradores* (117), menciona-o como “fodedor de Cálías”. Lísias também o menciona na *Apologia de Sócrates* (fragm. 223 S.)

<Meleto,> filho de Laio

454. **Escólio de *Pluto* 665** (Neoclides) sobre ele, diz-se também, em *Cegonhas*, que é um retor e sicofanta

455. **Escólio de *Pluto* 84 ≈ *Suda* π 795** Pátroclo é zombado como um ateniense rico, mas mesquinho e avaro. Era um poeta trágico e, ao contrário do que se esperaria, vivia miseravelmente e amava o dinheiro, como se diz em *Cegonhas* sobre ele: por causa da avareza, não permitia que ninguém se aproximasse, para resguardar o dinheiro e sua vida sórdida

456. ***Antiatricista* 111.7 *obolias artoi*** (ὀβολίας ἄρτοι, pães de um óbolo): os vendidos por um óbolo. Aristófanes os menciona em *Cegonhas*

pães de um óbolo

457. **Fócio (b, z) α 1364 *amphisbaina*** (ἀμφίσβαινα, anfisbena): serpente que tem uma cabeça também na cauda. Aristófanes a menciona em *Cegonhas*

anfisbena

Pluto II

Não se sabe ao certo se *Pluto I* é de fato uma primeira versão da comédia homônima preservada ou se seria uma peça completamente diferente. O test. i (= Querebosco sobre Heféstion *Manual* 9.235) atesta em favor da primeira hipótese, assim como o fragm. 458, que menciona uma reformulação de Aristófanes em relação à comédia anterior. Henderson³⁷⁷, no entanto, observa que o fragm. 459, oriundo do *agon*, é composto em tetrâmetros jâmbicos, enquanto o *agon* do *Pluto* que conhecemos é composto em anapestos.

377 Cf. Aristófanes (2007: 327).

458. **Escólio de *Pluto* 115** (livrar-te da cegueira) <*ophthalmia* (ὀφθαλμία, cegueira) > ao invés de *pērōsis* (πήρωσις, privação, cegueira). Particularmente a *pērōsis* (privação) relativa à *ophthalmia* (cegueira). Por isso que em *Pluto II* ele reformula <*i. e.* usa outros termos que não os mencionados pelo escoliasta>:

cessar essa desgraça que tu suportas

459. **Escólio de *Rãs* 1093** “e depois os *Kerameis*”: os que moravam no Cerâmico. Um demo de Atenas, pois ali se dava a competição <= corrida com tochas>. E diz também em *Pluto I* (citação do fragmento). Diz Eufrônio (fragm. 64 Str.) que, por causa das competições com tochas no Cerâmico, os últimos dos jovens corredores eram golpeados com palmadas pelas mãos dos competidores, tais golpes eram chamados *Kerameikai*

razão das muitas palmadas
nos últimos dos que levavam tochas

460. ***Suda* α 2014 *anapēria*** (ἀναπηρία, mutilação): assim diz Aristófanes em *Pluto*. ***Antiaticista* 78.11 *anapeirian*** (ἀναπειρία): Aristófanes diz em *Pluto*. Cf. Frínico *Preparações sofisticas* 13.4 *anapēria*: com eta (η) na terceira sílaba e não com o ditongo “ei” (ει) , como dizem os ignorantes. *Anapēros* (ἀνάπηρος, mutilado) é comum, mas *anapēria* é raro

mutilação

461. ***Antiaticista* 88.7 *graizein*** (γρᾱῖζειν, desnatar): quando derramam o que se juntou no alto das panelas fazendo espuma. Aristófanes o diz em *Pluto*.

desnatar

462. ***Pólux* 9.139** Aristófanes usa, em *Pluto*, o *epikrousasthai* (ἐπικρούσασθαι, sacudir) para o “advertir” (*nouthetēsai*, νουθετῆσαι)

advertir

463. ***Antiaticista* 95.29** *empaizein* (ἐμπαίζειν, zombar): <usado> para o “ridicularizar” (*katagelān*, καταγελᾶν). Aristófanes o diz em *Pluto*. Cf. Heródoto 4.134.2

ridicularizar

464. **Pólux 7.115** podes dizer *harmatopēgein* (ἄρματοπηγεῖν, construir carros) e *hamaxopēgein* (ἁμαξοπηγεῖν, construir carroças) e *harmatopoiein* (ἄρματοποιεῖν, fazer um carro) e *zygopoiein* (ζυγοποιεῖν, fazer um jugo), como Aristófanes, em *Pluto*

fazer um jugo

465. ***Antiaticista* 113.11** *rhyphēsar*³⁷⁸ (ῥυφῆσαι, engolir): com ýpsilon (υ). Aristófanes o diz em *Pluto*

engolir

Poesia

Nada se sabe sobre essa comédia, da qual temos apenas dois fragmentos. É possível que haja uma alusão à poesia personificada no fragm. 466, v.2.

466. [1-18] **Papiro Turner 4** (P. Yale 1625, saec. II^o) **fragm. 1 [4]** Prisciano *Insituições Gramaticais* 18.264 (Gr1 3.344.9) os áticos diziam *para se* (παρὰ σέ, junto a ti) no lugar de *para soi* (παρὰ σοί), assim como nós dizemos “apud te”. Aristófanes o confirma em *Poesia* (citação de “buscando – junto a ti” = vv.4-5) **[19-20] papiro Turner 4, fragm. 2**

378 Seria uma forma jônica do verbo *rhopheō* (ῥοφέω, engolir).

[versos corrompidos]
]de toda a Hélade[
 buscando a mulher, aqui chegamos
 a qual dizem estar junto a ti. A ela 5
]e tu te alegrarás[
]deles bem sabes que[
]brasa[
]por Zeus, que[
 [verso corrompido] 10
]obras e os[
]para vós[
]aquela, por quem[
]diziam ter errado[
]e eu mesmo[15
]ela, que foi vítima de uma injustiça[
]parece-nos que a ti[
 [versos corrompidos]

467. *Etymologicum Genuinum B* *heptachorda* (ἑπτάχορδα, de sete cordas): Aristófanes diz (citação do fragmento) **Fócio (z) inéd.** *heptachorda*: as próprias árias e canções. Aristófanes os menciona em *Poesia*. cf. Hesíquio ε 5560 *heptachorda*: antigas canções acompanhadas por instrumento de sete cordas, cantadas

não as tais árias (ἑπτάχορδα) que cantavam antigamente, todas iguais

Poliído

Poliído é um adivinho coríntio que foi capaz de encontrar o corpo de Glauco quando seu pai Minos procurava por ele. Depois de ressuscitá-lo, o adivinho foi obrigado a ensinar ao rapaz a arte divinatória. Sófocles e Eurípides também tematizaram a lenda em suas tragédias, *Adivinhos ou*

Poliído e *Poliído*, mas nada se sabe sobre a versão de Aristófanes do mito. No fragm. 469, Fedra – talvez uma personagem – é prometida em casamento a alguém.

468. Estobeu 4.51.15 (acerca da morte), 5.1069 H do *Poliído* de Aristófanes:

temer a morte é uma grande bobagem:
pois devemos nós todos passar por isso

469. Estobeu 4.22^b.43 (que o casamento não é bom) 517 H Aristófanes diz em *Poliído*:

veja, eu te dou esta mulher, Fedra, em casamento.
Tenho a impressão de chegar jogando lenha na fogueira³⁷⁹

470. Fócio (b, z) α 1632 = *Suda* α 2048 *anaristos* (ἀνάριστος, que não se alimentou), antes <se deve usar> *anaristētos* (ἀναρίστητος). Aristófanes diz em *Poliído*:

correndo pela ágora, sem ter se alimentado (ἀναρίστητος)

471. *Etymologicum Magnum* 194.31 *belekkoi* (βέλεκκοι): legumes. Aristófanes diz (citação do fragmento). Gloss. com. pap. Ox. 1801 = CGFP 343.21 †*belekkoi* – Aristófanes† em *Poliído* (citação do fragmento)

dos legumes

472. Pólux 9.31 Aristófanes diz em *Poliído*:

cobras taxas portuárias ou de dez por cento

³⁷⁹Literalmente: “fogo sobre fogo”.

473. **Fócio 13.19** = *Etymologicum Genuinum* B = *Suda* ε 2965 = *Apost.* 7.92 olhar desértico: imóvel e demorado, tal qual acontece quando olhamos para um deserto ou para o mar imenso e aberto. Aristófanes menciona a expressão em *Poliído*

olhar desértico

474. **Moeris 205.19** *ouk apērkei* (οὐκ ἀπέρκει, não bastava) no lugar de *ouk apechrē* (οὐκ ἀπέχρη, necessitava). Aristófanes o diz em *Poliído*

não bastava

475. *Etymologicum Genuinum* AB = *Suda* θ 369 *thēseiotrips* (θησειότριψ): demorar-se junto ao <túmulo de> Teseu³⁸⁰. Aristófanes o diz em *Poliído*. E *tēseiomyzōn* (lamentar-se junto ao túmulo de Teseu³⁸¹) ele diz na mesma comédia.

(a) demorar-se junto ao <túmulo de> Teseu

(b) lamentar-se junto <túmulo de> Teseu

476. **Pólux 9.130** (*homoios*, semelhante) Aristófanes, em *Poliído*, disse *prosempherēs* (προσεμφερής)

semelhante

380O túmulo de Teseu, localizado próximo ao local onde se construiu posteriormente o ginásio de Ptolomeu, era um lugar de asilo para os escravos fugidos.

381 O termo, aparentemente cunhado pelo próprio Aristófanes, não é explicado pelo LSJ. Henderson propõe “Teseum-hider”, cf. Aristófanes (2007:337). Mas entendo que faça parte da composição da palavra o verbo μύζω, “gener”, “lamentar-se”, e por isso optei pela versão “lamentar-se junto ao túmulo de Teseu”.

Proagon

O título da comédia refere-se a um evento no qual os poetas se reuniam para uma prévia dos concursos dramáticos. Os frags. 477-8 remetem ao episódio de Tiestes comendo os próprios filhos.

477. **Pólux 10.44** que não só ao penico fixo deve-se nomear *lasana* (λάσανα), mas também àquele que se coloca no chão e se recolhe, testemunham Aristófanes em *Proagon*, dizendo (citação do fragmento) e Ferécrates (fragm. 88 K.)

Ai, infeliz, o que está me deixando o estômago revirado?

Para o inferno! Onde posso conseguir um penico (λάσανα)³⁸²?

478. **Ateneu 3.95 D** (*rhynchos*, focinho) Aristófanes o diz em *Proagon*:

provei, desgraçado de mim, das entranhas dos meus filhos.

Como olharei agora para um focinho (ρύγχος) bem-passado?

479. **Ateneu 3.80 A** outros dizem que não é preciso levar figos ao meio-dia, por fazerem mal a essa hora, como também disse Ferécrates em *Krapatalloi* (fragm. 80 K.). E Aristófanes disse em *Proagon*:

e percebendo que ele passava mal no calor,

comia figos ao meio-dia, para que pudesse passar mal também

480. **Ateneu 10.422 E** (sobre as formas δεδείπναμεν, δεδειπνάναι <dois infinitivos do verbo δειπνέω, preparar o jantar>)³⁸³ Aristófanes diz em *Proagon*:

é hora de ir ao encontro do meu amo,

382Provavelmente uma fala de Tiestes após ter comido a carne de seus próprios filhos. Cf. fragm. 478.

383Cf. fragm. 260.

pois suponho que já tenham preparado o jantar (δεδειπνάναι)

481. **Ateneu 11.478 F** Aristófanes diz em *Proagon* (citação do fragmento). **Ateneu 1.1 *Epítome*** Aristófanes diz: “três quênices de farinha menos um cótilo”

e ele, comprando três quênices³⁸⁴ de farinha
menos um cótilo, calcula que tenha um sexto³⁸⁵

482. **Ateneu 9.380 D** (παραφέρειν, servir) Aristófanes diz em *Proagon*:

por que não ordenou servir (παραφέρειν) a taça de vinho?

483. **Fócio 533.24 = Suda c 982 statheros** (σταθερός)... alguns dizem com relação ao *stasimos* (στάσιμος, firme), como... Aristófanes em *Proagon* (citação do fragmento). Significa também “fixo”

e o firme (σταθερά) broto da tenra juventude

484. **Escólio de Luciano Alexandre 4.181.12 R.** Frinondas é invocado quando o assunto é perversidade... no *Proagon*, em Aristófanes³⁸⁶

485. **Escólio de Platão Laques 187 b** o provérbio “a arte do oleiro está no tonel”³⁸⁷ é usado com relação àqueles que pulam as primeiras lições, atirando-se às mais longas e avançadas. Aristófanes o utiliza em *Proagon* e também Platão, o filósofo, em *Górgias* (514 e)

384Medida para sólidos, equivalente a 4 cótilos (aproximadamente 1 litro).

385Aparentemente, a conta não fecha, já que *hekteus* (ἑκτέυς), “um sexto”, refere-se à sexta parte de um médimo, que, por sua vez, equivale a 192 cótilos. Um sexto de um médimo é, portanto, 32. Mas o fragmento fala de três quênices – equivalente a 12 cótilos – menos um, ou seja, 11 cótilos, e não 32.

386Cf. fragm. 26.

387O Em Platão, há duas versões para esse provérbio. ἐν πιθῶ τὴν κεραμεῖαν μανθάνειν, “aprender no tonel a arte do oleiro” (cf. *Górgias* 514 e); e ἐν πιθῶ ἡ κεραμεῖα γιγόμενη, “a arte do oleiro se faz no tonel” (cf. *Laques* 187b).

a arte do oleiro está no tonel

486. Fócio (b, S²) α 2129 = *Lexicon Bachmann* 106.3 *antliantlētēres* (ἀντλιαντλητῆρες, sentinas³⁸⁸). Menandro o diz em *Messēniai* (fragm. 269 Koe.)... Aristófanes em *Proagon* e Epílico em *Kōraliskos* (fragm. 5 K.) chamam *antlion* (ἀντλίον) a mesma coisa

sentinas

Acampadas

As mulheres armam tendas para assistirem ao festival dramático. O fragm. 487 descreve os objetos domésticos que são levados ao festival. O fragm. 488 é uma fala, aparentemente, do próprio Aristófanes como personagem cômica, admitindo imitar Eurípides. Esse seria o único caso, de que se tem notícia, no qual o comediógrafo fala em seu próprio nome, salvo a auto-referência do poeta em *Acarnenses* (377-82; 497-503), mas em contexto parabático.

487. **Pólux 10.67** (tipos de copos) deve ser adicionada... essa passagem de *Acampadas* de Aristófanes (citação do fragmento). Diz-se hoje em dia, com relação ao copo, como em *Pytinē* de Cratino (fragm. 199 K.-A.), *oinēron oxybaphon* (οἰνηρὸν ὀξύβαφον, molheira para vinagre). **Idem 4.121** Aristófanes disse *suntheatria* (συνθεάτρια, aquela que assiste junto) **6.158** Aristófanes diz (fragm. 895) *suntheatria* e *sullēptria* (συλλήπτρια, espectadora) **2.56** *theatria* (θεάτρια, espectadora) e *suntheatria*, como na comédia antiga

a galheta

de sete cótilos, a louça de barro, a bem-acabada,
que eu trouxe para ter uma companheira ao assistir (συνθεάτριαν)

388A parte inferior do navio onde a água se acumula.

488. **Escólio de Platão *Apologia* 19 c** Aristófanes (test. 3)... foi ridicularizado por zombar de Eurípides, mas <ao mesmo tempo> o imitar. Cratino (fragm. 342 K.-A.)... e ele mesmo o admitiu em *Acampadas* (citação do fragmento). **Plutarco aud. Poet. 11.30 d** nas leituras dos poemas, um escolhe o melhor da história, outro se prende à beleza e ao arranjo das palavras, conforme Aristófanes diz acerca de Eurípides (citação do v. 1)

usei, pois, a sua linguagem no que se refere à concisão,
mas as reflexões que faço são menos vulgares que as dele

489. **Fócio 340.22** *oxyregmein* (ὀξύρεγμαῖν, ter azia): quando a alimentação torna-se ácida durante o dia. Aristófanes, em *Acampadas*, refere-se desta forma à irascibilidade:

então escuta, mulher, e, deixando de lado a animosidade,
julga tu mesma, não com acidez (ὀξύρεγμίας)

490. **Pólux 10.28.29** *korēma* (κόρημα, vassoura): assim se chama tanto o utensílio quanto a ação de varrer... o *korēma* relativo ao utensílio é mencionado por Êupolis (fragm. 157 K.)... e a ação de varrer é mencionada em *Acampadas*, de Aristófanes:

como em *Calípides*³⁸⁹,
sento-me no chão em meio à varredura (κορήματος)

491. **Ateneu 7.286 F** (βῶκες, bogas³⁹⁰) Espeusipo (fragm. 15^b Tar.) e outros áticos dizem *boakes* (βόακες). Aristófanes, em *Acampadas*, diz (citação do fragmento) *Etymologicum Genuinum AB* *bōx* (βῶξ): uma espécie de peixe... Herodiano (1.396.10 L.) cita-o como dissílabo. Aristófanes diz (citação de “mas – bogas”)

mas ela, com a boca
cheia de bogas (βοάκων), foi para casa

389Henderson comenta ser possível que se trate de uma comédia de Estrátis, cujo nome faz referência a um famoso ator trágico. Cf. Aristófanes (2007:339, n. 120).

390Espécie de peixe.

492. **Pólux 7.157** Aristófanes, em *Acampadas*, disse:

e a lança de duas pontas dentre as de ponta larga

493. **Pólux 10.144** em *Acampadas*:

e das lanças de ponta larga, como vês

494. **Pólux 7.202** (πόρνη, cortesã) Aristófanes diz em *Acampadas*:

a prostituta chamam *pordalis*

495. **Pólux 10.106** e tu chamas também *kakkabē* (κακκάβη) a panela de barro, como diz Aristófanes em *Acampadas* (citação do fragmento). **Ateneu 4.169 C** Aristófanes chama a panela *kakkabē* em *Acampadas*, desta forma:

e aquece a panela (κακκάβην) do *didaskalos*³⁹¹

496. **Escólio de Cavaleiros 424a** a respeito das *kochōna* (κόχωνα, períneo): a *kochonē* é o lugar atrás das partes pudendas, no meio das coxas, da cavidade e das ancas. A *kochonē* é citada em *Acampadas* (citação do fragmento). Mas ele a menciona no neutro, *ta kochōna*³⁹²

mas é preciso

contrair as nádegas³⁹³ (κοχώνας)

391O produtor da peça dramática ou aquele que ensaia o coro.

392Não neste fragmento, no qual o termo aparece no feminino: *kochōnas* (κοχώνας).

393Ainda que a explicação do escoliasta acerca da *kochonē* se refira ao períneo (cf. LSJ), na citação de Aristófanes, o termo, no plural, refere-se provavelmente às nádegas. Esse também é o entendimento de Henderson, cf. Aristófanes (2007:347).

497. **Pólux 10.114** *koskinon* (κόσκινον)... como foi inscrito nos *Dēmioprata*³⁹⁴ (cf. 10.96), “peneira que prepara a cevada”. Aristófanes, em *Acampadas*, disse:

é furado/a como uma peneira (κόσκινον)³⁹⁵

498. **Pólux 10.147** (equipamentos do construtor) provavelmente também *mochlion* (μοχλίων, dim. de alavanca), embora os comediógrafos atribuam isso ao ladrões (fragm. adespotos 1084). E Aristófanes, em *Acampadas*, também chamou esse objeto *mochliskon* (μοχλίσκον), dizendo (citação do fragmento). Cf. Hesíquio σ 813 *skaleuei* (σκαλεύει): remover, revirar, cavar

escavar a parede da casa com uma pequena alavanca (μοχλίσκῳ)

499. **Hesíquio o 1541** “pois não são espinhos”: um provérbio. Aristófanes o diz em *Acampadas*:

talvez não criticasses este jantar, pois não são espinhos

500. **Harpocrácion s. v. *dēmarchos*** (δήμαρχος, demarco, *i. e.* chefe de um demo) 89.13 que os demarcos faziam penhoras é demonstrado por Aristófanes em *Acampadas*.

501. **Fócio 404.20** *pezida* (πεζίδα)³⁹⁶: as bainhas do manto. Aristófanes o diz em *Acampadas*

bainhas

502. **Pólux 10.172** podes chamar *pēridion* (πηρίδιον, dim. de alforje) a *pēra* (πήρα, alfoje), como Aristófanes em *Acampadas*

394Leilões de bens em benefício do tesouro público de Atenas.

395Uma das lições traz um sinônimo, *airopinon* (αίροπινον). Cf. PCG (1983:262).

396Diminutivo de peza (πέζα), “borda”.

alforje

503. **Hesíquio τ 1451** *tritostatis* (τριτοστάτις, a coreuta da terceira fileira): Aristófanes diz em *Acampadas*. **Pólux 4.106** (coro) *dexiotatēs* (δεξιотάτης, o coreuta da direita) / *aristerotatēs* (ἀριστεροστάτης, o coreuta da esquerda), *deuterostatēs* (δευτεροστάτης, o coreuta da segunda fileira) / *tritostatēs* (τριτοστάτης, o coreuta da terceira fileira), e, a mulher, Aristófanes chama *tritostatis*

a coreuta da terceira fileira

Fritadores

Os fragmentos nada revelam sobre seu enredo e tampouco há testemunhos antigos sobre essa comédia. No fragm. 504, há como que um elogio ao deus Plutão e seus domínios. O fragm. 506 menciona Pródico ao lados dos “tagarelas”. E, no fragm. 508, há indício de um conflito intergeracional.

504. **Estobeu 4.53.18** (comparação da vida e da morte) **vol. 4.1102 H.** Aristófanes diz em *Fritadores*:

e além do mais, de onde lhe veio o nome Plutão,
se não tivesse sob seu poder as melhores coisas?³⁹⁷ A ti, contarei algo
quanto aos inferos sobrepujarem os domínios de Zeus.

Quando colocas algo na balança, o prato pesado pende para baixo,

o vazio, para a direção de Zeus

5

[verso faltante]

pois jamais

6a

coroados dessa forma

6b

estávamos estendidos à frente, nem † condenados †,

a menos que os que descem precisassem começar a beber imediatamente³⁹⁸.

³⁹⁷Referência à associação entre esse deus e Plutão, a Riqueza.

³⁹⁸Olson (2007: 247) comenta a crença de que os mortos faziam banquetes no submundo. Henderson, no entanto, entende a passagem de modo diverso, como os preparativos para o funeral, cf. Aristófanes (2007:349).

Por causa disso também os chamam bem-aventurados.

Pois todo indivíduo diz: “o afortunado está partindo desta para melhor”, 10
“adormeceu”. “Será feliz quando não estiver mais sob aflição”.

E fazemos sacrifícios a eles,
como fazemos aos deuses e, vertendo libações,
suplicamos a eles que enviem aqui para cima seus favores

505. **Ateneu 15.677 B** *isthmiakos* (ἰσθμιακός): assim como a chamada “coroa”, Aristófanes considerou justo fazer menção a ele <=*isthmiakos*> em *Fritadores*, dizendo assim:

Que faremos? Precisávamos ter pego o manto branco.
E, depois, as coroas (ἰσθμιακά), para que, como os coros,
cantássemos um encômio ao amo

506. **Escólio de Nuvens 361 a = Suda π 2366 (4.202.3)** Aristófanes também o menciona <= Pródico> em *Fritadores*, deste modo (citação do fragmento) **Proclo sobre Platão *Parmênides* 3.656.16** por que podemos dizer que o povo costumava referir à dialética pelo nome “tagarelice”, e nomeá-los “tagarelas”? Se os comediógrafos chamavam Sócrates de mendigo tagarela, e a todos os outros representavam como dialéticos, tal qual o nomeavam? “Odeio Sócrates, o mendigo tagarela” (Êupolis, fragm. 352.1 K.). (citação do fragmento)

ou um livro corrompeu esse homem,
ou Pródico, ou ainda um dos tagarelas

507. **Ateneu 10.418 D** (dos jantares dos tessálios) Aristófanes disse, em *Fritadores*, que são *kapanika* (καπανικά; citação do fragmento), isto é, “imensos” <*i. e.* tão grande que ocupariam um carro todo>

(A.) Como se comparam os jantares dos lídios e os dos tessálios?

(B.) Os dos tessálios são muito mais imensos (καπανικότερα).

508. **Fócio (z) α 2727 = Suda α 3655 = Lexicon Bachmann 137.21** *apochrōntos* (ἀποχρώντος): o suficiente. Aristófanes o diz em *Fritadores*:

Vamos, coloca a coroa! Pois já tens
idade o suficiente³⁹⁹

509. **Fócio 13.2** *ereidein* (ἐρείδειν): comer exageradamente, ou fazer algo intensamente. Em *Fritadores*:

ambos estais comendo demais (ἐρείδετον), enquanto eu sigo atrás de vós

510. **Fócio α 2278 = Suda α 2934** *apaskarizein* (ἀπασκαρίζειν, debater-se): dizem com alfa (α). Aristófanes diz em *Fritadores*:

debater-se (ἀπασκαρίζειν) como um peixe no chão

511. **Harpocrácion 47.3** Antifonte (fragm. 63 Bl.) diz *apolachein* (ἀπολαχεῖν, obter sua parte por sorteio) no lugar do termo não-composto *lachein* (λαχεῖν)... também Lísias (fragm. 214 S.)... e Aristófanes em *Fritadores* (citação do fragmento)⁴⁰⁰.

☾ — ☾ — entretanto, o teu irmão não

obteve sua parte (ἀπελάγχανεν)

512. **Fócio 383.21 = Suda π 500** *paraixorouson* (παραῖξορουσον⁴⁰¹): Aristófanes diz em *Fritadores*.

Uns atribuíram esse termo a um tipo de jogo infantil, mas Eufrônio (fragm. 105 Str.) o atribui a um

399Trata-se, provavelmente, de um contexto em que um jovem zomba ofensivamente de um velho, sugerindo que já prepare sua coroa fúnebre. Cf. *Mulheres na Assembleia* 1032.

400Também são fonte desse fragmento Fócio α 2537, *Suda* α 3378 e *Lexicon Bachmann* 127.9, sem, no entanto, citar o nome da obra.

401Aparentemente, trata-se de uma forma verbal obscura, provavelmente fruto de uma corrupção da expressão que consta no códice Pal. gr.: *perdix orouson* (πέρδιξ ὄρουσον), “uma perdiz arremessando-se”.

dito proverbial para os que queriam chegar rápido a algum lugar ou ver-se livre de algo **cod. Pal. gr. 129 ap. Treu Phil. 47 (1888) 196 nr. 17** “uma perdiz arremessando-se”: no lugar de “ir rapidamente”, já que esse animal lança-se com rapidez por natureza

uma perdiz arremessando-se

513. **Ateneu 10.422 F** Aristófanes disse *ēristamen* (ἡρίσταμεν, almoçávamos) em *Fritadores*:

bebíamos com moderação, homens, e almoçávamos (ἡρίσταμεν) adequadamente

514. **Pólux 10.88** Aristófanes julga certo designar as *kulichnai* (κυλίχναι, potes) recipientes para comida, ao dizer:

o purê de ervilha está nos potes (κυλίχναις), este aqui, quente, e aquele, fervendo

515. **Escólio de Rãs 293** (sobre a Empusa) alguns a <consideram> Hécate, como Aristófanes em *Fritadores* (citação do v.1-2). Em seguida, acrescenta (citação do v.3) **Hesíquio ε 2507** Aristófanes disse que Hécate era a Empusa

e Hécate ctônia,
envolta por espirais de serpentes

(B.) Por que chamas a Empusa?

516. **Ateneu 9.410 B** *cheiromaktron* (χειρόμακτρον, toalha de mão) é assim chamado por enxugarem as mãos no linho cru... Aristófanes diz em *Fritadores*:

rapaz, traz rápido água para as mãos,
manda junto a toalha de mão (χειρόμακτρον)

517. **Ateneu 4.171 AB** Aristófanes diz, em *Fritadores*, *opsōnēs* (ὀψώνης, despenseiro), nesses versos:

pois o despenseiro
parece consumir o nosso café-da-manhã

518. **Pólux 10.151** para isso <= bolsa> ele diz *kystis hyeias* (κύστις ὑείας, bolsa de couro suíno), em *Fritadores* (citação do fragmento). E também para saco pequeno

e ele, abrindo a bolsa de couro suíno (κύστιν ὑείαν)
e tirando dela os dáricos⁴⁰²

519. **[Herodiano] Filetero 103** diz-se *apedran egō* (ἀπέδραν ἐγώ, eu escapei), na primeira pessoa, não *apedrōn* (ἀπέδρων). E *apedramen hēmeis* (ἀπέδραμεν ἡμεῖς, nós escapamos), no plural. Aristófanes diz (citação do fragmento) em *Fritadores*. **Frínico Preparações sofisticas 16.6** *apedramen*: tem quatro sílabas... e não como dizem os rétores *apedrasamen* (ἀπεδρασάμεν). E alguns dos rétores dizem o termo *apedran* com ômega (ω), *apedrōn*. Mas com alfa (α) é melhor

não teríamos escapado (ἀπέδραμεν) até aqui

520. **[v.1-8] Ateneu¹ 3.96 C** Aristófanes diz a palavra *glōssa* (γλῶσσα, língua) em *Fritadores*, nesses versos (citação do fragmento). **[v.1-3] Escólio de Acarnenses 640 b** <*aphyē*, anchova> diz-se no singular, como em *Fritadores*: “já chega de anchova (ἀφύης) para mim. Estou com dor de barriga”, <diz a personagem,> comendo-as. **Fócio (b) α 960** “já chega de anchova para mim. Estou com dor de barriga”, comendo-as. **[v.4] Ateneu² 3.107 F** Aristófanes diz, em *Fritadores*, *ēpation* (ἑπάτιον, dim. de fígado) **[v.5-6] Fócio 299.5 nēstis** (νήστις): as entranhas. Ou o baço ou a língua. Aristófanes a menciona. **[v.6-8] Ateneu³ 3.110 F** (depois do fragm. 522) diz novamente: “ou um estômago de porco do outono com umas guloseimas quentinhas”. **[v.6-7] Ateneu⁴ 9.374 F** <*delphax* (δέλφαξ, porco):> Aristófanes, em *Fritadores*, emprega essa expressão com o sentido de “fêmeas”: “ou um

⁴⁰²Moeda persa, de ouro, que contém a esfinge de Dário ou de outro rei persa. Equivalia a 20 dracmas.

estômago de porco (δέλφακος) do outono”. **Ateneu 1.1 *Epítome*** Aristófanes usa a expressão “porco do outono” no lugar de “fêmea”. [v.7] ***Etymologicum Genuinum AB*** *ētriaion*, αι (ήτριάιον, αι, do estômago): Aristófanes diz em *Tesmoforiantes* (fragm. 333.6), e *ētriaia*, no feminino, ele diz em *Fritadores*

já chega de anchova para mim.

Estou com dor de barriga de
tanto pôr fritura para dentro.

Trazei um figadozinho, para finalizar, ou uma pele

de javali novo. Se não, trazei aqui uma costela, ou língua, ou 5

baço, ou intestino, ou um estômago de porco

do outono com umas tortas quentinhas

521. **Ateneu 7.285 E** Aristófanes diz, em *Fritadores*, *aphydia* (ἀφύδια, dim. de anchovas):

nem as anchovazinhas (ἀφύδια) minúsculas de Falero

522. **Ateneu 3.110 F** Aristófanes menciona os *kollaboi artoi* (κολλάβοι ἄρτοι, pães-bolo), em *Fritadores* (citação do fragmento). E novamente em (fragm. 520.6-8)... esses pães foram feitos de trigo fresco

pega, cada um de vós, um bolo (κόλλαβον)

523. **Herodiano *Vocabulário Singular* 913.22 L** (sobre as palavras em -μενος) *Anchomenos* (Ἀγχομενός): uma nobre <enguia?> beócia em Ancomeno, diz Aristófanes em *Fritadores*⁴⁰³

uma nobre <enguia?> beócia em Ancomeno

403De modo geral, o fragmento é confuso e obscuro, e sua tradução, quase impossível. Segundo o aparato da PCG (1984:274), o adjetivo feminino *gennaia* (γενναῖα), “nobre”, poderia se referir a *enguia*. O adjetivo pátrio *boiōtios* (βοιωτίος), “beócio”, no masculino não é explicado. O termo *anchomenos* (ἀγχομένος), também obscuro, poderia ser relativo à *casa de Anchomenos*, herói tebano.

524. **Escólio de Platão *Eutidemo* 292** e o provérbio “Corinto, filho de Zeus”... é citado por Aristófanes em *Rãs* (439)... e em *Fritadores*⁴⁰⁴

Corinto, filho de Zeus

525. **Pólux 10.93** em *Fritadores* há um recipiente chamado *melitērōs* (μελιτηρός, pote de mel)

pote de mel

526. **Galeno *Aforismos Hipocráticos* 18.1.147 K.** (ἀμφιδέξιος, que tem duas mãos direitas, ambidestro) de acordo com esse modelo, Aristófanes disse, em *Fritadores*, *ampharisteros* (ἀμφαρίστερος, que tem duas mãos esquerdas)

de duas mãos esquerdas

527. **Pólux 10.47** *thranoi* (θρᾶνοι, assentos), *thrania*, *thranidia* (θρανία, θρανίδια, dim. de assentos) aparecem nas *Ilhas* de Aristófanes (fragm. 414), *bathra* (βάθρα, degraus), *bathridia* (βαθρίδια, dim. de degraus), como em *Fritadores*

degrauzinhos

528. **Epimer. Alphab. In Hom., An. Ox. 1.223.19** (distinção do outro significado) *dókos* (δόκος) distingue-se de *dokós* (δοκός) oxítone, significando, o primeiro, “opinião”. Em *Fritadores*, de Aristófanes, também significa “estrangulamento” (cf. Hesíquio δ 2129)

estrangulamento

⁴⁰⁴Corinto é tido como o fundador da cidade homônima, e seu nome é usado proverbialmente para designar aqueles que estão sempre a contar a mesma história repetidamente. Cf. LSJ.

529. **Pólux 10.101** (depois do Alex. fragm. 134 K.) além disso, a esse braseiro podes chamar também *eschara* (ἐσχάρα), e *escharion* (ἐσχάριον; dim. de braseiro), já que Aristófanes, em *Fritadores*, diz *escharia* e, em outro lugar, *escharis* (ἐσχαρίς)⁴⁰⁵

braseirinhos

530. **Pólux 7.149** Aristófanes, em *Geritades*, tendo dito *karpeia* (καρπεῖα, as frutas)⁴⁰⁶, chama, em *Fritadores*, o *karpein* (καρπεῖν, colher frutas) *eukarpein*

colher frutas

531. **Pólux 10.173** (vários instrumentos) e, como em *Fritadores*, <ele diz> pele de cervo (fragm. 536), pedras da espécie do tufo (fragm. 538) e *kērykion* (κηρύκιον, bastão do arauto)

bastão do arauto

532. **Harpocrácion 187.1** *kypassis* ou *kypastis* (κύπασσις, κύπαστις): diz Lísias (fragm. 58 S.)... os glossógrafos dizem ser um tipo de túnica... uns dizem ser de mulher, outros, de homem. Hipónax o menciona (fragm. 32.4 W.) e Hecateu, em *Periodos Eurōpēs* (1 F 284 Jac.) ... e Aristófanes, em *Fritadores*

túnica

533. ***Etymologicum Genuinum AB*** *kōnēsai* (κωνῆσαι): em sentido próprio, <significa> colocar piche na cerâmica, pois *kōnan* (κωνᾶν) é girar. Também chamam *kōnoi* (κῶνοι) os piões. E Aristófanes, em *Fritadores*, chama *kōnēsai* o fazer girar. **Fócio 197.22** *kōnēsai*: fazer girar... vinculado ao giro das cerâmicas <no processo de modelagem>. cf. Hesíquio κ 4849

405 Fragm. 946, das *incertae fabulae*.

406Cf. fragm. 183.

tornear (κωνῆσαι)

534. **Cirilo** (vg) **λαγ 3.107 Drachm** = **Fócio 201.18** = **Suda λ 20 lagnos** (λάγνος): aquele que se prostitui, desonroso. Inclinado aos prazeres sexuais. <É mencionado> em *Fritadores*. **Cirilo (AS) λαγ 5** = **Hesíquio λ 57 lagnēs** (λάγνης): inclinado aos prazeres sexuais. **[Herodiano] Filetero 228 lagnos** é usado em relação a homens. Assim diz Aristófanes. Alguns dizem *lagnēs*. Cf. **Pólux 6.188** aquele que é arrebatado pelos prazeres do sexo pode ser chamado *lagnēs* e *lagnos*. **Frínico Écloga 155 lagnēs**, com eta (η) , não digas *lagnos*

prostituto

535. **Pólux 10.119** Aristófanes, em *Fritadores*, chama *myridion* (μυρίδιον, dim.) o perfume

perfuminho

536. **Pólux 10.173** (vários instrumentos) e, como em *Fritadores*, <ele diz> *nebris* (νεβρίς, pele de cervo), pedras da espécie do tufo (fragm. 538)

pele de cervo

537. **Pólux 7.168** e ele também diz, em *Fritadores*, *paraloutai* (παραλοῦται, toma banho junto)⁴⁰⁷

toma banho junto

538. **Pólux 10.173** (vários instrumentos) e, como em *Fritadores*, <ele diz> pele de cervo (fragm. 536), *lithoi pōrinoi* (λίθοι πορίνοι, pedras da espécie do tufo) e bastão do arauto (fragm. 531)

⁴⁰⁷Cf. fragm. 59.

pedras da espécie do tufo

539. **Fócio 531.10** falam *spinos* (σπίνος, tentilhão) com apenas um ny (v). Aristófanes <o menciona> em *Fritadores*

tentilhão

540. **Escólio de Platão *Filebo* 66 D = Escólio de *República* 9.583 b** nos encontros conviviais, três crateras eram preparadas. A primeira diziam ser de Zeus Olímpio e dos deuses olímpicos; a segunda, dos heróis; e a terceira de <Zeus> Salvador... chamavam-no também *teleios* (τέλειος, aquele que arremata), como Eurípides em *Andrômeda* (fragm. 148 N.) e Aristófanes em *Fritadores*

Zeus Teleios

541. **Escólio de Paz 1165 σ *phēlēx*** (φήληξ, figo selvagem)... também em *Fritadores* essa palavra é usada

figo selvagem

542. **Herodiano *Prosódia Geral* fragm. 28.3^b Hung.** como em *Fritadores* de Aristófanes [citação ilegível] e em *Thrēssai* de Ésquilo (fragm. 84^a R.): “cantos irrepreensíveis, os consagrados às musas, os consagrados aos banquetes”

***Telemessianos*⁴⁰⁸**

408As fontes apresentam algumas variações quanto ao título da comédia: *Telemēssēs* (Τελεμησσης), *Telmisseis* (Τελμισσεῖς) e *Telmiseis* (Τελμισεῖς). Em todos os casos, verti para Telemessianos, com exceção das ocorrências do fragm. 548, cujo escopo do comentário é justamente a correção do termo.

O título refere-se aos habitantes de Telemesso, uma cidade costeira da Lícia. Nada se sabe sobre seu enredo. O fragm. 544 alude criticamente à presença de um orador, e, no fragm. 552, Querefonte é novamente alvo de críticas.

543. **Escólio de Platão *Híparco* 229 d *teōs* (τέως)**: é evidente que se trata do “antes de” algo... está em *Telemessianos*, de Aristófanes (citação do fragmento) no lugar do *proteros* (πρότερος, antes de). Cf. *Lexicon Bekkeri* 309.23 e Escólio (R) de *Tesmoforiantes* 449

não estamos expondo esta primeira contenda,
como vinha sendo até agora (τέως), mas a respeito de assuntos novos

544. **Élio Aristides or. 47.16** pareceu-me bem, pois, tratar dessas coisas por meio da declamação costumeira dos discursos de Demóstenes e, então, dizer aos atenienses que é assim (or. 8.23 e 18.170): “vós, por meio do arauto, perguntais quem gostaria de falar, mas eu vos perguntaria, com prazer, quem dentre vós quer agir. Ou o resto é de fato uma comédia?”, e <Demóstenes> dizia-o referindo-se aos *Telemessianos* de Aristófanes, já que ali havia alguém que competia nos discursos, mas não na ação

545. **Ateneu *Epítome* 2.49 C** (trípode) Aristófanes diz (citação do fragmento) **Eustácio sobre *Odisseia* 1398.18** alguma coisa é alvo de brincadeira entre os antigos, em relação à trípode. Quando Aristófanes fala (citação dos vv. 1-2) e aquele que recebeu a ordem diz (citação do v. 3). **Idem *Ilíada* 867.23** foi retirada, em virtude da eufonia, a sílaba inicial de *trapeza* (τράπεζα, mesa) originalmente, pois a palavra inteira é *tetrapeza* (τετράπεζα), por causa do *tetrapous* (τετράπους, de quatro pés) em seu início, mas se fosse cortado o último pé do trímetro, ele faria uma brincadeira assim: “ai de mim, como poderei encontrar uma mesa de três pés?” **Pólux 10.80** o apoio para os alimentos pode ser chamado *trapeza* ou *tripous* (τρίπους, trípode). Aristófanes diz, em *Telemessianos* (citação do fragmento) **Idem 6.83** as mesas de dois e de três pés, e também as trípodes <são os objetos> sobre os quais se colocam as coisas. E é também o nome usado por Hesíodo (fragm. 266 M.-W.) e nos *Telemessianos* de Aristófanes

(A.) Traz-nos para fora uma mesa (τράπεζαν),

aquela de três pés, que ela não tenha quatro!

(B.) E de onde eu vou tirar uma mesa das de três pés (τρίπους)?

546. **Pólux 10.72** *stamnos* (στάμνος, cântaro para vinho) e *staminion* (σταμνίον, dim. de cântaro para vinho). Dessa forma alguns pensam ser chamado somente o de Tasos, mas Aristófanes, em *Telemessianos*, diz:

e trazer o cântaro (στάμνον) do vinho de Quios e o perfume

547. **Pólux 10.82** alguns pratos de peixinhos. Aristófanes parece distinguir os peixinhos *apyroi* (ἄπυροι, que não passaram pelo fogo, crus) dos *empyroi* (ἐμπυροι, que foram levados ao fogo, cozidos), já que disse em *Telemessianos* (citação do fragmento) **Fócio (z) α 2754** prato de peixinho *apyros*: de forma alguma levado ao fogo. Aristófanes disse:

um prato de peixinho cru (ἄπυρον)

548. **Estéfano de Bizâncio 612.13** *Telmissos* (Τελμισσός)... é o cidadão telemessiano. E também um drama de Aristófanes, *Telmessianos* (*Telmisseis*, Τελμισσεῖς). Diz-se *Telemessianos* (*Telmisseis*, Τελμισσεῖς) com quatro sílabas, como ele mesmo diz no drama (citação do “a”) e, novamente (citação do “b”). O metro é o tetrâmetro anapéstico cataléptico, que se configura anapesto por causa da última sílaba, raramente espondeu

a) †que alguém† ou, por que, depois de fazer isso, ó Telemessiano (Τελεμησσης)?

b) vejamos! Quando quer que isso venha, o que eu preciso fazer, ó Telemessiano (Τελεμησσης)?

549. **Hesíquio μ 1011** perfume metalense: Aristófanes o menciona (citação do fragmento). Pois Métalo é um siciliano que descobriu a preparação do perfume metalense. **Ateneu 15.690 F** é chamado megalense por causa do siciliano Mégalo. Mas os atenienses diziam ser “<perfume> mégalo”. Aristófanes o menciona em *Telemessianos*. *Etymologicum Genuinum AB* metalense:

assim chamavam um perfume por causa de um certo siciliano Métalo, que descobriu a sua preparação. É também dito com gama (γ) por Aristófanes em *Telemessianos*. cf. Fócio 251.10 = *Suda* μ 358, Teognosto 129.1, Pólux 6.104, Hellad. ap. Fócio bibl. 532^b 17

agora manda buscar essas coisas rapidamente e também o perfume descoberto por Mégalo

550. **Ateneu 7.308 F** (peixe *korakinos* <κορακῖνος, i. e. semelhante ao corvo>) Aristófanes, em *Telemessianos*, disse:

de barbatanas negras como a corvina (κορακίων)

551. ***Etymologicum Magnum* 142.55** Arístilo: nome encontrado em Aristófanes. É como se diz Aristocles no diminutivo. Assim como se diz Hérilo para Héracles, Trásilo para Trásicles e Bátilo para Báticos... também se diz Arístilo para Aristocles. Do mesmo modo diz Herodiano, conforme a introdução de Apolônio ou *Peri Pathōn* (2.205.10; 907.17 L.). Diogeniano (coll. Diog. Laert. 3.4) <usa o diminutivo> no lugar de Aristocles⁴⁰⁹. Também Aristófanes em *Telemessianos*. **Eustácio sobre *Ilíada* 989.48** Hérilo é o diminutivo de Héracles, como Arístilo é o de Aristocles, no poeta cômico, e também Bátilo o de Báticos. **Hesíquio α 7256** Arístilo: †*aristōtos*†

Arístilo

552. **Escólio Platão *Apologia* 20 e** esse Querefonte, aluno de Sócrates, era magro e pálido. Quanto ao caráter, era um sicofanta e bajulador, além disso, um ladrão e um miserável, carente quanto a qualquer ganho... Aristófanes <chama-o de> morcego em *Aves* (1564) e em *Telemessianos* escarnece dele <chamando-o de> sicofanta

553. **Fócio (b, z) α 1073 ≈ *Lexicon Bachmann* 78.6** *alphitochrōs* (ἀλφιτόχρως, da cor da cevada cozida): a branca. Aristófanes diz em *Telemessianos* em relação à cabeça grisalha. **Eustácio *Ilíada***

409Adoto a correção de Meineke, de *aristos* (ἄριστος) para *Aristos* (Ἄριστος) ou *Aristōn* (Ἀρίστων). cf. PCG (1984: 283).

868. 37 cabeça *alphitochrōs*: a cabeça grisalha dos velhos. **Idem 976.53** os cômicos, usando habilmente a palavra *alphitochrōs*... zombam dos grisalhos. 1257.58 e ele, chamando o grisalho de *alphitochrōs*, falava como um cômico **Hesíquio α 3340** *alphitochrōs*: branco, grisalho

da cor da cevada <i. e. grisalho>

554. **Hesíquio π 4340** portas: Aristófanes, em *Telemessianos*, chama assim os que fazem sacrifícios, pois eles examinam os desvios e os vasos sanguíneos <das vítimas>⁴¹⁰

portas

555. **Harpocrácion 273.8** *sipyra* (σιπύρα): Lísias <a menciona> (fragm. 165 S.) ... *sipyra* é um recipiente para grãos, e aparece muitas vezes nos antigos poetas cômicos: Êupolis o menciona em *Chrysoun genos* (fragm. 302 K.) e Aristófanes em *Telemessianos*

recipiente para grãos

Trífales

Havia também uma obra chamada *Trikranos* (Três-cabeças), como indica o único testemunho da comédia (= Luciano *Fugitivos* 32). “Hermes tricéfalo” é mencionado no fragm. 566.

Além do próprio Trífales, sua mãe possivelmente seria uma personagem dessa comédia (fragm. 562).

556. **Ateneu 12.525 A** (da docilidade dos jônios) e Aristófanes, em *Trífales*, satirizando o povo jônio, diz⁴¹¹:

então, estrangeiros distintos, quantos estavam ali,

410Para o uso da expressão “portas do fígado”, *hēpatos pylai* (ἥπατος πύλαι), cf. Hipócrates *Epidemias* 2.4.1. Para o uso do termo *pylai* referindo-se à anatomia da vítima em contexto sacrificial, cf. Eurípides *Electra* 828.

411Emprega-se, na citação, o dialeto jônio, provável objeto de zombaria de Aristófanes, como sugere Ateneu.

perseguiam e lançavam-se adiante, pressionando,
“leva o rapaz e vende em Quios”,
e outro, “em Clazômenas”, e outro ainda, “em
Éfeso”, e mais um, “em Abido”. Era < “vende” > para todo lado

557. **Pólux 10.151** e podemos dizer, juntando <num mesmo grupo>, os utensílios *balantia* (βαλάντια, bolsas) e *balantidia* (βαλαντίδια, dim. de bolsa; Êupolis fragm. 23 K.)... também *thylakion* (θυλάκιον, saco) e *thylakiskos* (θυλακίκος, dim. de saco). Aristófanes, em *Trífales*, seguramente o demonstra quando diz:

então, chegou ao mercado, trazendo seu cesto,
seu saquinho (θυλακίκον) e sua grande bolsa (βαλάντιον)

558. **Escólio de Hipócrates epid. V 7** as *kochōnai* (κοχώναι) não são, como diziam alguns, o lugar sob os glúteos⁴¹², mas as chamadas nádegas. São aquelas carnes sobre as quais nos sentamos. Como diz o cômico Aristófanes em *Trífales*:

quem é este argonauta aqui, bunda-reta⁴¹³, com as nádegas
grudadas na cintura?

559. **Pólux 10.162** Aristófanes disse, em *Trífales*, *kyrbasia* (κυρβασία, gorro persa):

julgas que tenho um capacete como um gorro persa (κυρβασίαν)

560. **Pólux 9.90** em *Trífales*, Aristófanes também diz *argyridion* (ἀργυρίδιον, dim. de dinheiro):

412O termo usado aqui é *hypogloutides* (ὕπογλουτίδες), e não parece designar a “junção entre as nádegas e as coxas”, como consta na explicação do LSJ. É provável, antes, que se refira ao períneo, outra acepção de *kochōnē* (κοχώνη), cujo significado é aparentemente objeto de disputa entre os lexicógrafos. Cf. fragm. 496.

413Adoto a sugestão de Schneidewin, *lispos* (λίσπος) no lugar de *loiapos* (λοιπός), apresentada no aparato da PCG (1984:287), e que é corroborada por Pólux 2.184 a respeito dos chamados *lisporogyoi* (λίσπορύγοι, de bunda singela).

pedi/pediram⁴¹⁴ um dinheirinho (ἀργυρίδιον) às mulheres

561. **Pólux 10.121** quanto ao lugar onde guardam os frascos de alabastro, Aristófanes, em *Trífales*, chamou-os, a esses utensílios, *alabastotēkai* (ἀλαβαστοθήκαι), diferente dos outros que dizem *alabastrotēkai* (ἀλαβαστροθήκαι), assim (citação do fragmento). **Lexicon Bekker**^V 206.1≈ **Fócio α 888** *alabastotēkai*: onde se colocam os recipientes feitos de alabastro, que são potinhos de óleos essenciais. **Lexicon Bekker**^V significa que o rhô (ρ) era deixado de fora: *alabastos* (ἀλάβαστος, alabastro) e não *alabastros* (ἀλάβαστρος). **Fócio** a palavra é escrita deixando-se o rhô de fora, certamente, mas alguns se deixam enganar escrevendo com o rhô

tendo ela três estojos para frascos (ἀλαβαστοθήκας) pelo preço de um

562. **Escólio de Platão Fedro 72 c** *homou* (ὅμοῦ) às vezes significa “próximo”, como demonstra... Aristófanes, em *Trífales*. A mulher que deu à luz, Trífales disse:

segura-me! Pois <a hora> está próxima (ὅμοῦ)

563. **Fócio 613.4 = Suda τ 871** “um dos três males”: é um dito... Dizem ser o seguinte: castigos ordenados por Terâmenes. Polizelo <menciona-o> em *Dēmotyndareōs* (fragm. 3. K.)... Aristófanes em *Trífales* (citação do fragmento). cf. Hesíquio τ 1754 “um dos três”: Terâmenes determinou pelo voto três penas para os que fazem algo ilegal⁴¹⁵

pois eu temo estas três penas de Terâmenes

564. **Estéfano de Bizâncio 324.10** o povo ibérico... Aristófanes <menciona-o> em *Trífales* (citação do “a”). E (citação do “b”)

a) eles que conhecem os ibéricos de Aristarco há muito tempo

414A forma verbal *ēitoun* (ἔιτουν) pode ter como sujeito tanto a 1ª p. sing. quando a 3ª p. pl.

415Encarceramento, ingestão de cicuta ou exílio. Cf. Henderson, em Aristófanes (2007:371).

b) os ibéricos que tu me providencias como coro <para> ajudar a orquestra

565. **Escólio de Vespas 1348 a** (sei que não me vais restituir nem te lançar a isso; <eflialeis, ἐφιαλεῖς>) isto é, não te vais esforçar para devolver. Homero (cf. *Odisseia* 22.49): ele mesmo <disse> “lançou-se <= epiēlen> a esses trabalhos”, no lugar de “esforçou-se” <epeballeto>. Frínico o diz em *Ephialtēs* (fragm. 1 K.)... e Aristófanes, em *Trífales*:

não farias nada estranho nem nós nos lançaríamos (ἐπιήλαιμεν) <a algo assim>⁴¹⁶

566. **Hesíquio ε 5953** “Hermes tricéfalo”: Aristófanes diz em *Trífales*. Disse isso brincando de forma cômica, já que há um Hermes de quatro cabeças situado na trifurcação do Cerâmico. **Fócio 15.14** Hermes tricéfalo

Hermes tricéfalo

567. **Hesíquio ι 533** Hiláon: um herói, filho de Posídon, sobre o qual Aristófanes disse metaforicamente, em *Trífales*, “os pênis hilânicos”, para os superiores em tamanho, como se dissesse “ticiânicos” ou algo do tipo. Outros dizem ser um deus priápico

pênis hilânicos

568 = 116

569. **Harpocrácion 92.7** “pela muralha do meio”... havendo, na Ática, três muralhas, como Aristófanes diz em *Trífales*, a do norte, a do sul e a de Faleros, a do meio era chamada “a <muralha> sul”, que também é citada por Platão em *Górgias* (455 e)

⁴¹⁶Adoto a correção de Dindorf: κούδ' ἐν ἄν δράσειας ἄτοπον οὐδ' ἄν ἐπιήλαιμεν ἄν. Cf. PCG (1984: 290).

havendo, na Ática, três muralhas

Fenícias

Provavelmente retoma a tragédia homônima de Eurípides, sobre a disputa dos dois filhos de Édipo, Etéocles e Polinices, por Tebas. Os irmãos são mencionados no fragm. 570. Nada se sabe sobre a trama da comédia.

570. **Ateneu 4.154 E** que era antiga a prática do combate singular Aristófanes também disse em *Fenícias*, assim:

aos dois filhos de Édipo, dupla de rapazes,
Ares lançou-se, e pelo combate singular
põem-se agora em luta

571. **Pólux 10.17** (jugo com baldes que se leva no ombro) e na verdade, o *anaphoron* (ἀνάφορον, jugo de carga), de acordo com o uso vulgar, pode ser o mesmo dito nas *Fenícias* de Aristófanes:

também estão com a minha
correia e meu jugo de carga (τάνάφορον)

572. **Fócio (b, z) α 705 = Suda α 788 = Lexicon Bachmann 60.14** *akalēphē* (ἀκαλήφη): urtiga, tanto a terrestre quanto a marinha, que é um pequeno molusco. Aristófanes, em *Fenícias*, a menciona (citação do fragmento). E Ferécrates, em *Automoloi* (fragm. 24 K.). **Ateneu 3.90 A** Êupolis, em *Automoloi*, nomeia *akalēphai* as urtigas (fragm. 60 K.), e ainda Aristófanes, em *Fenícias*, desse modo (citação dos vv.1-2 do fragmento⁴¹⁷). E também em *Vespas* (884). E Ferécrates em *Automoloi*. **Ateneu Epítome 2. 62 D** Aristófanes diz em *Fenícias* (citação do fragmento⁴¹⁸). **Escólio de Vespas 884 b** a qual <= urtiga> Aristófanes⁴¹⁹, em *Fenícias*, diz ser chamada *akalēphē*

417O texto citado por Ateneu difere ligeiramente do estabelecido pela PCG.

418Idem.

419Adoto a correção de Koster, de “Crates” para “Aristófanes”. Cf. PCG (1984: 294).

sem dúvida é adequado
fazer brotar, antes de tudo, as lavandas
e as urtigas (ἀκαλήφας) ásperas

573. **Pólux 10.119** quando Aristófanes diz, em *Fenícias* (citação do fragmento), não é imperceptível
que a *stilbē* (στίλβη) seja um tipo de lâmpada

e a lâmpada (στίλβη) que durante a noite
manténs a minha chama sobre a
base da lamparina

574. **Suda v 162** Nêmesis: a justiça. Aristófanes diz:

oh, Nêmesis e trovões estrondosos

575. **Pólux 7.199** em *Fenícias*, aquele que vende lugar no teatro é o *theatropōlēs* (θεατροπώλης)

vendedor de assentos do teatro

576. **Pólux 10.155** há também a *galeagra* (γαλεάγρα, armadilha para doninhas) dentre os utensílios
(Demóstenes fragm. 53 S.)... e a *myagra* (μυάγρα, ratoeira). Aristófanes usou essa palavra em
Fenícias

ratoeira

Estações

O único testemunho atribuído a esta comédia, que não faz menção ao seu título, revela uma crítica ao culto de deuses estrangeiros – entre eles, Sabázio, mencionado no fragm. 578 – e um julgamento em decorrência do qual eles são expulsos da cidade (= Cícero *Leis* 2.37).

O fragm. 581, relativamente longo – 15 versos – apresenta um diálogo no qual duas divindades, supostamente, discutem uma mudança de sistema quanto à alternância das estações. Essas, por sua vez, comporiam o coro. O fragm. 577 parece ser proveniente da fala de um escravo. E Querefonte, novamente objeto de zombarias, é descrito como “filho da noite” no fragm. 584.

577. **Pólux 7.13** o que os de hoje chamam *aitein prasin* (αἰτεῖν πράσιν, fazer a venda) de escravos, é *heurein* (εὐρεῖν) nas *Estações* de Aristófanes:

para mim, é melhor correr ao Teseu⁴²⁰
e lá ficar até que eu seja vendido (εὐρωμαι)

578. **Escólio de Aves 873** (o pintassilgo <= φρυγίλωι⁴²¹> Sabázio) já que o deus é frígio. <Aristófanes> também diz em *Estações*:

o frígio, flautista, Sabázio

579. **Amônio Da Diferença das Palavras Semelhantes 134** *diephthartai* (διέφθαρται, foi destruído) e *diephthore* (διέφθορε, destruiu) são diferentes. *Diephthartai* significa “foi destruído pelo outro”, enquanto *diephthore*, “destruiu o outro”. Aristófanes diz em *Estações*:

destruíste (διέφθορας) nosso juramento

580. **Hesíquio ζ 125** “jugo das três virgens”: Eurípides diz em *Erecteu* (fragm. 357 N.) e Sófocles diz em *Sísifo*: “o triplo jugo das graças” (fragm. 545 R.). Aristófanes, em *Estações*, usa indevidamente o “jugo triplo” para dizer:

420Cf. fragm. 475, nota 380.

421Transcrevo o grego para que se note o jogo de palavras com frígio e *frygilos*, “pintassilgo”, apontado pelo escoliasta.

jugo dos três escravos

581. [1-15] **Ateneu 9.372 B** sendo as abóboras, então, trazidas ao nosso redor na estação do inverno... relembramos, por essas coisas, que o divertido Aristófanes disse, elogiando a bela Atenas nesses versos (citação do fragmento). **Ateneu 1.1 *Epítome* (CE)** o divertido Aristófanes, elogiando Atenas, disse essas coisas [1-10] (citação do v.1-10), em seguida acrescenta que “honrando os deuses” (citação do v. 15) **Eustácio *Ilíada* 955.2** <há> tal elogio da terra dos atenienses nessa passagem de Ateneu [1. 2. 7] (citação do v.1-2; citação do v.7), então diz que [8. 9] (citação do v. 8) e alguém se opõe dizendo [9. 10] **Ateneu 14.653 F** Aristófanes testemunha, em *Estações*, que em Atenas dá todas as frutas continuamente

(A.) Verás pepinos no meio do inverno, cachos de uva, frutas,
guirlandas de violetas. (B.) E também uma poeira de deixar cego, creio.

(A.) O mesmo homem vende tordos, peras, favos de mel, azeitonas,
colostro, linguças, andorinhas, cigarras⁴²², vitelas.

E mesmo nevando poderás ver grandes cestos de figos junto com mirtilos. 5

(B.) Depois semearão abóboras junto com nabos,
de modo que ninguém saiba mais em que época do ano está.

(A.) E não será uma maravilha, se em qualquer época do ano
uma pessoa puder obter o que desejar? (B.) Seria, na verdade, um grande mal,
pois se algo não estivesse à disposição, não o desejariam nem gastariam seu dinheiro. 10

Mas eu cedo por um curto período, depois, retomarei.

(A.) E eu mesmo farei isso em relação às outras cidades, exceto Atenas.

Isso será permitido a eles, já que honram os deuses.

(B.) Eles tiraram proveito em vos honrar, como disseste. (A.) Por que dizes isso?

(B.) Fizeste da cidade deles o Egito ao invés de Atenas.⁴²³ 15

582. **Escólio de *Vespas* 1183** esse Teógenes é o acarnense, ridicularizado também por evacuar demais. Isso é demonstrado em *Estações*

422Cf. fragm. 53.

423Possivelmente uma alusão à pouca diferenciação entre as estações no Egito. Cf. Henderson, em Aristófanes (2007: 379-81, n.133).

Teógenes

583. **Escólio Luc. Iov. Trag. 48.83.16 R.** esse Cálias, como Cratino disse em *Archilochoi* (fragm. 12 K.-A.), era filho de Hipônico, meliteu quanto ao demo, e como diz Aristófanes em *Estações*, rico, afeito aos apetites do corpo, arruinado pelas cortesãs e provedor de bajuladores

meliteu

584. **Escólio de Platão *Apologia* 20** e esse Querefonte, aluno de Sócrates, era magro e pálido... Êupolis, em *Poleis* (fragm. 239 K.), chama-o de buxo por causa da cor da pele, e Aristófanes, em *Aves* (1564), chama-o de morcego... e em *Estações*, de filho da noite

<Querefonte,> filho da noite

585. **Hesíquio α 6978** “santuário da Maldição”: um santuário da Maldição em Atenas. Aristófanes o menciona em *Estações*. Alguns tinham o costume de dizer “flagelo”

santuário da Maldição

586. **Fócio (z) α 2427 = *Lexicon Bachmann* 121.13** *apichthys* (ἀπίχθυς): os peixes que não são comidos. Aristófanes o diz em *Estações*. **Pólux 6.41** *apichthys* em Aristófanes é aquele peixe que não é degustado. **Eustácio sobre *Odisseia* 1720.23** deve-se saber que o peixe absolutamente pequeno é chamado *apichthys* entre os antigos, e é evidente que não servia de alimento. E eles adotaram o uso, com esse sentido, a partir da comédia. Seguramente, o gramático Aristófanes, em seus escritos sobre a expressão dos contemporâneos (90 N., B 10.85 Fres.) aponta que os *apichthyes* (ἀπίχθυες), segundo alguns, são os que não comem peixe, e ele também aponta que o uso de Eurípides⁴²⁴, em *Erecteu* (fragm. 366 N.), é esse. Se assim for, penso que os *apichthyes* se assemelhem aos bárbaros **Idem *Ilíada* 727.19 (≈ Hesíquio α 6215)** *apichthys* é como se chamava

424Adoto a correção de Dindorf, de “Aristófanes” para “Eurípides”. Cf. PCG (1984: 302).

aquele que não comia peixe, **Aristófanes de Bizâncio** ap. Mill. Mél. 429 chamavam *apichthyes* os que não comiam peixe

peixe que não se come

587. **Pólux 10.160** (depois do fragm. 180; odre de couro) e *askopēra* (ἄσκοπήρα, bernal), como nas *Estações* de Aristófanes

bernal

588. **Hesíquio δ 1813** *dikastikon* (δικαστικόν, salário dos juízes): Aristófanes, em *Estações*, diz ser três óbolos, que certamente não era fixo, mas pago diferentemente em épocas diferentes

salário dos juízes: três óbolos

589. **Pólux 7.187** *choiropōlai* (χοιροπώλαι, vendedores de porcos), como Aristófanes diz em *Estações*

vendedores de porcos

Conclusão

O trabalho desenvolvido nesta tese teve por objetivo principal lançar luz numa área pouco explorada pelos estudos clássicos no Brasil, a dos fragmentos cômicos. Creio que esse primeiro objetivo cumpriu-se. Disponibilizamos a primeira tradução anotada, em português, dos fragmentos de Aristófanes e suas fontes, acompanhando trabalhos similares em outras línguas modernas⁴²⁵. Desenvolvemos ainda três estudos vinculados a esse *corpus*, dois dos quais – os capítulos II e III – não só apresentam hipóteses originais acerca de comédias perdidas, mas também investigam novas questões relativas às comédias preservadas.

A tradução que se apresenta na segunda parte da tese vai além dos 589 fragmentos de Aristófanes. Traduzimos todos os excertos citados pelas fontes – sempre que apresentados pela nossa edição de referência, a *Poetae Comici Graeci* – o que inclui fragmentos de outros poetas cômicos e de autores tão diversos quanto os apresentados na lista do anexo III.

O capítulo I, sobre as fontes dos fragmentos, reúne e organiza informações úteis aos estudos sobre lexicografia e obras exegéticas, áreas raramente exploradas pelos estudiosos no âmbito nacional, e, muitas vezes, obscuras para aqueles que necessitam, em suas pesquisas, tangenciá-las.

Esse mesmo primeiro capítulo poderá servir ainda à área de estudos da recepção, no campo das letras clássicas, já que trata da recepção de Aristófanes na própria antiguidade, desde o período helenístico até o séc. IX d.C.

Por fim, ao traduzir os fragmentos de Aristófanes juntamente com as fontes que os citaram, penso ter tornado mais acessível um material que pode ser de interesse de pesquisadores de áreas diversas, para além das que requerem o domínio do grego antigo. Foi por valorizar a acessibilidade em relação a outras áreas que optamos por apresentar sempre a tradução e a transliteração dos termos gregos que fossem objeto de comentários das fontes, bem como anexar à tese uma lista de correspondência entre a tradução e o original grego de todos os títulos das obras mencionadas.

⁴²⁵No entanto, a edição dos fragmentos de Aristófanes da Loeb (2007), de língua inglesa, cuja tradução ficou a cargo de Jeffrey Henderson, não apresenta a tradução das fontes a não ser em casos especiais, e, muitas vezes, de forma abreviada. O projeto Komfrag (<http://www.komfrag.uni-freiburg.de>), sediado na universidade de Freiburg, reúne, desde 2012, pesquisadores de diversas universidades europeias e estadunidenses para a tradução de todos os fragmentos cômicos de poetas gregos da antiguidade. Publicou, em 2016 e 2017, dois volumes de uma tradução comentada em alemão, mas ainda parcial, dos fragmentos de Aristófanes.

Bibliografia

- ARISTOFANE. *Banchettanti (ΔΑΙΤΑΛΗΣ): I Frammenti*. A cura di Albio C. Cassio. Pisa: Giardini Editori e Stampatori, 1997.
- ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Textos clássicos 9. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1988.
- _____. *As Rãs*. Prefácio, tradução do grego, introdução e notas de Américo da Costa Ramalho. Clássicos gregos e latinos. Lisboa: Edições 70, 2008.
- _____. *As Aves*. Tradução, introdução, notas e glossário de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- _____. *Duas comédias: Lisístrata e As Tesmoforiantes*. Tradução, apresentação e notas de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ARISTOPHANES. *Acharnians. Knights*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Loeb Classical Library 178. *Aristophanes* vol. I. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.
- _____. *Clouds. Wasps. Peace*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Loeb Classical Library 488. *Aristophanes* vol. II. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.
- _____. *Frogs, Assemblywomen, Wealth*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Loeb Classical Library 180. *Aristophanes* vol. IV. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.
- _____. *Fragments*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Loeb Classical Library 502. *Aristophanes* vol. V. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.
- _____. *Aristophanes Thesmophoriazusae*. Edited with Introduction and Commentary by C. Austin and S. D. Olson. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Os Pensadores IV. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- ARISTOTLE. *Poetics*. Edited and translated by Stephen Halliwell. WITH *On the sublime*, Longinus AND *On style*, Demetrius. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- ARNOTT, P. "Greek Drama as Education". In: *Educational Theatre Journal*, Vol. 22, No. 1 (Mar.). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1970, pp. 35-42. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3205498>. (Último acesso em 26/08/2014).
- ATENEU. *Athenei Naucraticae deipnosophistarum*, vol. 2. Stuttgart: Teubner, 1966.
- _____. *Les Deipnosophistes*. Editado e traduzido por A. M. Desrousseaux e C. Astruc. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

- ATHÉNÉE. *Les Deipnosophistes*. Texte établi et traduit par A. M. Desrousseaux avec le concours de C. Astruc. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- ATHENAEUS. *The Deipnosophists*. Books I-III.106e. With an English translation by C.B. Gulick. v.I. Cambridge, London: Harvard University Press, 1993.
- _____. *The Deipnosophists*. Books III.106e – V. With an English translation by C.B. Gulick. v.II. Cambridge, London: Harvard University Press, 1957.
- _____. *The Deipnosophists*. Books VI - VII. With an English translation by C.B. Gulick. v.III. Cambridge, London: Harvard University Press, 1957.
- _____. *The Deipnosophists*. Books VII - X. With an English translation by C.B. Gulick. v.IV. Cambridge, London: Harvard University Press, 1957.
- _____. *The Deipnosophists*. Books XI - XII. With an English translation by C.B. Gulick. v.V. Cambridge, London: Harvard University Press, 1955.
- _____. *The Deipnosophists*. Books XIII – XIV.653b. With an English translation by C.B. Gulick. v.VI. Cambridge, London: Harvard University Press, 1959.
- _____. *The Deipnosophists*. Books XIV.653b - XV. With an English translation by C.B. Gulick. v.VII. Cambridge, London: Harvard University Press, 1941.
- AUSTIN, C. *Comicorum Graecorum fragmenta in papyris reperta*. Berlim e Nova York: De Gruyter, 1973.
- BAPTISTE, C. O. F. J. *Musée de Sculpture Antique et Moderne*. Tome II – Première Partie. Paris: Imprimerie royale, 1841.
- BELARDINELLI, A. M. (ed.) *Tessere. Frammenti della commedia greca: studi e commenti*. Bari: Adriatica, 1998.
- BEAUMONT, L.A. *Childhood in Ancient Athens: Iconography and Social History*. London and New York: Routledge, 2012.
- BIEBER, M. *The History of the Greek and Roman Theater*. Princeton: Princeton University Press, 1961.
- BILES, Z. P. “Aeschylus' Afterlife Reperformance by Decree in 5th C. Athens?” In: *Illinois Classical Studies*, Vol. 31/32. Champaign: University of Illinois Press, 2006-2007, pp. 206-242. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/23065317> (Último acesso em: 10/10/2016).
- _____. *Aristophanes and the Poetics of Competition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BOUDREAUX, P. *Le texte d'Aristophane et ses commentateurs*. Paris: Boccard, 1919.
- BOWIE, A. M. *Aristophanes: Myth, Ritual and Comedy*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, Sao Paulo: Cambridge University Press, 1993.

- BREMER, J. M. "Aristophanes on His Own Poetry". In: *Aristophane. Entretiens sur l'Antiquité*. Genebra: Fondation Hardt, 1993.
- BURY, J. B. *A History of Greece. To the Death of Alexander the Great*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BRYANT, A. A. "Boyhood and Youth in the Days of Aristophanes". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 18. Published by: Department of the Classics (Harvard University), 1907, pp: 73-122. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/310552>. (Último acesso em: 25/08/2014)
- CALAME, C. *Choruses of Young Women in Ancient Greece: Their Morphology, Religious Role and Social Functions*. Traduzido por Derek Collins e Janice Orion. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- CARTLEDGE, P. *Aristophanes and his Theatre of the Absurd*. Bristol: Bristol Classical Press, 1990.
- CICCOLELLA, F. *Donati Graeci: learning Greek in the Renaissance*. Leiden: Brill, 2008.
- CLARAC, F. *Musée de Sculpture Antique et Moderne*. Tome II – Première Partie. Paris: Imprimerie royale, 1841.
- DAHL, C. "Neblaretai and Rattei in Browning's *Aristophanes' Apology*". In: *Modern Language Notes*, vol. 72, nº 4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press 1957, pp. 271-273. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3043102>. (Último acesso em: 21/10/2017).
- DESMOND, W. *Cynics*. Stocksfield: Acumen, 2008.
- DIONISOTTI, A. C. "On fragments in classical scholarship". In *Aporemata – kritische Studien zur Philologiegeschichte*. Band 1. Collecting Fragments/Fragmente sammeln. Editado por Glenn W. Most. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1997.
- DOBROV, W. G. (ed.); *Beyond Aristophanes. Transition and Diversity in Greek Comedy*. Atlanta: Scholars Press, 1995.
- DOVER, K. J. *Aristophanic Comedy*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1972.
- _____. "Some Types of Abnormal Word-Order in Attic Comedy". In: *The Classical Quarterly*, vol. 35, nº 02. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, pp. 324 -343.
- _____. *Greek Homosexuality. Updated and with a postscript*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- DUARTE, A. S. *O dono da voz e a voz do dono. A parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- DUBOIS, P. *Slaves and other Objects*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2003.

- EDMONDS, J. M. *The Fragments of Attic Comedy, vol. II: Middle Comedy*. Leiden: Brill, 1959.
- EHRENBERG, V. *The People of Aristophanes: A Sociology of Old Attic Comedy*. Oxford: Blackwell, 1943.
- EIRE, A. L. *La Lengua coloquial de la Comedia aristofánica*. Murcia: Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia, 1996.
- _____. *Ático, koiné y aticismo. Estudios sobre Aristófanes y Libanio*. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1991.
- EURÍPIDES. *Bacas*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. Edição bilíngue. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- FARMER, M. C. *Tragedy on the Comic Stage*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.
- FERGUSON, W. S.; NOCK, A. D.; “The Attic Orgeones and the Cult of Heroes”. In *Harvard Theological Review*, Vol. 37, No. 2 (Apr.), pp. i-iv, 61-174. Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School, 1944. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1508005>. (Último acesso em: 20/03/2018).
- FERNANDEZ, L. G. *Aristófanes*. Madri: Editorial Gredos, 1996.
- FRAZIER, F.; SIRINELLI, J. *Plutarque: Oeuvres Morales*. Tome IX, Troisième Partie. “Propos de Table. Livres VII-IX”. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- GAZZINELLI, G. G. “A vida de Eurípides de Sátiro”. In: *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. Vol. 27, n. 2. 2014, pp. 147-170.
- GÉLIO, A. *Noites Áticas*. Tradução e Notas: José Seabra. Introdução: Bruno Fregni Basseto. Londrina: Eduel, 2010.
- GIL, L. “El Aristófanes perdido”. In: *Cuadernos de Filología Clásica*. Madri: Ed. Universidad Complutense. No.22, 1989. Ed. 22-39-106-1989. pp.39-106
- GRIBBLE, D. *Alcibiades and Athens. A Study in Literary Presentation*. Oxford Classical Monographs. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- GROSSMAN, J. *Funerary Sculpture*. The Athenian Agora. Results of excavations conducted by The American School of Classical Studies at Athens. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2013.
- GROTE, G. *History of Greece*. Nova York: J. Murray, 1855.
- GUMBRECHT, H. U.; *The Powers of Philology. Dynamics of Textual Scholarship*. Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 2003.
- GUREWITCH, M. *Comedy: The Irrational Vision*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1975.

- GUTHRIE, W. K. C. *The Sophists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- HEATH, M. "Aristophanes and His Rivals". In: *Greece and Rome*, vol. 37, nº 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp.143-158
- HENDERSON, J. *The Maculate Muse. Obscene Language in Attic Comedy*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1991.
- _____ (ed.) *Aristophanes: Essays in Interpretation*. Yale Classical Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- HEDRICK Jr., C. W.; "Phratry Shrines of Attica and Athens." In: *Hesperia: [The American School of Classical Studies at Athens](#)*, Vol. 60, No. 2 (Apr. - Jun.), 1991, pp. 241-268. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/148087> (Último acesso em: 21/10/2017).
- HEPHAESTION. *On Metre*. A translation and commentary by J.M. van Ophuijsen. Supplements to Mnemosyne. Leiden, New York, København, Köln: E.J. Brill, 1987.
- HIGGINS, R.A. *Greek and Roman Jewellery*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1980.
- KANAVOU, N. *Aristophanes' Comedy of Names. A Study of Speaking Names in Aristophanes*. Berlin: De Gruyter, 1977.
- KASSEL, R.; AUSTIN, C. *Poetae Comici Graeci*. Vol. III 2: Aristophanes – Testimonia et Fragmenta. Berlin, Nova Iorque: De Gruyter, 1984.
- KERFERD, G. B. *The Sophistic Movement*. Cambridge, New York, London, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1981.
- KEULS, E. *The Reign of the Phallus. Sexual Politics in Ancient Athens*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1993.
- KIM, L. "The Literary Heritage as Language – Atticism and the Second Sophistic" in *A Companion to the Greek Language*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- KOCK, T. *Comicorum Atticorum fragmenta, vol. 1. Comoedia antica*. Leipzig: Teubner, 1880.
- _____. *Comicorum Atticorum fragmenta, vol. 2. Comoedia media*. Leipzig: Teubner, 1886.
- KÖNIG, J. "Re-reading Pollux: Encyclopaedic Structure and Athletic Culture in Onomasticon Book 3" in *The Classical Quarterly* 66 (1). 2016, pp. 298-315
DOI:DOI:<http://dx.doi.org/10.1017/S0009838816000331>. (Último acesso em: 24/07/2018)
- KOVACS, G.; MARSHALL, C.W. (ed.) *No Laughing Matter. Studies in Athenian Comedy*. London: Bristoll Classic Press, 2012.
- LA RUE VAN HOOK. "The Literary Criticism in the *Bibliotheca* of Photius" in *Classical Philology*, vol. 4, nº 2. Chicago: University of Chicago Press, 1909, pp. 178-189.

- LEE, M. M. *Body, Dress and Identity in Ancient Greece*. New York: Cambridge University Press, 2015.
- LOPES, D. R. N. *Protágoras de Platão*. Obras III. Tradução, estudo introdutório, comentários e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LUKINOVICH, A. "The Play of Reflections between Literary Form and the Symptotic Theme in the Deipnosophistae of Athenaeus." In: *Symptotika: a Symposium on the Symposion*. Edição Oswyn Murray. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- MACDOWELL, D. *Aristophanes and Athens, an Introduction to the Plays*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- MAJOR, W. E. *The Court of Comedy. Aristophanes, Rhetoric and Democracy in Fifth-Century Athens*. Columbus: Ohio State University Press, 2013.
- MEINEKE, A. *Fragmenta comicorum Graecorum*. Berlim: De Gruyter, 1970.
- MOULTON, C. "Comic Myth Making and Aristophanes' Originality". In: Erich Segal (ed.). *Oxford Readings in Aristophanes*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- MURPHY, C. T. "Aristophanes and the Art of Rhetoric". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 49, Department of the Classics, Harvard University, 1938, pp. 69-113.
Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/310700> (Último acesso em: 21/10/2017).
- MURRAY, G. *Aristophanes*. Oxford: Clarendon Press, 1933.
- NESSELRATH, H. G. "Comic Fragments: Transmission and Textual Criticism" in *Brill's Companion to the Study of Greek Comedy*. Leiden: Brill, 2010.
- NORWOOD, G. "'Episodes' in Old Comedy." In: *Classical Philology*, Vol. 25, No. 3 (Jul.), Chicago: The University of Chicago Press, 1930, pp. 217-229. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/262601>. (Último acesso em: 21/10/2017).
- _____. *Greek Comedy*. Londres: Methuen and Co., 1961.
- O'BRYHIM, S. (ed.) *Greek and Roman Comedy. Translations and Interpretation of Four Representative Plays*. Austin: University of Texas Press, 2001.
- OLIVIERI, A. *Frammenti della commedia greca e del mimo nella Sicilia e nella Magna Graecia*. 2 vols. Nápoles: Libreria Scientifica Editrice, 1946, 1947.
- OLSON, S. D. *Aristophanes Peace*. Edição, introdução e comentários S. Douglas Olson. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- _____. (ed) *Broken Laughter. Select Fragments of Greek Comedy*. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. "Athenaeus' Aristophanes, and the Problem of Reconstructing Lost Comedies". In *A Fragmentary History of Greek Comedy*. Studia Comica. Heidelberg: Verlag-Antike, 2014.

- O'REGAN, D. E. *Rhetoric Comedy and the Violence of Language in Aristophanes' Clouds*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1992.
- PANTEL, P. S. *La Cité au Banquet. Histoire des repas publics dans les cités grecques*. Rome: École française de Rome: 1997.
- PAPAGEORGIOU, N. "Prodicus and the Agon of the Logoi in Aristophanes' 'Clouds'". In: *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, New Series, Vol. 78, No. 3, Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2004, pp. 61-69. URL: <http://www.jstor.org/stable/20546828>. (Último acesso em: 22/11/2017).
- PARKE, H. W. *Festivals of the Athenians. Aspects of Greek and Roman Life*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.
- PEARSON, L. "Perfume on Lentils". In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 94, The Johns Hopkins University Press, 1963, pp. 176-184. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/283646>. (Último acesso em: 08/06/2017).
- PEPPLER, C. W. "Comic Terminations in Aristophanes". *The American Journal of Philology*. Vol. 39, n. 2. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 1918, pp. 173-183. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/289530>. (Último acesso em: 21/10/2017).
- PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *Dithyramb, Tragedy and Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 1927.
- _____. *The Dramatic Festivals of Athens*. Revised with a new Supplement by John Gould and D. M. Lewis. Oxford: Oxford University Press, (primeira edição 1968) 1988.
- PRIETO, M. H. T. C. U., PRIETO, J. M. T. C. U., PENA, A. N. *Índice de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.
- PHOTIUS. *The Bibliotheca. A selection translated with notes by Wilson N.G.* London: Duckworth, 1994.
- PIETROBELLI, A. "Commenter Galien et Hippocrate à la Renaissance ou comment Brasavola met à mal le régime grec". In: *Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme*, Vol. 33, No. 3, Special issue / Numéro spécial: *De Fabrica Artis Medicinae : Les redéfinitions de la médecine à la Renaissance*. Published by: Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme, 2010, pp. 99-140. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/43446212>. (Último acesso em: 11/07/2017).
- PLATÃO. *Protágoras*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2002.

- _____. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- _____. *Fedro*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo, Rio de Janeiro: Penguin Companhia, 2016.
- _____. *Górgias*. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 211.
- PLATON. *Œuvres complètes*, v. 13, part 3: *Dialogues apocryphes (Définitions)*. Joseph Souilhé (ed.). 2nd edition, Les Belles Lettres, Paris 1962, pp. 151–173.
- PLUTARCH. *Moralia, Volume IX: Table-Talk: Books 7-9. Dialogue on love*. Translated by Edwin L. Minar, F. H. Sandbach, W. C. Helmbold. Loeb Classical Library 425. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1961.
- PLUTARCO. *Vidas*. Apresentação, seleção e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.
- _____. *Vidas Paralelas: Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim Leão, Fernando Brandão, José Luís Lopes. Coleção Autores Gregos e Latinos. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/5620> DOI: DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-018-1>. (Último acesso: 26/03/2018).
- _____. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim Leão, Maria do Céu Fialho. Coleção Autores Gregos e Latinos. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- PSEUDO-PLUTARCH. *Lives of the Attic Orators. Texts from Pseudo-Plutarch, Photius and the Suda*. Introduction and commentary by Joseph Roisman and Ian Worthington. Translation by Robin Waterfield. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- PÜTZ, B. *The Symposium and Komos in Aristophanes*. In: *Beiträge zum antiken Drama und seiner Rezeption*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2003.
- RECKFORD, K. J. *Aristophanes' Old-and-New Comedy, volume 1: Six Essays in Perspective*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.
- RICHARDS, H. "Notes on Greek Comic Fragments". In: *The Classical Review*, vol. 13, nº 03. Cambridge: Cambridge University Press, 1899, pp. 148-150.
- _____. "Kaibel's Greek Comic Fragments". In: *The Classical Review*, vol. 14, nº 02. Cambridge: Cambridge University Press, 1900, pp. 128-129.

- _____. “Further Notes on the Greek Comic Fragments”. In: *The Classical Quarterly*, vol. 1, nº 2-3, Cambridge: Cambridge University Press, 1907, pp. 160-181.
- ROSEMBLOOM. “Staging Rhetoric in Athens.” In: Erik Gunderson (ed.); *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ROTHWELL, K. S. *Nature, Culture and the Origins of Greek Comedy. A study of animal choruses*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.
- RUFFELL, I. “A Total Write-Off. Aristophanes, Cratinus, and the Rhetoric of Comic Competition”. In: *The Classical Quarterly*, vol. 52, nº 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 138-163.
- RUSSO, C. F. *Aristophanes: An Author for the Stage*. Londres: Routledge, 1994.
- SCHIEFSKY, M. J. *Hippocrates. On Ancient Medicine*. London: Brill, 2005.
- SHAW, C. “The Birth of Comedy”. In: J. Rusten (ed.); *The Birth of Comedy. Texts, Documents, and Art From Athenian Comic Competitions, 486–280*. Tradução Jeffrey Henderson, David Konstan, Ralph Rosen, Jeffrey Rusten e Niall W. Slater. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.
- SIDWELL, K. *Aristophanes the Democrat. The Politics of Satirical Comedy during the Peloponnesian War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SOMMERSTEIN, A. H.; *Aristophanes: Clouds*. Edição, tradução e notas Alan H. Sommerstein. Warminster: Aris & Phillips Ltd, 1991.
- _____. “Old Comedians on Old Comedy”. In: Bernhard Zimmermann (ed.). *Antike Dramentheorien und ihre Rezeption*. Drama. Stuttgart: M & P Verlag, 1992.
- _____. “The History of the Text of Aristophanes” in *Brill's Companion to the Study of Greek Comedy*. Leiden: Brill, 2010.
- St. JOHN, J. A. *The History of the Manners and Customs of Ancient Greece*. Vol. II. London: Richard Bentley, 1842.
- STOREY, I. C. “Thrasymachos at Athens: Aristophanes fr. 205 ('Daitalēs')”. In *Phoenix*, Vol. 42, No. 3. Classical Association of Canada, 1988, pp. 212-218. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1088344>. (Último acesso em 21/10/2017)
- _____. “Philoxenos... of Doubtful Gender.” In: *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 115. The Society for the Promotion of Hellenic Studies, 1995, pp. 182-184. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/631660>. (Último acesso em 25/11/2017).
- _____. *Eupolis, Poet of Old Comedy*. New York: Oxford University Press, 2003.
- STOREY, I. C.; ALLAN, A. *A Guide to Ancient Greek Drama*. Maelden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing, 2005.

- SÜVERN, J. W. *Two Essays On The Clouds and On the Γῆρας of Aristophanes*. Translated by W. R. Hamilton. London: John Murray, Albemarle Street, 1836.
- TAILLARDAT, J. “Les images d’Aristophane: études de langue et de style”. In: *Annales de l’Université de Lyon*, 3^a série, Lettres, fascículo 36. Paris: Les Belles Lettres, 1962.
- TAPLIN, O. “Tragedy and Trygedy”. In: *The Classical Quarterly*, Vol. 33, No. 2. Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, 1983, pp. 331-333. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/638776> . (Último acesso em 10/10/2016).
- THIERCY, P. *Aristophane: fiction et dramaturgie*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- TRAILL, J. (ed.) *Persons of Ancient Athens*. Toronto: Athenians, 1994.
- VICKERS, M. “Alcibiades on Stage: ‘Philoctetes’ and ‘Cyclops’”. In: *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 36, H. 2 (2nd Qtr.). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1987, pp. 171-197. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/4436003>. (Último acesso em 02/12/2017).
- _____. “Alcibiades on Stage: Aristophanes ‘Birds’”. In: *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 38, H. 3 (3rd Qtr.). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1989, pp. 267-299. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/4436112>. (Último acesso em 02/12/2017).
- _____. “Alcibiades on Stage: ‘Thesmophoriazusae and Helen’”. In: *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 38, H. 1 (1st Qtr.). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1989, pp. 41-65. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/4436089>. (Último acesso em 02/12/2017).
- _____. *Pericles On Stage: Political Comedy in Aristophanes' Early Plays*. Austin: University of Texas Press, 1997.
- WEBSTER, T. B. L. “Two Comic Fragments”. In: *The Classical Review*, vol. 2, n° 02. Cambridge: Cambridge University Press, 1952, pp. 57-60.
- WEST, M. L. *Greek Metre*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- WHITTAKER, M. “The Comic Fragments in Their Relation to the Structure of Old Attic Comedy.” In: *The Classical Quarterly*, vol. 29, n° 3-4. Cambridge: Cambridge University Press, 1935, pp. 181-91.
- WILLI, A. (ed.) *The Language of Greek Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *The Languages of Aristophanes. Aspects of Linguistic Variation in Classical Attic Greek*. Nova York: Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. “The Language of Old Comedy”. In: G. W. Dobrov. *Brill’s Companion to the Study of Greek Comedy*. Leiden, Boston: Brill, 2010.
- WRIGHT, M. *The Comedian as Critic – Greek Old Comedy as Poetics*. London: Bristol Classics Press, 2012.

- XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e comentário de Ana Elias Pinheiro. Série Autores Gregos e Latinos. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra. 2009. URL URI: <http://hdl.handle.net/10316.2/2416>. DOI: DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0909-6>. (Último acesso 20/03/2018).
- YOUNG, A. M. “The Frogs of Aristophanes as a type of play”. In: *The Classical Journal*, Vol. 29, N°1. The Classical Association of the Middle West and South, Inc. (CAMWS), 1933, pp. 23-32. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3289842>. (Último acesso 02/12/2017).

Anexo I

Testemunhos e outros fragmentos

Testemunhos

Convivas, testemunho ii

Fócio δ 27 (= *Etymologicum Genuinum* AB = *Suda* δ 125) *Daitalēs*: hóspedes, companheiros de tíaso (*thiasotai*), comensais, tal qual convivas. Como <representou> Aristófanes

Convivas, testemunho iii

Etymologicum de Oríon p. 49.8 St. (ex Filoxeno, fragm. 240 Theod.) *daitaleus* (conviva): ... *Daitaleis* (*Convivas*) é ainda um drama de Aristófanes, já que os que jantavam no templo de Hércules também se levantaram e formaram coros

Aristófanes *Incertae Fabulae*

591. Papiro Florence 112 col. II, v.84-6

Então vamos,
a deusa que eu trouxe para cima levarei
à ágora e a ela dedicarei um boi

595. Sátiro *Vida de Eurípides*, fragm. 39 col. xvi 1

[...] então [...]
[...] e tomando Sófo[cles]
d[e É]squilo [...] quanto [...] é, todo
Eurípides, jogar sal neles,
lembrando: salgar, não charlar

907. Eustácio sobre *Ilíada* 1289.18 o *tymbogerōn* <= velho à beira da morte> é claramente uma zombaria com aquele que é muito velho, nos poetas cômicos

velho à beira da morte

Outros

Estrátis *Fenícias*, fragm. 47 K.-A. **Ateneu 4.160 BC**

quero vos aconselhar, a ambos, algo sábio: quando cozinhardes sopa de lentilha, não ponhais nela perfume

Sófilo, fragm. 10 K.-A. **Ateneu 157-8 A**

a sopa de lentilha é, pois, trágica; quanto a isso, também diziam que Agatarco pintou, certa vez, Orestes tomando sopa de lentilha quando sua doença lhe dava trégua

Libânio, fragm. 50 B I (XI p. 644 Föster)

que drama não o contém <= Alcibiádes>? Qual drama de Êupolis? Qual de Aristófanes? Foi através dele que a comédia ganhou sua fama, de modo que os poetas cômicos estavam até cansados de escrever sobre ele

Anexo II

Pequeno léxico de objetos femininos: fragm. 332

Pouco se sabe sobre a comédia perdida de Aristófanes conhecida como *Tesmoforiantes II*. Sua data é incerta – em geral, considera-se que seja posterior a *Tesmoforiantes* sobrevivente, de 411 – e, dos 28 fragmentos que nos chegaram, pouco se pode depreender do seu enredo. Um escólio da comédia preservada (=fragm. 331) traz a informação de que a deusa Caligênia era a personagem responsável pelo prólogo, a cena teria se passado no terceiro dia do festival das Tesmofórias, cujo nome é emprestado daquela deusa, Caligênia. Supõe-se ainda, com base numa percepção geral dos fragmentos – em especial dos fragm. 332, 336, 337 e 355 – que tenha havido, nessa comédia, um embate entre homens e mulheres, à maneira de *Lisístrata*⁴²⁶.

O objeto desse estudo é o fragm. 332, atribuído a *Tesmoforiantes II*, que contém uma longa lista de artefatos femininos coordenados de forma assindética. Trata-se, aparentemente, da maior listagem desse tipo no âmbito da comédia antiga⁴²⁷: são 51 termos ao longo dos 15 versos do fragmento. O excerto faz parte de um diálogo, ao que tudo indica, entre duas personagens masculinas.

(A.) Navalha⁴²⁸, espelho, tesoura, cera, sabão,
peruca, bainhas, faixas para a cabeça, fitas de cabelo,
ruge – é a morte! – pó,
perfume, pedra-pomes, faixa para os seios, faixa para o topo da cabeça,
véu, ruge feito de urzela, colares, pintura para os olhos, 5
traje fino, heléboro, rede para os cabelos,
cinto, xale, veste delicada, veste orlada, túnica longa,
manto – o fundo do poço! – manto listrado, pinça.
E eu ainda não disse o melhor. (B.) E o que é?
(A.) Brincos de furo, conjunto de gemas, brincos-argola,
adereço para pescoço, brincos-cacho, 10
bracelete, broches, pulseiras, colares de corrente, tornozeleira,
pedra do anel, correntes, anel, cataplasmas,
adereço para cabeça, sutiã, pênis artificial, cornalinas,
colares longos, brincos e muitas outras coisas, as quais,
falando, não conseguirias enumerar 15

426Cf. Austin-Olson, em Aristófanes (2009:lxxvii; lxxxvii-lxxxix).

427Esse tipo de enumeração assindética é mais recorrente nos fragmentos da chamada comédia média. Cf. Willi (2010: 487).

428Para as notas acerca da versão para o português, conferir a tradução do fragmento na seção de tradução desta tese.

(Α.) ξυρόν, κάτοπτρον, ψαλίδα, κηρωτήν, λίτρον,
 προκόμιον, ὀχθοίβους, μίτρας, ἀναδήματα,
 ἔγχουσιν, ὄλεθρον τὸν βαθύν, ψιμύθιον,
 μύρον, κίστην, στρόφον, ὀπισθοσφενδόνην,
 κάλυμμα, φῦκος, περιδέραι', ὑπογράμματα,
 τρυφοκαλάσιριν, ἐλλέβορον, κεκρύφαλον,
 ζῶμ', ἀμπέχονον, τρύφημα, παρυφές, ξυστίδα,
 κύφωνα, βάραθρον, ἔγκυκλον, κομμώτριον.
 τὰ μέγιστα δ' οὐκ εἴρηκα τούτων. (Β.) εἴτα τί;
 (Α.) διόπας, διάλιθον, πλάστρα, μαλάκιον, βότρυς,
 χλίδωνα, περόνας, ἀμφιδέας, ὄρμους, πέδας,
 σφραγίδας, ἀλύσεις, δακτυλίους, καταπλάσματα,
 πομγύλγας, ἀποδέσμους, ὀλίσβους, σάρδια,
 ὑποδερίδας, ἐλικτήρας, ἄλλα πολλά θ' ὧν
 οὐδ' ἂν λέγων, λέξαις

A fonte da citação e autor da maior parte dos comentários que a acompanha é o lexicógrafo Pólux (séc. II d.C.). No livro VII do seu *Onomasticon*, ao introduzir o excerto de Aristófanes, Pólux apresenta-o como “glossário”, *lexis*:

Pólux 7.95 (codd. FS, A, BC) talvez não seja mau tomar por base disso um glossário (*lexin*) oriundo das *Tesmoforiantes* de Aristófanes, já que muitos são os tipos nesse âmbito dos adornos femininos

Sobre o pequeno “glossário” extraído de Aristófanes debruçam-se também outros lexicógrafos antigos, Moeris (séc. II), Harpocrácion (séc. II), Hesíquio (séc. V), Fócio (séc. IX) estão entre eles. O conjunto de comentários gerado em torno do excerto é o mais extenso relativo ao *corpus* de fragmentos de Aristófanes⁴²⁹. Dos 51 vocábulos que compõem a lista, 31 são objeto de comentários de cunho lexicográfico, que buscam descrever os artefatos e sua função, com vista a elucidar o significado dos termos, nem sempre claros.

Pólux comenta essa citação de Aristófanes em duas passagens de seu *Onomasticon*: no livro VII, já mencionado, e no livro V, em uma seção que trata “do ornamento feminino” (*de ornatu muliebri*) conforme o editor. As palavras são agrupadas pelo lexicógrafo em tópicos e subtópicos, de

⁴²⁹Considero aqui os 589 fragmentos pertencentes às comédias cujos títulos nos são conhecidos, e não os pertencentes às *incertae fabulae*, cujo total chegaria a 976 fragmentos.

modo a arranjar uma classificação própria dos ornamentos, a qual reproduzo aqui, de modo esquemático⁴³⁰:

- (a) 5.96 <aos ornamentos femininos> tu poderias acrescentar <faixas para a cabeça>: *strophion* (v.4) *opisthosphendone* (v.4), *sphendone* e os *anademata* (v.2)
- (b) 5.67 aqueles em torno dos quais ficam as pedras [i. e., brincos]: *diopas* (v.10), *ellobia* (v.6?), *elikteras* (v. 14), *botrydia* (v.10) e *plastra* (v.10)
- (c) 5.98 os que ficam em torno do pescoço [i.e., colares]: *perideraia* (v.5), *hypoderides* (v.14), *hormoi* (v.11), *malakia* (v.10)
- (d) 5.99 os que ficam em torno do punho... e ao redor do pé [i.e., pulseiras e/ou tornozeleiras]: *amphideas* (v.11), *chlidonas* (v.11)
- (e) 5.99 os que ficam ao redor do tornozelo, particularmente [i.e., tornozeleiras]: *peden* (v.11)
- (f) 5.100 os que ficam em torno dos dedos [i.e., anéis]: *daktylion* (v. 12), *sphragida* (v.12)
- (g) 5.101 alguns outros ornamentos... que não são fáceis de compreender: *ochthoibous* (v.2), *olethron* (v.3), *helleboron* (v.6), *pompholugas* (v.13), *barathron* (v. 8)
- (h) 5.101 talvez o cosmético esteja também entre os ornamentos: *psimythion* (v.3), e *enchousa* (v.3), *phykos* (v.5), e as *hypogrammata* (v.5)

430A tradução integral dos comentários das fontes do fragmento, incluindo os de Pólux, encontram-se na seção de tradução desta tese.

A classificação proposta por Pólux baseia-se no critério semântico, agrupando as palavras que designam ornamentos do mesmo tipo. Cabe notar, em primeiro lugar, que o lexicógrafo não se mostra seguro quanto à aceção de alguns termos, os quais reunimos no grupo “g”. São cinco vocábulos, todos eles comentados por, ao menos, um dos outros lexicógrafos que se debruçaram sobre o fragmento.

Ochthoibos, pompholyx e helleboros

O primeiro deles, *ochthoibos*, é comentado por Fócio de maneira clara, de modo a não deixar razões para lhe descreditar conhecimento sobre o termo⁴³¹:

Fócio 366.5 *ochthoibous*: as bainhas. Ao redor do peito, na túnica, havia um reforço de cor púrpura.

Outro termo, *pompholyx*, é comentado por Moeris:

Moeris 206.19 *pompholygas*: pequenos [adereços de] couro que as mulheres usam na cabeça. Aristófanes [menciona-as] em *Tesmoforiantes*

A descrição dada por Moeris, no entanto, não é precisa o suficiente para que se forme uma imagem clara do tipo de adereço ao qual ele se refere. Por sugestão do sentido primeiro do termo, “bolha”, Henderson⁴³² verteu *pompholygas* para “bubble-hats”, mas não há referência visual que corresponda à ideia⁴³³. Traduzi, de modo mais genérico, por “adereço para a cabeça”.

Helleboros é comentado por Hesíquio e Fócio:

Hesíquio e 2147 *elleboros*... é um ornamento dourado feminino. **Fócio (z) inéd.** *elleboros*: assim é chamado um certo ornamentozinho

431A palavra é atestada ainda por Ferécates, fragm. 100 K-A, cujo contexto é também o dos ornamentos.

432Cf. Aristófanes, 2007: 269.

433Não há nenhuma evidência de que seja, por exemplo, uma forma alternativa para *kekryphalos*, “rede para cabelo” (cf. fig. 3). Em sua versão para o inglês, Edmonds (1957) preferiu apenas “‘bubbles’ (whatever they are)”, apud Dubois (2003:85). E Austin-Olson traduziram por “baubles”, cf. Aristófanes (2009:lxviii).

O termo *helleboros* é, porém, bem atestado como erva medicinal empregada contra loucura. Sua acepção como ornamento feminino parece estar apoiada em três ocorrências: o *lemma* de Hesíquio citado acima – no qual, com toda a probabilidade, se baseou o comentário de Fócio – o fragm. 332 de Aristófanes e o fragm. 33 K-A de Nicóstrato. Este último, poeta da comédia média, é identificado como filho de Aristófanes. O fragm. 33 consiste numa abreviada lista de ornamentos, de apenas dois versos, nos quais alguns dos objetos do nosso fragmento se repetem, como *daktylios*, “anel”, e *halysis*, “corrente”.

As ocorrências de *helleboros* nos dois fragmentos cômicos poderiam, de alguma forma, estar vinculadas e, sendo assim, reforçariam equivocadamente sua acepção como ornamento. Mas, ainda que não estejam vinculadas, é possível entender o termo como parte de listas que não elencam ornamentos exclusivamente, mas objetos considerados de uso tipicamente feminino. Na lista de Aristófanes, encontram-se, por exemplo, navalha, espelho, cera, sabão, e o *olisbos*, espécie de pênis artificial feito de couro⁴³⁴.

Além disso, é provável que tenha havido ainda alguma confusão entre *helleboros* e *ellobion*, “brinco”, da parte de Pólux, que, nas duas passagens em que comenta esse excerto de Aristófanes, cita ora um – *helleboros*, no livro VII – ora outro – *ellobia*, no livro V. Pólux cita também no livro V o termo *helleboros*, como uma das palavras que “não são fáceis de compreender”.

A confusão parece ter gerado uma acepção falsa no LSJ, a de *helleboros* como sinônimo de *ellobion*, com base no fragm. 332 de Aristófanes e no fragm. 33 de Nicóstrato.

Seja como for, mantive, na tradução para o português, “heléboro” – a planta – assim como Edmonds e Henderson, “hellebore”, e Austin-Olson, “medicine for insanity”⁴³⁵.

Olethron e barathron

Comentam *olethron* Fócio e Cirilo. O primeiro apenas o inscreve entre os ornamentos femininos, o segundo, ao contrário, explica que o termo tem a função de interjeição no texto de Aristófanes:

434 Em *The Reign of the Phallus* (1993:82), a autora Eva Keuls comenta que, embora na comédia sejam recorrentes piadas acerca do uso de *olisboi* por mulheres de classes sociais elevadas, nas imagens que nos chegaram nas cerâmicas, a maior parte das cenas que envolvem *olisbos* retrata mulheres nuas, provavelmente *hetairas* ou ainda representações femininas que não reproduzem mulheres de nenhuma categoria especial, mas são apenas fruto de uma construção do imaginário masculino.

435 Para todas as referências a Edmonds, cf. apud Dubois (2003:85); a Henderson, cf. em Aristófanes (2007:269); e a Austin-Olson, cf. em Aristófanes (2009:lxviii).

Fócio 327.8 *olethron*: pequeno ornamento feminino. **Cirilo codd. Z (Naoumides GRBS 9, 1968, 286) hm** *olethron*: alguns <dizem>, não acertadamente, que, em Aristófanes, refere-se a um ornamento feminino. Outros dizem que a expressão “é a morte!” denota a impaciência, em Aristófanes, de dizer <a listagem dos ornamentos>, já que *olethros* é a ruína.

Que se trata de uma expressão interjeicional – *olethron ton bathun*, “destruição profunda!” – concordam os comentadores modernos⁴³⁶. Resta saber se a interjeição denota impaciência por conta da longa enumeração⁴³⁷ – apesar de ser dita ainda no terceiro verso – como quer Cirilo, ou, se o seu sentido negativo tem por motivação a “ruína” causada pela futilidade feminina. Assim quer, por exemplo, Olson, ao fazer um paralelo entre o nosso fragm. 332 e o fragm. 269 K-A de Epicarmo, que contém a expressão *atychian kosmoumenan*, “desgraça bem-enfeitada”, referindo-se ao casamento com a mulher vaidosa⁴³⁸. Parece-me que ambos os sentidos não são excludentes: a extensa lista de Aristófanes é um exemplo de *acumulação*, recurso retórico que almeja destacar, nesse caso, *o mal do exagero* da parafernália feminil, aos olhos dos homens.

Quanto a *barathron*, “báratro” – poço onde eram lançados os criminosos em Atenas – parece se tratar de um caso semelhante, isto é, uma interjeição para reiterar a percepção negativa que se tem em relação à enumeração infundável dos petrechos femininos⁴³⁹. Não seria, portanto, o caso de mais um ornamento da lista, como, novamente, quer Fócio:

Fócio b 61 *barathron*... [assim] Aristófanes [nomeia] um ornamento feminino

Vale notar, no entanto, que consta para *barathron* a acepção de “ornamento feminino” no LSJ, fundamentada, provavelmente, no comentário de Fócio supracitado.

436Cf. Henderson e Austin-Olson.

437O paralelo mais próximo – e imperfeito – é *Aves* 881-8, passagem na qual Pisetero interrompe, impaciente, a longa enumeração feita pelo Sacerdote.

438Cf. Olson (2007: 63).

439 Cf. *Nuvens* 1448-51; Henderson e Austin-Olson.

Opisthosphendone

Outro termo da lista que apresenta certa dificuldade já para os lexicógrafos antigos é *opisthosphendone*. Em sua disposição dos ornamentos, Pólux o coloca entre os outros tipos de faixa (grupo “a”), ao lado de *strophion*, “faixa para os seios” com a função de um sutiã, *anademata*, “fitas de cabelo” e a *sphendone*, “faixa para cabeça”, que, embora seja amplamente atestada, não compõe a lista do fragm. 332.

Eustácio a descreve com base na *sphendone*, atribuindo à *opisthosphendone*, características cômicas.

Eustácio ad Dion. Perieg. 7 (GGM II 218,26) os antigos diziam também *sphendonen* para nomear um certo ornamento feminino, semelhante à *sphendonen* que se nota de longe, sendo o seu meio bem largo, caindo sobre a testa, e ligado às pontas que, atrás, eram muito delicadas e finas. Mas dizem que era também chamada *opisthosphendone* pelos cômicos, por ser o contrário da tal *sphendone*, e era usada ao redor da cabeça em vista do ridículo, tendo atrás a parte mais larga e na frente a mais fina, bem como o liame

Parece ter sido comum que pesquisadores do séc. XIX que se dedicaram a estudos de cultura material grega se baseassem na descrição de Eustácio – que sugere uma *sphendone* invertida – para fundamentar seus comentários museológicos e da história dos costumes acerca da *opisthosphendone*⁴⁴⁰. Mais recentemente, contudo, vigora um entendimento diverso entre os estudiosos: a *opisthosphendone* é uma faixa usada para conter os cabelos *na parte de trás da cabeça* (fig. 1), enquanto a *sphendone*, com função semelhante, é usada rente à testa⁴⁴¹. Traduzimos por “faixa para o topo da cabeça”⁴⁴².

Brincos e colares

Não se sabe se os diversos termos usados por Aristófanes para designar “brinco” seriam simplesmente sinônimos ou se davam nome a seus diferentes tipos. Um desses termos, *botrydia* parece-me suficientemente sugestivo, “cacho”, e de fato consta num levantamento de tipos de brinco do séc. II

440Cf. J. Augustus St. John (1842:61) e C. O. F. Jean Baptiste (1841:112).

441Cf. J. Grossman (2013: 34, n. 166) e L. A. Beaumont (2012:199).

442No LSJ, a única acepção para *opisthosphendone* é “the back part of a ring”, remetendo ao fragm. 332 de Aristófanes. Henderson traduz por “hairnet”, assim como Austin-Olson. Edmonds verteu para “hair-bag”.

e I a. C., a propósito de um estudo especializado, *Greek and Roman Jewellery* (1980). Trata-se, naturalmente, de uma espécie de brinco com formato de cacho de uva – que já era comum no período clássico⁴⁴³. Traduzimos como “brinco-cacho”.

O mesmo se pode dizer em relação aos colares, não se sabe em que diferiam ou se eram nomes para diferentes tipos desse ornamento. Guiamo-nos, então, como mera solução tradutória, pelo que nos sugerem as palavras. Por “colares longos” traduzimos *hypoderides*, já que remete à parte inferior do colo; e por “colares de corrente” traduzimos *hormor*⁴⁴⁴.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo, em primeiro lugar, problematizar algumas acepções lexicológicas, apontando fundamentações possivelmente equivocadas da lexicologia moderna do grego, por vezes baseadas em comentários dos antigos lexicógrafos, cujas percepções nem sempre são confiáveis.

Em segundo lugar, buscou-se vincular, tanto quanto possível, o objeto dessas breves considerações aos estudos de cultura material, apresentando, assim, imagens dos objetos em questão, nem sempre óbvias para o pesquisador ou estudante que lida apenas com o texto.

⁴⁴³Cf. R. A. Higgins (1980:165).

⁴⁴⁴Para *hypoderis* como o colar que se situa na parte inferior do colo, cf. Clarac (1841: 121).

Imagens

opisthosphendone (fig. 1), *strophion* (fig. 2), *kekryphalos* (fig. 3) e *olisbos* (fig. 4).

Fig. 1
Escultura romana em mármore. Séc. I d.C., a partir de original grega do período de 440 – 430 a.C. Cabeça de mulher usando *opisthosphendone*. Possivelmente Safo.

©Trustees of the British Museum

Fig. 2
Figuras vermelhas em *hydria* de cerâmica. 370 a.C.- 350 a. C. Cena de toalete em que uma mulher (Afrodite?) se despe, exibindo o *strophion* por baixo do *chiton*.

©Trustees of the British Museum.

Fig. 3
Ânfora de cerâmica com figuras vermelhas. 400 a.C. - 360 a.C. Homem e mulher com uma cesta. A mulher veste um *chiton* e tem os cabelos presos com uma rede, *kekryphalos*.

©Trustees of the British Museum

Fig. 4
Vaso de terracota, séc. V a.C. Mulher nua com dois *olisboi*.

©Trustees of the British Museum

Anexo III

Lista de autores e obras

Autor	Título original	Título traduzido	Fragmento de Aristófanes
adespota			fragm. 1084 498
			fragm. 664 K. 64
Alcibíades			fragm. IG I ³ 18
			422.257
Aléxis			fragm. 86 K. 191
Amípsias	<i>Apokottabizontes</i>	<i>Jogadores de Cótabos</i>	fragm. 2 K.-A. 231
Anacreonte			PMG 403 182
Anaxândrides			fragm. 76 K. 162
Ândron	<i>Tripous</i>	<i>Trípode</i>	fr. 7 Muell. FHG II 71
			348
Anticlides			140 F 23 Jac. 52
Antífanos	<i>Agroikoi</i>	<i>Agricultores</i>	fragm. 7 K. 254
	<i>Euploia</i>	<i>Boa navegação</i>	fragm. 99 K. 332
			fragm. 60 K. 191
Antifonte			fragm. 76 Bl. 205
			fragm. 12 Bl. 153
			fragm. 18 Bl. 182
			fragm. 179 Bl. 286

			fragm. 63 Bl.	511
Antímaco			fragm. 106 W.	144
Antístenes			fragm. 59 Decl. Caizzi	323
Apolodoro			244 F 141 Jac.	331
Apolófanes	<i>Klētes</i>	<i>Cretenses</i>	frag. 1 Dem.	325
Araros			fragm. 21 K.	162
Aristófanes (comédias preservadas)	<i>Acharneis</i>	<i>Acarnenses</i>	v.453ss.	36
			v.1128	220
			v.889	229
			v.703	424
	<i>Hippeis</i>	<i>Cavaleiros</i>	v.562	88
			v.361	380
			v.562	397
	<i>Nephelai</i>	<i>Nuvens</i>	v.655ss.	194
			v.205	206
	<i>Sphēkes</i>	<i>Vespas</i>	v.649	22
			v.1440	184
			v.264	389
			v.771ss.	404
			v.1127	423
			v.1214	451
			v.884	572
	<i>Eirēnē</i>	<i>Paz</i>	v.139;176	162
			v.916	174

			v.242ss.	420
			v.123	429
			v.17ss.	431
<i>Ornithes</i>	<i>Aves</i>		v.1583ss.	11
			v.639ss.	102
			v.978	241
			v.1564	552; 584
<i>Lysistratē</i>	<i>Lisístrata</i>		v.916	250
			v.5	285
			v.645	386
			v.574-6	415
<i>Thesmophoriazousai</i>	<i>Tesmoforiantes</i>		v.861	26
			v.417	130
<i>Batrachoi</i>	<i>Rãs</i>		v.1302	117
			v.3	340
			v.1150	351
			v.1302	453
			v.439	524
<i>Ploutos</i>	<i>Pluto</i>		v.659	166
			v.179	179
			v.248	230
			v.1128	236
			v.535	fr.359
Aristófanes de Bizâncio	<i>Lexeis</i>	<i>Léxico</i>	fragm. 42.197 N.	223
			Fragm. 12.241 N.	57

			90 N., B 10.85 Fres.	586
Aristóteles	<i>Athenaiōn Politeia</i>	<i>Constituição de Atenas</i>	53.2.3	274
	<i>Didaskaliai</i>	<i>Listas de apresentações dramáticas em Atenas</i>	fragm. 625 R. ³	199
	<i>Didaskaliai</i>	<i>Listas de apresentações dramáticas em Atenas</i>	fragm. 628 R. ³ , DID C 24 Sn	453
	<i>Didaskaliai</i>	<i>Listas de apresentações dramáticas em Atenas</i>	fragm. 628 R. ³ , DID C 24 Sn	117
	<i>Samiōn Politeia</i>	<i>Constituição de Samos</i>	fragm. 575 Rose ³	71
	<i>Tōn peri ta zōia historiōn</i>	<i>História dos animais</i>	4.530 ^a 34	425
Arquíloco			fragm. 8 K.	41
Autócrates	<i>Tympanistai</i>	<i>Tocadores de Tímpano</i>	fragm. 1 K.-A.	147
	<i>Tympanistai</i>	<i>Tocadores de Tímpano</i>	fragm. 1 K.-A.	29
Cálias	<i>Pedētēs</i>	<i>Prisioneiros</i>	fragm. 15 K.-A.	392
			fragm. 26 K.-A.	264
Calímaco			fragm. 787 Pf.	420
Cefisodoro	<i>Amazones</i>	<i>Amazonas</i>	fragm. 2 K.-A.	287
Crátero	<i>Psēphimata</i>	<i>Decretos</i>	342 F 4 ^a Jac.	237
	<i>Psēphimata</i>	<i>Decretos</i>	342 F 9 Jac.	386
Cratino	<i>Archilochoi</i>	<i>Arquílocos</i>	fragm. 12 K.-A.	583
	<i>Eunaia</i>	<i>Ninho</i>	fragm. 72 K.-A.	62
	<i>Malthakoi</i>	<i>Efeminados</i>	fragm. 110 K.-A.	283
	<i>Nemesis</i>	<i>Nêmesis</i>	fragm. 124 K.-A.	231
	<i>Nemesis</i>	<i>Nêmesis</i>	fragm. 127 K.-A.	287
	<i>Odyseis</i>	<i>Odisseu e seus</i>	fragm. 148 K.-A.	250

<i>Companheiros</i>			
	<i>Panoptai</i>	<i>Os que Tudo Veem</i>	fragm. 160 K.-A. 242
	<i>Ploutoi</i>	<i>Plutos</i>	fragm. 171.50 K.-A. 229
	<i>Pytinē</i>	<i>Pitine</i>	fragm. 217 K.-A. 163
	<i>Pytinē</i>	<i>Pitine</i>	fragm. 199 K.-A. 487
	<i>Thraittai</i>	<i>Trácias</i>	fragm. 82 K.-A. 424
			fragm. 72 K.-A. 62
			fragm. 342 K.-A. 488
			fragm. 149 K.-A. 162
Demóstenes	<i>Hyper Ktēsiphōntos peri tou stephanou</i>	<i>Oração da coroa</i>	or. 18.97 446
	<i>Hyper Ktēsiphōntos peri tou stephanou</i>	<i>Oração da coroa</i>	or. 18.28 3
	<i>Hyper Ktēsiphōntos peri tou stephanou</i>	<i>Oração da coroa</i>	or. 18.4 198
	<i>Hyper Ktēsiphōntos peri tou stephanou</i>	<i>Oração da coroa</i>	or. 18.149 335
	<i>Pros Timotheon</i>	<i>Contra Timóteo</i>	or. 49.65 274
			or. 8.23; 18.170 544
			or. 50.10 82
			fragm. 53 S. 576
Dídimo	<i>Lexicon Tragicum</i>	<i>Léxico trágico</i>	fragm. 2 p.85 Schm. 365
	<i>Peri Parephthoryias Lexeōs</i>	<i>Das Palavras Usadas com Sentido Corrompido</i>	19 Schm. 191
			p.320 Schm. 69
			p.34 Schm. 431

			p.311 Schm.	446
			fragm. nov.	146
Dífilo	<i>Danaides</i>	<i>Danaides</i>	fragm. 25 K.	181
	<i>Polypragmōn</i>	<i>Bisbilhoteiro</i>	fragm. 67 K.	254
Diodoro			372 F 4 Jac.	27
Diogeniano			Passagem não encontrada na obra	551
Dúris			76 F 66 Jac.	71
Éforo			70 F 20 ^a Jac.	365
Élio Dionísio			idem escólio de <i>Aves</i> 1297' Latte	90
			α 21	486
			α 204	234
			ε 43	404
			o 1	223
Epeneto	<i>Opsartytikos</i>	<i>Culinária</i>	387 DE	5
Epicarmo	<i>Philoklētēs</i>	<i>Filoctetes</i>	fragm. 134 Kaib.	5
Epílico	<i>Kōraliskos</i>	<i>Rapazote</i>	fragm. 1 K.	213
	<i>Kōraliskos</i>	<i>Rapazote</i>	fragm. 5 K.	486
Eratóstenes	<i>Peri Archaías Kōmōidias</i>	<i>Sobre a Comédia Antiga</i>	p.17 Str.	233
Espeusipo	<i>Homoiōn II</i>	<i>Dos Semelhantes</i>	fragm.10 Tar.	53
	<i>Homoiōn</i>	<i>Dos Semelhantes</i>	fragm. 11 Tar.	393
			fragm. 15 ^b Tar.	491
Ésquilo	<i>Hiereiai</i>	<i>Sacerdotisas</i>	fragm. 86 R.	324
	<i>Amymōnēs</i>	<i>Amimone</i>	fragm.14 R.	336
	<i>Glaukos Potnieus</i>	<i>Glauco Potnieu</i>	fragm. 37 R.	349

	<i>Thrēssai</i>	<i>Trácias</i>	fragm. 84 ^a R.	542
	<i>Niobē</i>	<i>Niobe</i>	TGF p.50 N.	294
Estrátis	<i>Atalanta</i>	<i>Coisas Semelhantes</i>	fragm. nov.	160
	<i>Phoinissai</i>	<i>Fenícias</i>	fragm. nov.	160
	<i>Phoinissai</i>	<i>Fenícias</i>	fragm. 49 K.	33
Eubulo			fragm. 89 K.	5
			fragm. 71 K.	68
Eufrônio			fragm. 64 Str.	459
			fragm. 105 Str.	512
Êupolis	<i>Astrateutoi</i>	<i>Dispensados do serviço militar</i>	fragm. 39 K.	26
	<i>Astrateutoi</i>	<i>Dispensados do serviço militar</i>	fragm. 40 K.	88; 397
	<i>Astrateutoi</i>	<i>Dispensados do serviço militar</i>	fragm. 2 Dem.	101
	<i>Automoloi</i>	<i>Desertores</i>	fragm. 60 K.	572
	<i>Baptai</i>	<i>Mergulhadoras</i>	fragm. 77 K.	255
	<i>Dēmoi</i>	<i>Demos</i>	fragm. 39 K.	26
	<i>Dēmoi</i>	<i>Demos</i>	CGFP 92	109
	<i>Dēmoi</i>	<i>Demos</i>	fragm. 103 K.	116
	<i>Kolakes</i>	<i>Bajuladores</i>	fragm. 155 K.	412
	<i>Marikas</i>	<i>Depravado</i>	fragm. 198 K.	213
	<i>Poleis</i>	<i>Cidades</i>	fragm. 239 K.	584
	<i>Chrysoun genos</i>	<i>Raça Dourada</i>	fragm. 302 K.	555
			fragm. 384 K.	220
			fragm. 157 K.	490
			fragm. 352.1 K.	506

			fragm. 23 K.	557
Eurípides	<i>Andromeda</i>	<i>Andrômeda</i>	fragm. 148 N.	540
	<i>Erechtheus</i>	<i>Erecteu</i>	fragm. 357 N.	580
	<i>Erechtheus</i>	<i>Erecteu</i>	fragm. 366 N.	586
	<i>Hypsipylē</i>	<i>Hipsipile</i>	fragm. 767 N.	386
	<i>Kresphontēs</i>	<i>Cresfonte</i>	fragm. 455 N., 73 Aust.	294
Fanodemo	<i>Atthis</i>	<i>História de Atenas</i>	325 F 7 Jac.	267
Ferécrates	<i>Automoloi</i>	<i>Desertores</i>	fragm. 24 K.	572
	<i>Hipnos</i>	<i>Cozinha</i>	fragm. 62 K.	223
	<i>Krapatalloi</i>	<i>Trocados</i>	fragm. 80 K.	479
	<i>Leroi</i>	<i>Tolos</i>	fragm. 105 K.	281
	<i>Tyrannis</i>	<i>Tirania</i>	fragm. 141 K.	171
			fragm. 88 K.	477
			fragm. 147 K.	191
Filílio	<i>Poleis</i>	<i>Cidades</i>	fragm. 13.1 K.	333
Frínico	<i>Cronos</i>	<i>Crono</i>	fragm. 12 K.	5
	<i>Ephialtēs</i>	<i>Efialtes</i>	fragm. 1 K.	565
	<i>Sophistikē Paraskeuē</i>	<i>Preparações sofisticas</i>	20.1	101
Hecateu	<i>Periodos Eurōpēs</i>	<i>Jornada pela Europa</i>	1 F 284 Jac.	532
			1 F 322 Jac.	267
Hermipo	<i>Theoi</i>	<i>Deuses</i>	fragm. 34 K.	383
Herodiano	<i>Peri katholikēs prosōidias</i>	<i>Prosódia Geral</i>	1.424.12 L.	318
	<i>Peri Pathōn</i>	<i>Dos Fenômenos gramaticais</i>	2.205.10; 907.17 L.	551
			1.396.10 L.	491

			2.795.33 L.	46
Heródoto			7.239.3	163
			2.77.4	267
Hesíodo	<i>Hypothēkai</i>	<i>Preceitos</i>	fragm. 284 M.-W.	239
			fragm. 266 M.-W.	545
Hiperides	<i>Pro Phryne</i>	<i>Pró Frine</i>	Fragm. 171 Bl.-J.	356
			fragm. 137 Bl.-J.	342
Hipócrates	<i>Peri arthiōn</i>	<i>Das articulações</i>	Passagem não encontrada na obra	206
Hipônax			fragm. 32.4 W.	532
Homero	<i>Odysseia</i>	<i>Odisseia</i>	22.49	565
Íon			19 F 53 c Sn.	62
Lísias	<i>Kata Androtiōnos</i>	<i>Contra Andrócion</i>	fragm. 17 S.	125
	<i>Kata Philōnidou</i>	<i>Contra Filónides</i>	fragm. 245 S.	179
	<i>Sokratous Apologia</i>	<i>Apologia de Sócrates</i>	fragm. 223 S.	117
	<i>Sokratous Apologia</i>	<i>Apologia de Sócrates</i>	fragm. 223 S.	453
			or. 6.1	40
			or. 12.19	332
			fragm. 106 S.	329
			fragm. 216 S.	154
			fragm. 150 S.	212
			fragm. 10 S.	237
			fragm. 249 S.	386
			fragm. 214 S.	511
			fragm. 58 S.	532
			fragm. 165 S.	555

			fragm. 174 S.	161
Lisímaco	<i>Nostoi</i>	<i>Retornos</i>	382 F 7 Jac.	71
Meleto	<i>Edipodeia</i>	<i>Edipodeia</i>	Qu. sc. 2.18	117
	<i>Edipodeia</i>	<i>Edipodeia</i>		453
Menandro	<i>Messēnia</i>	<i>Messēnia</i>	fragm. 269 Koe.	486
	<i>Thais</i>	<i>Thaís</i>	fragm. 191 Koe.	387
			fragm. 860 Koe.	6
			fragm. 399 Koe.	162
			fragm. 884 Koe.	378
			fragm. 56 Koe.	391
			fragm. 802 Koe.	396
Metágenes	<i>Aurai</i>	<i>Brisas</i>	fragm. 5 K.	446
Nicandro de Tiatira			343 F 13 Jac.	395
			343 F 10 Jac.	267
Nicócares	<i>Hēraklēs</i>	<i>Héracles</i>	fragm. 6 K.	352
			fragm. 6 K.	352
Nicofonte	<i>Seiēnes</i>	<i>Sirenas</i>	fragm. 14 K.	191
	<i>Aphroditēs Gonai</i>	<i>A prole de Afrodite</i>	fragm. 2 K.	433
Orfeu			fragm. [344] Kern.	365
Oro			fragm. B118 Alp.	415
			fragm. B 75 Alp.	166
Pânfilo			Não há indicação da passagem referida.	68
			Não há indicação da passagem	395

			referida.	
Pausânias Aticista			ω 1	223
Pitágoras			Não há indicação da passagem referida.	320
Platão	<i>Symposion</i>	<i>Banquete</i>	172 B?	161
	<i>Gorgias</i>	<i>Górgias</i>	518 B	1
	<i>Gorgias</i>	<i>Górgias</i>	455 E	569
	<i>Gorgias</i>	<i>Górgias</i>	514 E	485
	<i>Nomoi</i>	<i>Leis</i>	751 D	349
	<i>Politeia</i>	<i>República</i>	8.568 AB	323
	<i>Politeia</i>	<i>República</i>	1.344 D	450
	<i>Politeia</i>	<i>República</i>	4.420 A	452
	<i>Politikos</i>	<i>Político</i>	259 E	201
	<i>Theagēs</i>	<i>Teages</i>	125 B	323
Platão Cômico	<i>Adōnis</i>	<i>Adōnis</i>	fragm. 8 K.	7
	<i>Daidalos</i>	<i>Dédalo</i>	fragm. 19 K.	194
	<i>Eurōpē</i>	<i>Europa</i>	fragm. 43 K.	191
	<i>Heortai</i>	<i>Festivais</i>	fragm. 33 K.	191
	<i>Heortai</i>	<i>Festivais</i>	fragm. 31 K.	321
	<i>Peisandros</i>	<i>Pisandro</i>	fragm. 102 K.	424
	<i>Phaōn</i>	<i>Faon</i>	fragm. 175 K.	191
	<i>Zeus Kakoumenos</i>	<i>Zeus Aflito</i>	fragm. 48 K.	68
			fragm. 213 K.	119
			fragm. 20 K.	194
			V 2.1205 Mein.	212

Polizelo	<i>Dēmotyndareōs</i>	<i>Demotindárico</i>	fragm. 3. K.	563
Símaco			fragm. 154 P.-W.	103
Simônides			fragm. 16 W.	336
Sófocles	<i>Aias Lokros</i>	<i>Ájax Lócrio</i>	fragm. 14 R.	323
	<i>Dedalos</i>	<i>Dédalo</i>	fragm. 159 R.	201
	<i>Iphikiēs</i>	<i>Íficles</i>	fragm. 313 R.	324
	<i>Kedahōn</i>	<i>Cedálion</i>	fragm. 331 R.	199
	<i>Oinomaos</i>	<i>Enomeu</i>	fragm. 475 R.	66
	<i>Syndeipnon</i>	<i>Banquete</i>	vid. Radt TrGF 4.425	161
	<i>Sisyphos</i>	<i>Sísifo</i>	fragm. 545 R.	580
			Fragm. 412; 239 R.	255
Sófron			fragm. 102 Kaib.	425
Teleclides	<i>Prytaneis</i>	<i>Prítanes</i>	fragm. 29 K.	203
	<i>Prytaneis</i>	<i>Prítanes</i>	fragm. 30 K.	254
			fragm. 2 K.	228
			fragm. 39. 40 K.	392
Teofrasto	<i>Historia Plantarum</i>	<i>História das plantas</i>	4.8.1	24
Teopompo	<i>Pēnelopē</i>	<i>Penélope</i>	fragm. 49 K.	255
			115 F 155 Jac.	71
Terpandro			PMG 687	62
Trífon			fragm. 19 Vels.	218; 263
			fragm. 21 Vels.	229
Xenofonte	<i>Kyrou Paideia</i>	<i>Ciropédia</i>	1.3.4	191
	<i>Hellenika</i>	<i>Helênicas</i>	6.4.36	40

	<i>Hellenika</i>	<i>Helênicas</i>	4.1.39	344
	<i>Hipparchikos</i>	<i>Comandante de Cavalaria</i>	6.5	344
<i>Autor não mencionado</i>	<i>Melainē</i>	<i>Negra</i>	Não há indicação da passagem referida.	358
<i>Autor não mencionado</i>	<i>Anōnymon rhētorikon lexikon</i>	<i>Léxico de Oratória anônimo</i>	fragm. 4.222 Erbse	223